

CARNEN SILVIA RIAL

MAH-DE-DENTRO: A TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL
NA LAGOA DA CONCEIÇÃO

Dissertação apresentada ao
Curso de Pós-Graduação em
Antropologia Social da
Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, como requisito
parcial à obtenção do grau de
Mestre.

Porto Alegre

1988

MAR-DE-DENTRO: A TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO SOCIAL
NA LAGOA DA CONCEIÇÃO

por

CARMEN SILVIA RIAL

Dissertação aprovada como requisito
parcial para a obtenção do grau de
Mestre no Curso de Pós-Graduação em
Antropologia Social, pela Comissão
formada pelos professores:

Orientadora:

.....
Prof. Claudia FONSECA

.....
Prof. Klaás WOORIMANN

.....
Prof. James HOLSTON

Porto Alegre, 28 de maio de 1988.

A seis amigos:

Luciana e Fernando, desde a infância;
Vera Cintia e Valter, desde a adolescência;
Miriam e Augusto, hoje.

AGRADECIMENTOS

Assim como as introduções, agradecimentos são sinais de última hora e induzem ao erro.

Gostaria de agradecer minha orientadora, prof. Cleodir Fonteca, que acompanhou todas as etapas desse trabalho, desde ajudar a definir o objeto até a seleção das fotos. Agradeço Ethon e Ferno pela paciência em reparti-la comigo em tantos momentos.

Também a professora Jean Langdon por muitas trocas significativas durante os seminários de Antropologia Simbólica; e professora Anamaria Beck por ler e discutir comigo trechos desse trabalho.

Agradeço, sobretudo, a Soninha Maluf pela revisão crítica dessas páginas.

Colegas Ana Costa, Cornélia Eckert, Léa Perez, Ondina Leal e Ana Rocha com quem tudo começou.

Celso Scaletsky pela companhia durante o percurso fotográfico.

Fino pela iniciação no micro e ao Motta pela digitação e identificação com trechos dessas páginas. Aos amigos da Lagoa, entre eles Gilberto Schubsky, Gilke Girardello, Zê Gatti, Mauro Pommer e Sergio Bello. Suzana Duclós pelo mapa do "mar-de-dentro".

Verinha, minha mãe, e ao Gordo pelos trâmites do serôx e as sopas de capeleti.

Miniam Grossi pela permanente troca de idéias e estímulos durante todo o trabalho.

Aos nativos pelos depoimentos generosos.

A CAPES, pela bolsa no mestrado e as que virão...

RESUMO

Trata-se de um estudo do espaço social em canoas populares da Lagoa de Conceição, distrito semi-rural de Florianópolis na Ilha de Santa Catarina. Enfatizam-se as transformações do espaço doméstico através da comparação do espaço de três gerações diferentes.

Busca-se compreender as transformações na percepção do espaço dos nativos, à medida em que a "cidade chega" e que trocam a economia camponesa - com a pesca como trabalho subsidiário - por uma economia plenamente inserida no mercado.

Ocorrem, no transcorrer das três gerações estudadas, alterações nos territórios comunitários, familiares e "individuais". Exemplo disso é a redefinição do sentimento de territorialidade, da percepção dos limites do lugar, da organização das famílias em segmentos residenciais e das referências de orientação para o assentamento das casas. Observam-se, também, alterações físicas no espaço da casa, entre as quais destaco o movimento de afastamento e aproximação da cozinha, a aproximação do banheiro e a multiplicação dos quartos.

O ingresso no mundo urbano, por volta do final dos anos 70, teve como consequência o crescimento de um consumo regido por um "sistema de moda", ainda que esse consumo ocorra nas franjas do mercado e sofra um processo de reelaboração por parte da família. Os objetos, antes valorizados principalmente pela sua utilidade (valor-de-uso) passam cada vez mais a valerem por sua capacidade de remeter a outra coisa (valor-de-signo). Verifica-se, além disso, a transformação do ethos doméstico das donas-de-casa. Liberadas do trabalho diretamente produtivo elas recriam a esfera doméstica e, nela, uma nova atividade, a decoração, através da qual se exteriorizam e estabelecem os contatos da família com o mundo urbano.

ABSTRACT

In this thesis, we deal with social space among working-class people in Lagoa da Conceição, a semi-rural district of Florianópolis on the island of Santa Catarina. In particular, we use ethnographic techniques to observe three consecutive generations in order to gauge transformations in the perception and structuring of the domestic area.

We seek to comprehend these transformations in function of the "city's arrival" and the substitution of a peasant economy (supplemented by fishing) by a way of life fully integrated into the market economy.

By examining spatial dispositions in three generations, we observe alterations in community, family and "individual" territories. We find changes, for example, in the sense of territoriality, in the perception of the group's limits, in the organization of families in residencial segments, and in the reference points for locating and building a house. There are also radical alterations in the physical space within the house including the banishment and subsequent return of the kitchen, the apparition of bathrooms, and the multiplication of bedrooms.

Around the end of the 1970's, these people entered the urban universe; consequently, they experienced a growth in consumerism, governed by a "system of fashion" even though this consumerism took place on the market's margins and went through a process of re-elaboration by the family. Objects which heretofore were valued for their practical use begin to be valued for their capacity to represent something else (sign value). There was also a transformation of the domestic ethic among housewives. Removed from work which is directly productive, they have recreated the domestic sphere and, within it, a new activity - decoration - through which they exteriorize and establish the family's contacts with the urban world.

RESUME

Il s'agit d'une étude de l'espace social de couches populaires d'une région semi-rurale de Florianópolis, la Lagoa da Conceição, dans l'île de Santa Catarina. Nous voyons les transformations de l'espace domestique par l'étude de l'organisation de l'espace des maisons de trois générations différentes.

Nous avons essayé de comprendre les changements de la perception de l'espace des habitants au moment où la "ville arrive" et l'économie paysanne - qui a la pêche comme un travail subsidiaire - se transforme en économie de marché.

Au cours des trois générations étudiées nous observons le changement des espaces de la communauté, de la famille et des "individus". Il y a une redéfinition du sentiment de territorialité et de la perception des limites de l'endroit, ainsi qu'il y a un changement de l'organisation des familles en groupes résidentiels et des références d'orientation solaire pour l'emplacement des maisons. On observe aussi des changements physiques dans l'espace intérieur de la maison, particulièrement le rapprochement de la cuisine, l'apparition de la salle de bains et la multiplication des chambres.

L'entrée dans le monde urbain à la fin des années 70 a eu comme conséquence la croissance de la consommation à l'intérieur d'un "système de mode", consommation qui se fait à côté du marché et qui est réélaborée par la famille. Les objets, valorisés auparavant par leur utilité (valeur d'usage) deviennent importants à cause de leur valeur signe.

On observe aussi, la transformation de "l'ethos" domestique des femmes au foyer. Libérées du travail productif elles recréent l'espace domestique et dans celui-ci une nouvelle activité, la décoration, par laquelle elles se montrent aux autres et établissent les contacts de la famille avec le monde urbain.

"L'architecture est, de tous les arts, celui qui traduit le plus directement les besoins sociaux, et manifeste le plus clairement, dans des applications publiques ou privées, la structure des collectivités plus ou moins étendues qui modelent à leur image ses créations "

Emile Durkheim
Année Sociologique 1900-1902:557

"Hei! Pal! How do I get to town from here?
And he said: Well, just take a right where they're gonna build that new shopping mall,
go straight past where they're gonna put in the freeway,
take a left at what's is gonna be the new sport center
and keep going until you hit the place where they're thinking of building that drive-in bank. You can't miss it.
And I said: This must be the place."

Laurie Anderson
Big Science

SUMARIO

CAP. 1 INTRODUÇÃO	16
Notas.....	21
CAP. 2 METODOLOGIA.....	27
Os Três Grupos.....	30
Observação e Entrevistas.....	36
A Casa e o Ethos.....	39
Espaço.....	31
O Gosto.....	35
Cultura Popular.....	37
Notas.....	42

PARTE I:

O ESPAÇO DA LAGOA: TERRITORIOS COMUNITARIOS

CAP. 3 OS LIMITES DA LAGOA.....	45
"Tudo é o Mesmo Lugar".....	46
Eu Sou da LAGOA.....	49
A Unidade da LAGOA.....	50
Migrações Internas à LAGOA.....	59
O Mar-de-Fora: as Migrações de Temporada.....	65
O Mítico mar de Rio Grande.....	69
A Praia.....	73
Rumo a Outro AêM: as Peregrinações Religiosas	75
"Sitio" x "Cidade": o status social do espaço.....	81
A Ligação com a Cidade: o Onibus.....	93
Notas.....	103
CAP. 4 ORIENTAÇÃO NO ESPAÇO DA LAGOA.....	107
A Hierarquia da Orientação.....	107
Orientação pelo Sol e pelo Alto.....	113
Orientação Hidrográfica.....	114
Orientação Rodográfica.....	117
Perto da Estrada, Longe da Lagoa.....	118
Uma Estrada que não é <Rua>.....	120

PARTE II
ESPAÇO DOMESTICO: TERRITORIOS FAMILIARES

CAP. 5	A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO DOMESTICO.....	126
	Primeiras Impressões.....	126
	Segmentos Residenciais Familiares.....	139
	Matrilocalidade.....	147
	Escassez de Terras: Fim da Matrilocalidade.....	150
	O Processo de Construção.....	154
	- quem faz casa, quer casar.....	154
	- um saber domum a todos os homens.....	160
	- as reformas da casa.....	163
	Notas.....	168
CAP. 6	O ESPAÇO DOMESTICO EXTERIOR.....	171
	O Sentimento de Territorialidade.....	171
	- a casa e a mata.....	171
	- territorialidade e espaço doméstico exterior.....	177
	- a transformação do sentimento de territorialidade....	177
	- cercas e muros.....	179
	Os Territórios de Trabalho na LAGOA: os espaços do homem e os espaços da mulher.....	186
	- o mato.....	186
	- o pasto.....	189
	- a roça e o quintal.....	197
	- o engenho.....	209
	- o barco e o "rancho" dos barcos.....	219
	Notas.....	225

PARTE III
LIÇÃO DE ENFEITE: TERRITORIOS "INDIVIDUAIS"

CAP. 7	ESPAÇO DOMESTICO INTERIOR.....	229
	A Cozinha.....	237
	- a cozinha de antigamente.....	235
	espaço inferior.....	235
	espaço intermediário.....	228
	espaço da mulher, espaço de sociabilidade.....	241
	- a cozinha nas casas intermediárias.....	246
	o rancho.....	248
	- a cozinha nas casas novas.....	252
	O Banheiro.....	256
	- o mato.....	257
	- a fonte.....	259
	- o banheiro.....	261

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

MAPA DA ILHA DE SANTA CATARINA.....	IX
FOTO: PESSOAL-DE-FORA NO INÍCIO DO SÉCULO.....	41
FOTO: PESSOAL-DE-FORA NA DÉCADA DE 60	41b
MAPA DA LAGOA.....	44
GENEALOGIA DE D. ISALTINA.....	59
GENEALOGIA DE D. LEANDRA	60
GENEALOGIA DE D. JOANA	60b
FOTOS: MAR-DE-DENTRO E MAR-DE-FORA	64
FOTOS: ESTRADA	125
FOTOS: CASAS DE ANTIGAMENTE	135
DESENHO: CASAS DE ANTIGAMENTE	136
DESENHO: ESPAÇO EXTERNO DAS CASAS DE ANTIGAMENTE	137
FOTOS: CASAS INTERMEDIÁRIAS	138
FOTO E CROQUI DE SEGMENTO RESIDENCIAL FAMILIAR	141
FOTO QUINTAL	206
FOTOS DA ROCA	207
FOTOS DA ROCA	208
FOTOS DE ENGENHO	215
FOTOS DE ENGENHO	216
FOTOS DE ENGENHO	217
FOTOS DE ENGENHO	218
FOTOS DE RANCHOS DE BARCOS.....	224
FOTO RANCHO COM FOGÃO À LENHA	254
FOTO COZINHA NOVA	255
DESENHO DA APROXIMAÇÃO DO BANHEIRO E FOTO BANHEIRO/PUXADINHO..	268
FOTO FOGÃO À GÁS NA SALA	280
FOTO MULHERES DA GERAÇÃO DE ANTIGAMENTE	280b
FOTO SALAS DE CASAS NOVAS	302
FOTOS SALAS CASAS ANTIGAMENTE.....	316
FOTOS SALAS CASAS INTERMEDIÁRIAS	317
FOTOS SALAS CASAS INTERMEDIÁRIAS	318
FOTOS SALAS CASAS INTERMEDIÁRIAS	319
FOTOS SALAS CASAS INTERMEDIÁRIAS	320
FOTOS SALAS CASAS INTERMEDIÁRIAS	321
FOTOS SALA E QUARTO CASAS NOVAS	322

1. INTRODUÇÃO:

"Será que estes olhos são meus?"
Caetano Veloso

Começo explicando o título desta dissertação. "Mar-de-dentro" (1) é o nome dado à Lagoa da Conceição, distrito de Florianópolis, pelos moradores que nasceram ali. Chamam-na "mar-de-dentro", ou melhor, "mare-de-dentro", opondo-a assim ao "mar-de-fora", o grande Atlântico que os rodeia para além das montanhas da Lagoa.

O "mar-de-dentro" os une. Torna cada uma das regiões que ele toca parte de um mesmo todo: a Lagoa da Conceição - é assim que se lê nos registros oficiais - ou simplesmente LAGOA (2) - como a ela se referem os moradores de outros bairros da Ilha de Santa Catarina. E nas águas deste "mar-de-dentro" que os "nativos" (aqueles que nascem na Lagoa, segundo sua própria terminologia) buscam o peixe, o camarão e o siri varando a noite em frágeis embarcações que até pouco tempo eram iluminadas por tochas de fogo. Mas, ressalva importante, é também para as suas águas que eles viram as costas, construindo suas casas sempre voltadas para a rua, esta sim vista como um símbolo do progresso, que é tão desejado. A Lagoa, para os que não puderam evitar de viver próximo dela, é a parte mais de trás do espaço

doméstico: fica bem nos fundos, depois da cozinha, depois do quintal, depois de tudo.

Ela não é, para os nativos, a bela paisagem que atrai turistas nos verões, hoje como no início do século. Para eles, a Lagoa é íntima, conhecida, parte do mundo de dentro. Ela fascina aos que chegam, não aos que estão. E aqueles, como são chamados pelos nativos, são o "pessoal de fora", gente que é tida como estrangeira ainda que possa morar há muitos anos ali.

"Dentro" e "fora". Os limites do lugar são estabelecidos com clareza como se uma muralha invisível circunscrevesse o espaço e delimitasse um território: o mundo de dentro. Percorrê-lo, como tentei fazer nas páginas que seguem, foi muitas vezes penetrar em outros tempos. Pois, ilha dentro da Ilha, a Lagoa da Conceição ainda guarda recantos escondidos pela mata, onde o visitante eventual se depara com modos de vida de séculos passados. Lugares como a "Costa da Lagoa", onde só se chega de barca ou caminhando quilômetros por uma trilha povoada de lagartos, tatus, pássaros selvagens, gambás, bambuzais gigantes de bambu-açu e do reino, ingazeiros, figueiras e casarões do início do século, testemunhas de uma época em que o café propiciava uma relativa abundância. Ou como a "Quebrada", sem estrada, sem luz, de onde, à noite, pode-se observar o pulsar das lâmpadas do centro da Lagoa. Lugares onde ainda se encontra engenhos tocados à boi, roças de mandioca, batata, feijão, amendoim; barcos esculpidos a partir dos troncos de imensos

"garapuvus", fontes e riachos, redes de pescar secando ao sol e silêncio.

Mas percorrê-la é também pisar em zonas plenamente inseridas na modernidade (3). Basta chegar na praia da Joaquina numa tarde de verão: meninos bronzeados do Rio e da Austrália deslizando nas ondas ao som retumbante de um rock inglês. Barracas de plástico, logotipos da O.P., câmaras de VHS e head-fones, fio dental, desejos errantes, cadeiras de praia coloridas, lanchas e cocaína. E os nativos estão lá: servindo bebidas, invisíveis nos seus uniformes brancos de garçons; ~~vendendo~~ rendas para os turistas; atrás de máquinas de cortar grama nos jardins das mansões ou puxando rede no mar ainda livre dos cavaleiros das ondas. São empregados numa terra que até pouco tempo era sua.

Os nativos não se queixam; têm arroz na mesa todo o dia, uma novidade para quem sempre comeu farinha. As novidades, em geral, são bem vindas e muitas delas estão inscritas nas suas próprias casas. Mas a modernidade penetra na LAGOA sem arrasar de todo os antigos modos de vida. Não são todas as "novidades" que recebem sua aprovação. Quem os convence de que dançar e beber champagne no Ano Novo é melhor do que uma boa farra com boi de campo?

Percorrer o "mar-de-dentro" foi principalmente navegar no oceânico imaginário dos nativos e nas minhas próprias imagens interiores. Quis ser, como tantos outros viajantes dentre o "pessoal de fora", mais um a relatar o que os meus olhos viram e a tentar transpor, para um outro

discurso, as suas representações, algumas das falas do seu mundo de dentro. Não fui uma visitante ocasional. Formei com eles uma "comunidade de destino" (4), por opção de lugar de moradia. Escrevi sobre o lugar em que vivo e, por isso, grande parte do que seriam entrevistas foram na verdade conversas informais com os vizinhos e observações de suas conversas. O "eu" e o "outro" estiveram entrelaçados ao longo da pesquisa de forma inevitável, cumprindo o testemunho de Balandier:

Expliquer des peuples étrangers chez qui l'on a vécu, et que l'on a aimés, c'est inévitablement s'expliquer soi-même.
(BALANDIER 1957:06)

Foderia se argumentar que esse tipo de proximidade ou de olhar mais apaixonado sobre o objeto poderiam acarretar distorções, mas não creio que essa seja uma objeção pertinente. Aceitá-la seria assumir que o conhecimento é proporcional à distância do objeto, o que colocaria em cheque não apenas este trabalho mas toda a Antropologia que tem pesquisado as sociedades modernas. Ao contrário, prefiro acatar as palavras de Lévi-Strauss, na sua Introdução à Obra de Mauss, quando diz ser este um problema universal nas ciências sociais pois:

(...) numa ciência em que o observador é da mesma natureza que o seu objeto, o observador é também ele mesmo parte de sua observação
(1973:16)

Fazer parte do espaço estudado não foi uma realidade que se apresentou para mim de imediato. Acreditava, excluindo os vizinhos mais próximos, não ser conhecida pelos outros nativos moradores da LAGOA, e foi somente quando recebi a visita de uma amiga-antropóloga de Porto Alegre, a Chica, é que me dei conta da minha ilusão de invisibilidade. Como meu endereço é pouco elucidativo - Estrada Geral do Canto da LAGOA, sem número - ela começou a perguntar onde eu morava a dez quilômetros de minha casa recebendo, de todos os nativos a indicação correta - "ela mora pra baixo, depois do morro do Badejo". Fiquei sabendo então que era conhecida como a "professora que comprou o terreno onde morava D. Beniga" - sendo a genealogia dos terrenos de domínio público, quisesse ou não, eu estava inscrita nela. Entre risadas, nos lembramos do episódio relatado por GEERTZ (1978:316).

Para os vizinhos mais próximos eu era mais do que a nova proprietária do terreno de D. Beniga: tinha um carro, o que me colocava na condição especial de alguém a quem se pode recorrer em caso de "necessidade". Por duas vezes acompanhei parturientes à maternidade; outras tantas, velhos a hospitais, atropelados por motos ao pronto-socorro e a farmácia e socorri até uma família vizinha que teve sua casa queimada num incêndio. Com o meu serviço de "táxi", querendo ou não, estive presente em momentos cruciais na vida dos nativos e por causa dele - mas não somente - fui convidada para festas de casamento e aniversários, reuniões da

Associação de Moradores, festas de São João, do Divino, etc. Neste aspecto, eu era diferente do "pessoal-de-fora" que constituía um gueto de classe média, à parte, sem se misturar com os nativos. A porta da minha casa fica aberta sem o medo de assaltos, que por várias vezes ocorreram em outras casas, pois os vizinhos não deixaria um estranho entrar. Em outras circunstâncias, eu era igual ao resto do "pessoal-de-fora": também empregava meus vizinhos nativos como jardineiros, pedreiros e faxineiras.

De todos esses contatos cotidianos e a princípio desinteressados retirei elementos para esta pesquisa. Como a minha orientadora cedo procurou mostrar, não basta inteligência para "fazer falar" os informantes, é preciso um pouco de calor humano e o melhor modo de demonstrá-lo é estando de ouvidos abertos e interessada. As entrevistas às vezes tiveram em mim uma ouvinte silenciosa; outras foram feitas de um jeito mais provocativo, transformando cada entrevista numa conversa animada de comadres. Simpatia mútua e atenção não só para o dito mas também para o não-dito foi um dos seus conselhos que tentei pôr em prática.

Dos velhos obtive os depoimentos mais emocionantes. Impossível transpor para o papel o que se sente em entrevistas como a de Dona Francisca, uma velha de 80 anos, moradora de um engenho de pau-a-pique plantado a beira de um antigo caminho que já ninguém usa, quando ela, com um gesto amplo, percorre o ar dominando o espaço lá embaixo, e diz: "Aquilo tudo foi meu. Ali ô," - e mostra o

moderno clube projetado por Oscar Niemayer à beira da Lagoa - "aquilo era tudo areia nossa, plantei muita mandioca ali".

Parece ser a sina dos antropólogos escrever sobre povos que morrem diante dos seus olhos - e os yanomamis, que no momento em que escrevo estão tendo sua reserva invadida pelos caçadores de ouro, é apenas o exemplo mais próximo. Não foi de todo diferente nesse trabalho. A transformação do espaço social da LAGOA significa o fim de uma cultura camponesa e pesqueira: o fim dos engenhos, dos cantos de ratoeira, das novenas, das santas-cruzes, das festas de inverno e das almofadas de bilro. Seria, porém, demasiado falar em morte pois tudo isso permanece e permanecerá por muito tempo, ao menos na lembrança dos nativos.

"A lembrança é a sobrevivência do passado", diz Eclêa Bosi. "O passado, conservado no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens - lembranças" BOSI (1979). Creio ter tocado no passado em diversos momentos, através das falas dos velhos. O espaço, para eles, é o do passado. Descobri-lo é uma espécie de arqueologia.

Passado e presente, dois tempos e dois espaços. Dois não, muitos; simultâneos e sobrepostos. Na impossibilidade de contá-los todos, optei pelos que diziam respeito mais de perto ao universo doméstico, ao espaço da casa dos nativos. Eles contam um pouco da história da transição de um modo de vida camponês, que tinha a pesca

como atividade secundária, a um modo de vida cada vez mais inserido na sociedade "moderna".

* * *

No capítulo 2, defino o universo da pesquisa, a metodologia empregada e alguns conceitos que iluminaram este trabalho procurando inseri-lo no interior da Antropologia Contemporânea.

A proposta inicial foi bastante modificada. Pretendia estudar um bairro de periferia de Florianópolis, o Canto da Lagoa, buscando compreender as relações que se estabeleciam entre os seus moradores nativos e os que chegavam de fora, partindo do seu espaço doméstico. Não deixando guiar pelo próprio espaço, ampliei o universo da pesquisa, geográfica e cronologicamente. A percepção de limite dos moradores se estendiam a toda a LAGOA e a um tempo passado. Resumi, contudo, ao mínimo imprescindível as referências aos moradores de fora, uma vez que seria difícil abarcar tanto no âmbito de uma simples dissertação de mestrado.

No capítulo 3, apresento o distrito da LAGOA e suas diversas regiões, traçando os limites do território comunitário tal como os nativos o constroem. Trabalho com a noção de "sentimento de localidade" (CANDIDO, 1971), verificando os índices de identificação do bairro (o Intendente, a Igreja, as festas religiosas e os bailes, as

santa-cruzes, a cor dos barcos, os times de futebol). Mostro como as distâncias no interior da LAGOA "cresceram", o bairro sendo percebido como tendo aumentado e não diminuído com o advento dos ônibus, dos automóveis, das estradas e dos outros meios de comunicação. Detenho-me especialmente em duas oposições elaboradas pelos nativos, a de "sitio" e Freguesia e a de sitio e "Cidade", que mapeiam simbolicamente o espaço de Florianópolis. Trato também do espaço do além, o outro em relação ao qual a LAGOA constrói sua identidade: a "Cidade", espaço anteriormente desconhecido e que, aos poucos, vai se tornando próximo: os portos de Santos e Rio Grande, penetrados apenas pelos homens e com o intuito de conquistar um patrimônio familiar e por fim, o espaço sagrado de Aparecida do Norte e Iguape, lugares das recentes romarias familiares.

No capítulo 4 estudo os elementos que servem como orientadores da hierarquia simbólica do espaço. Verifico a passagem de uma valorização topográfica guiada pela ecologia (pelo riacho, vento, sol, Lagoa e mar) para uma valorização dirigida pelo Estado ou, no dizer dos nativos, pelos "recursos" (a estrada, o ônibus, a escola, o posto de saúde).

Abordo a oposição "cima" e "baixo" que aparece em muitas outras localidades do Brasil (DA MATTA, 1975) mas que aqui não encontra referente em <antigo> e <novo> e sim no vento bom e o vento mal.

No capítulo 5, estudo o território familiar, a organização da família em torno dos segmentos residenciais que chegam a formar micro-regiões dentro do bairro. Esses segmentos familiares são chefiados por um "pai" e possuem espaços de uso comum às familiares nucleares que o compõe e espaços de uso privado à cada uma de suas unidades residenciais que são, por sua vez, dirigidas por um chefe-de-família e uma dona-de-casa (WOORTMANN, 1982).

Mostro como a <matrilocalidade> dirigia antigamente o casal na escolha do lugar onde assentar a casa e a sua substituição hoje por um sistema indefinido, dada a escassez de terras.

Trato do processo de construção das casas relacionadas, na LAGOA, com o casamento e se constituindo em um rito de passagem dos homens para a vida adulta. Por fim, analiso as "reformas" nas casas que alteram o status social da família, tendo o sentido estruturante que LEVY-STRAUSS (1974) atribui ao espaço.

No capítulo 6, me detenho no espaço doméstico exterior. Parto de uma oposição verificada por LEVY-STRAUSS no Novo Mundo entre a casa e a mata, que se constituía antigamente na oposição principal na LAGOA. Sua consequência, a desvalorização simbólica da mata, foi e é uma das razões da facilidade dos nativos em se desfazer de grandes extensões de terra sem vivenciar isso como uma perda. Observa a transformação no sentimento de <territorialidade> (HALL, 1977) e a suas expressões mais

recentes - as cercas e os muros. Por fim, abordo superficialmente os principais espaços de trabalho no espaço exterior a casa e a divisão sexual e ~~etária~~ envolvida na consecução das tarefas.

No capítulo 7, trato da casa propriamente dita. Verifico a existência de três modelos de construção do espaço doméstico relacionados cada um a uma das gerações estudadas. Analiso os usos e significados de cada peça concluindo que a casa deixa de ser um espaço de trabalho para se tornar um espaço eminentemente de consumo. O mundo camponês vai lentamente sendo substituído, num afastamento que tem sua correspondência no afastamento da cozinha com fogão à lenha e na aproximação do banheiro. Na última geração já é possível se falar em um espaço doméstico opo-lo a um espaço de trabalho (na cidade ou em outras casas). E é a mulher que passa a dominar esse espaço doméstico, liberta que foi dos espaços de produção fora da casa. A ela caberá introduzir os objetos da moda que, no entanto, tem os seus sentidos redefinidos. Sua funcionalidade é acrescida (e as vezes substituída) por um valor estético e ostentatório. Na casa das últimas gerações já se pode falar também em territórios individuais (o quarto dos filhos com suas marcas distintivas, a cozinha embelezada pela mulher, etc).

Notas:

(1) Uso aspas em todas as expressões inerentes ao vocabulário dos nativos.

(2) Procurei manter a terminologia dos nativos na designação das regiões e na topografia. Isso foi especialmente complicado no que diz respeito ao termo "Lagoa" que se refere a três objetos distintos. Para resolver, uso: a. LAGOA (caixa-alta) para designar o distrito da Lagoa da Conceição, que compreende as regiões conhecidas como Lagoa ou Freguesia, Canto da Lagoa, Porto da Lagoa, Costa da Lagoa, Retiro, Fortaleza e Barra da Lagoa. b. Lagoa (caixa alta-baixa) ou Freguesia para designar a região mais populosa e urbanizada do distrito, também dita "centro" e c. lagoa (caixa-baixa) para designar as águas da Lagoa da Conceição.

(3) Não assumo a hierarquia de valores que muitas vezes está imbutida na distinção entre sociedades tradicionais e sociedades modernas, o moderno sendo então visto como superior, melhor, mais avançado enquanto o tradicional é visto como atrasado.

(4) Para a noção de comunidade de destino ver BOSI, 1979a "Membria e Sociedade: lembranças de Velhos" SP, 1.º. Quierós, 1979.

CAP. 2 METODOLOGIA:

Os Três Grupos

Trabalhei nesta pesquisa com três unidades domésticas de nativos de LAGOA.

As unidades domésticas foram agrupadas a partir de um critério etário: na primeira, selecionei unidades domésticas formadas por famílias nucleares cujos pais tinham entre 60 e 100 anos. Na segunda, selecionei famílias cujos pais tinham entre 35 e 60 anos e a terceira foi formada com jovens casais entre 20 e 35 anos, com ou sem filhos.

Estes agrupamentos foram surgindo com o decorrer da pesquisa, não tendo sido resultado de uma decisão de gabinete. Cheguei aos três grupos etários, não parti deles. Foi observando a semelhança entre a disposição espacial das casas de uma mesma geração, entre os seus estilos de vida, entre os <gostos> - expressos na decoração da casa - que constitui os três grupos.

O procedimento aqui foi, de certo modo, o contrário do procedimento sociológico habitual de seleção de amostras: primeiro fui a campo, visitando as casas dos nativos na estrada do Canto da Lagoa, escolhendo aleatoriamente casas antigas e algumas mais novas, evitando

as casas dos moradores que eu julgava "de fora", procurei visitar também casas em construção pois, como descobri cedo, o fato da família estar envolvida com a estruturação do espaço da casa no momento das entrevistas tornava-os muito mais prolixos em relação à casa. A vivência da construção e as inúmeras escolhas que se apresentam no momento da obra facilitavam manter a casa como centro da conversa, uma vez que ela já era naturalmente naquele momento o centro de preocupações de suas vidas.

As entrevistas, iniciaram em um só bairro (1), no Canto da Lagoa, e à princípio, pretendia delimitar a este grupo de vizinhança a abrangência da pesquisa. Porém, como as referências a outros lugares eram recorrentes e evidenciavam que o espaço social estendia-se a outros bairros ao redor da lagoa, ampliei as fronteiras do trabalho. Assim, por exemplo, as visitas a moradores da Quebrada e da Costa da Lagoa foram tornando-se necessárias à medida em que as entrevistas com os moradores do Canto mostravam serem estes dois os lugares do <passado> dos moradores entrevistados.

Quando já tinha número que julguei significativo de entrevistas, cerca de vinte, e já tinha visitado mais de uma vez pelo menos a metade dos entrevistados, passei a desenhar as plantas baixas das suas casas, notando então que três padrões de estruturação do espaço surgiam de forma recorrente. A relação entre estes padrões e a faixa etária

do chefe da família a levou a três agrupamentos e, como tinha realizado bem menos entrevistas no grupo de jovens e no grupo de velhos do que no grupo intermediário, completei a pesquisa chegando ao número de dez para cada amostra.

O primeiro grupo, de dez unidades domésticas constituídas por <velhos>, foi formado por três casais, cinco viúvas, um viúvo e uma solteira. Todos tinham vivido da agricultura e da pesca, sendo que metade tinham sido donos de engenhos de farinha e dois, além do engenho de farinha, também foram proprietários de engenhos de cachaça e café. Todos os engenhos, exceto um, encontram-se atualmente desativados e todas as famílias deste grupo, exceto duas, vivem com pensão rural da previdência social, o que corresponde a meio salário mínimo. As mulheres desse grupo engajavam-se junto com os seus maridos e filhos no trabalho na roça e no engenho, mas sua única fonte de renda pessoal era (e em alguns casos ainda é) o comércio da renda de bilro para as "barracas" da Lagoa. Porque os integrantes desse grupo se referiam às suas casas como sendo "de antigamente", passei a denominá-las assim.

A segunda amostra resultou em dez unidades domésticas constituídas por famílias nucleares cujos pais-de-família têm cerca de 50 anos, todos sobrevivendo através do próprio trabalho exceto dois, aposentados precocemente por causa de acidente. Trabalham na agricultura, na pesca, como empregados no comércio e no

funcionalismo público ou como construtores, muitas vezes mesclando estas atividades. As mulheres que trabalham por dinheiro o fazem como faxineiras ou como rendeiras. Em alguns casos, a unidade doméstica incluía <velhos> e embora a casa geralmente pertencesse ao velho (pai, mãe, sogro ou sogra) a <chefia da família> (2) não era sua, o que me levou a classificar a casa, neste segundo grupo, como "intermediária". Ou seja, casa da geração intermediária.

O terceiro grupo, que chamei de <novos>, resultou de jovens casais de cerca de 25 anos, três sem filhos e sete morando com os filhos pequenos.

Em todas as casas, o homem trabalha como empregado na cidade e em um caso por conta própria. Nenhuma dessas famílias retira parte substancial do sustento da agricultura ou da pesca.

Apenas neste terceiro grupo encontrei um número significativo de mulheres que trabalhavam fora de suas casas, como faxineiras e empregadas domésticas.

Com esta amostragem foi possível abarcar um período de tempo de cerca de um século, considerando que, dada a restrita mobilidade espacial verificada entre os indivíduos do grupo dos mais velhos, a casa onde hoje moram muitas vezes foi construída pelos seus pais e, em um caso, (D. Loquinha, 77 anos) pelo avô.

Ainda que o tamanho da amostra tenha sido relativamente pequeno - foram trinta entrevistados -, o

contato pessoal e prolongado com o entrevistado, bem como a repetição da visita em outras oportunidades, permitiu uma profundidade e uma riqueza de detalhes que teria sido impossível registrar caso a amostra fosse maior e técnicas quantitativas, tipo survey, tivessem sido empregadas.

Observação e Entrevistas

A pesquisa de campo desenvolveu-se entre 1984 e 1987. Como moro na LAGOA, as observações foram sendo feitas à medida em que escrevia esse trabalho, sem ter sido necessário concentrar o trabalho de campo num determinado período. Muito do que registrei foram conversas em situações informais, visitas a vizinhos, a engenhos para comprar farinha, a vendas, aos bailes, à praia, durante caminhadas em trilhas, no interior de ônibus e em travessias de barco.

Além disto, realizei cerca de trinta entrevistas não-diretivas centradas (THIOLLENT, 1980), quase todas gravadas, embora em alguns casos - quando o entrevistado se mostrava relutante em aceitar ser entrevistado alegando ter algum trabalho a fazer - a entrevista não tenha sido gravada.

As entrevistas foram realizadas sempre nas casas dos entrevistados e dela participavam, ainda que

indiretamente na maior parte das vezes, outras pessoas incluídas na unidade doméstica. Notou-se que, quando o <chefe da família> estava presente, era ele quem respondia às perguntas, as mulheres falando apenas quando interrogadas diretamente por mim (exceto no caso das que já conhecia há muito tempo). Na ausência do marido, as mulheres falavam com maior desenvoltura.

As entrevistas realizadas com a presença de quatro ou cinco pessoas, membros da família e eventuais visitantes, mostravam-se especialmente animadas e proveitosas pois os participantes completavam as informações uns dos outros, adicionando detalhes aos relatos.

A conversa geralmente durava de uma a três horas. Eram realizadas no lugar onde se encontrava o entrevistado no momento da minha chegada, no mais das vezes, no interior da cozinha.

A observação direta foi de vital importância, não apenas na descoberta de novos dados mas na confrontação entre o "dito" e o efetivamente "vivido", entre o fato e a sua representação. A repetição da visita a um informante e a conversa com diferentes membros da família sobre os mesmos assuntos evitaram possíveis manipulações, conscientes ou não, por parte dos entrevistados. E evitaram também a predominância de uma visão - a do <chefe de família> - sobre outras. Pois, em alguns casos, ficou bem evidente a existência de duas histórias: a dos homens e a das mulheres.

Cito por exemplo, a questão dos bailes e da roça, recorrente nos depoimentos dos mais velhos. Enquanto os homens, ao recordar o passado, declaravam que as mulheres pouco iam aos bailes (porque eram muito vigiadas em casa), a versão das mulheres era totalmente diferente. Elas relataram sua presença em muitas festas, colocando o baile como central na sua juventude. E a roça do mesmo modo. Se na visão dos homens as mulheres quase não iam à roça (o que só admitiam como sendo feito durante os períodos em que se encontravam ausente, pescando), as mulheres garantiam que trabalhavam "igual que nem homem".

A observação direta, em todos os casos, foi fundamental. Em se tratando de (espaço), como mostra HALL (1977), os homens falam por outros signos que não os diretamente verbais. Edward Hall e seus companheiros da Escola de Palo Alto têm se aprofundado na instrumentalização da leitura desses outros signos. Para que pudesse observar a casa, o espaço doméstico exterior e os diferentes espaços de sociabilidade, procurei estar presente nesses lugares e não apenas captar o que os entrevistados tinham a dizer sobre eles. A fotografia e os esboços das plantas baixas das casas foram importantes no registro e interpretação para a apreensão dos esquemas básicos das casas, dos arranjos internos e da decoração.

As lembranças nem sempre precisas dos velhos a respeito de fatos menores - como são os do cotidiano - dificultou a exatidão das datas no que concerne às modificações das plantas das casas e à adoção de novas tecnologias domésticas (abastecimento de água, fogão à gás, móveis, etc.) Embora extremamente loquazes e precisos quando tratava-se de descrever festas, viagens e outros acontecimentos excepcionais, os nativos se mostravam menos falantes quando o assunto era dirigido para o objeto da pesquisa - a casa, os seus artefatos, a decoração. Nem sempre foi possível reconstituir a antiga disposição dos móveis, fazê-los discurrir sobre as distribuições anteriores das peças da casa ou descobrir quando um móvel foi trocado por outro. Isso evidencia assim que, para eles a estrutura presente é vista como dada, como se estivesse determinada desde sempre, e um objeto menor de atenção.

A Casa e o Ethos

Cada geração construiu um modelo de casa no qual as transformações (incorporações parciais dos modelos das gerações posteriores) são realizadas com dificuldade. No entanto, não pretendo atribuir à simples diferença de idade as discrepâncias observadas. A idade idêntica parece

ser um dos elementos de um sistema mais complexo do que o motivo real da similitude.

Isso porque, tendo a concordar com BOURDIEU (1979), o <gosto> é determinado essencialmente por dois fatores: <origem social> e <capital cultural>.

É nesses dois fatores, e não na mera diferença geracional, que deve-se buscar os motivos das distinções entre um grupo e o outro. A origem social pode ser compreendida aqui como faz Bourdieu, enquanto <habitus> - disposições apreendidas e internalizadas, estruturas estruturadas e estruturantes - e pode, como ele sugere, ser instrumentalizada por exemplo através da verificação da profissão do pai. Porém, não se pode seguir Bourdieu quando ele relaciona o <capital cultural> ao nível de escolarização. Longe de ser expresso pelo nível de escolaridade - que não chega a ser muito diferente de uma geração a outra, todos os nativos da amostra tendo mal e mal aprendido a ler e escrever - o capital cultural dos nativos da LAGOA seria representado pela massa total de novas informações com as quais estiveram em contato durante suas vidas: a TV, o rádio, as conversas com os médicos nos postos de saúde, com o "pessoal de fora", as reuniões políticas nas Associações de Moradores, etc. Em outras palavras, pelo maior ou menor grau de exposição à cultura dominante. Mal ou bem, essas informações se constituem em "ensinamentos" da modernidade embora numa pedagogia desarticulada e

assistemática. E, nesse caso, não há muita dúvida de que as novas gerações adquirem uma massa bem maior desses ensinamentos do que as gerações mais velhas, cujos integrantes ou moram em lugares isolados ou, quando habitam lugares mais próximos, estão menos em contato com o novo.

Tento mostrar aqui que, de modo mais amplo, os modelos de construção do espaço doméstico relacionam-se com o <ethos> (3) da geração que os estrutura, de tal modo que, através do estudo das transformações do espaço doméstico, é possível acompanhar as modificações do <ethos> dos integrantes de uma sociedade. (4)

Espaço

Enfoco o espaço social como indicador chave do ethos e nele me importou a percepção dos nativos. Poderia ter tomado "parentesco" ou "economia", outros recortes possíveis do objeto, mas preferi focar a dimensão do espaço, que perpassa muitos desses outros fenômenos sociais.

O objetivo desta pesquisa foi o de fazer uma pequena arqueologia dos últimos cem anos observando os artefatos materiais (casas, cercas, fontes, trilhas) e contruindo, através de entrevistas, a percepção desses

espaços. Para melhor entender o meu conceito de espaço, cabe uma consideração sobre a literatura existente a respeito.

A primeira dificuldade que se apresenta é a da própria definição de espaço. Para se ter uma idéia da ampla variedade de noções que se abrigam sob a categoria única de espaço basta que se percorra as páginas de um único livro, o de Torino Bettanini, "Espaço e Ciências Humanas", onde é arrolada extensa lista de diferentes concepções e usos do termo espaço nas ciências sociais, a ponto de levar o autor a dizer ser mais correto "reconhecer que o espaço fala no plural, que o próprio termo veicula uma ambiguidade de significados." BETTANINI (1983:15)

E se não bastasse, há que considerar também as diferentes noções de <tempo> pois, como concordam os autores contemporâneos (5), espaço e tempo são conceitos estreitamente interligados. Basta lembrar, como faz CONDOMINAS (1980), a etimologia da palavra espaço: vem do latim "spatium" que designa uma extensão de tempo.

Nas ciências sociais, a definição da noção de espaço tem sido realizada sob dois pontos-de-vista que não se excluem mutuamente: no primeiro, toma-se espaço no seu sentido geográfico, material, como extensão, parte da paisagem. É uma noção que enfoca principalmente o ambiente (o "milieu" dos franceses) e que parece ligada ainda às noções de espaço que surgem no século passado, com os geógrafos hoje ditos tradicionais. Segundo esta concepção, o

espaço seria uma porção geográfica não quantificada e teria como um desdobramento seu o conceito de <lugar>, visto enquanto uma porção geográfica quantificada.

Na segunda abordagem, define-se espaço no sentido que ele assume para os sujeitos sociais. O significado dado pelo homem torna-se o centró da análise de espaço. Transita-se, assim, de um momento em que o ambiente é visto como pré-determinado e determinante, a-temporal, para ser entendido como algo transformado e dotado de significado pelo homem.

Esta segunda abordagem, espaço enquanto espaço percebido pelo homem, nasce na antropologia através, principalmente, dos estudos de Durkheim (6). Para Durkheim, esta noção só ganha sentido quando referida ao modo como os homens percebem o espaço e, para ele, 1. o espaço jamais é homogêneo; 2. é o resultado de um processo de classificação; 3. esta classificação é de origem social e não individual. Para Durkheim, o espaço não apenas tem origem social mas é o próprio reflexo da sociedade.

Concordando com a primeira parte dessa afirmação, mas discordando de que o espaço seja simples reflexo da sociedade que o estrutura, LEVY-STRAUSS (1974) adota uma outra posição. Ele verá o espaço dentro da perspectiva proposta na "Introdução à Obra de Marcel Mauss" de buscar não a origem social do simbólico mas de perceber o simbólico como origem do social. Como ressalta com precisão PAUL-LEVY:

Il a en effet donné les moyens de comprendre que les configurations spatiales ne sont pas seulement des produits mais des producteurs de systèmes sociaux (1983:19).

O espaço, portanto, é estruturado pelo social, mas também estruturante do social. Por exemplo, neste estudo, lembro o caso dos nativos que se transferem para casas contruídas de "material" (alvenaria), passando a redimensionar sua vida familiar e social a partir do novo espaço.

E a concepção de LEVI-STRAUSS a cerca do espaço, estruturante e estruturado, que guiou o estudo. Assim a transformação não apenas reflete mudanças, por exemplo, do sistema de parentesco ou da noção de <criança> mas também produz mudanças. E aqui intervêm o <gosto>. Antes de entrar na questão gosto, porém, gostaria de resumir o modo como essas teorias tem aparecido no Brasil.

Na Antropologia brasileira, o espaço tem sido estudado a partir de dois enfoques: o primeiro, que aparece em estudos de sociedades camponesas (GARCIA, 1983) e de populações urbanas das chamadas classes populares (HAYE, 1980; GUIMARAES, 1984; CASTELLS, 1987, por exemplo) parece se inspirar em BOURDIEU (1980). Numa perspectiva estruturalista, busca-se os significados da casa a partir de oposições espaciais elaboradas pelo próprio pesquisador após o contato de campo. O segundo, que tem sido útil nos estudos de populações indígenas e na abordagem do espaço

extensão-geográfica (NOVAES,1983; CARVALHO,1988) lança mão de categorias elaboradas por ELLIADE, s/d, DURKHEIM (1968) e LEVI-STRAUSS (1973b e 1974). Recentemente uma terceira linha começa a se fortalecer. São as pesquisas dos chamados <territórios> (de michés, PERLONGHER,1987; de neg os ROLNIK,1988) que partem da proposta socio-psicanalítica de GUATTARI(1986) de se estudar <territorialidade> como expressão de uma subjetividade coletiva. Não há dúvida de que este trabalho mantém pontos de contato maiores com a primeira dessas perspectivas mas em alguns momentos se fez necessário vagar pelas outras duas.

O Gosto

A construção de um espaço se realiza através de escolhas pessoais, atualizações do "gosto". Os gostos, e aqui tomo como referência o pensamento de Bourdieu, obedecem uma espécie de lei que os condiciona: eles estão ligados ao nível de renda do agente social de tal modo que,

a cada nível de distribuição, o que é raro e constitui um luxo inacessível ou uma fantasia absurda para os ocupantes do nível anterior ou inferior torna-se banal ou comum para o nível superior e se encontra relegado à ordem do necessário, do evidente, pelo aparecimento

de novos consumos, mais raros e portanto, mais distintivos. (BOURDIEU,1982:85)

Se o nível de renda é capaz de dar conta das discrepâncias entre os gostos de diferentes classes sociais, o mesmo não se pode dizer em relação a uma população muito homogênea em termos econômicos, como é o caso da população do bairro estudado. Ali, mais do que grandes diferenças, o que se observará são lentas passagens de um padrão ao outro. Movimentos quase invisíveis de reestruturação do gosto, onde o que estará em jogo nestas pequenas modificações do habitus serão as maiores ou menores ampliações do capital cultural dos agentes.

Os exemplos neste sentido proliferam. São os garçons dos restaurantes da Lagoa os primeiros a adotarem as janelas "coloniais" nas suas casas, são os jovens do Canto os primeiros a adotarem o gosto pelo surf e pela ecologia, são as faxineiras nas casas de famílias do Condomínio VILLAGE as primeiras a destinarem um quarto dentro da casa para a TV retirando-a da sala, e é o construtor de casas para o "pessoal de fora" o primeiro a construir uma casa de dois pisos para a sua família.

Leia-se nestes movimentos a tentativa inerente a toda adoção de novo padrão de gosto: a da distinção do afastamento do grupo de origem e da aproximação com outra classe social.

Para que eles se realizem, os atores sociais operam de modo discreto, pouco a pouco, motivados pelo desejo de ascensão social e econômica, que se traduz num maior prestígio social. São o que poderia chamar tomando de empréstimo um conceito de LEVY e SEGAUD (1983) <reformulações endógenas progressivas>, modificações graduais do espaço que objetivam uma nova configuração e expressam modificações do ethos do grupo que as produz

Cultura Popular

O estudo da casa, dos seus artefatos, do espaço social, dos gostos, insere-se nos trabalhos sobre a cultura popular no Brasil. O conceito de "popular", como foi bem apontado por FONSECA (1987), é de difícil delimitação; ainda mais quando a ele soma-se o de cultura. Bourdieu chega a chamá-lo de "epíteto mágico" (1983:98), pois ele estaria protegido de um exame mais criterioso na medida em que nos remete ao "povo" e as "causas justas". Facilmente manipulável pela imprecisão de suas fronteiras, o "popular" pode ser mais ou menos abrangente, de forma a ajustar-se aos interesses de quem o utiliza. Em alguns casos ele abarca, além do proletariado, segmentos da pequena burguesia; em outros inclui os camponeses; em outros o lumpen; etc.

Apesar da ambiguidade, o conceito de popular tem a vantagem de denotar uma diferença que não é um mero confronto de dois sistemas simbólicos em igualdade de condições. O conceito de "cultura popular" define-se relacionalmente como o conjunto das manifestações que são excluídas das manifestações legítimas, opondo-se desse modo à "cultura dominante". Ele mantém em pauta assim as diferenças sociais fundamentais. Utilizo-o aqui para marcar a diferença entre o sistema simbólico dos nativos da LAGOA e os sistemas simbólicos <legítimos>- aqueles que são inculcados através da escolarização, como quer Bourdieu, ou, nesse caso, sob outras formas ideológicas de transmissão, como a dos meios de comunicação de massa. Aqui, cultura popular não é entendida, como querem por um lado os românticos e por outro os racionalistas. Não a tomo como um sistema fechado, autônomo, sem relação com a cultura dominante e imerso no passado - posição que compartilham tanto os defensores da "preservação" da cultura popular "pura" (folcloristas, por exemplo), quanto os defensores da sua eliminação em prol de uma cultura de elite (os frankfurtianos, por exemplo) (7). Ou seja, compartilho a posição de que a cultura popular mantém com as formas legítimas do falar, do vestir, do decorar a casa uma relação de "envelopamento" (DUARTE, 1986b): ela possui um núcleo gerador autônomo mas se encontra inserida no interior da

cultura dominante, mantendo com esta uma relação de troca, na qual está condenada à submissão.

Um outro erro seria considerar a cultura popular como um todo homogêneo que se opõem a outro todo. Existem desdobramentos no interior mesmo do popular e algumas formas são tidas pelos dominados como mais refinadas ou vulgares. Pois, a dinâmica da distinção social (BOURDIEU, 1979) está presente também no interior da cultura popular: ao contrário do que se poderia pensar se nos mantivéssemos presos às concepções simplificadoras da cultura popular como resistência ou submissão.

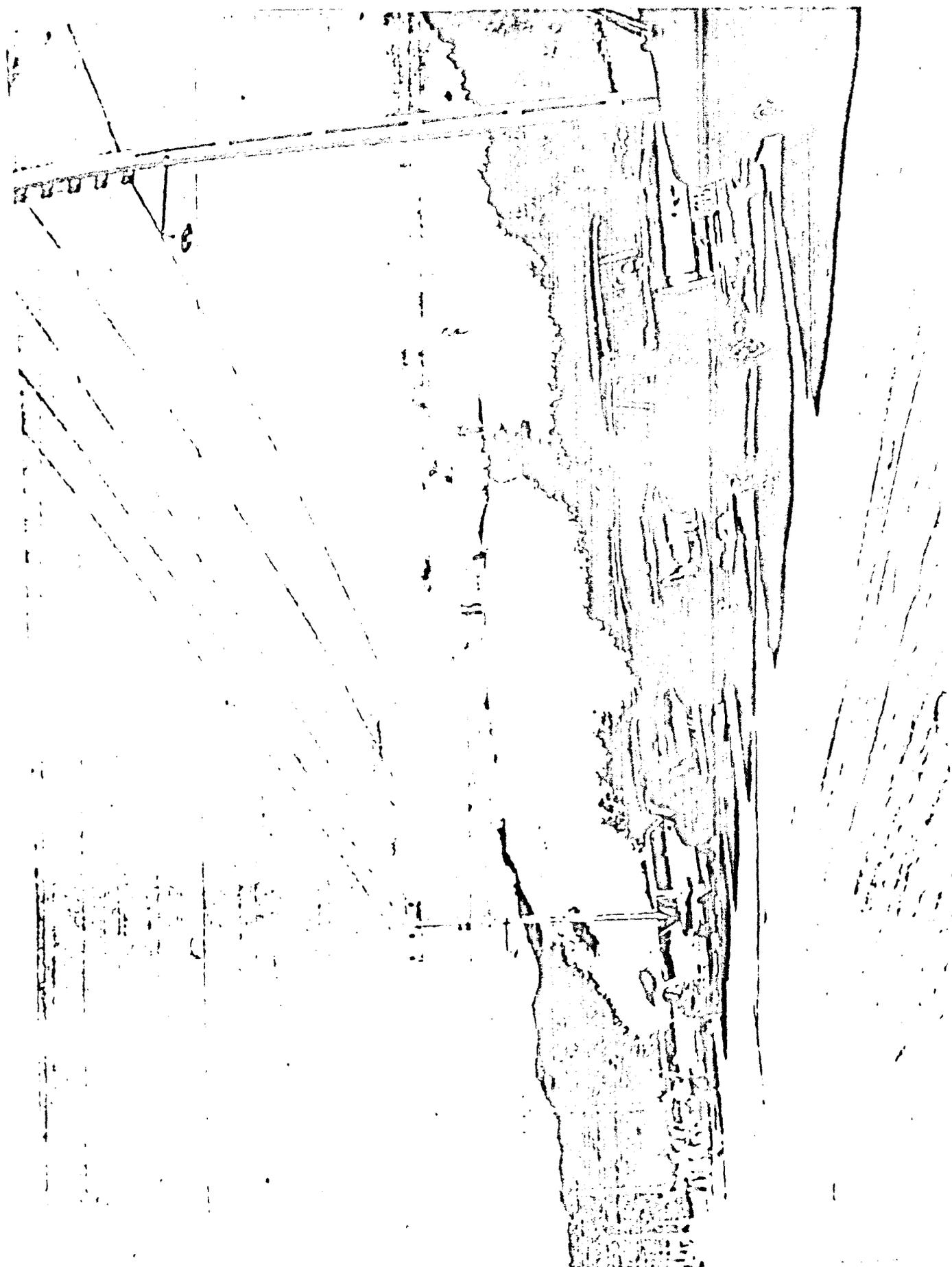
Ainda que a pesquisa tenha se desenvolvido em uma área geográfica limitada - um distrito de Florianópolis -, não busquei realizar aqui um "estudo de comunidade", a exemplo dos que marcaram a Antropologia brasileira na década de 50. Esse tipo de abordagem tende a incorrer em dois erros: o de tomar a comunidade como sendo um resumo da sociedade onde ela está inserida, reproduzindo em escala menor todas as suas contradições, ou o de tomar a comunidade como possuindo uma dinâmica própria, subtraindo-a do social mais geral. (GEERTZ 1978:21)

Preferi, ao invés, buscar inspiração nos recentes estudos de bairros ditos de "periferia" (8), observando uma profunda semelhança no ethos dos grupos pesquisados por CALDEIRA (1984), MACEDO (1986) e os nativos das gerações mais novas da LAGOA. Os anseios por uma "melhoria de vida",

pelo "progresso", pelos "recursos da cidade" estão presentes aqui. A diferença é que, ao contrário de boa parte da população que habita os farrapos da periferia das grandes metrópoles, os nativos da LAGOA, não se transferiram para a cidade: a cidade é quem está chegando.



"Pessoal-de-fora" introduz novidades na LAGOM no início do século



"Pessoal-de-fora" : os turistas na década de 60.

NOTAS:

(1) Uso bairro no sentido de DEUIROZ, Maria Isaura. < Bairros Rurais Paulistas > SP, Livraria Duas Cidades, 1973 e CANDIDO, A. < Os Fazendeiros do Rio Bonito > SP, Duas Cidades, 1971. Bairro, segundo a definição de Antônio Cândido, é "uma divisão administrativa de freguesias por sua vez o é de vila". É "uma porção de território subordinada a uma povoação, onde se encontram grupos de casas afastadas do núcleo do povoado, e uma das outras, em distâncias variáveis." 1971:83.

(2) Para a noção de <chefia-de-família> ver WOERTMANN, Elias <"Casa e Família Operária" In: Anário Antropológico 80>. Fortaleza/Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro/UFGE, 1982.

(3) Ethos é entendido no sentido de BATESON, Gregory. <La cérémonie du Naven>. Paris, Minuit, 1971.

(4) Deixo de fora deste trabalho algumas dezenas de nativos. São os poucos que conseguiram transformar radicalmente suas vidas em um século, distinguindo-se assim profundamente dos outros nativos a tal ponto de hoje habitarem um outro mundo, muito mais próximo do "pessoal-de-fora" do que dos seus conterrâneos. E o caso da família Oliveira que enriqueceu entre a segunda e terceira gerações e hoje habita, na freguesia, casas que dificilmente poderiam ser consideradas habitações populares.

(5) DURKHEIM escreve: "Dans tous les systemes de pensée que nous venons de parler, la considérations des temps est parallele à celle des espaces." p.58 DURKHEIM, E. e MAUSS, Marcel. "De quelques formes primitives de classification" in <Année Sociologique> tome VI s.ed., 1901-1902. Ver também EVANS-FRITCHARD "(...)" "o tempo é, em consequência, relativo ao espaço estrutural, considerado em termos de localidade". p.118. EVANS-FRITCHARD, E. <Os nuers> São Paulo, Perspectiva, 1978.

(6) Pela importância da citação para a definição de espaço aqui trabalhada, me permito reproduzi-la :

Como lo ha demostrado Hamelin, el espacio no es ese medio vago e indeterminado que habia imaginado Kant: pura y absolutamente homogéneo, no serviria para nada y ni siquiera podria ser aprehendido por el pensamiento. La representación espacial consiste esencialmente en una primera coordinación introducida entre los datos de la experiencia sensible. Pero esta coordinación seria imposible si las partes del espacio fueran cualitativamente

equivalentes, si fueran realmente sustituibles unas por otras. Para poder disponer espacialmente las cosas, hay que poder situarlas diferentemente: poner unas a la derecha, otras a la izquierda, éstas arriba, aquéllas abajo, al norte o al sur, al este o al oeste, etcétera, del mismo modo que, para poder disponer temporalmente los estados de la conciencia, hay que poder localizarlos en fechas determinadas. Es decir que el espacio mismo no podría existir si, como el tiempo, no estuviera dividido y diferenciado. Pero de dónde provienen estas divisiones que le son esenciales? En sí mismo, él no tiene ni derecha ni izquierda, ni arriba ni abajo, ni norte ni sur, etc. Todas estas distinciones provienen evidentemente de que se ha atribuido a las regiones valores afectivos diferentes. Y como los hombres de una misma civilización se representan el espacio de la misma manera, es necesario evidentemente que esos valores afectivos y las distinciones que dependen de ellos les sean igualmente comunes; lo que implica casi necesariamente que ellas son de origen social. p.16

E, mais adiante, conclue:

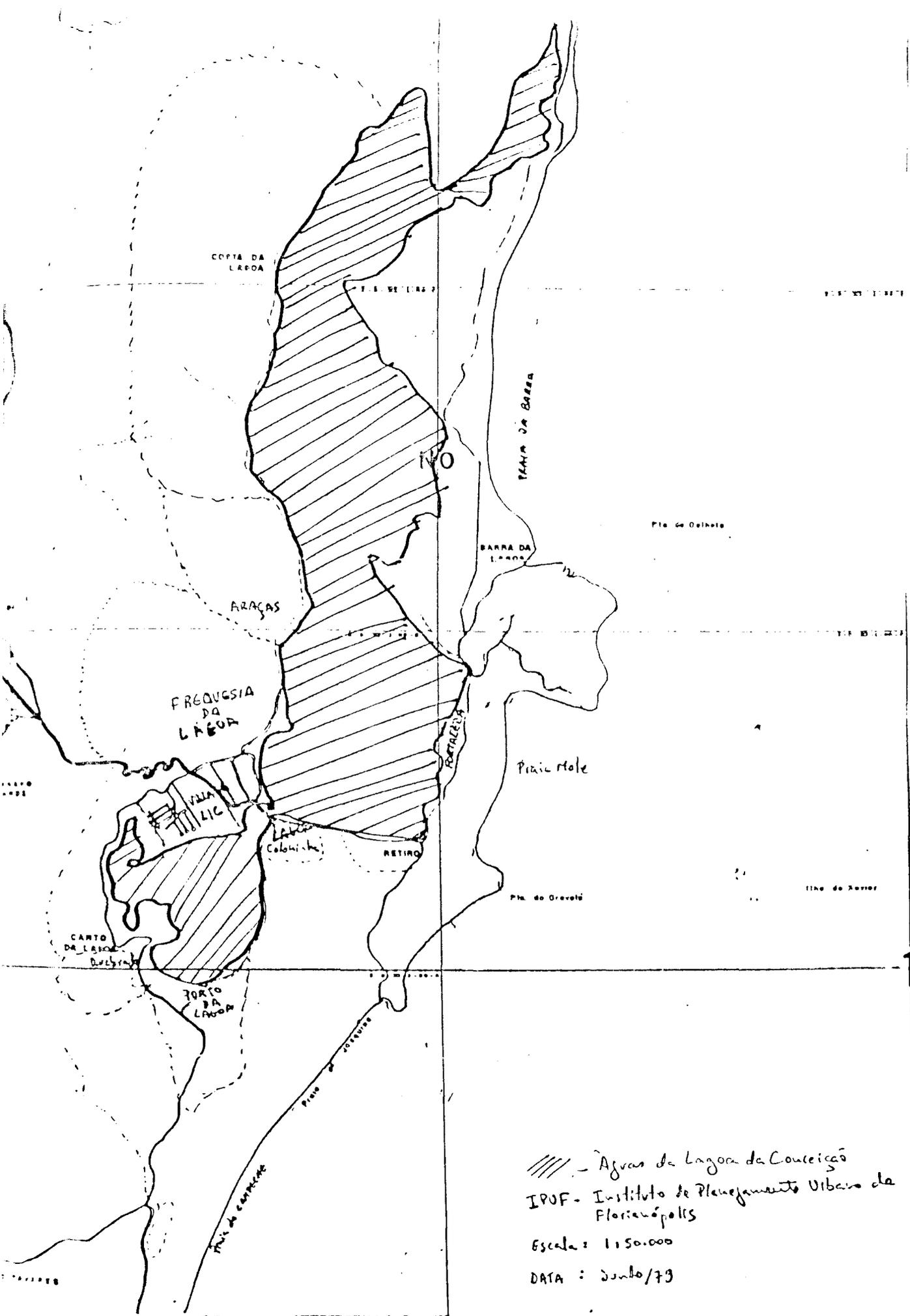
Assi, a organizaçãõ social ha sido el modelo de la organizaçãõ espacial que es como un calco de la primera. p.17

DURKHEIM, Emile <Las formas Elementales de la vida Religiosa>. Buenos Aires, Editorial Schapire, 1968.

(7) CHAUI faz um bom resumo das duas posições e uma bela genealogia de suas origens filosóficas. CHAUI, Marilena <Conformismo e Resistência - aspectos da cultura popular no Brasil> SP, Brasiliense, 1986.

(8) A periferia seria formada, no dizer de DURHAN pelos "bairros distantes, mais pobres, menos servidos por transporte e serviços públicos". DURHAN, Eunice "A sociedade vista da periferia" In: <Revista Brasileira de Ciências Sociais n. 1 v.1>. 1986.

PARTE I: O ESPAÇO DA LAGOA - TERRITÓRIOS COMUNITARIOS



CAP.3 OS LIMITES DO LUGAR

"Tout se passe comme si deux mondes se faisait face: un intérieur, complètement passé sous l'emprise de l'homme. L'autre périphérique, (...) peu ou pas humanisé"

Françoise Zonabend

O distrito da LAGOA e suas diversas regiões é o tema desse capítulo. Procuro captar a percepção que os nativos tem dos espaços comunitários e a transformação que ocorrida nessa percepção nos últimos anos, mostrando como a noção de espaço depende tanto das relações sociais estabelecidas como de fatores ecológicos.

De um espaço visto como um e mesmo lugar transita-se para um espaço percebido como cada vez mais dicotomizado. Nele, o centro é valorizado simbolicamente mas se, antigamente, era o lugar para onde convergiam os bens produzidos no "sítio" (farinhas, leite, carne, etc), hoje é tido cada vez mais como o lugar de onde partem os "recursos".

Vê-se também que a implantação de um sistema de comunicação na LAGOA - ônibus, telefones e estradas - não contribuiu para um incremento da comunicação entre os moradores do bairro: a LAGOA passa a ser vista como <maior>

e mais difícil de ser percorrida. Quem se aproxima é a "Cidade".

"Tudo é o Mesmo Lugar"

O ato de perceber o espaço envolve a operação de dividi-lo, de colocar limites (DURKHEIM, 1968). Nas sociedades ditas primitivas esses limites são geralmente dados pelo horizonte na terra e pelo céu acima. Em muitas sociedades, ditas primitivas ou tradicionais, a percepção do espaço é circular: o universo se constitui numa espécie de prato no centro do qual se habita (CARVALHO, 1988). Até onde a vista alcança, até lá se estende o mundo, a porção conhecida ou conhecida do universo. Ou seja, percebe-se o espaço dividindo-o em duas partes: uma conhecida - dita "profana" por DURKHEIM (1968), "cosmos" nos termos de ELIADE (s.d) - e uma desconhecida e por isso tida como perigosa - chamada de "sagrada" por DURKHEIM (1968) e de "caos" por ELIADE (s.d.) (1).

A forma e a extensão desse espaço, os elementos ecológicos escolhidos para demarcar os seus limites e o imaginário associado a ele diferem de uma cultura para outra. Em algumas sociedades, "caos" e "cosmos" estão tão nitidamente separados que chegam a existir barreiras físicas para demarcar as fronteiras entre estes dois espaços

territoriais. E o que se observa nas cidades medievais da Europa, cercadas por muralhas que serviam bem mais para separar o mundo de dentro do mundo de fora, o conhecido do desconhecido do que como elemento de defesa diante dos raros ataques de inimigos (ELIADE s.d.).

Em outras sociedades, como a dos Bororos, Kayapôs, Yawalapiti, etc, estes limites são obtidos pela própria disposição espacial da aldeia em torno de um círculo: no interior deste círculo, está o cosmos - as casas da aldeia, o pátio e às vezes as casas dos homens. No seu exterior, está o caos - a vasta floresta ou a savana (NOVAES 1983).

Na LAGOA, não são muralhas nem casas regularmente dispostas em círculos que delimitam o mundo habitável separando-o do resto. Mas as fronteiras existem. Elas são dadas pelas montanhas que circundam a LAGOA, formando um anel em torno de suas águas que servem como limites naturais e traço diacrítico entre o "lugar" e o além.

Esses limites, terra e mar, definem a unidade territorial para os nativos.

As casas estão dispersas no interior e ao longo deste anel de montanhas. O que está no interior das montanhas - as águas e o distrito da Lagoa da Conceição - é parte de um espaço percebido pelos nativos como se fosse "um lugar". O que está no exterior dessas montanhas - o resto da cidade de Florianópolis, da Ilha, do país e do mundo - é visto como sendo parte um outro lugar, diferente e distante.

Evidentemente, à medida em que aumentam os contatos com este outro-mundo - através do ônibus que os conduz à "Cidade", dos empregos no centro de Florianópolis, das imagens que chegam pela TV e pelos turistas - ele vai deixando de ser tão inacessível e longínquo. Porém, mesmo para as gerações mais novas, continua sendo um outro lugar.

A oposição entre o lugar e o resto é estabelecida de modo claro pelos nativos e se manifesta através de diversas categorias. As águas da Lagoa da Conceição são chamadas de mar-de-<dentro> e se opõem ao oceano Atlântico, o chamado mar-de-<fora>. Embora tenha caído em desuso, a LAGOA costumava ser chamada de <sitio> e se opunha assim a <Cidade> que ficava para além dos seus limites. Do mesmo modo, quem nasce na LAGOA é até hoje chamado de <nativo> pelos outros moradores que reservam uma categoria bem precisa para designar os visitantes ou moradores que não nasceram ali: "pessoal-de-<fora>".

Dentro e fora. Os limites são claramente traçados. E é compreensível que assim fosse pois as montanhas se constituíam efetivamente num obstáculo de difícil transposição. "Era preciso dez homens puxando o carro (carroça ou camionete) morro acima nos dias de chuva" conta Dalmir Oliveira, 60 anos, motorista de carroça, camionete e hoje taxi.

Eu sou da LAGOA

E com esse lugar visto, enquanto um todo único que os nativos se identificam - compreendendo-se aqui por identificação a operação expressa em frases como "Eu nasci na LAGOA", "Eu sou da LAGOA", "Toda a minha família é daqui". Perguntados onde nasceram, respondiam "na Barra", "no Retiro", "no Canto", referindo-se ao lugar exato, ou simplesmente "na LAGOA", de modo genérico. E quando indagava dos que respondiam "na LAGOA" o porquê de não dizerem o nome exato do lugar, a resposta mais comum era: "mas tudo é o mesmo lugar", significando que isso que eu estava chamando de lugar exato era uma parte de um todo único.

O espaço geográfico, os lugares, são referidos como um modo de se ligar ao espaço social. Pessoas e lugares se misturam e se confundem. As pessoas se dizem "do lugar" expressando assim um sentimento de pertencimento que, em muitos casos, é o primeiro índice de identidade. E o lugar muitas vezes vem imbutido no nome como são conhecidas pelos outros. Há o seu Deça do Canto, a D. Leandra da Costa e a D. Leandra do Canto, o Mané Isidoro da Quebrada.

A LAGOA, vista como um único lugar, desperta nos nativos o que CANDIDO (1971) chama de "sentimento de localidade", ou seja, um sentimento de pertencer ao lugar,

como se o "homem pertencesse à terra e não o inverso" (QUEIROZ, 1968).

A percepção deste lugar como sendo um único lugar - sintetizada na frase "tudo é o mesmo lugar", de muitas entrevistas - é confirmada em parte pela burocracia oficial. Para a prefeitura e para a SUCAM (Superintendência do Controle da Malária), o distrito da Lagoa da Conceição é composto pela Freguesia da Lagoa, Retiro, Fortaleza, Barra da Lagoa, Costa da Lagoa e pelo Canto da Lagoa. (2)

Esse distrito é percebido pelos nativos como possuindo um centro, a Freguesia da Lagoa da Conceição, zona mais urbanizada e comercial, ou mais precisamente, a Igreja Nossa Senhora da Conceição e vários "Sítios". Além disso, esse distrito é visto como se opondo à "cidade" e ao mundo "de-fora". Trata-se, portanto, de uma percepção espacial concentrada, i.e., que se desenvolve a partir de um ponto central para o qual convergem as relações lúdicas, econômicas e religiosas, e antigamente, também egocêntrico, i.e., incapaz de ultrapassar os arredores mais diretos. (QUEIROZ, 1968:282).

A unidade da LAGOA

A unidade desse lugar se constata facilmente. A santa padroeira, Nossa Senhora da Conceição, tem ascendência

espiritual sobre todo o lugar (LAGOA) mas não sobre os distritos vizinhos. O Intendente (3) é um, desde 1986 eleito por um colégio eleitoral formado por todos os moradores da LAGOA. E mesmo que a AMOLA (Associação dos moradores da Lagoa) diga respeito apenas à <Freguesia da Lagoa>, existe uma espécie de Federação congregando as diversas associações da LAGOA. A santa, o intendente e a Federação das Associações expressam o reconhecimento da unidade do lugar e a necessidade de representarem esta unidade em instâncias políticas e religiosas únicas. O que não impede que haja uma certa autonomia dos diferentes bairros da LAGOA em relação ao todo. Assim, a Barra da Lagoa possui, além de Nossa Senhora da Conceição, um padroeiro próprio, São Pedro, e uma pequena capela. O Porto da Lagoa possui a sua Santa Cruz, e tanto o Canto quanto a Costa realizam missas nas suas escolinhas.

Porém, não se pode concluir disso que a percepção espacial tenha se mantido inalterada ao longo do tempo. Ela mudou e muito, como se percebe comparando as entrevistas dos mais velhos com as entrevistas dos seus filhos e netos.

Antigamente, a LAGOA era <menor>. Cada parte estava mais vinculada à outra parte, num emaranhado de relações sociais que tinha geralmente na Freguesia o seu nó. Era comum a circulação dos moradores entre um bairro e outro da LAGOA, para participarem de festas locais e entrarem esses e a

Freguesia, para assistirem a missa e os bailes de fim-de-semana. As distâncias eram percorridas a pé:

"A gente saía de casa umas 7 horas, pra vir na missa ali, a missa das 9." conta D. Elias, 50 anos, rendeira nascida na Barra atualmente morando no Retiro. "Vinha à pé. Ai, quando era umas 3 horas, 4 horas (da tarde), a gente vinha embora de pé."

As festas mais importantes, como a de São João, eram programadas para que não coincidissem as datas, de modo a permitir que todos pudessem comparecer a todas festas.

Os bailes eram outro motivo para os deslocamentos, como conta D. Elias:

"No nosso tempo era bom, tinha baile na Barra, cá em cima na ponte, vinha pra Freguesia dançar. (...) Começava às 8 da noite e acabava uma duas da madrugada. Isto no sábado. Quando era no domingo pegava aí umas duas horas, acabava umas oito horas da noite, umas onze."

Os homens acreditam que eram eles que mais se deslocavam entre um bairro e outro da LAGOA comparecendo às festas locais. Na sua visão, as mulheres tendiam a participar das festas nos lugares mais próximos de suas casas. Seu José Manco, 50 anos é quem conta:

"Moça pra ir a baile era difícil. Tinha bastante home mas mulher tinha pouca. Hoje em dia, não, hoje em dia mãe ir junto já era. Quando não era a mãe era uma tia. Mas tinha que ser pessoa de idade. Ela (sua mulher) não ia a baile mas gostava de missa. Eu me diverti muito na vida. Depois de casado, em

solteiro não. Depois de casado fiz muita farra, depois fiquei mais maduro."

Mas esta opinião não é compartilhada pelas mulheres: nos seus depoimentos foram prôdigas em narrações de idas aos bailes da LAGOA e de outros bairros vizinhos.

Tendo uma missa e um baile toda a semana aos quais se podia ir na Freguesia, não é de surpreender que os velhos moradores de diferentes lugares se conhecessem. Em diversas entrevistas isso pôde ser constatado. Quando me apresentava aos entrevistados, geralmente me referia ao lugar onde morava na LAGOA, citando o nome de alguns vizinhos que eram imediatamente reconhecidos pelos entrevistados. Os entrevistados, por sua vez, citavam uma longa lista de nomes de parentes e vizinhos sempre que se falava em alguém ou algum lugar não totalmente conhecido por mim. Tomo como exemplo, o caso de D. Leandra, 63 anos, moradora da Costa da Lagoa e D. Francisca, 80 anos, moradora do Canto da Lagoa, que nasceram e viveram separadas por 15 quilômetros, boa parte dos quais até hoje são percorridos a pé.

- A Chica do Canto? Conheço sim, ela tinha um engenho. Ainda tem?

- Sim, ainda tem. Mas tá parado. A senhora conheceu ela no engenho? (pergunto-lhe).

- Não, no engenho mesmo eu nunca fui. Nós conversamos duas vezes: numa festa na Freguesia e numa loja que tinha ali no Canto (loja do seu Arlindo Januário da Silveira).

No sítio as pessoas se conhecem umas as outras ainda hoje. E boa parte delas são parentes entre si. Ao

contrário do que foi verificado por QUEIROZ (1973), na LAGOA os grupos de vizinhança são formados basicamente por umas poucas famílias, que casam-se entre si.

"Nas festas de São João, os rapazes agarravam e faziam uma barca pequena. Largavam na lagoa. Pro lado que ela fosse dar, de lá ia ser a mulher com quem se casavam".

Com o tempo, as missas que esporadicamente eram rezadas em casas particulares passam a ser semanais e nas escolinhas, de modo que muitos deixam de comparecer às missas na Igreja Nossa Senhora da Conceição.

Evidentemente, outros fatores devem ser acrescentados aos bailes, festas e missas, quando se busca entender a percepção espacial de "antigamente" dos nativos da LAGOA. Uma população menor e o fato dos grupos de vizinhança serem formados por apenas uma ou duas famílias tornavam mais íntimas as relações entre as pessoas nesta geração e, conseqüentemente, com os lugares por elas habitados.

Como a maior parte as atividades econômicas era realizada no próprio bairro - com esporádicas idas ao mercado da "cidade" para vender o excedente -, era maior o intercâmbio entre <especialistas>. Assim, se havia um bom "fornecedor" na Costa da Lagoa, ele poderia ser requisitado para trabalhar num engenho da Barra, as mulheres que faziam rendas trocavam entre si picos e dava-se um "lugar no barco"(4) para pescadores de diferentes locais da LAGOA. Esse intercâmbio diminuiu mas permanece, de certo modo, como se observa ainda hoje nos engenhos do Rio Vermelho, onde

trabalham moradores da Costa ou nos barcos da Barra onde há moradores do Retiro e da Costa.

Na geração mais nova, os bailes permanecem um fator de ligação entre os nativos de diferentes pontos da LAGOA. Porém, a explosão demográfica, verificada com a migração de centenas de paulistas e gaúchos para o bairro, ajuda a afastar os moradores. Se antes, em um quilômetro de estrada, haviam 3 ou 4 moradas e todos sabiam a quem elas pertenciam, agora tem-se 50, 100 casas, tornando-se impossível conhecer a todos.

Nota-se assim que, à medida que a "cidade" se aproxima, a LAGOA fica mais dispersa e mais difícil de ser conhecida pelos nativos.

A percepção de unidade parece ser mais forte nas proximidades do centro (Freguesia ou Lagoa) da LAGOA do que nas suas fronteiras. Pois, se o centro é unanimemente definido pelos moradores como pertencendo à LAGOA, o mesmo não se pode dizer dos bairros periféricos à Freguesia.

Nas regiões onde a LAGOA toca em outros bairros da Ilha, cria-se um espaço liminar onde o sentimento de pertencimento é ambíguo, com alguns moradores estabelecendo vínculos com as regiões vizinhas e desse modo se sentindo ora como "da LAGOA" e ora dos outros bairros contíguos. É o que ocorre na Costa da Lagoa nos seus limites com Rationes, na Barra na fronteira com o Rio Tavares, na Quebrada perto

do Córrego Grande e no Porto da Lagoa em relação ao Rio Tavares. Tomo este último como exemplo.

Perguntados onde viviam, cinco vizinhos moradores da estrada geral do Canto da Lagoa, a menos de 800 metros uns dos outros, tiveram respostas diferentes. Dois deles disseram morar no Rio Tavares, 1 no Porto, 1 no Canto e um na LAGOA. As respostas se explicam pela maior ou menor extensão de suas relações sociais com um e o outro lugar. Assim, seu Abílio acredita morar no Rio Tavares porque nasceu lá, mudando-se depois de casado para o lugar onde atualmente mora, para um terreno do sogro. E seu Ildo, vizinho em frente, também defende que o lugar é o Rio Tavares, em boa parte por ser diretor do Conselho Comunitário do Rio Tavares e ativo participante na Igreja de lá. Já D. Nelinha, mulher do seu Abílio, se diz morando no Canto da Lagoa, lugar onde moram boa parte dos seus parentes. D. Marisol, 40 anos, enfermeira que vive onde nasceu, acha que o lugar é o Porto da Lagoa, pois é ativa participante da Associação do Porto. Finalmente seu Zinho, 60 anos, negro, morador de um engenho desativado, acha que nasceu e mora na LAGOA, "porque tudo é o mesmo lugar" e ele não vê necessidade de entrar em detalhes.

O pequeno exemplo acima serve para demonstrar que o espaço percebido depende mais das relações sociais do que de fatores geográficos. Como nas fronteiras da LAGOA as relações sociais se estabelecem com moradores de outros

bairros, a identidade geográfica dos moradores dessas zonas limites tende a ser mais difícil de determinar. A mesma família pode estabelecer relações com um ou outro dos bairros e tende a se sentir ligada aos dois. D. Marisol e os outros moradores próximos matricularam seus filhos no Grupo Escolar do Rio Tavares, que fica mais próximo de suas residências, e não no Grupo Escolar do Canto ou no da Lagoa. E durante uma farra com "boi-do-campo" os seus dois filhos "brincaram" junto com o pessoal do Rio Tavares, perseguindo o boi até a praia da Joaquina. À noite, como sabiam que haveria outra "função" no Grupo do Canto, eles foram até lá para bater no segundo boi, este já meio machucado porque tinha "fugido à tarde e corrido até a Quebrada". O fato de terem participado ativamente das duas farras de boi mostra o quanto o espaço social se alarga nas fronteiras da LAGOA, propiciando a vivência em duas comunidades.

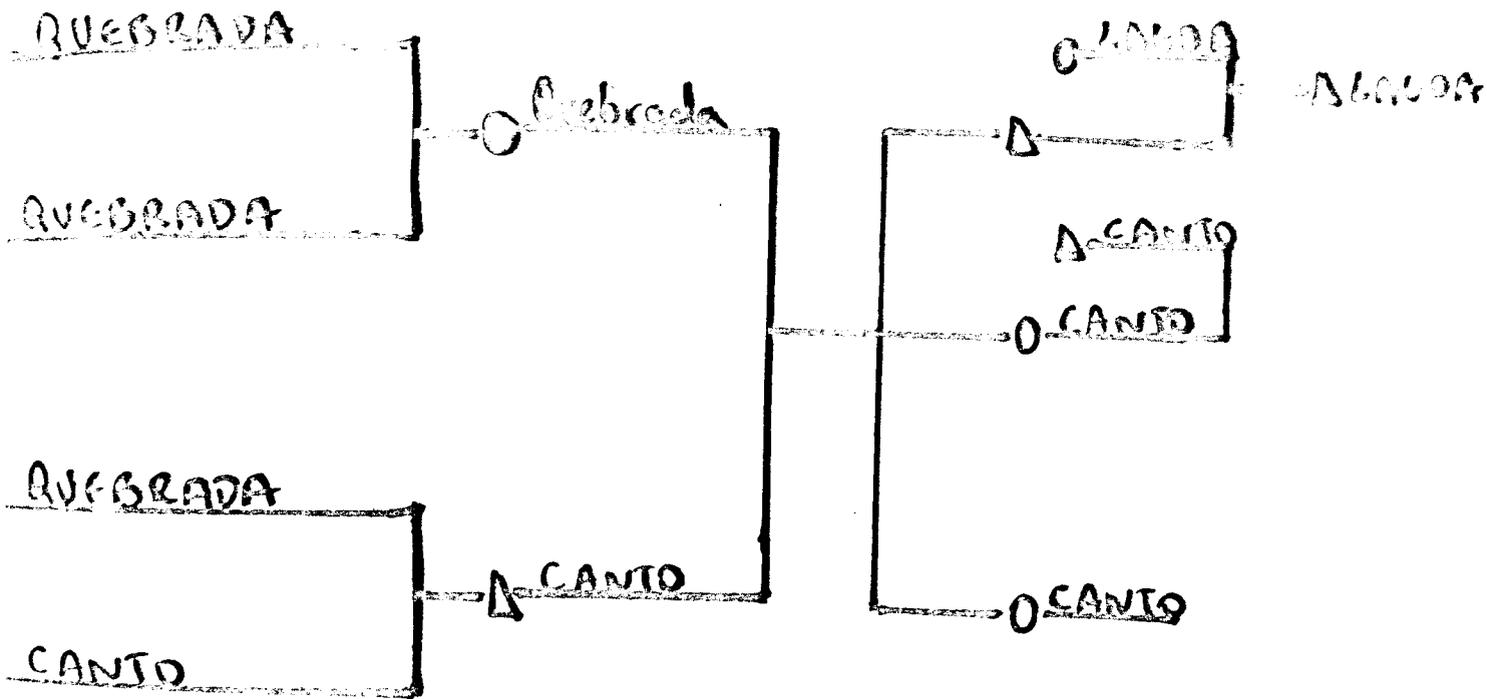
Mas se, por um lado, isso significa maiores contatos sociais, por outro, é causa de conflitos. Lembro a primeira festa de São João promovida pela Associação dos Moradores do Porto da Lagoa. Sem tempo para organizar uma quadrilha para dançar na festa, a diretoria da associação convidou o grupo do Canto da Lagoa, dirigido pela Zenilda, fato que indignou seu Ildo, um dos membros da diretoria e presidente da Santa Cruz, que defendia que o convite fosse dirigido à quadrilha do Rio Tavares.

Além disso, os diversos bairros no interior da LAGOA são imaginariamente organizados em uma hierarquia que se funda na idéia de progresso, de "recursos". Os nativos constroem uma espécie de escala na qual os lugares mais afastados da Freguesia ocupam o ponto mais baixo. Por isso, são comuns as migrações de um lugar de residência para outro no interior da LAGOA.

Migrações Internas a LAGOA

Para se ter uma idéia do destino dos integrantes das gerações mais novas que decidem deixar os "sítios" como exemplo de três famílias:

FAMÍLIA DE ISALTINA:



LEGENDA:

Δ = HOMEM

O = MULHER

O = EBO

RUEBRADA, CANTO, LAGOA = LOCAL DE NASCIMENTO

Observa-se nesses exemplos que a primeira geração, a mais velha, nasce e vive em lugares bem afastados do "centro": a Quebrada, Costa ou Anitápolis-Quebrada. Na segunda geração, aqui chamada de intermediária, já há os que buscam outros lugares de residência, e esta tendência à neo-localidade permanece na terceira geração, dependendo agora fundamentalmente da disponibilidade de terras nos segmentos residências dos pais e dos sogros e do acesso a lotes em outros lugares.

O fluxo migratório interno à LAGOA é maior do que o fluxo em direção à "Cidade" ou outros bairros. E ele tem, claramente, o sentido do sítio para a Freguesia, o que se traduz, em termos da LAGOA por:

Quebrada ----> Canto -----> Lagoa
 Costa -----> Araçás ----> Lagoa
 Barra -----> Retiro ----> Lagoa

Desse modo, o Canto, o Porto, o Canto dos Araçás e o Retiro são lugares intermediários de parada de uma geração enquanto a próxima tende a caminhar mais para o "centro". Isso não impede, é claro, que alguns moradores da Quebrada, da Costa e da Barra migrem diretamente para a Freguesia ou mesmo para outros bairros fora da LAGOA; a parada num ponto intermediário é uma tendência geral verificada nas entrevistas. Essa tendência foi verificada tomando-se em conta o movimento das três gerações estudadas, o que não significa portanto que venha a ser mantida nos próximos anos. De fato, dado o alto valor imobiliário dos terrenos localizados na Freguesia, dificilmente a próxima geração de nativos terá condições econômicas para se estabelecer ali, pois mesmo a geração que chamo de intermediária só o fez a custa de trocas de grandes faixas de terras localizadas na periferia por exiguos lotes na Freguesia da Lagoa.

A justificativa para a troca na LAGOA de uma região de moradia por outra, é a mesma usada pelos nativos quando das mudanças para "fora" - para bairros como a Costeira, o Córrego Grande, Estreito, etc. Muda-se de um lugar para outro para se ter "mais recursos". Em outras palavras: estar mais próximo ao hospital, da farmácia, da escola dos filhos, do supermercado e do trabalho e de tudo o mais que a palavra "Cidade" ou "estrada" possa significar no léxico dos nativos. Foi esta a explicação que ouvi do seu Zê, 45 anos, para a troca da Quebrada pelo Porto:

"Aqui tá mais perto da estrada. Se acontece alguma coisa, tem como chegar no hospital. Aqui tem mais recurso."

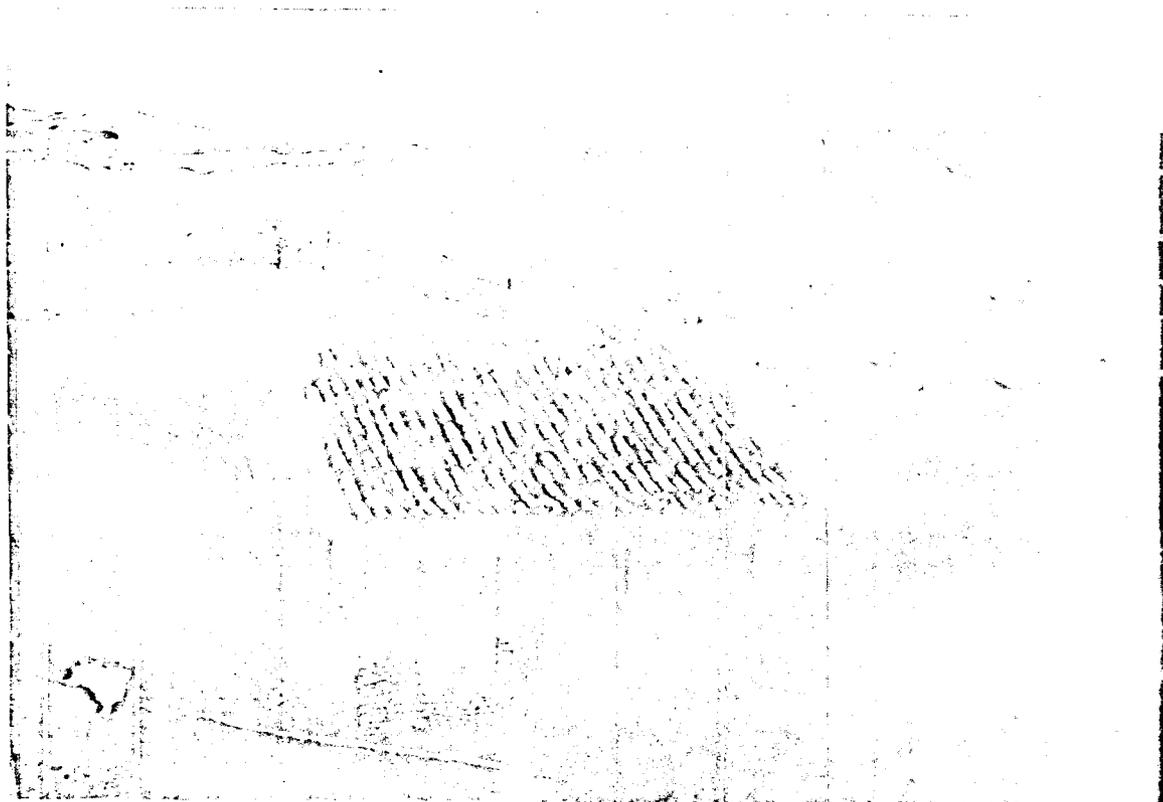
E também do seu Dê, 35 anos, para mudar do Porto para a Lagoa:

"Là (Porto) eu tinha que levantar às 5 da manhã pra chegar no serviço (no bairro Trindade). Aqui tem ônibus direto a toda a hora. É uma beleza, devia ter mudado muito antes. Eu ponho o pé pra fora e já tem movimento. E tudo perto, a farmácia, o supermercado."

A Lagoa é, portanto, lugar de "recursos" e de "movimento". Por sua vez, os outros bairros dividem-se entre os que tem mais ou menos "recursos". E os dois bairros de menos "recursos" na LAGOA, a Quebrada e a Costa da Lagoa - lugares sem estrada ou luz - são tidos como os menos habitáveis (5).

Se antigamente "tudo era o mesmo lugar", hoje a reorganização social do espaço opera para enfatizar a dicotomia centro/bairros no interior da LAGOA. O centro (Freguesia) já tem a configuração espacial de um pequena cidade, com ruas traçadas geometricamente, e alguns dos atrativos da "Cidade" sendo para lá que se dirigem os nativos interessados em deixar os lugares "atrasados".

Além dessas migrações internas à LAGOA existia e existe um outro tipo de migração, para o além-LAGOA, exclusivamente masculina e centrada na construção de um patrimônio familiar. São as migrações de temporada para voltadas para a pesca.



Do alto do morro da Freguesia da Lapa
vista do mar-de-dentro. Em cima na foto,
vista do mar-de-fora



O Mar-de-Fora: as migrações de temporada

No lado de "fora" do anel de montanhas que delimita a LAGOA, existiam e existem em territórios para onde a vida social e econômica dos nativos se estende. O mar-de-fora é o primeiro e o mais próximo deles.

O "mar" da Barra, o "mar" da Joaquina e o "mar" do Campeche são os que mais frequentemente aparecem no discurso dos informantes e são com esses mares que eles efetivamente estabelecem relações vistas como cotidianas (6). Mas existem outros dois "mares", geograficamente longínquos, porém constantemente evocados: o mar de Rio Grande e o de Santos, territórios estranhos, que foram conhecidos e dominados apenas por alguns homens. Uma delicada rede de significados envolve a percepção desses portos distantes e o espaço marítimo como um todo.

* * *

Nem o mar nem a Lagoa são superfícies uniformes aos olhos dos nativos. Existem círculos dentro de círculos delimitando regiões diversas, identificáveis através de múltiplos signos: a cor d'água indica a profundidade e também a ausência ou presença de cardumes; as ondas do mar

são índices de rasura, etc. Signos que servem como limites naturais de diferentes espaços.

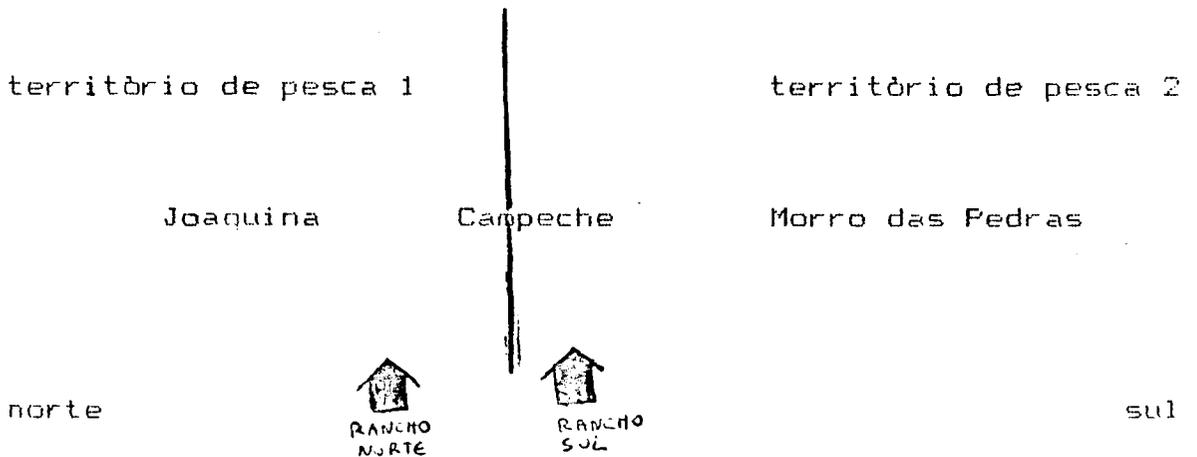
Todos os pescadores sabem decifrar estes signos, mas há entre eles alguns que são especialistas na leitura do mar e, durante as temporadas de abundância da pesca, são destacados para cumprirem a tarefa de vigias. De pontos altos, ao longo da praia, eles se postam desde as primeiras horas da manhã até o anoitecer, com o olhar fixo no mar em busca das manchas escuras que denunciam os cardumes. Cada um deles toma conta de um pedaço da praia; deste modo, linhas imaginárias são traçadas para diferenciar uma porção de praia da outra, separando o território de um vigia do território do outro. E assim cada pedaço de praia ganha o seu nome próprio.

Além disso, os nativos costumam dividir o mar e a Lagoa em duas regiões: a primeira, de águas mais profundas, é denominada "de fora"; a segunda, de águas rasas, é chamada de "praia", no caso do mar, e de "praia" ou "baixio", no caso de Lagoa.

Dependendo da época do ano e da safra de peixes, a pesca predomina em uma ou outra das regiões. No inverno, quando as águas de "fora" da Lagoa são mais quentes, costuma-se pescar ali, no verão, pesca-se na "praia". As tainhas são apanhadas na "praia", outros peixes "lá fora". A pesca em baleeiras (pesca artesanal) é feita de preferência na "praia", ou seja, nas águas rasas, enquanto que a pesca nas águas profundas, "lá fora", é feita em grandes

embarcações, nas quais se diz que os homens estão "embarcados".

O mar é dividido em territórios pelas "pareias" - grupo formado por um patrão e vários pescadores. Cada "pareia" tem o seu território próprio no qual é proibida a presença de outras "pareias". Um exemplo: no mar do Campeche existem duas "pareias", instaladas em dois "ranchos" (casa de barcos) vizinhos um do outro. Por um acordo de fato, ainda que não de direito, uma linha imaginária divide o mar em dois territórios: o primeiro inicia em frente ao rancho do norte e se estende para o norte até o final da praia da Joaquina; o segundo inicia em frente ao rancho situado mais ao sul e continua em direção ao sul até o final da praia no Morro das Pedras. Temos assim:



Uma "pareia" só pode iniciar a perseguição de um cardume em seu próprio território. Mas é livre para penetrar

em território alheio se já estiver perseguindo o peixe. Estas noções são amplamente conhecidas, conforme se percebe nesse trecho de entrevista:

- Parece que pescaram mil tainhas na Joaquina (conto para D. Elias, rendeira de 50 anos).
- Quando? (Ela me pergunta, interessada).
- Há dois dias, os pescadores vieram do Campeche perseguindo o cardume até a Joaquina.
- Ah, mas era rede do Campeche. Era do Campeche. (Ela me corrige).

De fato, não se pode dizer que foram pescadas mil tainhas na Joaquina só porque foi na praia da Joaquina que elas foram recolhidas. O que determina o lugar da pescaria é o local onde se inicia a perseguição ao cardume e não o lugar onde ele é capturado.

A abundância de peixe é o elemento chave da delimitação dos diferentes "mares". O "mar" de Rio Grande, ao sul, e o "mar" de Santos, ao norte, são tidos como "mares" bons:

"nunca vi praia tão miserável que nem esta. O mar de Rio Grande... eh, haja tarrafa pra tirar tanto peixe!", Valdir, 40 anos, morador de Santos nascido em Rio Vermelho.

O Mítico Mar de Rio Grande:

O mar torna vizinho o que é estranho, transformando em algo próximo lugares que estão infinitamente mais longe do que terras vizinhas. O mar cria atalhos unindo pontos ao longo da costa.

Santos e Rio Grande, por exemplo, são percebidos como portos vizinhos embora a centenas de quilômetros. Eles sugavam os homens mais fortes e mais ambiciosos, que por meses, e as vezes anos, trabalhavam nas "pareias" destes dois portos, na tentativa de acumular um patrimônio para a família. No interior da família, a espera e a contínua repetição dos nomes destas cidades acabaram tornando-os mais familiares do que, quem sabe, Blumenau, Joinville ou Lages.

"Na minha época, não tinha quem não tivesse ido para Rio Grande", pai do Dico, 61 anos.

Os dois portos são lembranças constantes, ocupando um lugar destacado na memória coletiva da Ilha. Os homens, quando se reúnem e falam no passado lembram a estadia em Rio Grande, como se ela fosse a grande aventura coletiva.

Os que se propunham a pescar em Rio Grande eram contratados pelos donos das "pareias" de lá aqui mesmo na Ilha e transportados para lá.

"Eles já iam empregados daqui. Tinha gente daqui que tinha pareia, que tinha rede lá. Pegavam os camaradas e levavam. Ficavam dois, três meses, depois vinham, nas pescarias de camarão e de tainha." D. Elias, 50 anos.

A viagem de Florianópolis a Rio Grande é narrada em detalhes mínimos. Como pude observar em diversas entrevistas e especialmente na conversa entre-ouvida na biblioteca da UFSC, na qual três funcionários -ex-pescadores- narravam, para a faxineira atenta e espantada, os tempos em Rio Grande.

Até por volta de 1940, o meio de transporte usado eram vapores - o "Eta", o vapor alemão e o da companhia brasileira Loyd. Depois, os donos de "pareias" passaram a alugar caminhões, e os pescadores eram transportados nas carrocerias destes caminhões, numa viagem que durava dois ou três dias. Seguia-se pela estrada de terra (atual BR-101) até a altura de Torres, município do RS, quando então o caminhão passava a usar a faixa de areia na praia como caminho, até São José do Norte, município que fica em frente ao porto de Rio Grande, na margem do lado norte do rio.

Em São José do Norte ou em Rio Grande, eram instalados em barracões. "Tinha perto de trinta "pareias" em Rio Grande e cada uma tinha o seu barracão", Marinho, 65, morador do Rio Vermelho. Passavam a viver neste espaço comum, dormindo em tarimbas e comendo o que um dos pescadores destacados para ser o cozinheiro fazia.

Nestas estadias nos barracões, que duravam vários meses, toda a rotina a que estavam habituados era alterada.

"A gente deixava a rede, canoa, tudo dentro do caminhão pra sair a uma hora da madrugada de novo pra praia. E vinha a noite. Quando a gente chegava da praia, cansado, pra deitar, parecia que tava deitando numa pedra de gelo:

a roupa ensalitrada e com catinga do mar. Passava sô uma água no rosto, no pé e mais nada. Tinha nego que dormia com aquela própria roupa. As camas eram umas tarimbas, assim, nè, pregadas na parede. Eram dois camaradas, um embaixo, outro em cima. O chão do barracão era areia pura."

A divisão de trabalho entre homens e mulheres deixava de vigorar, já que não existiam mulheres nas redondezas, e os arremedos desenvolvidos para substituir esta divisão de tarefas não conseguia atingir os seus objetivos. Resultado: são inúmeras as histórias de crises estomacais coletivas provocadas por desastres culinários, resfriados e pneumonias. As roupas ficavam até seis meses sem serem lavadas. Sô mandavam lavar uma "muda" de roupa para usar quando ia à cidade "namorar".

Os homens procuravam resistir o máximo de tempo possível em Rio Grande para obterem um dinheiro que pudesse ser aplicado na volta. "Quem conseguiu algum dinheiro foi pescando em Rio Grande e Santos", conta seu Marcos, 70 anos, pescador aposentado da Lagoa.

A renda era imprevista pois dependia da quantidade de peixes obtidos e o sistema em vigor em cada "pareia", que variava, dada a concorrência entre as "pareias" e a oferta de mão de obra. Algumas pagavam mais que outras, não sendo raro os pescadores trocarem de "pareia" na chegada em Rio Grande.

Um outro fator de imprevisibilidade do total de dinheiro conseguido era o sistema de dívidas instituído pelos donos das "pareias". Os pescadores deveriam pagar pelo

aluguel do barracão e pela alimentação fornecida, de modo que havia uma dívida a unir os donos das "pareias" e os pescadores. Como é normal nestes casos, os pescadores lidam com números com dificuldades o que permitia a sua manipulação pelo dono da "pareia".

As mulheres que ficavam na LAGOA, recebiam notícias através de cartas e dinheiro, trazidos esporadicamente por outro pescador que voltava de lá ou pelo correio. Elas mantinham a rotina de trabalho normal na roça e em casa. Os que tinham alguma posse tratavam de deixar uma vaca para a mulher de modo que ela pudesse contar com algum dinheiro regularmente obtido através da venda do leite e, em caso de um imprevisto, com uma soma maior pela venda da vaca.

Para os que ficavam na LAGOA, Santos e Rio Grande adquiriam contornos mais definidos com a volta sazonal dos pescadores. Junto com a imagem da cidade de onde vinham (imagens ligadas ao porto, ao cais, e à rua principal do centro), eles traziam presentes: quadros de santos, bibelôs, objetos onde se inscrevia a nostalgia do lugar deixado. E simbolizavam, de algum modo, os mares distantes, os mundos desconhecidos, os universos exóticos nos quais os homens se infiltravam e, com a sua presença lá, tornavam familiares.

Hoje ainda existem alguns pescadores da LAGOA nas "pareias" de Rio Grande.

"A pareia deles é diferente, agora é só um barco, negócio de 40, 50 toneladas. E vão pescar na divisa com o Uruguai e a Argentina. O galpão deles agora é uma casa."

Alguns desses conquistadores deixam de viajar quando se casam e julgam já ter obtido o suficiente para garantir uma vida um pouco melhor, sem a necessidade dos sacrifícios impostos pela vida no além. Sem as ambições das grandes redes, passam a buscar o peixe do dia a dia e trabalham em terra nos dias em que o tempo não é bom - um trabalho sempre visto como menor.

No entanto, há os que casam por lá e passam a morar em Santos, trabalhando nos restaurantes, ou pescando em Rio Grande. E há os que trazem a mulher conquistada nestes lugares para morar aqui. Por isso, não é raro encontrar mulheres paulistas e gaúchas na LAGOA.

A Praia:

A praia é um termo usado tanto para a parte rasa do mar, quanto para a areia próxima ao "mar-de-fora" ou as margens do "mar-de-dentro".

Antigamente, a praia era o lugar de espera do peixe e de trânsito entre uma localidade e outra. Como local de lazer ela apenas existia para as pessoas de fora.

Foi com estranheza que os nativos receberam o hábito de se tomar sol na praia e brincar na água, introduzido na LAGOA na década de 50, como fica bem

evidenciado no relato de seu José, 50 anos, morador do Canto da Lagoa.

"Quando eu me criei aqui não se falava em praia. Praia não existia. Quer dizer, existia praia mas para nós era praia para pescar, não para tomar banho. A primeira família que veio morar aqui, passando a ponte, eram os Arianos. Se passava ali para ir lá pro Retiro. As mulheres não passavam ali sozinhas, com medo desta família, porque diziam que eles atacavam a gente. Quer dizer, eles é que andavam tomando banho. Eles eram do centro de Florianópolis. Pra mulher passar só com três, quatro pessoas".

Tomar banho na praia passa a ser um traço diacrítico de identidade entre os nativos e o "pessoal-de-fora". E o fato de usar a praia para tomar banho de sol e de mar continua sendo até hoje um dos hábitos que mais fortemente distinguem aos olhos dos nativos mais velhos, os novos habitantes do lugar deles próprios. "É tudo de gente da praia", me diz Reginaldo Vieira, um garoto de 11 anos, apontando para um grupo de casas situadas à margem do canal da Barra que ele nos ajudou a atravessar, manobrando um pequeno barco de fibra de vidro com o auxílio de uma vara de bambu. "Gente de praia", "veranistas", ou seja, eles. Ou quase.

A praia hoje vão legitimamente os rapazes que adotam o surf (sob a influência dos surfistas que chegam de fora) e as mulheres jovens casadas quando acompanhadas dos seus maridos. Para as mulheres solteiras, o espaço da praia só aos poucos vai sendo visto como legítimo. As que vão à praia, o fazem contra a vontade dos pais e, embora usem

traje de banho, são facilmente distinguíveis das mulheres não nativas da mesma idade, pela maquiagem em excesso, pelos gestos, pela fala. A ida à praia no verão liga-se muitas vezes ao mito da conquista de um casamento com um argentino, um desejo compartilhado por muitas delas.

As mulheres nativas das gerações mais velhas somente vão à praia para assistir a chegada de um barco ou para olhar de longe o pessoal de fora, sempre acompanhadas pelos filhos. Jamais vestem maiô e sim shorts e camiseta da hering.

* * *

Se o "mar-de-fora" e a pesca, ofereciam e continua a oferecer um bom motivo para os homens jovens se aventurarem na conquista de outros espaços, a religião parece propiciar o mesmo para as famílias como um todo.

Rumo a outro Além: as Peregrinações Religiosas

Do mesmo modo que Santos e Rio Grande são lugares familiares à geração mais velha, Aparecida do Norte (SP), Iguape (SP) e São Leopoldo (RS) começam a sé-lo para as

gerações mais novas, consequência das peregrinações religiosas aos santuários desses lugares (7).

Não há casa de nativo na LAGOA que não possua uma imagem de Nossa Senhora de Iguape ou de Nossa Senhora Aparecida. Os posters e as estatuetas dessas santas enfeitam todas as salas das gerações intermediárias e mais novas e estão também nas salas das gerações mais antigas, trazidos pelos filhos dos nativos mais velhos.

A popularidade de Nossa Senhora Aparecida não chegou a me causar estranheza. Afinal, é a "padroeira do Brasil" e o seu santuário é um dos pontos mais importantes de peregrinação nacional. Mas por que Nossa Senhora de Iguape?, me perguntava. O seu santuário, como fiquei logo sabendo, situa-se no litoral de São Paulo, no meio do caminho entre Florianópolis e Aparecida do Norte, sendo o ponto de pernoite das excursões.

Essas imagens, mais do que a religiosidade, atestam a conquista de um espaço desconhecido. São emblemas de um turismo recente, que ainda não tem duas décadas. Agregados a excursões programadas por grupos religiosos, os casais das geração intermediária e da geração nova se deslocam para festas nestas cidades. Os casais mais jovens chegam a levar crianças nessas excursões, antecipando o seu ingresso nos espaços para-além da Lagoa.

O lúdico, hoje como ontem, continuam a se confundir com a religião no modo como são experienciados pelos nativos. E na maior parte das vezes, continua a ser

necessário um motivo justo para que o lúdico se realize. A religião oferece este motivo (8).

Algumas das famílias que realizaram a viagem à Aparecida não eram especialmente religiosas e nem sequer compareciam às missas todo o domingo como fazem cerca de um quarto dos moradores do Canto. Porque uma viagem religiosa? Ao que tudo indica, os nativos necessitam de um aparato - a excursão - que lhes garanta o ingresso no mundo desconhecido de forma segura. Para haver uma excursão é necessário uma infra-estrutura organizacional prévia, como a que oferecem os grupos de leigos que se reúnem em torno das paróquias (9) ou os grupos reunidos em torno dos times de futebol de várzea, também promotores de viagens no Canto, embora de curta-distância, de participação predominantemente masculina e que conseqüentemente não desperta o mesmo entusiasmo.

Ou seja, a peregrinação religiosa é usada como uma forma de estender as fronteiras do espaço conhecido de modo "seguro". Como uma forma "segura" de se fazer turismo, de se conhecer outras cidades e penetrar em ambientes mais "modernos" - o hotel com escada, os restaurantes, as lojas, elementos que são recorrentes nos seus depoimentos. Curiosamente, o ingresso no mundo mais moderno é propiciado por uma instituição tradicional: a Igreja católica.

Não que a ligação com Deus esteja de todo ausente dessas peregrinações. Como fica claro nos relatos, alguns dos peregrinos se mobilizam até lá para sacrifícios e oferendas de fé: se dispõem a caminhar a pé até uma gruta em

Iguape e logo na chegada à Aparecida do Norte trataram de ir até a Igreja. Mas esta não é a motivação principal da maioria dos nativos da LAGOA que se engajam nas peregrinações.

Tão importante quanto a viagem são os preparativos e o regresso. Pois não se trata apenas de penetrar um espaço, mas de ser penetrado por ele, de trazê-lo consigo no regresso. Daí a importância da aquisição das imagens e dos presentes na volta. Os vizinhos participam da viagem indiretamente, dando palpites sobre o clima de São Paulo e, os que já foram, passando informações. Na volta, as experiências são confrontadas.

Uma vez <iniciados> no turismo, os nativos das gerações mais jovens podem fazer pequenas viagens de modo autônomo. Foi o que aconteceu com Neide, 24 anos, e com o Silvio, 26 anos, seu marido, que, algumas semanas depois da viagem à Aparecida do Norte criaram coragem para um passeio de carro até Aguas Mornas (40 quilômetros de Florianópolis) e, mais tarde, até Joinville.

A visita a lugares fora da Ilha, portanto, já não é tão rara. As peregrinações religiosas, e não mais o trabalho, se constituem nas razões mais fortes para o alargamento das fronteiras do espaço conhecido. O além, que pode se chamar Santos, Rio Grande, Nossa Senhora Aparecida, etc, e recoberto por mistério e admiração. Dizer que um filho seu já esteve lá (seu Marcos, 70 anos, pescador

aposentado da Lagoa) é increvê-lo imediatamente no rol dos conquistadores.

Ao contrário do que costumava acontecer entre grupos camponeses, cuja percepção do espaço é muito restrita (QUEIROZ, 1968), os moradores da LAGOA tem certa familiaridade com cidades longínquas, em função da convivência com os turistas do verão e com o "pessoal-de-fora".

Mas, por mais que as fronteiras do espaço conhecido tenham sido estendidas, os limites continuam existindo e o conhecimento sobre as terras do <além> ainda é restrito. Estrangeiro ainda é sinônimo de "argentino", como pude observar quando das visitas de amigos de outras nacionalidades a minha casa.

- Carme, de manhã teve um moço te buscando, me avisa uma vizinha.
- A senhora sabe quem era, D. Nelinha?, pergunto.
- Não sei, acho que é argentino. Falava uma língua enrolada...

Resumindo, para se transitar pelos territórios do além é preciso mais do que o simples <desejo> (uma categoria aliás que só ganha significação no mundo moderno, onde predomina uma ideologia <individualista>, jamais no mundo tradicional, <holístico> DUMONT (1985) é preciso um motivo justo.

Antigamente, as missas e as novenas, os bailes e as festas dos santos propiciavam este motivo para as mulheres deixarem o espaço legítimo do doméstico pelo da

Freguesia e o de outros bairros. Já pare irem à "Cidade", os motivos eram as compras de tecido - única aquisição a qual os homens não eram considerados aptos a substituí-las. E da "Cidade" as mulheres não passavam. Os homens iam além. Foi através deles que Rio Grande e Santos, duas cidades longínquas, se tornaram mais familiares do que alguns lugarejos da própria Ilha. E, no interior da LAGOA e nos bairros circunvizinhos, o seu trânsito era livre, ou melhor, cerceado apenas por horários e tarefas a serem cumpridas mas não por impecilhos de ordem moral.

Hoje, os homens e as mulheres se engajam mais igualitariamente nessa conquista. Na "Cidade", as mulheres até levam vantagem: são mais facilmente aproveitadas pelo mercado de trabalho - como balconistas, empregadas domésticas - do que os homens.

A FÊ VIAJA EM BOAS

MÃOS.

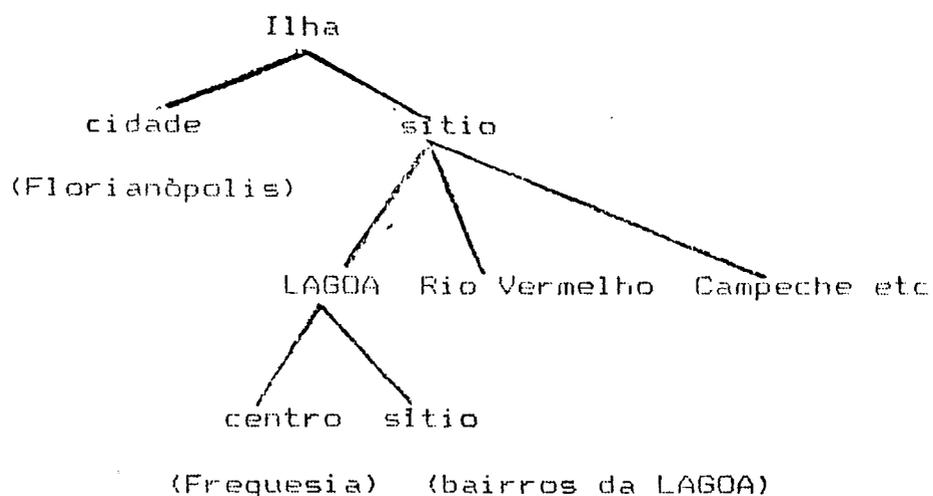
São Cristóvão Lava
Voz A Aparecida
Do Norte
Com Tranquilidade,
Conforto
E Segurança



"Sítio" x "Cidade": o Status Social do Espaço

A ambiguidade, que foi vista, das zonas de fronteira da LAGOA não se estende à "Cidade". Em relação a Florianópolis os nativos operam uma nitida separação: a LAGOA e alguns dos bairros que a circundam eram chamados, pela geração mais velha de "sítios" e se contrapunham à cidade.

Na verdade, a noção de "sítio" opera em dois níveis. Num primeiro nível, os nativos opõem "sítio" à "Cidade" como o rústico se opõem ao moderno, a produção ao consumo, os pobres aos ricos, como o "centro da cidade" a periferia de Florianópolis ("Se não fosse o sítio, não se comia na cidade"). Em um segundo nível o "sítio" se opõem ao "centro" como os bairros da LAGOA à Freguesia, os lugares "sem recursos" aos de "mais recursos". Graficamente, esta idéia pode ser representada assim:



"Sou gente do sitio". Ser "gente do sitio" era e é muitas vezes um adjetivo que desqualifica o portador. Pelo menos é assim que ele é sentido pelos nativos que não gostam de serem chamados desta forma pela gente da cidade. Deixo que D. Loquinha, 77 anos, moradora da Costa da Lagoa relate:

"Quando eu estava para ganhar um dos filhos, a vó (ela mesma) começou a se tratar no departamento (hospital?), quer dizer, um cuidava de mim e outro dava injeção. Ai um dia um outro (médico) chegou pra ele (seu médico) e disse: 'Fulana de tal morreu, é uma amarela do sitio'. Eu também era do sitio. Ai que tocou na minha ferida."

Evidentemente, como em toda classificação, há uma hierarquia expressa na relação sitio x cidade. Ser chamado por alguém da cidade de "amarela do sitio" é uma ofensa que dói, que "toca na ferida". A distinção, bem como a hierarquia nela contida, é assumida pelos nativos, como pode-se observar em um outro momento da conversa com D. Loquinha quando ela voltou a mencionar a oposição sitio x

cidade, dessa vez ela mesma valorizando positivamente a cidade: "eu tive um tutor", disse, explicando sua situação depois da morte do pai: "Não foi escrivão de sítio, foi escrivão da cidade".

Antigamente, era nos "sítios" que se concentrava a vida econômica da LAGOA.

"O "sítio" deu tudo para a freguesia. A Lagoa era só a Igreja, as casas no morro da Igreja e a rua do (atual) grupo escolar. Do "sítio" é que vinha o leite, a farinha, o peixe, hoje não. Ninguém mais compra, só querem saber de comprar na cidade".

D. Loquinha, 77 anos.

A perda da importância do sítio pode ser verificada também pela reversão, nos últimos anos, da tendência estatística de concentração populacional maior do que na Freguesia. Hoje, segundo dados recolhidos pela SUCAM, existem 2.287 casas no centro (Lagoa), um número muito próximo ao da soma total dos outros bairros da Lagoa que é de 3.868 casas (10).

Por ter uma população bem maior do que a de sítio e ser o lugar preferido pelo "pessoal de fora" para as suas residências, a Freguesia é hoje visto como uma cidade em miniatura. Lá estão as casas modernas do "pessoal-de-fora", seus carros do ano, o asfalto, os ônibus lotados de turistas paulistas e argentinos. Lá há "movimento" e "recursos". É lá que vão morar os nativos "ricos" que, como o prefeito da cidade, conseguem sobrepor-se às restrições impostas pela

economia de subsistência e transitam para uma outra posição social; ou mesmo os que trabalham como assalariados mas desejam ficar mais perto do "movimento".

Morar no "centro" é abandonar a agricultura e a pesca pelo emprego assalariado, ou o pequeno comércio (de peixe, renda, venda, etc). O centro é lugar de emprego. Enquanto nas vendas e nos pequenos restaurantes do Canto, do Porto, da Costa, etc trabalham somente os integrantes da família do proprietário - o que não é considerado trabalho e sim "ajuda" -, os nativos conseguem emprego nos grandes restaurantes, no posto de gasolina e nas lojas do centro que pertencem a nativos "ricos" e ao "pessoal-de-fora". E para o centro que se dirigem os jovens na esperança de de ter um pouco de "luxo" ("A terra dá o sustento, mas não dá o luxo", me explicou Ernesto, 32 anos, morador da Costa).

O centro (Freguesia) é também o lugar da concentração das forças lúdicas, dos encontros eróticos. É o lugar dos bailes de sábado à noite: antigamente realizados em casas residenciais ("Chamava-se um violeiro e se tinha um baile"), hoje no SAL (Sociedades Amigos da Lagoa), onde se dança tanto "discoteque" como "vanerões". Como as discoteques - pouca luz, música eletrônica do rock às românticas da MPB - são bem mais frequentes do que os vanerões - música ao vivo, temáticas sertanejas - são principalmente os jovens que estão no centro nas noites de sábado, tomando completamente a calçada em frente ao clube e

aglomerando-se também na rua. E ali que eles se concentram para desfilarem suas roupas de cores gritantes e estilo surfista, expor suas motos, as minissaias e a maquiagem. E ali o lugar do início dos namoros (11).

Se por tudo isso, a noção de Freguesia enquanto "centro" lúdico não se modificou muito com o passar do tempo, o mesmo não acontece com a "Cidade". Ela é vista como tendo se aproximado.

Antigamente, a "Cidade", como os nativos preferem chamar a parte mais populosa e comercialmente importante de Florianópolis, era um lugar muito pouco acessível e visitado em raras ocasiões pelo "pessoal do sítio". Distante até 20 quilômetros de algumas regiões da LAGOA, a "Cidade" não era a ela ligada por ônibus ou qualquer outro meio de transporte coletivo. Os moradores atravessavam o morro do Itacorubi a pé por um dos dois caminhos antigos: o caminho do Canto da Lagoa que liga o Canto ao Córrego Grande, mantido até hoje como trilha em meio ao mato e ainda usado por alguns; o caminho da Lagoa, que atravessava o morro do doutor Vigário e que hoje transformou-se em estrada asfaltada de duas pistas que comporta um intenso tráfego de veículos. Além destes dois caminhos, havia uma outra ligação através do Rio Tavares, usada principalmente pelos moradores do Retiro, Barra, Fortaleza que desejavam ir a "Cidade" de cavalo ou carroça, evitando assim a travessia do morro. A ida à "Cidade" era tida como uma aventura, especialmente

para os moradores dos recantos mais longínquos da LAGOA, como os da Costa, os da Barra ou os do Retiro. Até por volta de 1975, era preciso acordar no meio da noite e caminhar até o Córrego Grande, ou Itacorubi, dependendo do caminho escolhido, onde era possível se tomar o ônibus até a "Cidade". Como só havia um horário de ônibus pela manhã e outro a noite, a ida ao centro da cidade tomava o dia todo de quem se aventurava na empreitada.

Por ser um lugar de árduo acesso e onde estava presente o risco, eram geralmente os homens que iam a cidade para comprar ou vender. As mulheres, no entanto, também acontecia de irem à cidade, embora com uma frequência ainda menor. Em uma das entrevistas no engenho do Rio Vermelho, Dona Zulmira, 70 anos, lembrou-se de ter ido duas vezes à cidade na sua mocidade, em expedições grupais com irmãs, primas, tias ou mãe, para comprar tecidos para as roupas que eram confeccionadas em casa.

Para compensar a dificuldade de acesso, havia uma maior autonomia dos moradores do sítio em relação à "Cidade". Como eram economicamente quase auto-suficientes, buscavam lá só o "luxo" que as vendas do sítio não ofereciam: os panos bonitos, as botas de couro, etc, abastecendo-se do resto através de sua própria produção ou de trocas realizadas no próprio sítio. O "escambo" (isto é, troca de mercadoria por mercadoria sem a mediação de um

equivalente universal) era comum, tanto no sítio quanto no mercado da "Cidade".

A cidade era e é vista como o lugar do comércio. As mulheres buscavam lá o "bonito", o "diferente", o novo sob a forma de mercadorias compradas nas lojas. Os homens, compravam os suprimentos de comida que completavam o que a terra lhes supria e encontravam lá um mercado para o seu excedente.

O "pessoal do sítio" tinha certa autonomia na relação com o sagrado, realizando suas festas religiosas e novenas sob o comando dos puxadores de reza. E tinha autonomia também em relação à escolarização (que muito raramente ultrapassava o primeiro grau sendo atendida por professores que residiam na LAGOA embora provenientes de outros lugares. Quanto aos serviços médicos, que hoje são uma das principais razões do deslocamento dos "nativos" à "Cidade", antigamente eram prestados por "benzedadeiras"(12). É importante observar que esta autonomia do "sítio" em relação à cidade tinha sua contrapartida na relativa autonomia da Ilha em relação ao resto do país: até o asfaltamento da BR 101, em 1970, eram extremamente precárias as ligações com o sul e o norte do Brasil, sendo que Florianópolis era praticamente abastecida pelo que se produzia na Ilha.

Na geração intermediária, conforme pude observar nas entrevistas, a cidade já começa a representar também

acesso a bens duráveis - móveis, eletrodomésticos, etc. - e a outros serviços, especialmente o atendimento médico e dentário. As benzedeadas perdem o seu monopólio passando a concentrar-se em alguns campos de cura. Esta troca da LAGOA pela cidade é realizada muitas vezes com sacrifício, dada a distância entre a "Cidade" e o "sítio". Veja-se o depoimento de D. Cidulina, 50 anos, moradora do Porto da Lagoa, mãe de dois filhos nascidos em casa com a ajuda de uma benzedeadora e de outros três, nascidos no hospital da Trindade:

"Quando nasceu a Maria (primeiro filho a nascer no hospital) não tinha estrada, nem ônibus, nem nada. No dia em que eu achei que tava na hora, agarrei e fui à pé. Subi o morro todinho, com aquele barrigão. Cheguei lá já era de tardinha, os médicos examinaram e disseram pra eu voltar (para casa) que ainda não tava na hora. Eu me vim. Quando cheguei em casa já era noite fechada. As pernas tavam que era um enchume só, assim ô. Foi só toma uma água e pegar o caminho de volta (para o hospital) porque começaram as dores. Cheguei lá e tive ela, na horinha."

Em 1950 foi feita a primeira grande aproximação entre a cidade e a Lagoa. Andrino, atualmente dono de um dos mais movimentados restaurantes da Lagoa e pai do atual prefeito (que alias é conhecido como Andrino em todo o Estado de Santa Catarina exceto na LAGOA, lugar em que nasceu e vive até hoje, onde ele é simplesmente o Edson), comprou uma camionete junto com os seus irmãos Damião e

Dalmir, e melhorou o serviço de transporte de passageiros da Freguesia para a cidade, que antes já realizava com carroças. O novo serviço permitia que os moradores da LAGOA poupassem quilômetros de caminhada e diminuíssem em várias horas o tempo gasto para irem ao centro. Agora, era suficiente chegar à "Freguesia", de onde a camionete partia rumo à "Cidade" três vezes ao dia (13). Os ônibus são implantados mais tarde, 1967 na Freguesia e 1972 no Canto, facilitando o acesso à "Cidade".

A "Cidade" continua sendo o lugar de acesso a recursos não disponíveis no bairro ou melhores e mais baratos do que os disponíveis. Busca-se lá tanto uma peça para a bicicleta quanto o milho para as galinhas, o remédio para o gado e o arame para a cerca. Além do pagamento dos impostos, a feira semanal as contas de luz e a aposentadoria são outros motivos para se ir ao centro (14). A cidade é lugar, portanto, de consumo. E é o homem, principalmente entre as gerações mais velhas, que realiza as compras lá, já que a cidade, muito mais do que a estrada, a vizinhança e a Freguesia, é um lugar público. Por isto, é comum encontrar nos ônibus homens - geralmente os aposentados - voltando da feira ou das compras nos armazéns. O contato das mulheres com a cidade é mais raro e tem na ida ao médico a sua maior razão. Alibi perfeito, ninguém pode ir ao médico por outra pessoa. Embora exista um posto de saúde no Canto da Lagoa, outro na Lagoa e outro na Barra, as

mulheres preferem se deslocar até a cidade. Algumas, proibidas de visitarem amigos ou parentes, virtualmente prisioneiras em casa por causa dos ciúmes (15) e possessividade, encontram nas consultas médicas uma estratégia para fugir à vigilância dos maridos. E a única justificativa legítima para irem até o centro da cidade e com isto reestabelecerem também toda sorte de contatos no espaço comunitário do ônibus. Se não são elas as doentes, podem ser os filhos.

A "Cidade" se vai sempre de ônibus, jamais de automóvel. Uma das minhas tarefas na comunidade era transportar vizinhos com problemas de saúde: D. Margarida, para ter um filho; D. Joana, para consultas de rotina, em duas oportunidades; Dilmo acidentado de moto e a filha de D. Nelinha. Como pelo menos dois destes doentes tinham parentes que possuíam automóveis, a princípio estranhei as solicitações mas fui esclarecida: à "Cidade" não se vai de carro porque, como me foi explicado, não é suficiente se ter carro e se possuir carteira de motorista. E preciso também "conhecer as estradas (ruas) da cidade".

A cidade é o lugar também de algumas experiências dramáticas relacionadas com burocracia: longas esperas em filas, idas e vindas para se obter um papel para a aposentadoria, etc. Boa parte das entrevistas dos mais velhos constituiu-se em narrativas minuciosas das idas e

vindas de uma repartição pública à outra para a obtenção de algum benefício.

Hoje, a cidade é principalmente um lugar de emprego. "Conseguir um trabalho" significa, na semântica peculiar dos nativos, obter um emprego com salário fixo, geralmente de funcionário público de uma categoria mais baixa, vigia, zelador, etc. Para as mulheres, os empregos disponíveis são os de empregada doméstica ou como balconistas em lojas. O ingresso no mercado de trabalho é uma ruptura maior com o espaço da LAGOA: há uma troca de moradia porque acabam residindo no próprio emprego e retornando à casa dos pais somente nos fins de semana.

Outra porta para a cidade, além do emprego, é a escola noturna. Como a LAGOA não possui nenhuma instituição escolar de segundo grau, os filhos de nativos que desejam continuar os estudos precisam se deslocar até as escolas da cidade, o que é feito geralmente em cursos noturnos. A matrícula ou não numa escola de segundo grau é sempre momento de indecisão, não sendo claro o projeto familiar neste sentido. Balança entre a possibilidade de conseguir dinheiro imediatamente nos trabalhos disponíveis na Lagoa (pedreiro, garçom, caseiro, fabricante de pranchas de surf, frentista de posto de gasolina etc.) ou continuar os estudos. A opção pelo curso noturno antes de resolver, mantém a ambiguidade do projeto.

A "Cidade", além disso, é a última etapa na trajetória de migração dos nativos. Por isto, os moradores da LAGOA tem parentes residindo, senão na cidade, um pouco além, no Estreito ou em São José, bairros do continente.

Ligação com a cidade: o ônibus

A experiência social do ônibus cristaliza as novas relações trazidas pela aproximação da Cidade. Ela não significa o fim da sociabilidade local mas sua re-organização com o surgimento de um novo espaço comunitário: o interior dos ônibus.

(transcrito do caderno de anotações:

Quinta-feira, 18 horas. O terminal urbano de ônibus de Florianópolis, localizado no centro de cidade, está repleto; pessoas se aglomeram na estreita calçada sob as marquises, enquanto ônibus lotados partem em direção a todos os bairros. Também os moradores do Canto e do Porto da Lagoa começam a embarcar nos carros que partem exatamente no horário previsto. São homens que voltam do trabalho, mulheres que voltam do médico ou das compras e muitos jovens retornando da escola secundária - estes costumam ficar mais atrás no interior do ônibus.

Os passageiros entram rindo, falando alto, procurando com os olhos alguém para conversar. São recebidos com bom-humor os entre-choques de corpos e sacolas repletas de legumes e verduras comprados no "sacolão". O ônibus se enche rapidamente.

O barulho é intenso, principalmente atrás entre os jovens. O rádio do ônibus toca uma música e alguns acompanham cantando em voz alta: "Ma, ma, ma, Maria, ma, ma, ma, Maria, ma, ma, ma". Quem está sentado ajuda os que estão em pé, carregando suas pastas escolares e pacotes. O cobrador se esgueira com dificuldade entre os corpos, recebendo um dinheiro no mais das vezes trocado. Converso com dois vizinhos, o seu Ildo, que mora num terreno contíguo ao nosso, e o seu Juvenal, guarda diurno de um banco e nosso fornecedor de leite. Algumas pessoas em volta nos observam.

Na primeira metade da viagem o ônibus prossegue rápido, com pouquíssimas paradas. E só quando alcança a estrada do Rio Tavares que ele começa a sua sucessão de paradas. O motorista, que também é morador do Canto, para sem que ninguém toque a campainha: ele sabe de memória onde cada um vai descer, e concede parar fora do ponto, quando recebe um pedido de alguém sobrecarregado de compras. Em cada parada, acenos e "tchau" para quem desce.

As conversas têm um ritmo e uma entonação peculiar. É quase um dialeto que se fala ali, um sotaque catarinense que faz lembrar o português de Portugal (ou será de Açores?). É preciso concentrar-se para se entender o que é dito. As expressões "eh" e "sim" iniciam invariavelmente as frases, finalizadas com "não tem?" no seu final e um vocabulário pouco comum em outras regiões. De um banco, ouço a insólita narração na qual se conta que a "bucica" (isto é, a cachorra) deu o "sinal" (latiu) quando o "fuqui" (fusca) "fonfonou" (buzinou) para pedir emprestado o "socorro" (macaco) que o "mandrião" (preguiçoso) tinha esquecido com a "raça" (gente) do Rio Tavares. De outro banco, chegam palavras que parecem vindas de um livro antigo, palavras que caíram em desuso na fala cotidiana: "tança", "tolo", "aguaceiro" "derradeiro". Todos falam; a comunicação é intensa.)

As melhorias no transporte com a instalação de serviços de coletivos não ajudaram a encurtar as distâncias. Os ônibus ligam os diferentes bairros da LAGOA à "cidade" mas não entre si.

A ida ao centro da cidade de Florianópolis agrega as pessoas que moram no mesmo bairro. É a oportunidade de um contato intracomunitário intenso entre os usuários do ônibus. Quase todos se conhecem. O silêncio ou as conversas no máximo a dois que ocorrem no interior das conduções

coletivas das grandes cidades cedem lugar ao intenso burburinho nos Ônibus do Canto da Lagoa e uma agitação menor nos da Lagoa e da Barra, onde os "nativos" já não predominam em número em relação ao "pessoal-de-fora".

Relógio do dia para os nativos, o Ônibus é, de todos os espaços, o que agrupa de modo mais democrático os diferentes segmentos de sexo e idade do lugar. Se na missa predominam as mulheres mais velhas, se no bar e na estrada predominam os homens de meia-idade, se na escola o espaço é principalmente das crianças e das mulheres que usam o posto de saúde, se as "discoteques" é o lugar dos jovens, o Ônibus consegue ser um espaço por onde passam todos estes grupos.

O horário determina se a maioria no Ônibus será de homens, mulheres ou jovens. No início da manhã, ao meio-dia e no fim do dia são os homens que predominam nas suas idas e vindas do trabalho. À tarde, os carros circulam menos cheios e as mulheres são maioria. Nos últimos horários, os jovens que voltam da escola noturna estão em maior número.

É comum, principalmente quando o Ônibus está cheio de jovens, que as conversas se desenvolvam incluindo o grupo todo. Difícil o diálogo que não extravase para os bancos próximos e passe a ser compartilhado por várias pessoas. Basta que um assunto mobilize a atenção para envolver os demais usuários do Ônibus.

Quase tudo o que é conversado no Ônibus é informação que diz respeito diretamente à comunidade, sendo

raras as conversas sobre temas amplos como política ou economia. E no ônibus que as notícias do lugar são passadas - os casamentos, os nascimentos, as festas - e encontros são marcados. As reuniões das Associações ou grupos organizados se realizam em outros espaços: a escola, no caso do Canto da Lagoa, o bar do Altamiro, no Porto, etc. Mas é ali que os assuntos da pauta das reuniões são debatidos por um número maior de pessoas, incluindo-se também os jovens e as mulheres que comparecem menos à Associação.

Pertencer à comunidade é andar de ônibus pelo menos de vez em quando. E através do ônibus que os novos moradores são reconhecidos pelo grupo. A princípio, como se fossem invisíveis, a eles não é dirigida a palavra ou o olhar mais firme. Nem por isto, são despercebidos. Os nativos atentam para o lugar onde alguém toma o ônibus, o lugar onde desce, o horário em que isto ocorre e aí fazem deduções acerca do lugar de moradia e de trabalho.

Mesmo o motorista se comporta como um morador do lugar, participando das conversas no interior do ônibus e, no caso do ônibus do Canto da Lagoa, no bar do seu Deca, onde aliás costuma estacionar entre um horário e outro de viagem, embora o ponto final do ônibus fique a dois quilômetros do bar.

O ônibus é lugar também para marcar diferenças: por exemplo, a conversa amigável entre praticamente todos os usuários deixa de fora, porém, os negros que moram no início

da Estrada Geral do Canto - a família do seu Vitor João Libano e da dona Lindoca. São "pobres" (A categoria aqui é relativa. Embora vivam num pedaço de engenho de estuque, e não possuam luz elétrica nem os eletrodomésticos usualmente utilizados nas classificações de renda do I.R.G., eles são proprietários de um terreno no Canto de mais de 20 hectares.) E, ainda mais grave, além de "pobres" são negros. A sua presença ali não passa despercebida: alguém comenta em tom mais baixo com o vizinho do banco o seu mau cheiro.

Se os negros/"pobres" ocupam o extremo "menos" na escala de valor local, não há dúvida que, no interior do ônibus, é o motorista quem ocupa o extremo "mais".

O ônibus representa assim, para os moradores da LAGOA, uma inovação tecnológica, mas, longe de ser um elemento de dispersão e dissociação dos laços comunitários, ele se constitui num espaço de sociabilidade. E por ter o domínio sobre essa inovação, que os motoristas são valorizados como figuras especiais. Os motoristas do ônibus do Canto da Lagoa fornecem bom exemplo.

(transcrito do caderno de notas:

21:30 h. Último ônibus da noite, do Canto da Lagoa para o centro. Poucos passageiros no seu interior. Pouca conversa entre eles. É tarde para quem costuma ir dormir a esta hora. O ônibus voa pela

estrada, como sempre. É pequena a possibilidade que um carro saia de alguma das raras garagens e se interponha no seu caminho. Não há quase movimento. O ônibus e a poeira que se dispersa lentamente em todas as direções são as únicas alterações na noite.

Chegamos ao asfalto, alguns passageiros aproveitam a suavidade do piso para cochilar. São 40 minutos normalmente até o centro mas, a esta hora e nesta velocidade, chegaremos muito antes, eu calculo. De repente, o carro para. Nenhum possível passageiro na estrada, nenhuma parada próxima. O motorista desce e eu controlo para ver se vai verificar os pneus ou o motor. Os outros passageiros não modificam em nada seu comportamento, seguem dormindo ou olhando absortos para a escuridão da noite. O motorista abre o portãozinho da casa em frente da qual estacionou o carro, atravessa um espaço que normalmente seria jardim - embora as casas ali não tenham gramados ou flores em frente - e entra na casa. Ninguém se move dentro do ônibus, tudo parece previsto. Passam-se 15 minutos, a porta da casa torna a se abrir e ele volta com um palito entre os dentes. Liga o motor do carro e continuamos normalmente a viagem.

Os motoristas, em número de dois no Canto da Lagoa até julho de 86, moram em casas à beira da estrada por onde passa o ônibus. Não raras as vezes, procuram combinar o trabalho com passadinhas rápidas em casa, para receber das mãos da mulher ou do filho uma lista de compras para fazer no centro da cidade ou um recado.

O seu domínio revela-se na velocidade com que percorrem a estreita estrada do Canto, fazendo voar galinhas e espalhando uma nuvem de poeira. E, principalmente, nas decisões sobre onde e quando parar o carro em circunstâncias

que seriam excepcionais não fosse a sua constante repetição, como a chuva.

Durante as chuvas, nos trechos onde não há asfalto, a estrada fica praticamente intrafegável. É da competência do motorista, então, decidir "se leva ou não o carro" até o ponto final da viagem, correndo o risco de um atolamento no barro.

Esta decisão não é pautada só pela precariedade ou não do trajeto, pois o interesse pessoal tem um papel importante. Um dos motoristas, o que morava na estrada Rio Tavares, num ponto próximo do fim do asfalto da estrada, frequentemente decidia não haver condições de ir até o ponto final, parando o ônibus exatamente em frente à sua casa antes do início do barro, enquanto o outro, que mora quase no fim da estrada no Canto da Lagoa, corria o risco do atolamento, mas tentava levar o carro pelo menos até a porta da sua casa.

Sabendo da diferença de comportamento entre os dois, os usuários do ônibus procuravam adaptar-se a esta circunstância. Os que desciam cedo, tomavam indiferentemente o carro dirigido por qualquer um dos dois, mas os que moravam no Canto preferiam esperar mais de uma hora no ponto final para tomarem o ônibus que lhes garantisse uma chance maior de chegar ao fim do trajeto. Estratégias informais, aprendidas nas conversas com as pessoas dentro dos próprios ônibus.

É interessante notar que a decisão do motorista não costumava ser contestada pelos usuários do ônibus, que as vezes eram obrigados a caminhar até dez quilômetros, à noite, na chuva, em uma rua completamente coberta de lama, reclamando no caminho, indignando-se em sussurros contra o motorista mas sem enfrentá-lo diretamente (16). Além de deter a última palavra sobre trajetos, um poder atribuído pela empresa, o motorista é detentor de um outro poder, simbólico, atribuído pelos nativos. Ser motorista é exercer uma profissão altamente valorizada aqui. Os carros ainda são vistos como "os objetos modernos" por excelência (nos dias sagrados e nos domingos, parte do tempo é empregado para a sua limpeza e manutenção - um serviço sempre realizado pelo homem) e alguns dos seus proprietários utilizam-nos somente em ocasiões especiais, como um passeio à Lagoa, uma visita a um parente ou a ida a um hospital, rara ocasião em que se pode ir de carro a "Cidade". Ainda que muitos dos jovens nativos trabalhem nos dois postos de gasolina da Lagoa e do Rio Tavares e utilizem os seus primeiros salários para comprar uma moto, poucos dos mais velhos têm a mesma intimidade com veículos motorizados e raros os que possuem carteira de motorista. Do mesmo modo que a carteira de trabalho nos botequins estudados por SILVA (1983), a carteira de motorista é aqui o documento mais importante. Ela é uma espécie de vestibular, entre os nativos. Quem busca tirar a carteira de motorista, possui um

automóvel, símbolo máximo de riqueza. Prestígio acrescentado pelo mistério, pois o funcionamento do carro é desconhecido do proprietário, acostumado a lidar com máquinas e objetos que ele mesmo constrói. A carteira significa (no sentido literal, de se realizar enquanto signo) a riqueza e o saber. Quem tem uma carteira tem um atestado de saber. Para obtê-la é preciso saber "assinar o nome" - que é visto como uma etapa no processo de escolarização anterior a "saber escrever" - e além disto é necessário dominar e demonstrar perícia na manipulação de uma máquina, carro, e de um conjunto de signos próprios da cultura letrada - as placas de trânsito, os sentidos das ruas, etc.

Se aqui a carteira de motorista funciona para os moradores da LAGOA da mesma forma que o vestibular para as classes dominantes, a Pedrita - pedreira localizada na estrada Rio Tavares - faz as vezes da escola primária, secundária e universitária. Os motoristas de ônibus do Canto da Lagoa (e de resto, muitos dos outros possuidores do precioso documento) o adquiriram seguindo um percurso semelhante: ingressaram como quebradores de pedra na Pedrita, suportando um salário baixo até para os padrões dos nativos enquanto esperavam vaga para ascender à cobiçada posição de motorista dos caminhões da empresa quando lhes é fornecido o treinamento necessário. O sonho é mantido vivo graças à alta rotatividade de mão-de-obra na empresa, como

foi constatado num levantamento feito pelos psicólogos que trabalham no grupo escolar do Rio Tavares.

Obtido o lugar, o empregado passa a correr um risco permanente de perder o emprego de motorista. Qualquer acidente ou falha técnica no caminhão serve como motivo para que ele seja posto na rua, abrindo assim mais uma vaga para outro quebrador de pedras. Quem sai, não reclama. A carteira de motorista é um saldo suficientemente recompensador. Outras chances são abertas no mercado de trabalho a partir da posse da carteira e mesmo que se retorne ao ponto inicial já não se é o mesmo: a carteira de motorista é um elemento de uma identificação social mais positiva.

NOTAS:

(1) Esta oposição entre <caos> e <cosmos> que permitiria delimitar um território social foi retirada de ELIADE, Mircea <O Sagrado e o Profano>. Lisboa, ed. Livros do Brasil s.d.. Ela aparece, sob outros conceitos, também em DURKHEIM, E. <Las Formas Elementales de la vida religiosa>. Buenos Aires, Editorial Schapire, 1968. DOUGLAS, Mary. <Pureza e Perigo>. São Paulo, ed. Perspectiva, 1966. E, de certo modo, nos estudos do espaço indígena no Brasil Central de LEVY-STRAUSS, Claude. <Tristes Trópicos>. Paris, Librairie Plon, 1973. e NOVAES, Sylvia Caiuby (org) <Habitações Indígenas>. S.P., Naber/EDUSP, 1983. Ver também DA MATTA, Roberto <A Casa e a Rua>: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil. S.P., Brasiliense, 1985.

(2) Segundo os dados do IBGE, os limites e a população de cada um dos bairros no interior da LAGOA são estes:

Lagoa:

população em 1985 = 2.287 habitantes, população estimada hoje: 5 mil. Inicia na estrada do Canto e termina na ponte que corta a Lagoa.

Retiro:

população em 1985 = 1.232 habitantes. Inicia na Av. das Rendeiras logo após a ponte e termina na praia da Joaquina e no início da estrada da Barra.

• Fortaleza: população em 1985 = 287 habitantes. Inicia na estrada da Barra indo até a ponte do Canal da Barra

• Terra da Lagoa:

população em 1985 = 2032 habitantes. Inicia no Canal da Barra indo até o mar

Costa da Lagoa:

população em 1987 = 776 moradores. Inicia na Ponta das Almas e vai até a última casa da trilha da Costa.

Canto da Lagoa:

população em 1987 = 773 habitantes. Inicia na primeira venda da estrada do Canto e termina no morro do Badejo.

Nota-se que as fronteiras percebidas pelos nativos são ligeiramente diferentes. O Retiro, por exemplo, abrange, para os nativos, apenas a região do final da Avenida das Rendeiras. Diversos lugares que possuem denominação própria não tem os seus nomes mantidos nos registros. É o caso da Colônia - região da Av. das Rendeiras próxima a ponte; do Canto dos Araças, da Ponta das Almas, etc. O Forno da Lagoa não é considerado pela SUCAM e nem pela prefeitura como pertencendo a LAGOA, estando incluído no distrito do Rio Tavares (que iniciaria no morro do Badejo indo até o entrocamento da estrada do Campeche). No entanto, os registros incluem na LAGOA parte do que os nativos já consideram praia da Joaquina.

É interessante notar que os dados populacionais a cerca da LAGOA abrangem, desde o séc. XVIII (SAINT-HILARE, A. <Viagem a Curitiba e Santa Catarina>. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1978.) até hoje o conjunto dessas partes.

(3) Intendente é um cargo administrativo subordinado à prefeitura de Florianópolis. Desde 1985, o intendente da LAGOA é escolhido por voto direto dos moradores.

(4) "Dar lugar no barco" significa empregar alguém como pescador.

(5) Entre o "pessoal-de-fora", a hierarquia dos bairros é outra, havendo alguns (surfistas e ecologistas) que preferem morar ali.

(6) Além desses, a cartografia da região mostra existirem outros mares ao redor da LAGOA: o da paradisíaca praia da Galheta que possui dois ranchos de barcos mas não chega a ser um lugar de muito pesca por causa de suas fortes correntes - eu mesma pude experimentar uma delas, quase me afogando; o da praia Mole, a preferida dos surfistas, praticamente impossível de se pescar pela força das ondas.

(7) Os nativos também vão a outros santuários mais próximos, como o de Angelina, durante a festa de Nossa Senhora de Lourdes, mas em menor número - até porque coincide com a festa da Santa da Lagoa, Nossa Senhora da Conceição. A propósito desse santuário ver GROSSI, Miriam <Casar com Cristo: autonomia ou submissão> Relatório Final para a Fundação Carlos Chagas, São Paulo, 1987.

(8) Também entre os camponeses na Europa o sagrado e lúdico se unem em se tratando de viagens. A religião católica associa-se a "lua-de-mel" no caso dos moradores de Minot, na França, estudados por ZONABEND, F. (1980), que viajam até o santuário de Lourdes depois do casamento, geralmente acompanhados pela mãe da noiva.

(9) Sobre um desses grupos leigos, formado por membros provenientes de camadas médias de Florianópolis, ver LISBOA, Regina <A Sagrada Família: a questão do gênero em Famílias Católicas>. Florianópolis, 1987. Dissertação, Mestrado de Antropologia, UFSC.

(10) O IBGE considera população urbana a localizada até 100m da Igreja Nossa Senhora da Conceição, suburbana até 1 km da Igreja Nossa Senhora da Conceição e a rural a localizada além de 1 km. Em 1940 tinham-se uma população urbana e suburbana de 391 pessoas enquanto que a população rural era de 2.860. Em 1955, a população urbana/suburbana ficava ainda

menor em proporção à população rural: 429 pessoas contra 5.160. Mas em 1980 já se observa um índice de crescimento maior da população da Lagoa: 1552 pessoas contra 5.318 no sítio. (Dados do IBGE)

(11) Num contexto completamente distinto, PERLONGHER, N. <O Negócio do Miché>. São Paulo, Brasiliense, 1987. associa o centro a uma <territorialidade desejanste>; ver também BARTHES, R. <Sémiologie et urbanisme>. Conferência de 16 de maio de 1967 na Universidade de Nápoles. ver.õx, s.d.e.

(12) Ainda hoje atuantes na comunidade MALUF, Sônia <Bruxas e Benzedoiras na Ilha de Santa Catarina>. Florianópolis, 1987. Projeto de dissertação. Mestrado de Antropologia, UFSC. A medicina oficial só penetrou na LAGOA a partir de 1946, quando iniciaram-se as visitas, a princípio esporádicas, da SUCAM (Superintendência do Combate à Malária).

(13) Em outra comunidade vizinha da Lagoa, o Rio Vermelho, também se observou a passagem de uma locomoção à pé, à cavalo ou carro de boi, para uma locomoção através de camionete e finalmente uma ligação direta através do ônibus. No caso do Rio Vermelho, a camionete usada pelos moradores era a mesma que servia para a compra e distribuição do leite, o seu horário de idas à "cidade" estava condicionado por este outro uso do seu proprietário.

(14) Em torno do pagamento de imposto há uma expectativa anual para saber quanto ele custará. Correspondendo hoje a seis ou menos meio salário mínimo para cinco hectares, os recentes aumentos dos impostos do INCRA e da prefeitura foram causa de várias transações imobiliárias já que os proprietários das terras não possuíam dinheiro para o pagamento.

(15) O ciúmes merece ser estudado à luz da noção de <honra> (PITT-RIVERS, 1981). Podemos encontrar indícios desse sentimento desde os tempos mais remotos da história da Ilha. Já no édito real que regulava o transporte dos casais de Açorianos para o sul do Brasil encontra-se determinações precisas de como deveriam ser tratadas as mulheres a bordo: trancafiadas sob a vigilância de 2 entre os maridos num cubículo do qual somente o capitão teria a chave e no qual só era permitida a entrada de dois homens: o médico e o capelão. CABRAL, O. "Os Açorianos" in <Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense vol.II>. Florianópolis, s.e., 1950.

(16) Em 84, com o asfaltamento da estrada Rio Tavares até um ponto além do cruzamento com a estrada Geral do Canto da Lagoa, diminuíram os percalços em relação ao ônibus. Dos 10

quilómetros de possível caminhada, nos dias de chuva, os moradores ficaram sujeitos a no máximo 6 quilómetros. Mas aí, um outro obstáculo apareceu: o monopólio das empresas de ônibus sobre determinados espaços. Como o trecho que apresenta piores condições de tráfego nos dias de chuva se localiza no quilómetro inicial da estrada, o restante da estrada seria facilmente acessível, se fosse evitado este trecho contornando-se a Lagoa da Conceição e tomando-se a estrada num sentido inverso. No entanto, a entrada de um ônibus da Ribeironense (empresa que serve ao Canto da Lagoa) na Freguesia (servida pela empresa Emflotur) é expressamente proibido em nome da manutenção de um monopólio de espaço: ir até a Lagoa é invadir o território de uma outra empresa.

CAP. 4 A ORIENTAÇÃO NO ESPAÇO DA LAGOA:

Todas as sociedades conhecidas necessitam e dispõem de algum tipo de referencial de orientação que localize os seus habitantes no mundo (PAUL-LEVY et alii 1983:104).

Na LAGOA, como entre muitas das ditas sociedades primitivas, foi à água que coube o papel de orientador principal: ela determinou originalmente a localização das casas e dos caminhos e, mais tarde, a localização das estradas. Com a construção das estradas, no entanto, são estas que passam a servir como orientadores espaciais para os nativos. Transita-se assim de uma orientação hidrográfica para uma orientação que poderíamos chamar de rodográfica.

O sol e o vento, ontem e hoje, são outros dois elementos importantes definindo um sistema de orientação que organiza-se hierarquicamente.

A Hierarquia da Orientação:

Sempre que percorro de carro a LAGOA e me deparo com um nativo conhecido caminhando pela estrada, o oferecimento de uma carona vem invariavelmente acompanhado de uma pergunta que, para mim, até pouco tempo era difícil de responder. O diálogo é mais ou menos assim:

- Quer carona, vizinha? pergunto.

- Sim, vais para baixo? Ou vais para cima?
ela indaga, por sua vez, colocando a questão
que levei tempo para poder responder.

"Cima" e "baixo". Os dois termos denotam haver uma
relação hierárquica entre um lugar e o outro. Mas a que se
referem? Qual a origem dessa diferenciação?

A princípio, tentei a via da tradução dos termos.
Perguntava aos nativos o que era "baixo" e o que era "cima",
na esperança de que tivessem sinónimos intelegíveis. Não deu
certo. Ao invés de substituírem um termo por uma outra
palavra, mais abrangente, eles simplesmente me enumeravam as
regiões que ficavam em "cima" e as que ficavam em "baixo" de
onde estávamos. Cabia a mim buscar o sinónimo e a tarefa não
foi das mais simples.

"Cima" e "baixo" fazem parte de um certo número de
palavras que não possuem uma equivalência capaz de traduzir
o seu sentido exato. Elas não podem ser simplesmente
trocadas por "norte" e "sul" - cansei de ir para "baixo"
indo para leste; não significam tampouco "alto" e "baixo",
pois se aplicam muitas vezes a regiões planas e, mesmo
quando lida-se com lugares de diferentes altitudes, "baixo"
não corresponde necessariamente à região localizada mais
abaixo. Para complicar, ainda havia alguns casos, como o do
Canto da Lagoa em relação ao Porto: indo-se do Canto da

Lagoa para o Porto se diz que se vai "para baixo" embora o percurso incluía, necessariamente, a subida de um morro.

Tornou-se evidente a inutilidade de se buscar uma resposta através de perguntas diretas aos nativos. Como acontece em muitas regiões e cidades do Brasil, onde estes termos servem para designar pedaços ou orientações diferentes de um mesmo lugar, os habitantes se utilizam deles de modo quase inconsciente, desconhecendo a razão de ser assim. E sendo assim, só é possível especular.

Tentei um teste no Canto e no Porto da Lagoa: parecia ter encontrado a chave! A freguesia ficava numa região dita "em cima" e, à medida em que se afastava-se dela em direção ao Porto da Lagoa, ia para regiões ditas "embaixo". Em outras palavras, tomando como referência um ponto no Porto da Lagoa obtive:

Freguesia	- Cima
Canto	- Cima
Porto	- (referência)
Rio Tavares	- Baixo

Parecia lógico: a Freguesia é tida como o centro do lugar servindo como a principal referência. Nada mais óbvio do que ser o "cima" do espaço. Porém, a história é um pouco mais complexa. Uma vez na Costa da Lagoa tornei a indagar e lá obtive:

Ratones	- Cima
Costa	- (referência)
Fraguesia	- Baixo
Canto	- Baixo

Voltava à estaca zero. Não estava na importância ou no tamanho do lugar o "cima" e "baixo". E também não estava na simples substituição dos termos por norte e sul. Quando alguém do Porto ia à cidade, um outro exemplo, dizia estar indo "para baixo", mas se alguém que mora na Quebrada ia à cidade dizia estar indo "para cima". Ora, tanto num como no outro caso, a cidade fica ao norte e é maior do que o lugar de partida. Então por que para os moradores da Quebrada a cidade fica "em cima" e para os do Porto fica "em baixo"? Tudo leva a crer que é porque, antigamente, quando não existia o ônibus do Canto, os moradores da Quebrada que iam a cidade subiam um morro, dirigindo-se para o norte. Já os do Porto, preferiam contornar o morro, dirigindo-se primeiramente para o sul para depois irem para o norte. Logo, não era o lugar exato da cidade que merecia o qualitativo "cima" ou "baixo", mas o caminho usado para se chegar lá.

Se não se exigir uma correspondência exata, norte e sul são capazes de traduzir as noções de "cima" e "baixo". Pelo menos, de forma melhor do que quaisquer outros dois termos. Mas a questão permanece: por que a proeminência de algumas regiões (as ditas "de cima") sobre outras? Uma

passada de olhos sobre a geografia da LAGOA pode ajudar na resposta.

As águas da Lagoa da Conceição estreitam-se em um ponto localizado justamente na frente da Freguesia, onde hoje existe uma ponte, dividindo o "mar-de-dentro" em duas partes: uma, maior, ao norte e outra, menor, ao sul.

As terras que margeiam a parte do norte da Lagoa são chamadas, pelos moradores da LAGOA, "de cima" e foram as primeiras a serem habitadas, enquanto que as terras ao sul são ditas "de baixo" tendo sido habitadas posteriormente.

Estava diante de um procedimento já conhecido. DA MATTA (1985) aponta a antiguidade como razão para o uso dos dois termos em cidades como Salvador: "cima" marcaria lugares mais antigos do que "baixo", sendo assim em diversas outras cidades do Brasil (1). A hipótese de DA MATTA poderia responder em parte a razão da hierarquia mas creio que, no caso da LAGOA, se deva tomar em consideração também outros fatores.

Um desses fatores é a localização do canal que liga as águas da Lagoa da Conceição ao mar. Ele fica ao norte ("cima"), facilitando o acesso ao peixe "grado" e conseqüentemente trazendo prosperidade aos que vivem na sua proximidade (2). Outro fator, talvez mais importante. É o sentido do "nordeste", o vento mais quente da LAGOA e o que é tido pelos nativos de ontem e hoje como o vento "bom" já

que do sul sopra o vento tido como "mau", o vento "sule", mais frio pois proveniente da Patagônia (3).

Tendo em vista esses fatores, pode-se formular a seguinte equação que parece responder ao porquê dos termos "cima" e "baixo" na LAGOA:

cima	"norte"	quente	bom	Costa
----	=	-----	=	-----
baixo	"sule"	frio	mau	Canto

O fato das terras da Costa terem sido historicamente ocupadas primeiro é mais uma consequência desses fatores ecológicos favoráveis. É porque ali está o canal por onde entram os peixes e é de lá que vem o vento bom que as regiões que se encontram naquela direção são chamadas de "cima".

Orientação pelo Sol e pelo Alto

Como o vento no caso das categorias "cima" e "baixo", também o sol é referente de orientação, sendo empregado porém de modos distintos nos espaços <sagrados> e <profanos>.

Nas casas, o sol serve de orientação para a localização das portas principais da sala e da cozinha que são, preferencialmente, ainda hoje voltadas para o leste. Estas duas portas são as maiores aberturas da casa e os lugares por onde entram os primeiros raios solares.

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição, principal edifício da Lagoa e o que fundou o lugar em 1750, tornando-o Freguesia, foi encravada no morro do D. Vigário, num ponto onde há um pequeno planalto. Ela é facilmente avistada por quase toda a LAGOA, servindo de ponto de referência para os moradores.

A disposição da Igreja obedece a orientação do sol. O altar, a parte da Igreja mais importante pois locus do sagrado, fica a leste, sendo iluminado pelos primeiros raios de sol, (4) enquanto as portas da entrada se localizam a oeste. Sua localização, orientada para o alto, parece simplificar a busca de uma proximidade maior com o céu (ELIADE s/d).

Orientação Hidrográfica

Na escolha do lugar onde assentavam a casa de antigamente, o córrego tinha influência decisiva como fator de atração. Todas as casas antigas visitadas estavam localizadas nas proximidades de um riacho que provia, ontem como hoje, toda a água usada pela família (5).

Estes córregos ficavam perto da casa, uns 20 a 50 metros, geralmente correndo paralelo a um dos lados. Porém jamais muito próximos pois, como me foi informado pelos nativos, um córrego para não secar necessita a proteção de uma vegetação densa nas suas margens de modo que a ramagem das árvores e dos arbustos forneça um escudo contra raios solares e evite a evaporação da água. (Como veremos, casa e mata são termos que se opõe no imaginário dos nativos daí a busca de manter uma distância ainda que pequena, dos córregos.) Essa proximidade era necessária pois além da água para beber, eles antigamente serviam para os banhos e a lavagem de louça - atividades realizadas individualmente - e para lavar a roupa - atividade coletiva mas exclusiva das mulheres.

Os córregos eram importantes como referenciais de orientação no espaço da comunidade. As águas determinavam a localização das casas a longo das trilhas.

Servindo como pontos a partir dos quais as casas de antigamente eram fixadas, os córregos indiretamente

determinavam também a topografia das "servidões" que ligavam uma casa a outra e que eram na verdade eixos perpendiculares aos riachos.

Antigamente, a orientação hidrográfica era válida tanto para os deslocamentos a curta distância quanto para os deslocamentos a média distância ou as viagens longas. Nas pequenas distâncias, entre uma casa e outra da vizinhança, eram os córregos que serviam como pontos fixos que ajudavam a qualificar uma posição ou um movimento.: podia-se "subir um riacho, isto é, dirigir-se no sentido contrário ao de sua correnteza (por exemplo, quando se vai à Quebrada) ou "descer" um córrego, dirigir-se no mesmo sentido de suas águas.

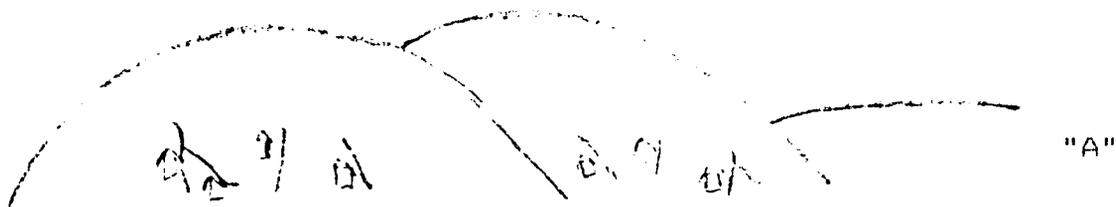
Nas médias distâncias, como por exemplo no deslocamento da Barra da Lagoa para a Freguesia, eram as águas da Lagoa que serviam como referência. As suas margens, a "praia", era usada largamente como caminho, e o leito de suas águas servia para ligar um ponto a outro através dos barcos.

Já nas longas distâncias, quando ia-se para Rio Grande ou Santos pescar ou para o Rio de Janeiro afim de cumprir com o serviço militar, novamente era a água que se via para a ligação (barcos) ou tinha o papel de indicar o caminho, os caminhões seguindo a viagem do mar.

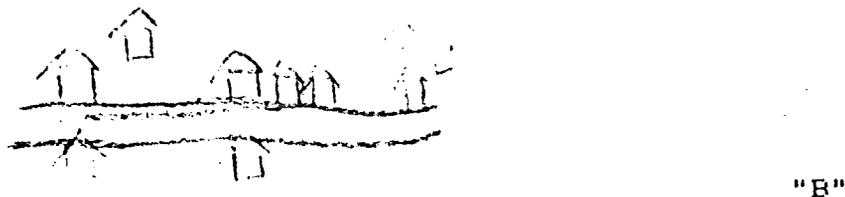
E só a partir da década de 70 que a orientação que estou chamando de hidrográfica cede lugar a uma

orientação baseada em outro referente: as estradas. As casas já não necessitam localizar-se próximas dos córregos, liberadas que foram pelas mangueiras de borracha que transportam a água até quilômetros dos riachos. Do mesmo modo, os barcos já não precisam ser utilizados no transporte pois, logo após a construção das estradas, linhas regulares de ônibus são colocadas à disposição dos moradores.

A construção das estradas, principalmente no Canto, Barra e Porto, modificou radicalmente a disposição das casas, atraindo-as para as suas margens e deste modo alinhando-as. De um espaço assim:



passa-se para um espaço assim:



Orientação Rodográfica

No desenho "A", eram os córregos que determinavam a disposição espacial das casas ao longo das trilhas. Os caminhos abertos na mata ligavam as casas plantadas ao longo dos cursos d'água, em vales ou entre os morros. Um exemplo dessa disposição pode ser ainda encontrado na trilha da Costa da Lagoa. No desenho "B", as casas se alinham ao longo da estrada indiferentes à distância dos córregos. A estrada do Canto da Lagoa fornece um bom exemplo dessa nova disposição espacial.

Em alguns pontos, os antigos caminhos coincidem com a nova estrada, que é simplesmente um alargamento da antiga servidão. É o que acontece, por exemplo, no quilômetro final da estrada do Canto da Lagoa. Nestes lugares, existem construções de até 100 anos, engenhos de "estruque" que se mantêm de pé, embora não se produza mais farinha.

Em outros, a nova estrada segue paralela às antigas "servidões". Ainda que nada se perceba a partir da estrada, há um tráfego de pedestres por estas trilhas embora menos intenso do que existia há 40 anos. O que não significa que elas sejam habitadas. Com exceção dos moradores da Quebrada, e de alguns velhos, já ninguém mora ao longo destas trilhas. Ruínas de casas e de engenhos é o que restou

das antigas moradas, e essas trilhas agora servem apenas para uma caminhada mais agradável do que na estrada - menos ingrime nas subidas, menos quente do sol, com menos poeiras e riscos de atropelamentos. Porém, até este uso tem sido alterado. Mesmo sendo proibido pela lei municipal. Estas trilhas são constantemente interrompidas pelas cercas particulares.

Em lugares onde havia praia, como o Rio Vermelho (freguesia vizinha à LAGOA) e a Barra da Lagoa, não se abriam trilhas no meio do mato. Eram ligados apenas pela praia. A construção da estrada nesses lugares significou uma ruptura muito maior em termos de espaço, pois agregou à comunidade trechos antes desconhecidos, o que se comprova até pela baixa ocupação espacial ao longo da nova estrada do Rio Vermelho à Barra.

Perto da estrada, Longe da Lagoa:

Já velha, com mais de 80 anos, D. Francisca assistiu da janela do engenho onde mora, localizado bem acima da atual estrada, se multiplicarem as menos de 50 casas que segundo ela existiam no Canto no tempo antigo.

"Virado pra cá, é tudo do povo daqui; virado pra lá, é tudo do povo de fora."

A nova disposição das moradias fica sintetizada com exatidão na sua frase onde, para uma melhor compreensão, basta substituir o "cá" por "estrada" e o "lá" por "lagoa". Virado para a estrada, é tudo povo daqui, virado para a lagoa, é tudo povo de fora.

A diferença é clara: enquanto o povo de fora prefere voltar as suas casas para a lagoa e construí-las bem próximas à água (quando não está próxima d'água, escondê-la na mata), o povo daqui quer que as suas janelas se abram para a estrada (6). Quanto mais perto, melhor. Em alguns trechos da estrada, como o que fica próximo ao grupo escolar do Canto da Lagoa, têm-se as duas disposições das casas vizinhando e a inusitada situação de uma casa dar frente para a lagoa enquanto que a casa imediatamente ao lado vira-se de costas para as suas águas.

A lagoa é vista como um lugar de friagem, própria para casas de barcos não de pessoas. Nesse sentido, tanto a Lagoa quanto o mar são orientadores da localização das casas, mas atuam de modo contrário ao dos córregos: eles as repelem de suas proximidades. Esta valorização simbólica distinta teve, evidentemente, implicações nas transações imobiliárias (7) realizadas. A mesma D. Francisca lamenta-se por ter vendido por uma quantia insignificante os quatro hectares onde atualmente localiza-se o condomínio horizontal VILLAGE, à beira da lagoa, onde o metro quadrado é atualmente o mais caro do bairro.

"O terreno da gente è que era bom para plantar mandioca. A gente vendeu tudo, para esta gente que agora tá vendendo lotes pra outras gentes. Naquele tempo vendemos barato, podia a gente estar riquíssima. Fazam 14 anos mas agora è que o sítio tá valendo. Vendemos tudo por 3 mil , agora se fala em bi. Acabou-se, acabou-se".,

A "areia" è lugar de plantar mandioca; lugar de guardar barco, mas não de se morar. Hoje o preço das terras à beira d'água acompanha o valor simbólico atribuído pelo "povo de fora", e já se começa a ver casas construídas pelos nativos à beira da lagoa - não são para morar, elas são postas para alugar para o povo exótico que vem das cidades pois os nativos preferem a vizinhança da estrada. Ainda que seja vista pelos nativos como uma síntese do progresso (os "recursos"), esta estrada è apropriada de um modo bem peculiar, o que faz com que o seu uso e o seu significado sejam distintos dos que se verifica nas cidades.

Uma Estrada que não è <Rua>:

A distinção que comumente è feita na Antropologia entre dois domínios sociais básicos, a <casa> e a <rua> (DA MATTA, 1979 e 1985), dificilmente poderia ser transportada para a LAGOA, sem que a sua aplicação encobrisse práticas

sociais significativas. De algum modo, as relações de cordialidade, parentesco e confiança, que são tidas como próprias do domínio da <casa>, estão presentes no espaço da estrada, ao passo que o universo hobbesiano de todos contra todos, de engano e decepção próprios da <rua>, não se manifesta assim nas estradas que cortam a LAGOA.

Mais do que esta dicotomia que coloca em oposição os dois termos, é a idéia de "pedaço" desenvolvida por MAGNANI (1984) que nos ajuda a compreender o universo ambíguo da estrada: nem completamente casa, nem totalmente <rua> (8).

A estrada - e quando digo estrada me refiro às estradas da LAGOA - é um lugar semi-público. O que se passa na estrada não é estranho ou merecedor de uma atitude de distanciamento. As conversas que se iniciam na estrada podem ter a interferência de outras pessoas à medida que se desenvolvem. Não há assuntos tidos como particulares ou colóquios fechados. O anonimato presente na cidade (VELHO, 1976) não se coloca aqui.

Duas pessoas conversando numa rua de uma grande cidade contemporânea estabelecem, em relação aos outros transeuntes, uma distância pessoal (HALL, 1977:105) que é por estes respeitado. Mesmo que circundados por estranhos ou vizinhos, existe como que um muro imaginário que os isola, e impede a interferência dos outros na sua conversa. A distância entre os que conversam varia de uma cultura a

outra mas, em geral, pode-se dizer que os olhares destes estranhos evitam fixar-se em quem conversa, mantendo-se aparentemente distraídos. Escuta-se mas não se ouve.

Na "estrada" isto não acontece. Qualquer conversa pode ter a interferência do vizinho, sem que isto seja visto como quebra de uma regra de intimidade. Esar na "estrada" é ser anônimo.

No mesmo sentido, a casa transpõem-se para a estrada na medida em que os homens preferem ocupar esse espaço da para as suas conversas de fim de dia. A estrada funciona então como sala de visitas e, ainda que não se verifique aqui o hábito das pequenas cidades do interior do Brasil de levar para os fios das calçadas as cadeiras nos finais de tarde, estas são improvisadas com os homens sentando-se sobre as pedras e os próprios pés, em animadas rodinhas. E o mesmo acontece com as mulheres, especialmente nos fins-de-semana.

Existem até mesmo os donos-da-estrada - se é permitido um paralelo com as donas-de-casa. Nativos que, de tão conhecidos, acabam relacionados estreitamente com o lugar onde moram, servindo como referência na hora de uma explicação de endereço. (No Canto da Lagoa, por exemplo, as casas não possuem número, e as indicações de endereço para se tornarem mais precisas se valem dos morros, do grupo escolar, das vendas e de alguns donos-da-estrada). E o caso do seu Abílio. A sua presença certa na estrada ou no pátio

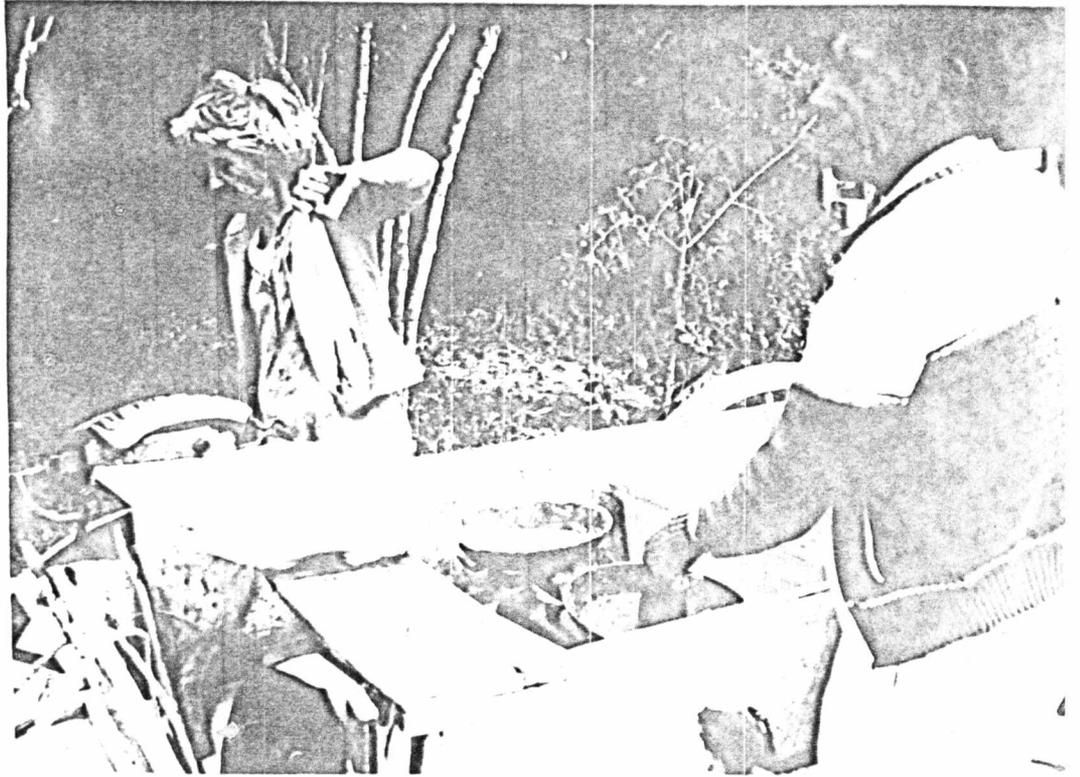
da casa faz dele uma espécie de zelador ou "prefeito" local: tanto pode receber contas de luz, ou intervir tentando impedir que cortem a luz de algum morador mais esquecido, como fiscalizar possíveis trabalhos de funcionários da prefeitura.)

A estrada tem, além de seus "donos", os seus "faxineiros": dois funcionários da prefeitura que são moradores do local - encarregados de limpar com enxada o mato que cresce às suas margens e tapar os piores buracos provocados pela chuva. Metade do tempo, trabalham; metade, participam das conversas na sala de estar da estrada. Esta sala de estar não tem lugar determinado, sendo um espaço construído a partir de um agrupamento de homens, mulheres, jovens ou crianças. Os "faxineiros" de estrada muitas vezes provocam a formação de um agrupamento de homens, que vão parando onde eles estão para uma conversa mais demorada.

As mulheres, nos dias de semana, não usam a estrada senão como passagem entre um espaço e outro nos seus deslocamentos. As conversas entre vizinhas se dão de uma janela a outra das casas, que às vezes se encontram distantes até 60 metros. Elas geralmente ocorrem em horários diferentes dos horários eleitos pelos homens: há uma preferência pela primeira hora da manhã, quando a família já faz a sua primeira refeição do dia e ainda há tempo de sobra até a hora de começar a preparar o almoço.

A noite, a estrada se transmuta em <rua>. Quando os homens e as mulheres se encontram recolhidos ao interior da casa, a estrada torna-se realmente um território de ninguém e as pequenas transgressões sociais que não encontram espaço no lar conseguem um campo possível na estrada. E na estrada que os jovens nativos que moram com os pais fumam maconha, evitando cuidadosamente os lugares mais iluminados. Como as vendas precisam ser evitadas porque são espaços ocupados pelos nativos de mais de 30 anos que costumam estigmatizar esses jovens, usa-se as estradas e os seus sucedâneos, os terrenos baldios.

A noite, sobretudo nos fins-de-semana, a estrada é também o espaço de um nomadismo errante. As vezes, esse nomadismo dos jovens tem o sentido do "centro", da Lagoa, e mais precisamente do SAL (Sociedade Amigos da Lagoa), onde movimentados bailes de discoteque se realizam nos sábados. Noutras, o trânsito direcionado, que faz da estrada uma simples passagem entre um espaço e outro, cede lugar então a uma circulação desejanse (PERLONGHER, 1986): em duplas ou em pequenos grupos, os jovens caminham pra lá e pra cá, sem um objetivo fixo, vagando, movidos pelo desejo de que "algo pinte", "algo aconteça".



Estrada: lugar da compra do pão e do peixe com o "hombeiro"



Estrada é lugar de encontro de jovens

NOTAS:

(1) As zonas sul e norte seriam outra forma de mapeamento simbólico muito usada no Brasil, o sul sendo geralmente a zona mais rica.

(2) Hoje já não se poderia relacionar o canal à prosperidade. Os moradores da Costa da Lagoa, terras situadas em "cima", reclamam que os peixes saem da Lagoa para o mar assim que alcançam um metro de comprimento, tornando menos piscosa as suas águas.

(3) Este vento "nordeste" é também chamado de "norte" e é identificado como aquele que vem "de cima".

(4) Parece haver uma determinação eclesiástica nesse sentido, uma vez que também na Europa as Igrejas Católicas tem sua porta de entrada voltada para oeste, ficando o altar a leste.

(5) No momento em que termino essa pesquisa, em janeiro de 1988, começam as obras de canalização da água na LAGOA.

(6) Movimento semelhante de atração das casas pela estrada foi observado por LUPI (1987) num estudo de comunidade realizado em Rio Vermelho. Lá as casas localizadas nos morros foram abandonadas e as moradias passaram a concentrar-se ao longo da nova estrada.

(7) LAGO (1983) mostra como, em Canasvieiras, só os moradores mais pobres, que não tiveram herança de terra, habitavam as praias, os outros preferindo o vale.

(8) Sobre as apropriações coletivas de espaços urbanos ver também SANTOS, C. <Quando a Rua vira Casa> R.J., Finep, 1981.

PARTE II: ESPAÇO DOMESTICO E TERRITORIOS FAMILIARES

CAP. 5 A CONTRUÇÃO DO ESPAÇO DOMESTICO

Primeiras Impressões

Quando se percorre uma das ruas ou estradas da LAGOA como por exemplo a estrada do Canto da Lagoa com os seus esburacados e poeirentos seis quilômetros de extensão, uma variedade grande de casas desfilam diante dos nossos olhos. São casas de pau-a-pique, exalando a cor do barro; velhos engenhos transformados em casas de moradia; casas de madeira de cores gritantes; casas "açorianas", pintadas a cal, resplandecentemente brancas; casas rústicas, de madeira crua, de jovens surfistas paulistas e casas modernas, de executivos abastados, essas geralmente escondidas atrás de altos muros. As vezes elas se encontram bem próximas umas das outras, reproduzindo um padrão urbano de morar; outras vezes, estão separadas por terrenos que servem de pasto ao gado ou que esperam, vazios, uma maior valorização imobiliária.

A heterogeneidade das moradias é total. Casas que nos remetem ao séc. XVIII convivem lado a lado com outras que parecem saídas de bairros operários da periferia das grandes cidades brasileiras, e essas, com casas de jovens ecologistas que lembram a Califórnia pós-68. São casas do passado, presente e futuro, casas de pobres e ricos, camadas

arqueológicas de diferentes épocas a compor um mesmo espaço físico. E, no entanto, convivem pacatamente unidas por uma mesma estrada. Nenhuma identidade a recordar um bairro, apenas a predominância de um tipo de casas. - as casas dos "nativos" - sobre as outras.

A primeira impressão confunde. Como falar de um espaço doméstico, quando a visão do exterior já demonstra existir uma pluralidade de espaços físicos e simbólicos, profundamente diferenciados?

A diversidade entre as casas, que é empiricamente constatável desde o primeiro olhar para suas fachadas, é real e não se modificou com o decorrer da pesquisa. O tempo revelou porém que esta diversidade tem limites e que é possível reunir estas casas em grupos, dado as similaridades existentes.

Descartada as casas do "pessoal-de-fora" - os jovens surfistas, ecologistas, os executivos e profissionais liberais que, a exemplo da elite francesa do séc. XVIII e da elite brasileira dos fins do séc. passado, se transferem para os bairros-jardins - sobram os "nativos" e a sua limitada heterogeneidade. (1)

Entre as suas casas, e ainda tendo em vista o seu aspecto externo, dois tipos aparecem como os mais recorrentes: as casas antigas, geralmente de pau-a-pique (taipa) ou adobe, e as casas de construção mais recente, feitas com tábuas ou tijolos. As casas mais novas apresentam ainda uma nitida

diferenciação que pode ser percebida quando penetramos em seu interior: há as que possuem a cozinha separada do corpo da casa e há as que já acoplaram-na novamente à casa.

Cada um destes três tipos de casas foi construído e é habitado por indivíduos de uma mesma geração. Para mostrar como isto acontece, recorro novamente à mesma genealogia usada quando tratei das migrações na LAGDA.

Cada uma destas gerações, aqui representadas por "A" (antiga), "I" (intermediária) e "N" (nova) habita um tipo de casa. Cada um destes grupos de casas é o centro de um espaço doméstico nitidamente diferenciado, como se ocupassem pontos num continuum que tem em extremo no início do século passado e outro hoje. É esta transformação que tentamos descrever e analisar nesta última parte do trabalho. Por horas me limito a transcrever minhas primeiras impressões dessas casas, especialmente das casas de antigamente.

Ainda que a maioria esteja oculta em meio à mata, é possível se avistar da estrada do Canto da Lagoa cerca de quinze habitações que chamam atenção pela sua antiguidade. São casas construídas com material encontrado no próprio lugar, de adobe que os nativos chamam simplesmente "pedra" ou "pau-a-pique", ou taipa que os nativos chamam de "estruque" com um ou outro remendo de madeira ou tijolos. E as vezes são pintadas a cal, destacando-se então contra o verde da mata ao redor. O tempo contribui para esfolar janelas e paredes tornando visível o seu esqueleto de bambu preenchido por torrões de terra que, quando caem, deixam rombos nas paredes. Além do branco, o único colorido exterior que apresentam é dos tampões de madeira das janelas e, aí, os moradores são pródigos na sua oferta: o amarelo-ouro brilhante ou o azul forte são as cores

preferidas. Quando mais pobre ou mais "mandrião", o morador deixa as janelas na sua cor natural.

Se o dia for de muita luz, ao se entrar nestas casas, a ruptura com o mundo exterior é maior ainda. As janelas de madeira da fachada são geralmente mantidas fechadas, não deixando penetrar a luz do dia. Elas isolam o interior da casa da rua e da mata por uma barreira sutil de luminosidade e provocam uma sensação inusitada: olhando-se para a rua, com as pupilas adaptadas à pouca luz do interior das casas, tem-se a impressão de que tudo no exterior ganha brilho, a casa fazendo as vezes de uma câmara escura a ressaltar a luz. Por um efeito imprevisto, o ato de separar a casa do exterior - a <cultura> da <natureza> - através da obliteração da luz acaba provocando o contrário do que se poderia esperar: a natureza em volta se desnaturaliza, ganhando cintilações cinematográficas. É pura cor e brilho, transmutada a um domínio impressionista.

A noite, nas casas da Quebrada, onde a luz elétrica ainda não chegou, agrava-se a sensação do escuro: a fraca luminosidade emanada das "pombocas" (pequenos lampiões que queimam óleo de peixe ou de nozes) e dos lampiões abrange apenas raio diminuto deixando tudo o mais imerso no breu.

Esta casa é escura, úmida e fechada sobre si mesma. Muito semelhante, aliás, a casa Kabile descrita por

BOURDIEU (1980) ou as casas de "autrefois à Minot" retratadas por ZONABEND, (1980).

As três janelas na fachada frontal e o telhado em duas águas derramando-se para frente em uma onda que se eleva levemente depois de atingido o seu ponto mais baixo são as duas constantes arquitetônicas mais facilmente identificáveis num primeiro olhar.

Algumas casas apresentam grossas paredes e têm altura superior a dois metros e meio. Uma pessoa pode sentar facilmente no parapeito de suas janelas. Mas estas são raras, a maioria não aparenta a mesma solidez.

Os nativos a chamam "casas de antigamente", ou seja, casas do tempo de antigamente, um tempo vivo nas memórias dos mais velhos e vivido como um mito entre as gerações mais novas. Os arquitetos preferem chamá-las de "casas açorianas", relacionando-a com um passado ainda mais longínquo do qual os moradores da LAGDA não guardam lembrança. Aqui, tomaremos emprestada a nomenclatura dos nativos. Com a ressalva de que, muito mais do que um tempo de existência das casas, essa designação aponta para o seu estilo e o material empregado na sua edificação: as "casas de antigamente" são as que têm as três janelas frontais, o telhado em duas águas duas gaitas laterais, em rebaixo nos fundos, e principalmente, como eles sempre ressaltam, são as feitas de estuque, de barro, de pau-a-pique, as casas "ruinzinhas", as casas dos "pobres".

Mais do que as moradas que vão lhe proceder no tempo, o espaço doméstico das casas de antigamente não se limita absolutamente à edificação principal: a casa. Ao contrário, é um espaço que se espraia generosamente pelos arredores próximos e distantes, apresentando aqui e ali elementos imprescindíveis à vida camponesa. A começar pelo riacho, que os nativos chamam indistintamente de córrego ou cachoeira e, como foi visto, corre sempre nas suas proximidades. (Se é a estrada ou, mais frequentemente, alguma trilha que condicionam a orientação frente/fundos, o córrego condiciona a orientação do lado que tem porta - voltado para o riacho - e do lado sem porta da casa.) E continuando no forno de barro externo, no galinheiro, na horta, no estábulo e nos diversos engenhos. Sem falar na roça e no pasto, geralmente mais afastados, como veremos em seguida.

De modo geral, o espaço doméstico das casas de antigamente pode ser explicado pela ilustração a seguir.

Se as casas "de antigamente" são habitadas pelos nativos mais velhos, contemporâneos de D. Joana para seguir a genealogia apresentada, o segundo modelo de casa corresponde às habitadas pelos filhos de D. Joana. Foram, em geral, contruídas por volta de 1950/60, quando dos seus casamentos, mas pode-se encontrar casas deste modelo bem mais recentes, 1986/87, não sendo, portanto, o ano de sua edificação e sim a faixa etária e o nível económico do chefe de família que determina a sua configuração espacial.

Constituindo-se maioria entre as casas do Canto da Lagoa, a casa que aqui chamo de intermediária (3) apresenta profundas diferenças em relação ao espaço doméstico das casas de antigamente. Diferenças que refletem as transformações por que passou o modo de vida dos moradores da Lagoa de uma geração à outra, Esta é a geração que vai tentar articular o trabalho camponês e de pesca com trabalhos diretamente inseridos num mercado capitalista. Serão pequenos funcionários públicos, garçons, pedreiros e marceneiros embora continuem a manter suas hortas e a pescar nos fins-de-semana. E é esta geração também que irá participar, ainda em plena vida produtiva, da chegada da cidade a um bairro antes rural: a luz elétrica, o ônibus, a TV, o "pessoal de fora", etc. tendo acesso a bens de consumo industrializados.

O espaço doméstico desta geração será, a grosso modo, uma transição entre o "mundo rural" e o "mundo urbanizado," entre um <ethos> camponês e a busca de integração em um <ethos> de modernidade.

A impressão mais forte de quem olha as casas intermediárias são as cores vivas de sua pintura. A experiência da cor torna-se possível nessa geração uma vez que o barro é substituído pela madeira. Sob o alibi de que a "tinta protege as táboas" toda uma liberdade expressiva se manifesta.

Geralmente as janelas, as portas e o triângulo superior da fachadas costumam ser pintadas em cores diferentes da cor das paredes da casa, de modo que, em cada casa, se pode ver até três diferentes cores. As combinações, aparentemente arbitrarias, obedecem algumas determinações e um observador cuidadoso pode até descobrir as regras gerais que comandam a pintura dessas casas (4).

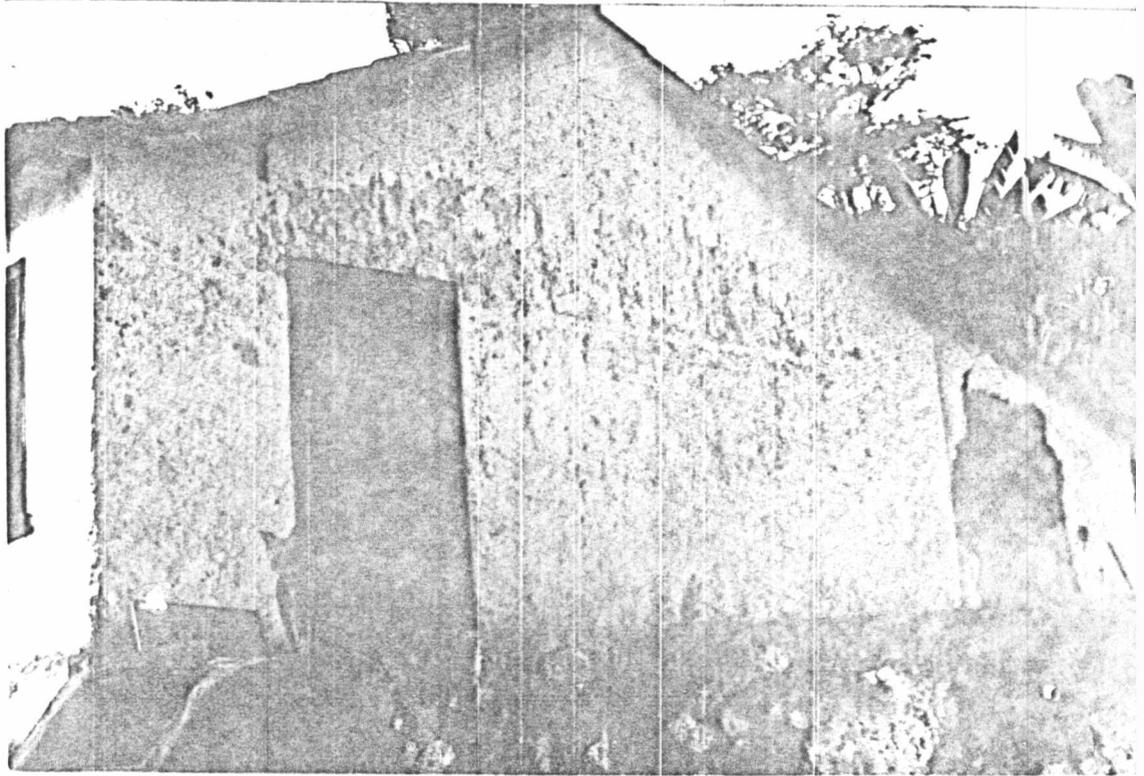
As casas dessa geração situam-se geralmente próximas a estrada. Elas mantêm nas suas fachadas as janelas que passam a ser invariavelmente duas. (As janelas mais recorrentes são divididas em duas partes sendo a parte superior em vidro e a parte inferior em madeira vazada. O vidro progressivamente é aceito e valorizado embora muitos informantes se mostrem inseguros e preferam as antigas janelas: "Ah, isso não tapa nada. Com a madeira sim, era fechar, bota uma tranca e não tinha vento nem ladrão que entrasse."). As portas se mantêm na parede lateral, uma para a sala e outra para a cozinha, podendo ou não haver outras na casa.

O telhado passa a ser em "chalet", ou seja, duas águas com caimento lateral. Porém, em muitas casas, a cozinha permanece sob um teto mais baixo: constroi-se um outro telhado, de uma água, de modo a criar um puchadinho nos fundos.

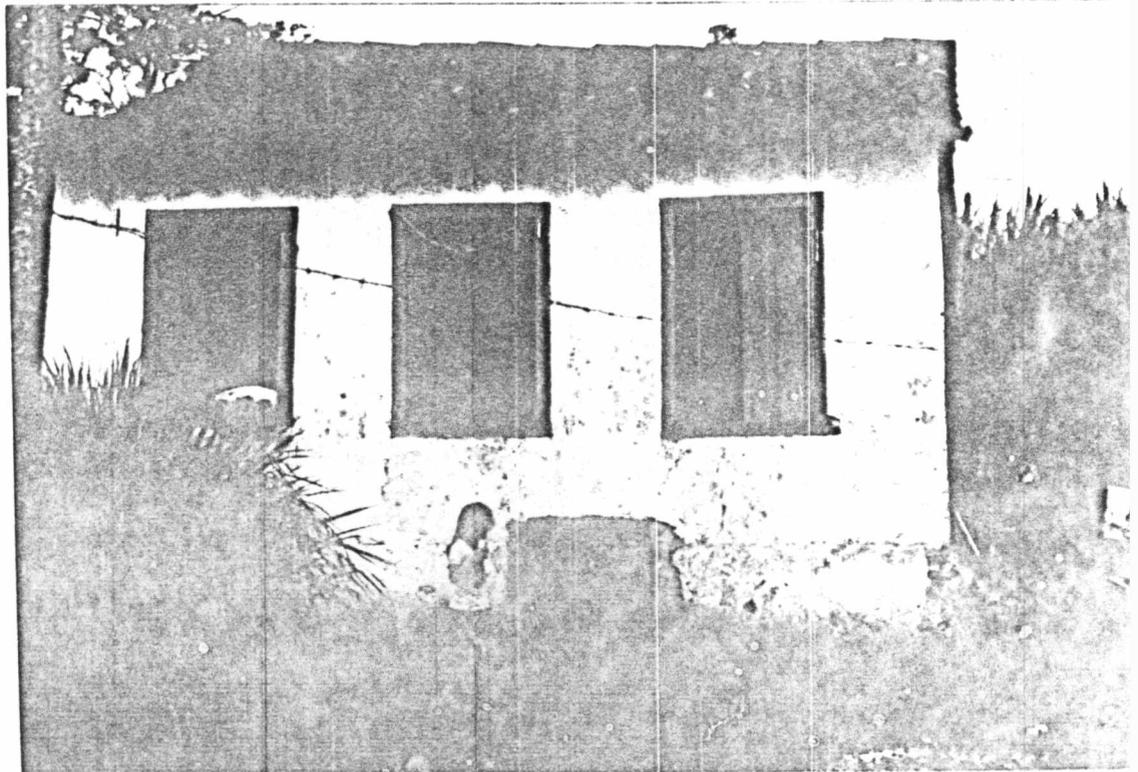
Os espaços externos diminuem em número e em extensão: ainda se encontram hortas, galinheiros, estábulos,

capoeiras e lugares para secar café ao redor da casa mas já não se acham, engenhos, pastos e nem roças nas suas proximidades.

Na casa da geração mais nova, a madeira é, sempre que possível, substituída pelo tijolo, pelas razões que já foram vistas. As cores voltam a serem mais discretas: o branco, o bege e o marrom prevalecem sobre o vermelho, amarelo ouro ou azul e já não se usa mais de duas cores na fachada. As duas janelas frontais são mantidas mas agora essas janelas já se dividem em duas folhas: uma toda de vidro e outra de madeira vazada.



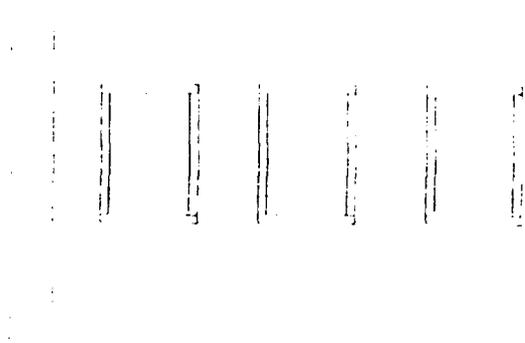
Casa-de-antigamente: a porta da sala é maior
que a porta da cozinha. As duas são laterais



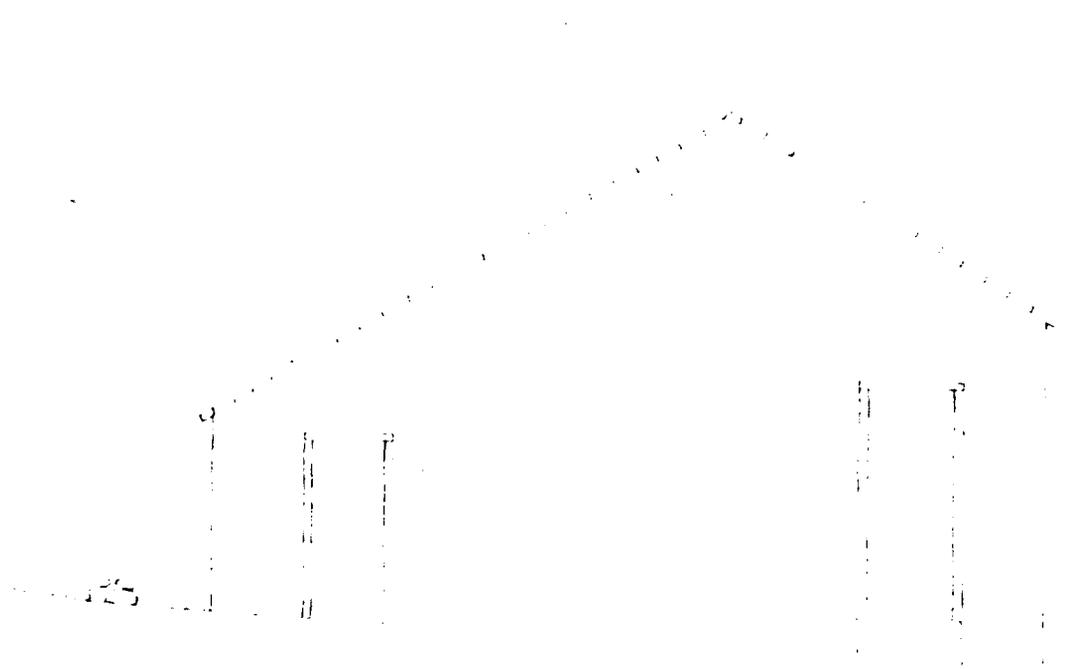
A esquerda: janela do quarto
A direita: duas janelas da sala

CASAS DE ANTIGAMENTE

APROXIMACION



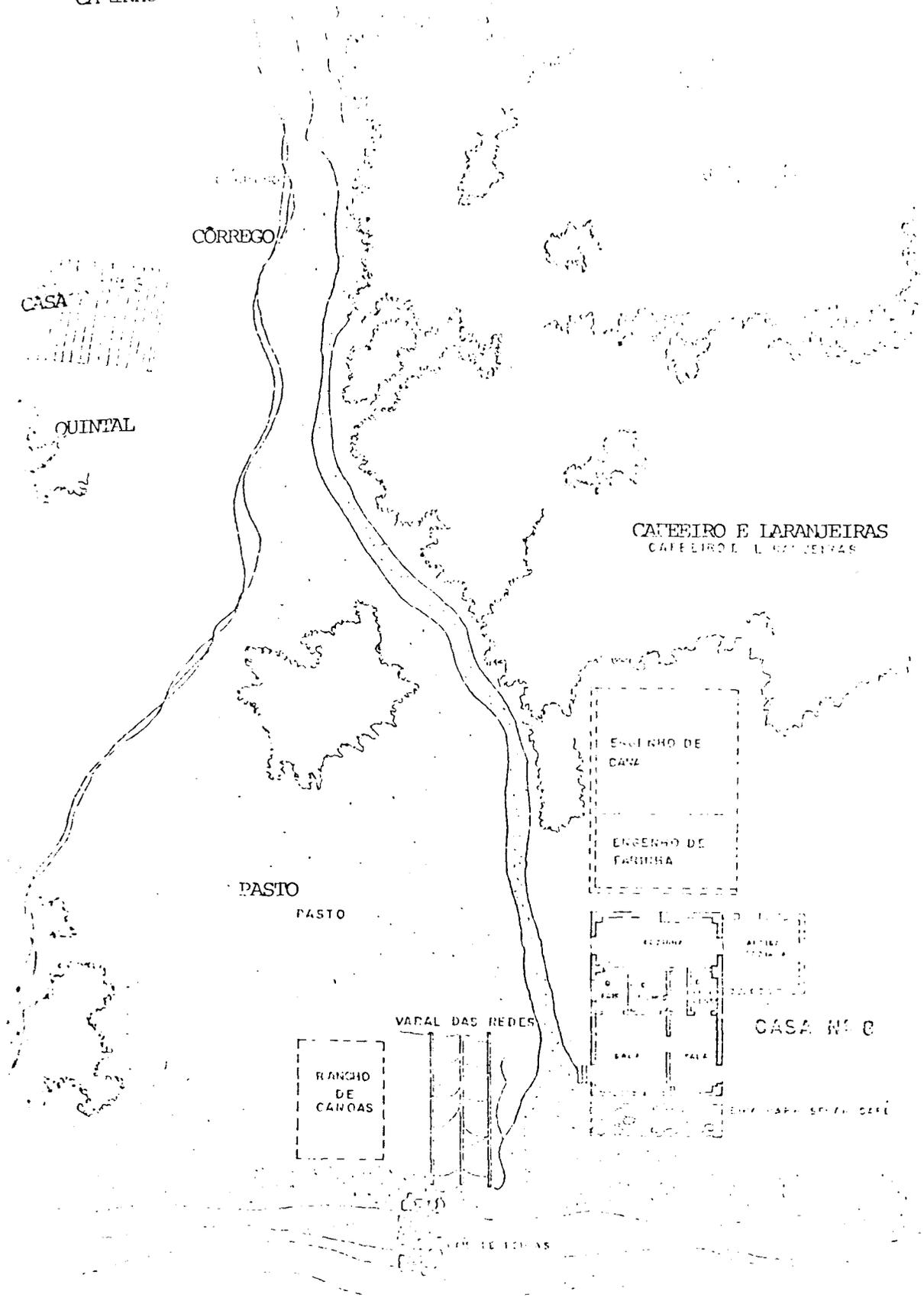
FACHADA PRINCIPAL



FACHADA LATERAL

ESPAÇO EXTERNO DAS CASAS DE ANTIGAMENTE

CAMINHO



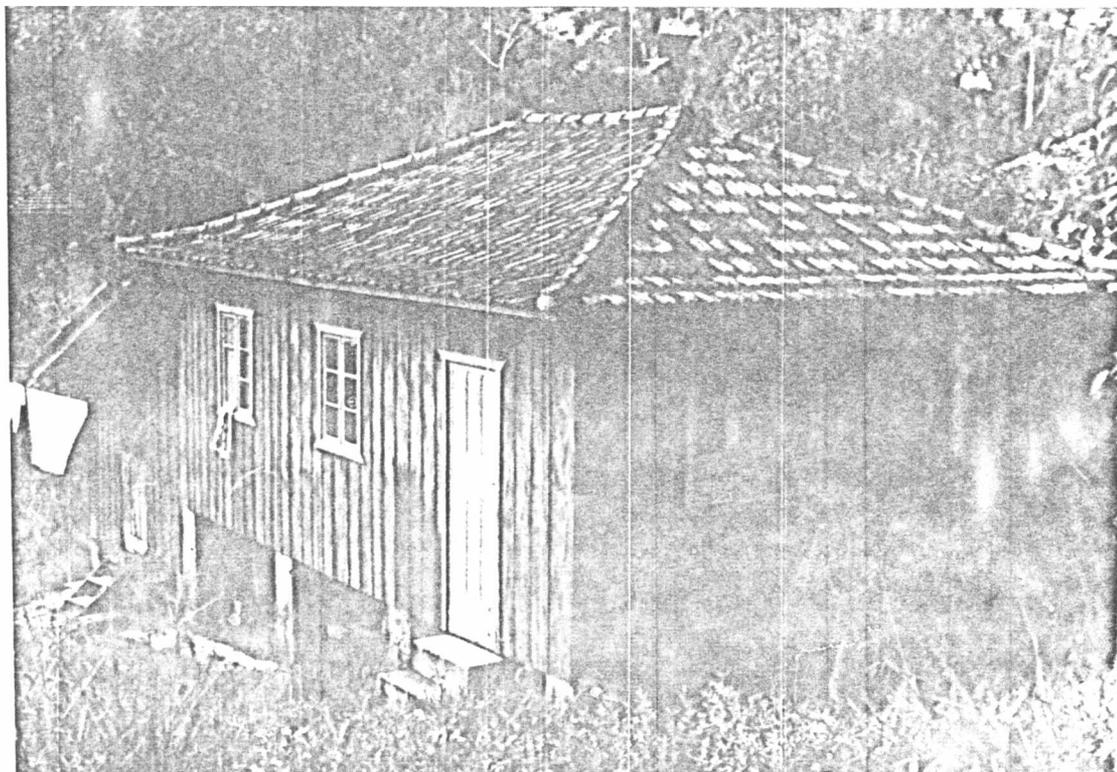
INSTITUTO DE PLANEJAMENTO
MUNICÍPIO DE FLORESTÓPOLIS

SERVIÇO DE
PATRIMÔNIO

LABORATÓRIO HISTÓRICO / ARQUITETÔNICO DO PATRIMÔNIO
MUNICÍPIO DE FLORESTÓPOLIS



Casas intermediárias: profusão de cores



Casa intermediária: cozinha fica atrás e nu nível mais baixo.

Segmentos Residenciais Familiares

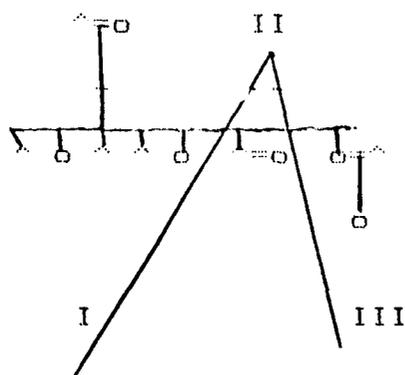
O espaço de moradia dos moradores da Lagoa se organiza em segmentos residenciais familiares (5): diversas casas são contruídas dentro de um mesmo terreno, habitadas cada uma por uma família nuclear, ligadas entre si por laços de parentesco.

Os segmentos residenciais familiares surgem a partir do estabelecimento de uma família nuclear no terreno. Tada a grande disponibilidade de terras até duas décadas atrás, estes terrenos geralmente compreendiam vários hectares, o que facilitava a instalação posterior de outras famílias, todas retirando da terra o seu sustento.

O mais comum é que o terreno e uma das casas pertença ao "pai", e que as outras sejam contruídas à medida em que os "filhos" vão se casando (6). O chefe de família vê aumentado o seu prestígio com estas doações, como mostra WORTMANN, K. (1982), pois de um pai se espera que tenha patrimônio, que não seja apenas o provedor do presente, mas também do futuro.

Desse modo, temos, num segmento residencial, a reunião de famílias nucleares habitando uma mesma propriedade sem que haja co-habitação residencial. Como no

exemplo abaixo onde se pode observar que três casas compartilham o mesmo terreno:



(terreno do seu Zê)

(Onde: "^^" representa homem

"o" representa mulher

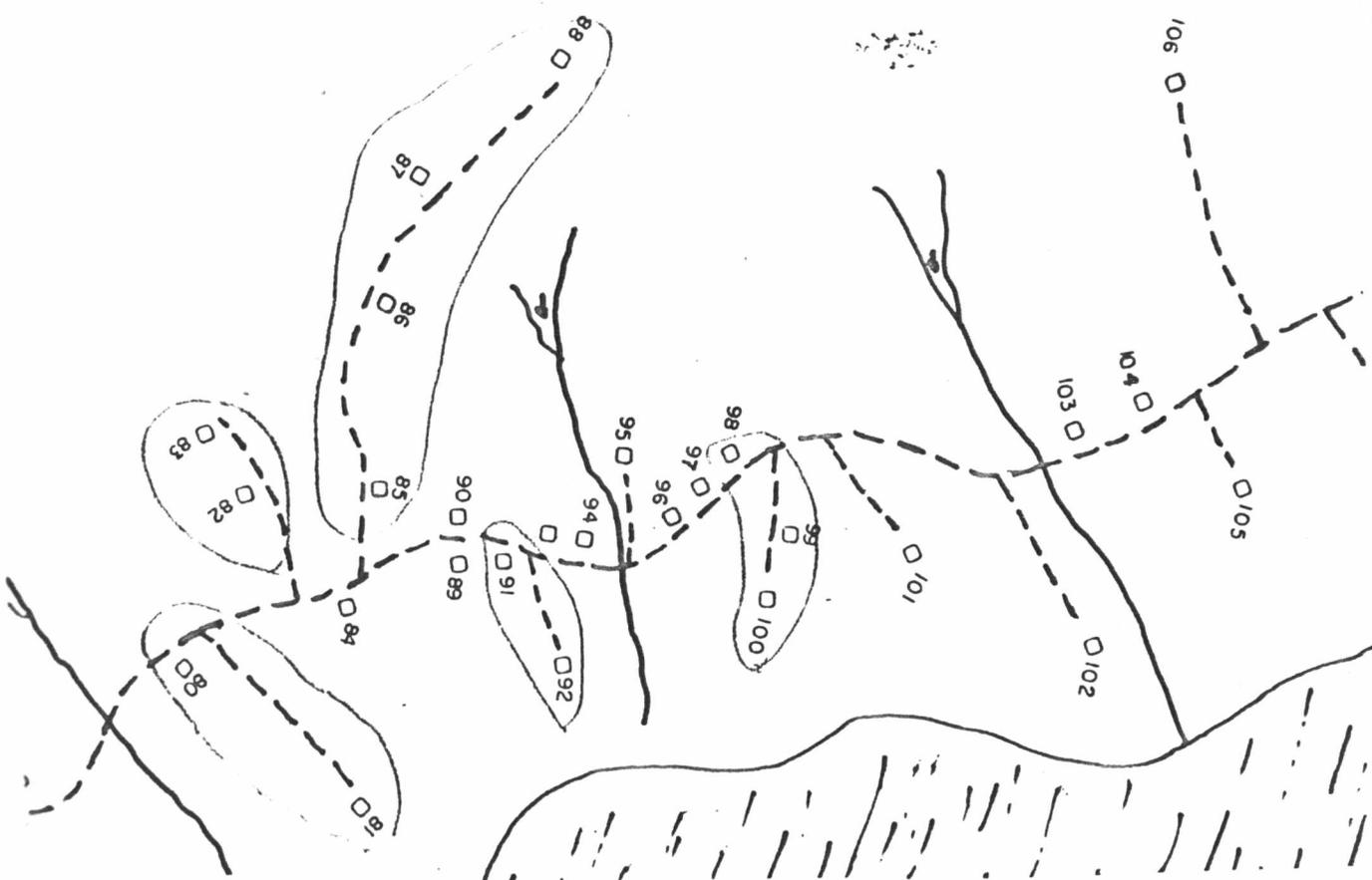
"=" representa casamento

a linha oblíqua divide as casas I, II e III)

Esta tendência de organização das moradias em segmentos residenciais não se dá de modo uniforme em todos as regiões da LAGOA, sendo menos pronunciada nas áreas já urbanizadas, onde os terrenos que antigamente tinham vários hectares foram substituídos nos últimos anos por lotes de 20m por 20m. Em lugares mais isolados, como a Costa da Lagoa ou a Quebrada, é fácil a localização desses segmentos residenciais, verdadeiros clãs isolados uns dos outros.



Quatro casas, um segmento residencial
Quatro familias nucleares, um clã



Trecho da Estrada da Costa com segmentos

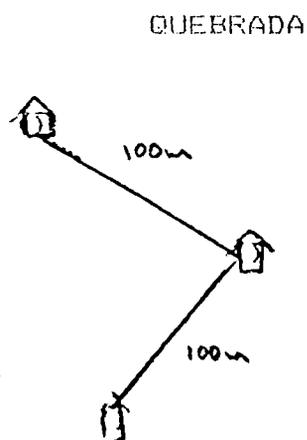
A seqüência das casas que integram os segmentos residenciais nem sempre é de fácil visualização a partir da estrada ou da lagoa. Como a casa dos pais geralmente é contruída próxima à estrada, as casas que lhe sucedem vão surgindo morro acima, ficando muitas vezes ocultas na mata atrás desta primeira casa. Foi com surpresa que mais de uma vez descobria 4 ou 5 casas irem surgindo à medida que percorria alguma trilha iniciada nos fundos das casas que dão para a estrada. As casas geralmente guardam uma certa assimetria, pois é rara a construção, em linha reta de uma atrás da outra. Isto garante o aproveitamento do terreno nas suas partes mais propícias à construção.

De fato, eles às vezes se constituem em pequenas "regiões" dentro de uma região maior, sendo comum que se designe toda uma área de terra pelo nome do seu proprietário, o "pai". "Eu desço no João Pequeno" é a forma sintética usada pelos nativos que moram na Costa para avisar ao barqueiro que querem descer da barca no trapiche localizado próximo ao segmento residencial que tem como "pai" João Pequeno.

Desse modo, é o segmento residencial, e não a família nuclear, que serve como unidade de classificação das diferentes microrregiões. Pode-se dizer que o mapa da LAGOA, no passado em algumas regiões ainda hoje, é dividido em segmentos residenciais.

Pertencer a um segmento residencial é ser dotado de um status social - do mesmo modo como o nome da família transmite hereditariamente um status nas cidades (OVIDEO, 1984), aqui é o pertencimento ao segmento residencial que provém esse qualitativo.

Ao contrário do que se observa hoje, estas casas guardavam uma distância considerável umas em relação às outras. O desenho abaixo, de dois segmentos residenciais que se formaram a partir da família de D. Joana, um na Quebrada, mais antigo, e outro no Porto, de 20 anos, ajuda a se visualizar a mudança da distância entre uma casa e outra:



(terreno de D. Joana)



(terreno do seu Zê)

São muitas as razões para a menor distância verificada hoje entre uma casa e outra. Há uma menor ocupação do espaço doméstico exterior (desaparece o "terreiro" das danças, as hortas diminuem, desaparecem os estábulos, etc) com o abandono de uma economia estritamente

camponesa. E há o desejo da proximidade da estrada, como já vimos. No entanto, as casas dos nativos nem de longe reproduzem os padrões de distância adotados pelas classes dominantes: elas situam-se bem "próximas" umas das outras. Isto ocorre mesmo quando há disponibilidade de terras não sendo, portanto, a contingência que explica a opção por uma distância menor do que a que procuram manter as classes dominantes. O que fica claro aqui é a presença de um sentimento de privacidade e territorialidade outro do que o das classes dominantes (7).

Além de uma distância relativamente menor, nas casas dos nativos geralmente não existem muros, cercas vivas ou qualquer divisão entre uma casa e a outra no interior dos segmentos residenciais. A circulação entre as casas é intensa, ainda que quando o marido está presente as mulheres se recolham às suas próprias casas. As portas das cozinhas permanecem abertas durante boa parte do dia, de modo que mães, filhas e noras podem conversar enquanto trabalham.

Apesar da proximidade física, cada família nuclear se constitui ao redor de um "fogo", isto é, cada casa possui pelo menos uma cozinha de uso exclusivo dos seus moradores. Como apontou WOORTMAN (1982) com extrema acuidade, a própria noção de família no Brasil passa pela existência de uma cozinha autônoma. E em torno dela, diz Woortman, que se dá a construção social dos papéis de <dona-de-casa> (isto é, aquela que controla o orçamento doméstico e se

responsabiliza pela preparação dos alimentos) e do <chefe de família> (isto é, aquele que provém a casa dos alimentos). Afirmação que, de modo geral, corresponde ao que foi verificado durante a pesquisa (8).

Parece ser pela necessidade do homem de se constituir socialmente enquanto um chefe de família e da mulher de ser vista como uma dona-de-casa que se dão as construções autônomas das casas, ainda que grande parte das atividades econômicas e sociais sejam compartilhadas coletivamente pelos moradores do segmento residencial. (Era e ainda é comum os homens trabalharem juntos na roça, nas matanças de boi, em equipe como construtores ou como empregados de uma mesma empresa, assim como nas edificações de novas casas no terreno; e é comum as mulheres ajudarem-se mutuamente, lavando a roupa de uma ou de outra, substituindo-se eventualmente nas "faxinas" das casas do "pessoal de fora", cozinhando o pão juntas, etc.)

Compartilha-se diversos espaços no interior do segmento residencial familiar: o forno externo de barro à descoberta, onde se faz o pão, atividade orientada pela "mãe"; o estábulo; o riacho, de onde atualmente partem as mangueiras de água; a horta; a roça; às vezes, o galinheiro. E, até bem pouco tempo atrás, compartilhava-se a "casinha" - o banheiro externo. Porém, dentro destes espaços coletivos há uma individualização: cada casa tem suas galinhas bem como o seu pedaço de horta e o seu pedaço de roça, de modo

que o sustento de cada uma das casas é garantido pelo seu respectivo chefe de família, como será visto mais adiante.

Há, no entanto, uma exceção a esta regra da chefia da casa pertencer ao homem/provedor: a das famílias onde exista uma mãe-viúva. Ainda que elas não sejam nem provedoras nem mantedoras do lar, estas viúvas eram e são tidas como as verdadeiras chefes-da-família, tendo a última palavra nos negócios internos e externos da família. Fazem lembrar, pelo exercício de autoridade, as viúvas espanholas descritas por FITT-RIVERS que ultrapassando a idade de procriação, evocão:

certaines poules de la famille des faisans qui, en vieillissant, prennent le plumage du coq et fait trembler tout les mâles de la famille" (1981:131).

Parte deste poder pode ser explicado como tendo um fundamento econômico: a casa e as terras de onde é retirado parcela do sustento da unidade familiar ainda lhe pertencem. Ainda que seja o filho ou o genro que efetivamente sustentam a casa, ela contribui para o "monte" pela posse jurídica da propriedade. A explicação, porém, ficaria incompleta se desconsiderássemos o papel desempenhado pela <honra> nestes casos. Deixando de ser uma ameaça à <honra> da família, uma vez que já passaram da idade de procriar, as viúvas podem

jouer aussi bien des prérogatives dues à leur âge que de l'attachement et de l'estime de ceux qui tiennent d'elles leur honneur: leur enfants PITT-RIVERS (1981:131).

Não é, porém, este tardio poder das mulheres que explica uma outra característica dos segmentos residenciais familiares de antigamente: a matrilocalidade.

Matrilocalidade

Antigamente, havia uma tendência à matrilocalidade -que corresponde a tendência geral, observada em estudos de parentesco no Brasil (9), das filhas habitarem próximas às mães. Uma das razões para essa matrilocalidade parece relacionada ao desejo dos filhos homens de se afastarem da casa dos pais após o casamento. Permanecendo próximos aos pais, os filhos homens eram constrangidos pelas rígidas regras de obediência familiar de uma sociedade patriarcal a trabalharem para o pai, como mostra este trecho de entrevista:

"Eu era um gurizote, 14 anos, pequeno, eu pescava; eu trabalhava na roça do pai; eu trabalhava na farinha, principalmente na época da farinha; eu juntava mandioca, botava mandioca e ainda pescava à noite e ainda rachava lenha quando tinha uma

folga pra juntar dinheiro pra poder sair. Porque peixe não se vendia, era pouco, o que pescava era para comer mesmo, só de vez em quando é que dava de vender".

(seu Manuel, 50 anos, Canto da Lagoa)

E, se permaneciam no terreno, continuavam a trabalhar para o pai mesmo depois de casados. O depoimento do seu Zê Manco é claro neste sentido:

"Depois de casado, eu continuei ainda trabalhando dois anos pro velho. Eu pescava pra ele. E se eu queria levar algum dinheiro pra casa tinha que rachar a lenha pra vender, porque naquele tempo se vendia muito a lenha rachada. Eu queria trabalhar pra mim esta semana, mas que nada, querer (trabalhar pra si) é tã de mã vontade, tem que trabalhar é pra ele".

(Zê Manco, 50 anos casado desde os 20 anos, morador do Canto proveniente da Costa)

Só indo morar longe da casa dos pais - e as terras do sogro poderiam propiciar a distância desejada - é que escapavam do jugo patriarcal. Essa distância nem sempre era física, mas simbólica. Como eram - e são - comuns os casamentos entre vizinhos, o que impedia o filho de continuar trabalhando para o pai era muito mais o fato dele se integrar em um novo "clã" do que estar longe do seu "clã" de origem. Uma integração que supõe relações de ajuda mútua, mas onde a subordinação do genro ao sogro é bem mais amena do que a do filho ao pai. Neste sentido, o que se verificou na família de Dona Loquinha, 77 anos, moradora de um imponente casarão construído no início do século XIX na trilha da Costa, é exemplar.

O seu avô, Manoel João Gonçalves, era um dos homens mais importantes da região, muitas terras, engenhos de farinha, açúcar e café, e grandes plantações. Como todos no lugar, ele também dependia do trabalho dos filhos, sendo esporádica a contratação de empregados. Quando uma das suas filhas quis se casar com um vizinho, simples lavrador, o avô de Dona Loquinha se opôs a ponto de não comparecer à cerimônia de casamento da filha, que só obteve o seu consentimento depois de grávida. A pobreza do noivo me foi justificada assim por Dona Loquinha:

"Meu pai, Manoel Thomas, não trabalhava para si, trabalhava para seus pais. Só no domingo é que trabalhava para ele".

Com o tempo, porém, a situação se alterou. Todos os filhos homens do Manoel João Gonçalves deixaram as suas terras, indo morar longe, e foi o genro não desejado quem passou a trabalhar para o sogro. "De todos, só ficou ele"

E foi ele quem garantiu a velhice da avô de Dona Loquinha quando Manoel João Gonçalves faleceu, passando então a sua família a morar no casarão junto com a viúva.

Escassez de Terras, Fim da Matrilocalidade:

Ter filhos numerosos é uma exigência do modo de vida camponês, já que a sua mão de obra é utilizada desde muito cedo na produção familiar. Cada nascimento, porém, encerra em si uma contradição: ao mesmo tempo que é saudado como um acréscimo na força de trabalho disponível para a roça, a pesca, o trabalho doméstico no interior da casa, etc, ele traz consigo a "ameaça da excessiva fragmentação da terra quando ocorrer um processo de herança no patrimônio paternal" (MOURA, 1978:36).

Foi o que se verificou na LAGOA, onde a fragmentação da terra e sua escassez foi ocasionada não apenas pelo crescimento populacional dos nativos e a divisão ocasionada pela herança mas, principalmente, pela venda dos terrenos para o "pessoal de fora". Uma das consequências disso foi o fim da tendência à matrilocalidade, aos poucos substituída pela tendência dos primeiros filhos que casam ocuparem o terreno disponível. Assim, o pai que tem terreno disponível o cede para os primeiros filhos a casarem, sejam eles homens ou mulheres indiferentemente. A organização do espaço doméstico permanece sob a forma de segmentos residenciais familiares mas já não se pode falar em "matrilocalidade" pois o casal se estabelece com a família

no terreno dos pais para construírem suas casas. Isto, no entanto, não parece preocupar as famílias, voltadas bem mais para os benefícios imediatos do presente do que em assegurar um dote imobiliário para os filhos. As terras são vendidas ou trocadas por preços bem abaixo do seu valor imobiliário, como se encarnassem um mal: o de representarem um modo de vida rural para o qual os nativos desejam veementemente voltarem as costas. Os exemplos de transações imobiliárias são inúmeros; as vendas de terra ocorrem diariamente acentuando-se nas temporadas de verão, quando cresce o afluxo turístico. Para ilustrar, cito dois casos ocorridos no Porto da Lagoa: Seu Zê vendeu 1/3 do seu terreno, aproximadamente 2 hectares, por Cr\$ 38.000.000,00. Pretendia colocar o dinheiro na poupança, mas o Plano Cruzado congelou o seu lucro ilusório; Seu Dê, funcionário da Penitenciária Estadual, vendeu seu terreno de 2,5 ha comprando com o dinheiro dois exíguos lotes de 0,5 ha na Lagoa, onde pôde construir a desejada casa de alvenaria e ficar mais próximo dos confortos do "centro".

Além da venda dos terrenos e de sua ocupação pelos filhos já casados, também a legislação que regula o uso do solo contribui para a atual escassez de terras na LAGOA. Pelo novo Plano Diretor de Florianópolis, boa parte da LAGOA é "zona de preservação permanente" (10).

Em relação aos segmentos residenciais familiares, as consequências do aumento populacional e principalmente da

venda de terras foram, portanto, duas: a diminuição da distância entre as casas que os compõem e o fim da tendência à matrilocidade, dando lugar a um privilégio para os filhos que casam antes. Tanto uma modificação quanto a outra está relacionada diretamente com a menor disponibilidade de terras dos nativos, mas refletem as mudanças de toda uma cultura e de um modo de vida. A longo prazo, é possível se prever o fim dos segmentos residenciais familiares.

Hoje, por ser comum o casamento entre moradores de segmentos residenciais vizinhos, tem-se uma extensa rede de alianças. Cada família incluída nesta rede torna-se parte de um complexo que abrange diversas unidades domésticas em diversos segmentos residenciais familiares.

As relações com as diversas outras unidades domésticas que compõem a comunidade devem ser vistas essencialmente como de vizinhança, já no interior dos segmentos residenciais, tem-se relações de parentesco (11).

Por tudo o que foi dito, é possível concluir que os segmentos residenciais familiares são espaços sociais intermediários entre o núcleo familiar restrito e a comunidade. O contato da comunidade com os indivíduos passa pelo segmento residencial, em um primeiro momento, e pela família nuclear, num segundo momento.

O Processo de Construção

As construções novas de casas na LAGOA se relacionam quase sempre com o casamento. Os casamentos levam a residências neo-locais e constituição de unidades domésticas independentes. Já as "reformas" procuram adequar a casa a uma hierarquia simbólica de materiais de construção, compartilhada a nível do imaginário pelos nativos das três gerações estudadas, adaptando-as aos novos gostos.

A construção da casa é uma tarefa do homem, que supõe um saber específico ao qual os jovens têm pleno acesso quando da edificação de sua primeira casa. Por tudo o que envolve esta primeira construção, ela pode ser vista como um ritual de passagem do homem para a vida adulta.

- quem faz casa, quer casar

A casa foi e continua sendo a principal condição para que um casamento se realize (12). Antigamente, a casa era o único bem que o casal necessariamente tinha que ter, já que o terreno onde ela era assentada pertencia ao sogro do marido, e o sustento da família podia ser obtido com a pesca ou a agricultura. Hoje, a casa ainda permanece como a condição primeira para o casamento.

O Processo de Construção

As construções novas de casas na LAGOA se relacionam quase sempre com o casamento. Os casamentos levam a residências neo-local e constituição de unidades domésticas independentes. Já as "reformas" procuram adequar a casa a uma hierarquia simbólica de materiais de construção, compartilhada a nível do imaginário pelos nativos das três gerações estudadas, adaptando-as aos novos gostos.

A construção da casa é uma tarefa do homem, que supõe um saber específico ao qual os jovens têm pleno acesso quando da edificação de sua primeira casa. Por tudo o que envolve está primeira construção, ela pode ser vista como um ritual de passagem do homem para a vida adulta.

- quem faz casa, quer casar

A casa foi e continua sendo a principal condição para que um casamento se realize (12). Antigamente, a casa era o único bem que o casal necessariamente tinha que ter, já que o terreno onde ela era assentada pertencia ao sogro do marido, e o sustento da família podia ser obtido com a pesca ou a agricultura. Hoje, a casa ainda permanece como a condição primeira para o casamento.

A casa é uma espécie de dote masculino no casamento, sendo de inteira responsabilidade do homem (13). Ela se relacionava e ainda se relaciona, no imaginário dos nativos, de modo tão estreito a uma união conjugal que chega a funcionar como um signo-índice de "casamento" (leia-se, fuga): onde é contruída uma casa por um homem solteiro, haverá "casamento" em breve. A construção de uma casa por um rapaz tem o significado social de anúncio de casamento, mesmo na ausência de noiva, como se observa no trecho da entrevista de D.Alvina.

"Lá perto do X tá saindo uma porção de casas novas, não tem? Os moços dali tão fazendo casa porque querem casar. Os moços é que fazem a casa sempre. Eles às vezes nem têm namorada. Eles fazem a casa assim, depois é que arrumam uma moça pra casar. Os moços ali não são muito de namorar. Deviam arranjar uma namorada mas eles não. Agora vão ter de arranjar uma namorada."

D.Alvina, 62 anos, Costa da Lagoa

Evidentemente, a construção da casa na ausência de uma namorada não foi nem é a regra, e só pode ocorrer quando o terreno onde ela está sendo contruída pertence ao jovem ou ao seu pai. Estes casos, no entanto, servem para demonstrar com clareza que a responsabilidade da edificação da casa é inteiramente do homem.

Mesmo quando a noiva é conhecida dos parentes e da comunidade, a construção da casa mantém seu poder semântico de anunciar o "casamento". "O Cedenir tá terminando a casa.

Qualquer dia ele traz a namorada pra morar com ele", me disse entre risinhos cúmplices Neide, 23 anos, a irmã mais velha do Cedenir, que também se "casou" fugindo para uma casa previamente construída pelo noivo.

A construção da casa é realizada, em grande parte, pelo próprio futuro morador, sendo uma tarefa sua, contando, às vezes, com a ajuda do pai, do irmão, do cunhado ou, quando das "reformas", de um filho. O jovem planeja e executa esta construção

Entre os nativos da geração mais velha, a casa era construída de duas maneiras, dependendo da posição econômica do proprietário. As casas dos "pobres" eram feitas de estuque e cobertas de palha, através de um sistema de mutirão. Delas, poucas restaram. As casas dos menos "pobres" eram feitas de pedras e cobertas com telhas. As casas de pedras tanto podiam ser construídas pelo proprietário - como, por exemplo, a casa de D. Leandra, 63 anos, localizada na trilha da Costa da Lagoa, que foi construída pelo seu avô - ou por escravos, como foi o caso do sobrado do avô de D. Loquinha, 77 anos, localizado na trilha da Costa e que, segundo ela, teria sido "erguido em sete dias pelos negros".

Hoje, as casas são construídas nos momentos de folga do seu proprietário, à tardinha depois do trabalho ou nos fins-de-semana. A construir em madeira ou estuque, quase todos aprendem. "Construo tudo com a minha mão. O que é de madeira eu faço, não faço é tijolo", Dé, 35 anos, Lagoa. A

alvenaria já é considerada mais difícil, daí recorrer-se à ajuda de um especialista geralmente recrutado nas vizinhanças.

Mesmo quando há uma namorada ou uma esposa (no caso das "reformas"), o poder da mulher sobre o processo de construção é muito pequeno, ainda que tenha aumentado entre os casais mais jovens. É consenso entre os nativos das gerações mais velhas que "a mulher manda dentro da casa" (ou seja, na decoração), mas "não tem influência na construção. Eu sei o certo, então por que vou perguntar. Eu já vou e faço o certo da casa". Zê Manco, 50 anos, morador do Canto da Lagoa.

A casa era e é a culminância de um longo processo que supõem a superação física e intelectual do jovem. É um dos ritos de passagem para a vida adulta (outro, antigamente, era a estadia nos barracões de pesca em lugares tidos como longínquos). Ele supõem um projeto anterior que possibilite uma economia de dinheiro, um aumento dos seus contatos sociais com a comunidade para dela receber algum tipo de ajuda, um grande esforço físico na construção propriamente dita e a responsabilidade da palavra final nas escolhas que precisam ser feitas. Implica também num contato- que antes, para muitos, era o primeiro - com as lojas da cidade, seus vendedores, seus produtos, enfim, todo um <ethos> outro.

Na verdade, este saber corresponde ao mínimo necessário para a construção de qualquer casa. Só não existe entre os nativos uma etapa prévia à construção, semelhante ao <projeto> arquitetônico das classes dominantes. O campo de possibilidades da planta parece limitar-se ao tamanho da casa, tudo o mais correspondendo a um modelo internalizado por cada geração que o construtor segue sem questionar-se sobre outras possíveis soluções. "Planta ninguém faz", me explica Zè Manco, "a gente risca no chão assim" - usando uma vara, ele traça riscos na terra demarcando o lugar onde serão construídas as paredes internas e externas da casa - vê se o tamanho dá e faz."

A construção da casa transforma um jovem num chefe de família e tem, assim, uma significação moral e social (14). A conquista de um espaço (extensão geográfica) liga-se, desse modo, à conquista de um espaço social, de um "território" (nos termos de HALL, 1977) ou de domínio (nos termos de ARIES, 1986b), ou seja, de um lugar no social onde "o indivíduo do sexo masculino possa se situar sendo reconhecido e respeitado." ARIES (1986:13).

Além de ser uma profunda ruptura para o jovem marcando o momento de sua independência da família, a construção da casa e o casamento, que é o seu corolário, são vividos como uma ruptura também pela família de origem do noivo. A família deixa de contar com a ajuda econômica do filho, que passa a trabalhar para o seu próprio "monte" (15).

Em alguns casos, esta perda do filho acarreta uma profunda transformação no modo de vida da família, obrigando o pai a deixar de ser um camponês. Veja-se o que aconteceu com o "seu" Louro, 48 anos, morador do Canto da Lagoa, cujos filhos, pensando em casar, resolveram arranjar emprego:

- "Sabe, dona, eu vou vender o terreno em frente lá de casa". (terreno de 60 x 100m, na beira da Lagoa)

- Mas o senhor vai ficar sem o pasto?

- "Ah, eu vou vender o gado também. (12 cabeças) Não dá mais. Meus filhos que tratam do gado já têm um com 16 e outro com 15, eles querem trabalhar de empregado, eu não posso dar o conforto pra eles, tenho que deixar. Depois casam. Eu já tô velho, tenho 48 anos, tô acabado, não vou viver mais que 12. Vou é botar 1 milhão e meio na poupança, comprar um carro e chegar de trabalhá."

Ainda que o seu "ideário" (plano) não fosse de agora, o casamento emite dos filhos e a sua necessidade de ter casa e precipita o plano.

O que mudou foi o aparecimento de um etapismo nas construções das casas, como aliás tem sido observado de modo geral nas habitações populares. Nas casas antigas ele não se verifica, uma vez que todo o material necessário à construção era acessível sem ter de ser comprado - bambu, barro, madeira, palha - ficando no máximo para um momento posterior ao da construção a cobertura por telhas industriais ou a "caiação". Porém, com o concomitante ingresso de parte desta população num "sistema de moda" (16), com a ampliação de suas necessidades e desejos, a casa

leva mais tempo para ser acabada, ficando a pintura externa ou a pintura interna, o calçamento da entrada ou outra providência para serem concluídas mais tarde. Com a utilização de materiais adquiridos no mercado, a construção da casa tornou-se uma variável dependente da renda do seu proprietário.

Esta renda, para a maioria dos nativos da LAGOA que se casaram entre os anos 50 e 70, provinha do ganho da pesca. Por este motivo, muitas casas foram construídas imediatamente após uma boa temporada em Santos ou Rio Grande e outras levaram anos para serem concluídas. Hoje, com o assalariamento de grande parte da população masculina, o básico da casa é construído em um tempo menor. Nas gerações mais novas, o dinheiro necessário provém de empregos na Lagoa ou na "cidade". Ele muitas vezes é obtido pelo jovem pela venda de sua moto, o primeiro bem que ele adquire quando passa a receber um salário fixo e, mais raramente, pode vir de alguma contribuição da "noiva".

- um saber comum a todos os homens

A experiência de auto-construção da casa torna cada homem possuidor de conhecimentos amplos, ainda que rudimentares, no domínio da engenharia, das técnicas e

materiais de construção. E se é facilmente verificável a manipulação destes conhecimentos por parte dos homens, também é inegável a exclusão completa das mulheres deste saber. Martelos, pregos, canos, cimento, areia são instrumentos e materiais proibidos às mulheres, não sendo jamais manipulados por elas, como se fossem <tabus>. Isto, às vezes, é lamentado pelas próprias mulheres, mas é norma aceita:

"As mulheres trabalharam muito, conseguiram o dinheiro pra comprar material que precisava, agora fazer a gente não sabe. Por isto tem que ficar esperando (pelos homens), e a obra não sai nunca.", lamentava-se D. França, 60 anos, dona de uma venda no Canto da Lagoa.

Recolho das anotações feitas após assistir um enterro no cemitério da Lagoa um outro exemplo desta exclusão das mulheres de tudo o que concerne às construções:

Terminada a prece final do padre à beira do túmulo aberto, dois funcionários do cemitério e um supervisor tomam o centro da cena, aproximam-se do túmulo para providenciarem o seu fechamento. As mulheres imediatamente começam a se afastar, consolando a viúva ou conversando em voz baixa em pequenos grupos. Alguns homens, porém, ficam e aproximam-se do túmulo aberto; em poucos minutos, vencendo a circunspeção imposta pelo momento, eles se debruçam sobre a abertura e começam a discutir com animação entre si e com os operários sobre o modo como deve ser fechado o túmulo. "É preciso reforçar nas beiradas, é onde racha", alerta um deles; "Não precisa, a massa tá bem forte e quente", sustenta outro abrindo uma polêmica. Alguns chegam a participar do trabalho, tomando da "pazinha" para rasparem o excesso de massa de um dos lados e ajudando a recolocar a lagem de cimento sobre a

abertura. Quem chegasse naquele momento, não conseguiria distinguir os operários do cemitério dos convidados do enterro, tal a integração do grupo.

Terminado o trabalho de fechar o túmulo (que poderia ter sido executado apenas pelos dois operários), uma das mulheres presentes aproximou-se e, apanhando uma vassoura, começou a varrer ao redor do túmulo. Quando haviam respingos de cimento ainda molhado, porém, era um dos homens que o retirava com o auxílio da "pazinha."

A divisão sexual do trabalho mais uma vez aparece de modo claro: aos homens compete construir, às mulheres limpar.

De outra parte, mais de uma vez, e em situações que não diziam diretamente respeito à construção de casas, foi possível comprovar que os homens de modo geral são extremamente hábeis nesta atividade. Cito um outro trecho de minhas anotações:

Festa de São João no Canto da Lagoa, julho de 86:

Chegamos no terreno reservado para a festa às 19 horas, hora marcada para início da festa. Havia algum movimento mas só às 21 horas o terreno estava realmente repleto.

A primeira impressão foi de surpresa pela radical transformação do lugar. Em um dia, os organizadores da festa - grupo de nativos ligados à construção da Igreja - conseguiram criar tantos ambientes e usando uma tal variedade de materiais, que a efemeridade do acontecimento, aos meus olhos, não parecia merecer.

Já na entrada, dois enormes bambus entrelaçavam-se no alto, formando um pórtico - encontrei arcos semelhantes na festa da Santa Cruz do Canto da Lagoa e em outras na Ilha, parecendo ser uma característica da construção dos espaços coletivos. No centro do terreno, um grande círculo delimitava o espaço das apresentações das quadrilhas e casamento na roça. Era também construído com bambus, estendidos horizontalmente

entre um tronco e outro, e enfeitados de metro em metro por "vassourinhas" e por bananeiras inteiras. Quatro barracas de bambus cobertas com lona e uma fogueira de uns 5m de altura, feita com troncos, completavam as construções. Todo o material fora conseguido pelos homens "na mata": bambus gigantes, encontrados na trilha para a Quebrada, grandes troncos de "garapuvus" e de outras árvores de bom calibre, etc. Tudo passava a impressão de ser muito sólido, capaz de resistir meses e não apenas uma noite (17).

- as reformas das casas:

As casas na LAGOA, principalmente as das gerações mais novas, são submetidas a frequentes reformas. Não se trata aqui daquilo que JARREAU (1985) define como <expansionismo territorial>, tendência das classes dominantes em ampliar a casa pela adição de novas peças ou aumento do espaço físico das peças existentes, mas de uma luta para adequar a casa a modelos e materiais de construção tidos como mais nobres.

As reformas obedecem uma sequência de prioridade: primeiro se arruma os problemas tidos como mais grave, problemas funcionais como goteiras no telhado, rachaduras nas paredes, para em seguida reformar o que é considerado simbolicamente como mais importante: a parte de frente da casa. A casa de D. Alvina, 60 anos, moradora da trilha da Costa da Lagoa, reformada pelo seu filho, fornece um exemplo desta sequência:

"Primeiro (a casa) era de estuque. Depois ele

(filho) botou a frente de material, sô a frente era de material. Depois ele botou os lados de material. Atrás (continua) de estuque."

No que diz respeito ao interior da casa, a sequência também obedece a uma hierarquia precisa: a sala é a primeira das peças a ser reformada e a cozinha a última. Como no exterior, muitas vezes, a reforma é realizada mesmo que do ponto de vista funcional a casa não deixe nada a desejar. Foi o que aconteceu com a casa de D. Joana, 60 anos, moradora da Quebrada, na qual o filho substituiu as tábuas do assoalho da sala, que estavam em um estado de conservação razoável do ponto de vista de sua funcionalidade, por lajotas comerciais. Uma operação que custou "uma vaca", como faz questão de ressaltar D. Joana.

Observa-se a tendência à substituição de um material por outro, numa sequência rigidamente determinada: troca-se o estuque pela madeira ou alvenaria e a madeira pela alvenaria, iniciando na fachada e terminando nos fundos. Estas substituições são vistas como um progresso. Elas se aproximam da <typical life cycle>, tendência observada por PERLMAN (1977) entre as residências das favelas do Rio. Com a diferença que aqui, não se trata apenas de uma questão econômica, como entre os favelados, mas de acesso aos materiais tidos como mais nobres, caso das tábuas para a geração mais antiga e do tijolo para parte da geração intermediária. As madeireiras se localizavam a uma

distância considerável, o mesmo acontecendo com as olarias, inexistentes da LAGOA até hoje.

No exemplo anteriormente citado de D. Alvina, um outro detalhe chama atenção em razão de sua recorrência: a reforma da casa coincide com a morte do marido de D. Alvina e o fato do seu filho homem passar a sustentar sozinho a casa. Tendo a pensar que, nestes casos, a reforma tenha o mesmo papel da construção da casa antes do casamento: é um ritual de auto-afirmação do homem enquanto adulto capaz de manter um domínio seu. ARIES, P (1981b) mostra como, antes dos séculos XVI e XVII, o homem só passava a ser considerado adulto pela comunidade quando tomava e mantinha a posse de um domínio (espaço antes terra de ninguém), através da força e da inteligência, já que não havia a instituição da propriedade.

Muitas das reformas das casas não modificam a sua planta-baixa, resumindo-se a alterações do material. É principalmente a geração intermediária que introduz novas peças na casa, dividindo os quartos, construindo uma nova cozinha (rancho) e reformando a cozinha interior, além de construir um banheiro no interior da casa.

As casas para as gerações mais novas não são, portanto, espaços permanentes mas fluidos - possíveis de serem alterados pelos moradores - embora a configuração de suas plantas varie pouco de uma família para outra dentro de uma mesma geração, como será visto mais adiante. Como na

construção das casas, nas reformas também se lida com modelos socialmente aceitos, sendo mínima a diferenciação introduzida pelo indivíduo. As alterações da casa correspondem a padrões sociais e não individuais.

Talvez seja o caso de lembrar a advertência feita por BOURDIEU (1980:443), quando se deparou com um conjunto de oposições semelhantes, estudando noções de espaço na Argélia:

nós poderíamos ser tentados a dar a estas oposições uma explicação estritamente técnica (...) se numerosos indícios não sugerissem que estas oposições se inserem num sistema de oposições paralelas que nunca devem toda sua necessidade aos imperativos técnicos.

E muito mais uma lógica simbólica do que aspectos técnicos que orientam a construção desta oposição, ela mesma inserida num sistema de oposições mais abrangentes que colocam de um lado a "mata" e do outro a "casa". O desejado afastamento da <natureza> parece ser o motivo maior da valorização negativa atribuída à "tábua", ao "barro" e às pedras. Por economia mas também por uma tentativa de desnaturalização, os troncos das árvores são fatiados e transformados em tábuas, estas mais valorizadas pelos nativos que aqueles. No mesmo sentido, as pedras lapidadas detêm um alto valor simbólico enquanto as pedras que são encontradas facilmente à beira dos córregos só são

empregadas nas construções que, pelo seu uso - depósito de sementes, de ferramentas, etc - também se aproximam da natureza. E, por fim, o barro, quando produzido por outros homens em uma olaria distante ganha, no processo de sua transformação em tijolo, a desnaturalização exigida. Esta hierarquia é de tal modo que, durante o processo de asfaltamento da estrada do Canto da Lagoa, a prefeitura fazia pequenos negócios com os proprietários dos terrenos ao longo da estrada: trocava faixas de terras de alto valor imobiliário por muros de pedras lapidadas que eram construídos em frente às casas. Conseguia assim alargar a estrada sem os demorados processos jurídicos de indenizações, contentando amplamente os nativos.

NOTAS:

(1) Para uma análise do surgimento e dos significados dos bairros-jardins na Europa ver JARREAU (1985); sobre o seu aparecimento no Brasil ver REIS FILHO (1983) e, sobre os atuais bairros-jardins ou condomínios horizontais, ver SANTOS, M. (1982).

(2) Nenhuma "casa de antigamente" localizada no Canto possuem janelas com vidros. Mas elas existem, desde o início do século, como atestam os moradores e os sobrados na LAGOA e na Costa. Como o vidro era importado do exterior, até meados do século, a opção mais comum eram os tampões de madeira.

(3) Por ter sido feita por membros da geração intermediária na genealogia que serve de exemplo e porque não merece nenhuma denominação especial de parte dos nativos.

(4) Observando as casas ao longo de três quilômetros da estrada Geral do Canto da Lagoa obtive as seguintes combinações de cores:

azul/marrom	laranja/creme
azul/amarelo	laranja/marrom
azul/vermelho	laranja/marrom/vinho
azul escuro/azul claro	laranja/vinho
rosa/azul	branco/verde
rosa/verde	branco/bege/azul
	branco/verde/
amarelo/azul	
verde/laranja	bege/cinza
	bege/marrom

(5) Segmento residencial familiar é o termo usado por NOVAES (1983:22). Antônio Cândido fala em "blocos familiares" para designar o espaço de residência dos caipiras paulistas estudados nos "Parceiros do Rio Bonito":

"... 'blocos familiares', isto é, a vizinhança imediata de membros da mesma família, formando, dentro do grupo, um subgrupo coeso e mais disposto à solidariedade vicinal" (1971:204).

(6) Ver WOORTMAN, K. (1982) sobre as consequências da dependência residencial sobre a constituição dos papéis sociais de chefe de família e de dona-de-casa.

(7) Como mostra HALL (1977), privacidade, territorialidade e distância social são noções relativas a cada cultura e, como

se sabe, nas sociedades complexas, cultura não é jamais sinônimo de sociedade. Não pretendo criar uma homogeneização simplificadora, como se fosse possível existir apenas uma noção de distância social entre as classes dominantes. Tomo por base, para a afirmação de que os nativos constroem suas casas mais próximas uma das outras do que o fazem o "pessoal de fora", as distâncias observadas por mim entre as casas do "pessoal de fora" localizadas na LAGOA.

(8) Cheguei a encontrar casas com múltiplas cozinhas, como as que descreve WOORTMAN, (1982). Algumas viúvas que moram com o filho tem sua cozinha própria, separada da nora. Esta, por sua vez, possui duas cozinhas, havendo situações onde existem casas de três moradores com três cozinhas.

(9) ABREU FILHO, Ovidio de, (1984) "Parentesco e identidade Social" comunicação oral no II Painel de Cultura e Ideologia. GEAS/UFRGS.

(10) Ou seja, toda a extensão das dunas, as encostas dos morros localizadas, acima de 70m da estrada e toda a região do Canto dos Araças e da Costa da Lagoa.

(11) Parentesco é entendido aqui como o definem os franceses, isto é, incluindo não somente os consanguíneos mas também os aliados. Ver DUMONT, L. "Introduction a dos teorias de la antropologia social" s/d/e p. 12.

(12) É interessante observar a condição de ocupação das casas da LAGOA segundo o IBGE. A grande maioria das casas da LAGOA é propriedade do próprio morador:

	total	própria	alugadas	cedidas	outras
urbanas	416	328	68	20	2
rurais	1238	1152	58	28	-
total	1654	1478	126	48	2

(13) Vale aqui a observação feita por Ariès sobre o processo de construção de casas na Europa, antes das radicais transformações da modernidade:

Cabia aos rapazes, no momento em que largavam as saias das mulheres, trabalharem para si um lugar nessa comunidade. Como um animal, uma ave, eles deveriam fazer com que a comunidade reconhecesse que possuíam um <domínio>, um espaço seu... ARIES, P. (1981b).

(14) Tem assim uma significação próxima a que CHEYSSON, E. apontou:

La possession de sa maison opere sur lui une transformation complete; elle fait de l'ouvrier un chef de famille vraiment digne de ce nom, c'est à dire moral et prévoyant se sentant des racines et ayant autorité sur les siens (...) c'est bientôt sa maison qui le possède. apud. JARREAU, P (1985:129)

(15) "Monte" quer dizer renda obtida por todos os membros da família e administrada pelo chefe da família.

(16) Para a noção de sistema de moda ver BAUDRILLARD (1972a, 1972b) e SOUZA (1987).

(17) Muito diferente foram minhas observações na "Miscelânea de Inverno", uma espécie de Festa de São João promovida na Lagoa pelo "pessoal de fora" alguns dias depois. Nesta, embora as barraquinhas tenham sido emprestadas pela Coca-Cola, facilitando o trabalho dos organizadores, notava-se uma absoluta falta de perícia nas construções. As barracas estavam desengonçadas e parecendo que desabariam a qualquer toque mais incisivo, e o arco da entrada, também em varas de bambu, numa tentativa de aproximação com o gosto local, não suportou o vento, vergando após algumas horas.)

(18) "As casas inicialmente contruídas em pau-a-pique ou tábuas, à medida em que vão sendo acumulados tijolos e recursos são refeitas em alvenaria." FERLMAN, Janice "O mito da marginalidade", RJ, Paz e Terra, 1977:22)

(19) A razão deste ritual de instalação quando da mudança do homem da casa, parecem se aproximar muito mais da situação descrita por Aries do que das interpretações propostas por OLIVER, (1972) para quem as transformações nas casas buscam adequá-la ao "eu" do seu novo morador ou por JARREAU (1985), para quem a reforma (bricolagens) é o modo do novo morador adequar o espaço a si próprio com o intuito de sentir-se realmente em casa.

CAP. 6 O ESPAÇO DOMESTICO EXTERIOR

O Sentimento de Territorialidade

- a casa e a mata:

Um das primeiras constatações de Lévi-Strauss, ao desembarcar de navio no Brasil pela primeira vez em 1938, dizia respeito às transformações de uma oposição centenária no velho Continente de onde vinha: a oposição entre a <casa> e a <rua>. Dizia Lévi-Strauss então, percorrendo a serra do mar:

Não há dúvida de que me encontro do outro lado do Equador e do Atlântico, e mesmo junto do trópico. Há muitas coisas que me confirmam: este calor tranquilo e úmido que liberta o meu peso habitual de lá e elimina a oposição (que descubro retrospectivamente como constituindo uma das constantes da nossa civilização) entre a casa e a rua; descobrirei de resto, mais tarde, que essa constante dá aqui lugar a outra, entre o homem e a selva, que não existia nas minhas paisagens humanizadas; (...) L. STRAUSS (1986:79)

Essa citação de Lévi-Strauss torna-se altamente significativa por sublinhar a oposição casa/rua, tão comentada na literatura antropológica contemporânea, e a oposição casa/mata, vivenciada por boa parte dos brasileiros até os nossos dias. Ela se torna pertinente aqui pois ajuda a compreender como se configurava no passado a relação dos

nativos da LAGOA com o seu espaço externo, uma relação que se altera essencialmente nas gerações mais novas.

As montanhas que circundam a LAGOA, estabelecendo um <lugar>, são parte desta Serra do Mar. Embora separadas desta cordilheira por estarem numa Ilha, elas conservam até hoje uma aparência muito próxima da descrição do etnólogo francês. Exceto pela altura, pois são mais baixas, elas ainda mantêm as mesmas extensas florestas em boa parte de suas encostas que, no desc over de Lèvi-Strauss, lembram "mais o mineral que o vegetal, e no primeiro reino mais o jade e a turmalina que a esmeralda e o peridot".

As montanhas da Lagoa ainda mantêm uma aparência quase selvagem, especialmente nas suas encostas superiores. Muito semelhante à floresta atlântica ainda não desbravada com a qual se deparou Lèvi-Strauss, em 1935, subindo de Santos para São Paulo (1).

Era esta natureza, que o colonizador tentou primeiro destruir para depois cultivar, que precisava ser vencida e abatida. Diante de uma floresta assim, era de se esperar que o temor dos homens se dirigisse em primeira instância para ela e os perigos que abrigava; deixando a rua, a cidade e os outros homens num plano secundário. A casa - primeiro espaço conquistado da mata - se opunha de modo imediato ao exterior/mata e não ao exterior/rua como bem observou Lèvi-Strauss.

O resgate da oposição entre a <casa> e a <rua> hoje torna-se pertinente quando da sua aplicação a realidades urbanas contemporâneas deste lado do Atlântico, onde haja predominância de uma <ideologia individualista> (DUMONT, 1985).

Não foi este o caso das primeiras gerações que habitaram a LAGOA e talvez não o seja plenamente até hoje. Os primeiros moradores da LAGOA habitavam sítios, isolados uns dos outros (CASCAES, 1981; CABRAL 1937; BECK 1979), nos quais se viam defrontados de modo imediato muito mais com a mata circundante do que com a "cidade", a qual iam com a raridade com que hoje seus descendentes visitam os santuários paulistas. E portanto a oposição entre a <casa> e a <mata>, muito mais do que entre a <casa> e a <rua>, que presumo fundamental à realidade das primeiras gerações que habitaram a LAGOA, ainda o sendo para as gerações mais velhas.

- territorialidade (2) e espaço doméstico exterior:

O sentimento de domínio por parte da família sobre o espaço doméstico estende-se ao espaço exterior à casa. Ou

seja, casa, como observam os antropólogos que estudam grupos camponeses no Brasil (SOARES, 1981; HEREDIA, 1979; WOORTMANN, 1981), parece se projetar sobre os espaços circunvizinhos. E isto mesmo quando não estão em jogo propriedades juridicamente estabelecidas e sim terras comunais (SOARES, 1981:86). A roça, a horta, o estábulo, os diferentes engenhos, bem como o espaço doméstico na mata, estão incluídos no que HALL (1977) chama de <território>.

Porém, a territorialidade, o sentimento de posse de um determinado espaço, não é homeogeneamente distribuída entre todos os domínios. Tudo funciona como se houvesse um centro irradiador próximo do qual a territorialidade é mais forte, atenuando-se à medida em que se afasta dele. Não é necessário dizer que a <casa> ocupa este centro, ficando a <mata> nos pontos onde a territorialidade é mais fraca.

Impenetrável em sua maior extensão desde o século XVIII até hoje, a mata é a parte da propriedade familiar sobre a qual a territorialidade é menos presente. Por outro lado, propriedade jurídica e territorialidade não são termos equivalentes. A territorialidade é diferente (mais forte ou mais fraca) em diferentes pontos de uma mesma propriedade.

A casa-quintal, na expressão de Ellen Woortmann (1981) que retomo aqui, é percebida como pólo mais acentuado da territorialidade familiar. Ela é plantada no primeiro pedaço ganho à mata pelo homem e atesta esta primeira vitória - uma conquista que, como foi visto tem a amplitude

de marcar, como um <rito de passagem> a transição da adolescência à vida adulta. Para que a casa pudesse existir, foi preciso matar a mata, um extermínio que é constantemente renovado pois, sem a atenção metódica do homem, a mata retoma o seu lugar.

Esta condição de adversária natural do homem tem consequências no modo como a mata é representada pelos nativos. A sua fraca <territorialidade> decorre daí. Pois ainda que conste dos títulos de posse registrados cuidadosamente nos cartórios, a mata é vista como pertencendo a si mesma.

O diálogo que segue serve para ilustrar como na mata há um abrandamento da noção de território:

- Tô precisando de uns pau bom para fazer moirão para uma cerca. Quería pau bom, não tem? Fiz uma cerca com pau podre e num instantinho ela tava no chão. (seu Louro)
- Ali pra cima (apontando para um terreno na encosta do morro, coberto de floresta tropical) tem pau bom. O Adilson (filho) andou cortando e è igual que nem pedra. È sò o trabalho de ir cortá. (seu Abilio).
- Ah, cortá eu corto. Sò tem que saber se dá de passar cavalo. O trabalho de cortar, eu corto. (seu Louro)

No diálogo dos dois, se percebe que a madeira não tem valor em si; o fato de estar no terreno de um terceiro, que poderia tornar impeditiva a sua extração, não parece preocupar os dois. O que importa è muito mais "o trabalho de ir cortar" a madeira do que a sua possível posse jurídica por parte do outro. Algo semelhante ocorria antigamente com

a lenha vendida pelo mesmo preço, tivesse sido retirada do terreno do comprador ou não. A lenha não tinha preço por ser madeira, mas pelo trabalho nela depositado pelo trabalhador que a cortava.

Não é considerado crime pelos nativos o roubo de árvores de palmitos que ainda existem em abundância no mato. Como esse código territorial não é compartilhado pelo "pessoal-de-fora", a invasão dos terrenos tem sido fonte de conflitos entre um e o outro grupo.

Também é nesta fraca territorialidade que se deve buscar uma das razões para a maior e mais flagrante evidência quando se observa a transformação do espaço doméstico exterior nas três gerações estudadas: a diminuição física dos domínios das famílias. Se, no "tempo da farinha", uma propriedade abarcava no mínimo seis ou sete hectares, havendo muitas que ultrapassavam vinte vezes este número, hoje, poucos terrenos de nativos na Lagoa chegam próximo dessa extensão.

Seguindo o exemplo da mesma genealogia que tenho usado, temos:

- terreno de D. Joana20 hectares
- terreno do seu Zê 6 hectares
- terreno da Neide1/4 hectare

Nota-se que, de uma geração à outra, a propriedade familiar diminuiu numa proporção geométrica de quatro. E

isto que o exemplo não contempla as perdas verificadas no período de uma mesma geração, bastante comuns na Lagoa. (3)

O que causa surpresa ao observador externo é o fato da diminuição abrupta do domínio familiar - pela venda de terras para o "possoal-de-fora" e, menos importante, pela divisão da terra entre os herdeiros - não ser vivenciada como uma perda. Afinal, raciocinam os nativos, o que é grande parte do terreno vendido senão mata, muita mata, que, embora tenha servido sempre a sua sobrevivência, sempre foi percebida como um ente a ser vencido? Assim, a ausência de um sentimento de posse (territorialidade) influi decisivamente no preço e extensão das terras que são vendidas.

As árvores (paus) que crescem na mata são vistas como uma reserva inesgotável: "Se cortar hoje, amanhã já tá tudo fechado de novo. Isto num instantinho cresce", Adilson. E a voracidade em derrubar a mata só encontra freio nos espaços que margeiam os córregos. Pois, ali, "não presta cortar porque o sol vem e seca a água todinha." (Seu Ildo).

- a transformação do sentimento de territorialidade:

Antigamente entre os nativos, as propriedades eram demarcadas "por uma pedra qualquer ou uma árvore" - como me

informou um morador do Canto - "e todo mundo sabia onde passava a divisa do terreno". Os caminhos através da mata cortavam as propriedades, criando, segundo os informantes, espaços de livre circulação. Não haviam cercas demarcando os terrenos ou os quintais em frente às casas (4), arranjo que observa-se ainda hoje nas habitações das gerações mais antigas.

Estas "servidões" como que se situavam fora dos territórios privado; seu uso era considerado um direito de todos. E quando alguém desejava transitar pelos terrenos onde não houvesse caminhos prè-estabelecidos para ter acesso à Lagoa pedia "passagem", e esta era prontamente cedida: "A terra eles não levam nos pés", justifica D. Loquinha, 77 anos, moradora da Costa, que no entanto, ao enfatizar o ritual de permissão, mostra que existia um sentimento de territorialidade sobre seus domínios, por ténue que fosse.

Lentamente este sentimento de territorialidade vai sendo alterado.

A necessidade da cerca e do muro chega junto com a rua. Ela protege a casa da poeira e dos carros e, mais do que isso, expressa uma territorialidade para os possíveis estranhos que circulem na rua.

Com a elevação do valor imobiliário da terra, observa-se a transferência, para cada pedacinho do terreno, de um sentimento de territorialidade que antes era extremamente ténue. Hoje, propriedade e territorialidade

praticamente coincidem, uma sinonímia que se comprova não só pelo cercamento total do terreno como pelo tipo de material empregado nesse cercamento.

- cercas e muros

As cercas sempre existiram nas casas dos nativos da LAGOA. Antigamente porém, elas não tinham como papel o de demarcar um território ou expressar um sentimento de privacidade, como hoje os muros parecem adquirir.

As cercas serviam para impedir que os animais saíssem para a rua ou para o terreno do vizinho. Era basicamente esta utilidade que levava os antigos moradores da Lagoa, segundo seus depoimentos, a cercar parte dos seus terrenos. A opção por uma determinada cerca ou outra se dava em função disto: se a intenção era de guardar o gado, a escolha recaía (e ainda hoje recai) sobre as cercas de arame farpado pois, apesar de mais cara, ela garantia que os animais permaneceriam num espaço determinado. Se eram galinhas, optava-se pela cerca de bambu ou pelas redes de pescar já velhas.

Arame farpado, rede de pescar, bambu. Nas três possíveis escolhas da geração mais velha, nota-se algo em comum: a baixa <privatização> do espaço cercado. Explico: o

arame farpado, para nós, demarca fortemente um território, garantindo a privacidade do espaço cercado. Isso porque o arame farpado não apenas defende um lugar, mas as suas farpas chegam a agredir o intruso, capazes que são de provocar ferimentos no corpo de um homem ou animal. Por esta razão, ele tem sido largamente usado na arte como metáfora do cerceamento da liberdade, transformando-se na nossa cultura, num símbolo de aprisionamento. Na realidade, porém, as cercas de arame farpado se mostram bem mais devassáveis do que a sua aparência poderia supor. Primeiro, elas são devassáveis ao olhar: elas não escondem o conteúdo daquilo que querem proteger pois é possível ver o que se passa no interior e assim, de algum modo, continuar participando do espaço protegido. O olhar não é obstaculizado subitamente na sua trajetória como será com a utilização do muro de pedra. E no olhar, como FOUCAULT (1984) mostrou com excelência, reside um poder de quem olha sobre quem é olhado. Se o olhar penetra, também penetra de alguma forma aquele que olha: o controle continua sendo exercitado.

Por outro lado, o próprio material que constitui a cerca de arame farpado não impede normalmente a passagem das pessoas: ele é de metal porém flexível e facilmente elevável.

As cercas de bambu (5), também chamadas de "trançado", têm um custo mais baixo do que as de arame farpado, uma vez que os bambuzais são muito comuns na

Lagoa. Mas têm uma durabilidade menor - de 3 a 5 anos. Servem para proteger a horta do assédio de animais e manter as galinhas num pátio. Pátios que, muitas vezes, nas gerações mais jovens, coincidem com o próprio quintal da casa, servindo então para separar a casa da rua.

Apesar de esconder mais o seu conteúdo de olhares estranhos do que o arame farpado, a eficácia aí é pequena: ele deixa frestas por onde é possível se olhar e a fragilidade do material - uma parede que cai com um empurrão - faz com que estas cercas tenham um significado muito distinto do dos muros. Como na fábula dos três porquinhos, o tijolo e o cimento são os únicos materiais capazes de manter o intruso afastado da casa.

As cercas parecem proteger a casa da mata - estabelecendo um espaço domesticado, o quintal - ou proteger a rua dos animais que estão em casa, evitando que saiam, bem mais do que proteger a casa de um possível perigo representado pela <rua>. Elas não se dirigem contra os outros homens. O que remete novamente à constatação de que, antigamente, no que respeita ao espaço doméstico, a oposição não se configurava como <casa> e <rua>, tendo sido essa uma das modificações ocorridas no espaço social da LAGOA.

De que modo se expressa essa nova oposição? Evidentemente ela tem dimensões sociais, lúdicas, económicas, encontrando em cada uma dessas esferas uma forma

própria. Em se tratando do espaço doméstico, ela se cristaliza nos muros.

Até pouco tempo, os muros eram raros na Lagoa. Nas áreas mais urbanizadas, existiam muros mas eram baixos, o que permitia que se olhasse por sobre eles. É a partir dos anos 80 que altos muros começam a aparecer em frente às casas de uma classe média abastada que passa a morar na beira da Lagoa, transferindo para ali o padrão de residência das cidades brasileiras (6). Um padrão que corresponde a relação social que estes habitantes estabelecem com a vizinhança: os proprietários destas casas nunca são vistos comprando no bar da esquina, nem percorrendo a estrada em caminhadas ou conversando com outros moradores nativos. A sua vida cotidiana se desenrola em uma mônada fechada por altos muros nos três lados e aberta somente no lado que dá para a Lagoa. Estes muros, têm adquirido significado particular na visão dos nativos.

Todo tipo de fantasia sobre a vida dos moradores "de fora" que habitam casas com altos muros é difundida entre os nativos vizinhos pois o que não se vê, se adivinha. Os pequenos indícios e as minúsculas pistas são passadas de boca em boca, num sistema de fofoca, logo ganhando o status de verdade e não de suspeita ou boato. E por trás dos muros que os grandes acontecimentos ocorrem, senão, "porque os muros?" indaga o imaginário nativo. E eu mesma me surpreendi repetindo para visitantes a mesma história que ouvi de um

morador local quando passei em frente a um alto muro branco: "Aqui mora um amigo do governador, amigo de infância. O governador Esperidião Amin vem todos os finais-de-semana visitar o seu amigo e comer churrasco. Por isso é que construíram o muro, para que ninguém incomodasse o governador na sua folga". Nunca vi, no entanto, o governador entrar ou sair daquela casa é nem tampouco o seu carro circulando por aquela estrada.

Os altos muros, não apenas escondem a casa e o quintal do seu proprietário: eles impedem o acesso de intrusos à Lagoa, estendendo deste modo o domínio dos seus donos às águas da Lagoa da Conceição. E se isto é capaz de gerar protestos entre os <ecologistas> (7) (que se incluem no que os nativos chamam de "pessoal-de-fora"), pouca repercussão tem entre os nativos. Somente uma parcela pequena, todos jovens, apoiou os <ecologistas> no questionamento do direito de construir muros altos. Os nativos hoje não só acham que construir um alto muro é direito do proprietário como muitos, se pudessem, fariam o mesmo.

Os muros introduzidos na Lagoa pelo "pessoal de fora" mostram um sentimento de territorialidade dos seus proprietários diferente do expresso pelas cercas dos nativos. O que não significa, porém, a ausência da noção de território entre estes últimos. Parece repetir-se aqui contraste cultural semelhante ao registrado por HALL (1977)

ao analisar a <proxemia> de ingleses e alemães quanto à esfera privada: enquanto os alemães necessitavam de pesadas portas fechadas para obterem uma esfera privada, os ingleses conseguem o mesmo efeito guardando silêncio num espaço compartilhado com outros. No primeiro caso, a barreira física é imprescindível para a demarcação do território; no segundo, é suficiente que a pessoa em silêncio e os outros compartilhem o mesmo repertório cultural para que o território se estabeleça com um simples silêncio.

Entre as casas dos moradores mais jovens, observam-se modificações. Em primeiro lugar, seguindo o exemplo do "pessoal-de-fora", muitos já demarcam a fronteira de seus terrenos com cerca de arame farpado; às vezes até o alto dos morros, interrompendo antigas "servidões". A cerca aí tem um outro papel: o de delimitar o território, um espaço que antes não tinham quase territorialidade. Essa demarcação parece mostrar que o sentimento de territorialidade aumentou com o aumento do preço da terra. Se há 30 anos o preço de um terreno (o da família de Dilmo, 20 anos, por exemplo) correspondia ao de um porco, e há 20 anos atrás ao de uma vaca, hoje o mesmo terreno equivaleria ao preço de dois dos mais caros automóveis fabricados no Brasil.

Em segundo lugar, já se observa entre as casas de construções mais recentes a presença de muros de pedras. E, ao contrário das casas do "pessoal-de-fora", os muros não

são escondidos com cercas-vivas ou trepadeiras. A sua função não é apenas de privatizar o espaço da casa mas estética: eles "enfeitam" a casa.

Os Territórios de Trabalho na LAGOA:
os espaços do homem e os espaços da mulher

No que concerne aos espaços de trabalho na LAGOA, me interessou sobretudo as transformações ocorridas a nível da divisão sexual do trabalho. Verifiquei a transição de um momento - o tempo de "antigamente" - em que o trabalho na casa não era apanágio das mulheres para a cristalização, nas gerações mais novas, de uma esfera doméstica própria às mulheres e que exclui os homens.

O detalhamento de cada um dos espaços de trabalho aqui superficialmente descritos necessitaria uma pesquisa em si. Sugiro para isso a bela pesquisa realizada por Anamaria Beck num distrito do norte da Ilha. BECK (1979).

- o "mato":

Pelos perigos que encerra, a mata era e é tida como um lugar eminentemente do homem, onde qualquer imprudência podia ter como consequência a morte. O relato de D. Polônia, 50 anos aproximadamente, moradora do Canto de Cima mostra o medo que se tinha da mata há 50 anos.

"Ele (seu avô) aí chegou em casa, pegou um balaio de planta de cana para plantar no outro dia. E foi lá no morro levar. Aí minha avô, a mãe de minha mãe, disse assim: - Tu não vai para lá agora, agora é de noite. Tu és tolo? Tu não vai pro morro numa hora dessas.

Aí ele todo teimoso:

- Ainda é cedo, ainda tá dia.

Aí minha avô disse assim:

- Pois já tá anoitecendo, isto aí é claridade da lua.

- Que claridade da lua nada. E a claridade do dia ainda.

E todo teimoso ele foi levar o balaio de cana, deixar lá em cima do morro, adiantar pra no outro dia plantar. Quando ele veio para baixo, trouxe um pau de lenha nas costas, ainda. As pernas dele passou, ou ela (cobra) tava na beirada do caminho ou ele tava na beirada do mato, eu sei que ela mordeu ele."

A mata era o lugar do imprevisível: era e é o principal reduto de cobras e aranhas, o esconderijo dos gambás e dos lagartos que comem os ovos das galinhas, e, de um modo mítico, é também o território das bruxas, onças, lobisomens (CASCAES 1981:83; MALUF 1987). Era, ainda, um lugar de extração e caça. Caçava-se macacos, quatis, tamanduás, gambás, tatus. E ainda se caça hoje porém, na LAGOA, muitas destas espécies já foram exterminadas, em parte por causa desta caça predatória, em parte devido a outras intervenções da civilização - como as explosões de uma pedreira próximo ao Canto da Lagoa. Hoje a atividade voltada para os animais da mata é a caça aos pássaros. O "mato" é o lugar onde se aprisionam passarinhos (como a gralha, aracuã, pica-paus,) com arapucas feitas de bambu,

que ficam armadas durante semanas à espera da presa. Era da mata que se extraía a madeira para todos os móveis e utensílios utilizados na casa (porém não a madeira para a própria casa, esta comprada já sob a forma de táboas), os troncos do guapuruvu, com os quais se construíam canoas, e hoje ainda é dela que se retira o palmito, os mourões para se fazer as cercas e a lenha. Os nativos nunca repõe árvores extraídas da mata, que é vista como uma reserva inesgotável.

A lenha era usada na cozinha, no forno de pão e no forno do engenho de farinha e de cachaça. Sua medida é o "moio" (molho), feixes que reúnem lenha suficiente para "cozinhar 8 dias". Cortar a lenha é um serviço de homem, em parte por ela estar na mata, um lugar perigoso e em parte pela força e necessidade de manipulação de um instrumento pesado e de corte, o machado. D. Polônia conta:

"A lenha, os pais da gente é que iam cortar: às vezes, quandoo eles eram muito mandrião, a lenha ficava lá em cima e a gente tinha de ir buscar. O meu pai era assim, ele dizia: a lenha tá picada lá em cima, se quiserem vão buscar. Ia eu, a minha mãe, a minha filha que hoje é casada...oi, dois moio de lenha, eu chegava em casa assim".

Se o corte de lenha é tarefa de homem, o seu transporte já não é necessariamente. Uma vez vencida a mata pelo homem, a mulher nela pode penetrar para realizar um serviço menor: o de transporte de um material que vai ser usado basicamente por ela, nos espaço da cozinha. O transporte de objetos, um dos serviços de menor <valor>

entre os nativos, é muitas vezes reservado às crianças, que levam e trazem o gado do pasto, transportam o peixe da beira da rede para um monte coletivo um pouco mais afastado, carregam capim, etc. Muitas vezes o transporte da lenha inclui uma etapa feita à pé e outra em carro de boi, sendo então realizado só pelos homens.

O cultivo na mata só ocorre depois que ela é queimada e apenas com espécies que não nascem espontaneamente ali.

A roça, esta porção domesticada da mata, as mulheres tem um acesso que, de modo geral, não é permitido ao restante da mata. Mas existem exceções: as benzedeira que penetram na mata em busca de plantas curativas.

O trabalho da família com os animais fornece um outro bom exemplo da divisão sexual dos espaços domésticos e da sua necessária relativização.

- o pasto:

O pasto é um terreno definitivamente arrancado à mata onde os animais ficam soltos durante o dia alimentando-se com a grama. É o primeiro espaço doméstico a ser cercado com arame farpado, impedindo a saída dos animais de grande porte.

Na geração mais antiga, cada segmento residencial possuía um pasto onde ficavam os animais das diversas famílias elementares que compunham o grupo. Ele localizava-se a uns 200 metros da casa, ao contrário do estábulo, que ficava bem próximo. Hoje em dia, com a drástica diminuição das áreas de terra das famílias, encontrar um terreno disponível para pasto tornou-se um problema. Surgiram pastos coletivos, onde os animais de toda a comunidade são guardados em troca de um aluguel, que sobe à medida em que o tempo passa numa proporção bem superior à da inflação do país (9). A procura destes pastos é maior do que a sua disponibilidade em aceitar novos "inquilinos", o que obriga alguns criadores a manterem seus animais em pastos muito distantes de suas moradias (10).

Como a grama dos pastos não é suficiente para bem alimentar os animais, é preciso que sua ração diária seja complementada ou por capim cortado da capoeira, ou pelo miolo das bananeiras ou por uma ração industrializada, esta última opção sendo considerada a mais eficiente porém a mais cara, usada no caso apenas com as vacas, para aumentar a sua produtividade de leite. Atualmente, o capim plantado nas capoeiras junto às casas, bem como as bananeiras cortadas, não chega para as necessidades dos animais, e o que se vê é o surgimento de capoeiras ambulantes: carroças guiadas por homens ou meninos - as mulheres jamais dirigem carros,

bicicletas, carroça ou cavalos - que diariamente percorrem as estradas cortando o capim que nasce na beira do caminho ou em terrenos vazios. As vezes até de carro se busca capim.

O gado é retirado do pasto no final do dia e guiado até o estábulo para ser alimentado com esta ração. (Evidentemente, nos casos em que os animais estão de inquilinos em pastos muito distantes da casa dos seus proprietários, isto não acontece, ficando eles a mercê de sua própria sorte, até que o dono decida engordá-los para negociar).

A criação do gado (bois, vacas, touros, cavalos, jumentos, etc.) é uma atividade do homem que requer espaços próprios: o pasto, o estábulo e a capoeira. As galinhas, as cabras e os porcos não se incluem aqui pois são responsabilidade das mulheres ou de um filho menor e ocupam outros espaços: as cabras são amarradas por uma corda nas proximidades da casa, e os porcos ficam num cercadinho um pouco mais distante da casa.

Antigamente, como hoje, é tarefa diária e preferencialmente dos homens a alimentação do gado. Mas na consecução dessa tarefa, como em muitas outras que serão vistas, as mulheres e as crianças tem uma participação importante. É possível observá-las transportando capim (ver foto) e ajudando os homens a cuidar do gado, especialmente

nas famílias onde não existam filhos homens em idade de cumprir esse serviço.

Eram e são os meninos que transportam o gado do pasto para o estábulo e do estábulo para o pasto pois aqui, da mesma forma que em outros grupos camponeses HEREDIA (1979), os meninos é que são designados para cumprirem as tarefas tidas como ambíguas: nem masculinas nem femininas. Tarefas que não são consideradas <trabalho> (e por isto seriam incluídas entre as tarefas da mulher) mas que são realizadas longe de casa (e por isto impróprias para a mulher). A sua "menoridade" lhes dá esta condição liminar: são homens, porém homens pequenos, logo, não homens. Ficam numa posição intermediária entre os homens e as mulheres.

As meninas, nas gerações mais velhas, são consideradas mulheres pequenas e auxiliares da mãe. Elas realizam tarefas domésticas mas sempre nas proximidades da casa: a sua maior responsabilidade é o cuidado com irmãos menores, transformadas que são a partir dos 5, 6 anos em pequenas mães substitutas, cada menina tomando conta de um dos irmãos menores.

Nos casos de famílias onde não existam meninos em idade aproximada, as meninas acabam cumprindo suas tarefas. Mas estes casos são raros, dado que a média de filhos nas gerações mais velhas é de um a cada dois anos.

Também quando os homens por alguma razão se afastam da casa - como ocorria quando iam pescar em Santos

ou Rio Grande - as mulheres assumem as tarefas masculinas tais como gado e a roça - nunca a pesca com tarrafa ou no "mar-de-fora" - conseguindo, segundo os relatos, um bom desempenho. A norma social permanece válida pois, quando os homens retornam, a divisão sexual anterior é retomada imediatamente.

Esta oposição de papéis sexuais, que discrimina em grandes blocos as atividades a serem desempenhadas pelos homens, mulheres e crianças, recoloca-se quando se examina cada uma das tarefas e de modo especial as tidas como próprias dos homens. Um exemplo do desdobramento desta oposição é a "carneação do boi" que assisti ser executada por uma família do grupo intermediário:

Final da tarde, os homens retornavam do trabalho. O dono do terreno onde se carnearia o boi é um construtor e estava trabalhando a 2 Km de sua residência. Era o "pai" (11) de um segmento residencial que tinha mais três casas além da sua. O "pai" foi ajudado por outros homens adultos do segmento residencial e alguns vizinhos, mas foi quem dirigiu toda a operação, dando muitas das ordens aos gritos.

A carneação do boi começou com o animal sendo levado até uma clareira da mata perto do estábulo. O "pai" amarrou o boi pelas patas com uma corda que foi fixada no tronco de uma árvore.

O boi em seguida foi derrubado - puxando-se as cordas - e o "pai" cortou a sua veia jugular deixando que o sangue se esvasse em golfadas. Esse primeiro momento foi marcado pelo sangue e pela agonia do boi. Os homens tomaram parte dele enquanto a maioria das mulheres permaneceu encerrada em casa, com a única exceção da filha mais velha do "pai". Este foi, e normalmente é o momento tido como o mais difícil de ser suportado pelos participantes da carneação porque, segundo me disseram, "têm medo do sangue". Mas, para mim

não chegou a ser um espetáculo dramático: o boi não emitiu som algum e houve uma certa tranquilidade no modo como morreu, embora nem sempre isso deva ocorrer.

Enquanto os homens trabalham em torno do animal, um pequeno grupo formado pelas mulheres e as crianças do segmento residencial ia aos poucos surgindo. Morto o boi, os meninos, que até então eram mantidos afastados, começaram a ser solicitados a prestar pequenos serviços de transporte entre a casa e a clareira. "Busca uma outra faca na cozinha, Juliano, depressa!" grita o "pai".

"Vai buscar uma enxada para tirar o sangue daqui. Olha os cachorros!" (lambendo o sangue na terra)

As meninas eram lembradas a todo momento que deviam olhar pelas crianças menores. "Agarra a Miriam, Joyce. Tira ela daqui, não vê que ela não aguenta o sangue".

As mulheres apenas assistem fazendo comentários jocosos do tipo "O silvio é fraco, tá ficando branco..." "Quando abrir o bucho eu é que não fico aqui. Dá um cheiro...".

O boi vai tendo o seu couro arrancado, depois do "pai" ter feito um corte vertical que inicia no queixo e termina no final da barriga. Curiosos, os meninos se aproximam do animal estendido no chão, de costas, com as patas para cima. Eles observam de perto o trabalho do "pai", numa atitude de quem está sendo iniciado num saber. Ao contrário deles, as meninas, quando se aproximam, são imediatamente reprimidas pelo "pai".

Retirando o couro, como se fosse a casca de uma mandioca que se cortasse verticalmente e se fosse desgrudando para que saísse inteira, o "pai" torna a cortar o animal do queixo até embaixo. É o momento de abrir o "bucha". As entranhas do boi (estômago, intestino, bexiga, etc) são retiradas e é então que as mulheres entram em cena para separar as carnes aproveitáveis daquelas que serão dadas aos animais.

Os meninos nessa etapa se dividiram, ora atendendo as ordens do "pai", que comandava o grupo de homens preocupados em esquartejar o boi, ora as ordens da "mãe", que liderava o grupo de mulheres às voltas com as partes internas do animal. Por fim, os homens se auxiliaram no transporte dos quartos do boi até uma mesa colocada no lado de fora da cozinha, onde terminaram a dissecação, e as mulheres e os

meninos trataram de fazer o mesmo com os as partes interiores.

Carneia-se o boi, segundo os informantes, por uma questão de economia. O boi comprado em "pê" tem preço por quilo de carne inferior ao preço pago pela carne do açougue. Por exemplo, pagou-se pelo boi que foi carneado Crz 17,00 por quilo, quando o preço da carne na época variava entre Crz 30,00 a Crz 100,00. No cálculo do possível lucro porém não foi computado o tempo gasto para buscar o boi - comprado a 6 Km - nem o tempo gasto na sua carneação - de 3 horas mais ou menos. O boi não pertencia ao chefe da família tendo sido adquirido para este fim embora o chefe de família possuísse outros bois. Só em caso de necessidade é que se carneia um boi de casa, se há dinheiro disponível prefere-se comprar o animal possivelmente para evitar o sentimento de perda, já que as famílias se afeiçoam aos animais - chegam mesmo a lhe dar nomes, como "Mocinha".

Além do aspecto econômico, não há dúvida que a carneação do boi envolve uma dimensão lúdica: é uma pequena festa da qual os vizinhos participam que termina num rito de abundância para os integrantes do segmento residencial - o churrasco - já que só uma parte da carne fresca encontra lugar nos refrigeradores para ser estocada. Os homens vem ajudar na carneação, especialmente se são parentes, e recebem em troca pedaços de carne no final, geralmente os menos <nobres>. Há um verdadeiro cerimonial de distribuição de carnes para os vizinhos. Eles são lembrados nas suas predileções e lhes são destinadas determinadas partes do boi, doadas ou vendidas:

'Este vai para Dona Tal, ela sabe fazer um bucho.'

'O rabo é do Louro, ele sempre "compra". Adora rabada. Eu hein...'

A carneação do boi trata-se de um ritual público onde o matador, o "pai", é o chefe de cerimônias, dividindo com a "mãe" a liderança dos grupos, e ambos reforçando assim a suas autoridades. Trata-se também de uma prova de coragem, onde os homens se medem entre si como mais ou menos capaz de suportar o "sangue" (12). E, por outro lado, é um ritual lúdico, uma pequena festa de abundância do mais importante dos alimentos: a carne fresca.

Retomando a divisão sexual do trabalho, pode-se agora afirmar que a carneação do boi é uma atividade tida como masculina e realmente o é se considerarmos o papel central do chefe de segmento residencial. Mas, na sua consecução, estão embutidas tarefas masculinas, femininas e próprias das crianças. Os gestos e os instrumentos utilizados remetem a uma divisão sexual. Os homens trabalham com a faca e gestos amplos; as mulheres com bacias, recolhendo com as mãos as carnes contidas no interior do boi.

E a hipótese de que essa diferenciação sexual ocorra apenas em momentos excepcionais, como é a carneação do boi, cai por terra diante da evidência de que é assim também quando os animais são tratados no final de todas as tardes. Os homens são os responsáveis pela alimentação do gado, mas são os meninos quem os transportam até o estábulo e trazem o alimento conseguido durante o dia; são as mulheres quem providenciam o balde para a ordenha das vacas e permanecem ao lado dos homens ajudando quando são solicitadas. O mesmo acontece, como vimos, na roça e até na pescaria, quando surge a necessidade de mais mão-de-obra (nas temporadas da tainha, por exemplo).

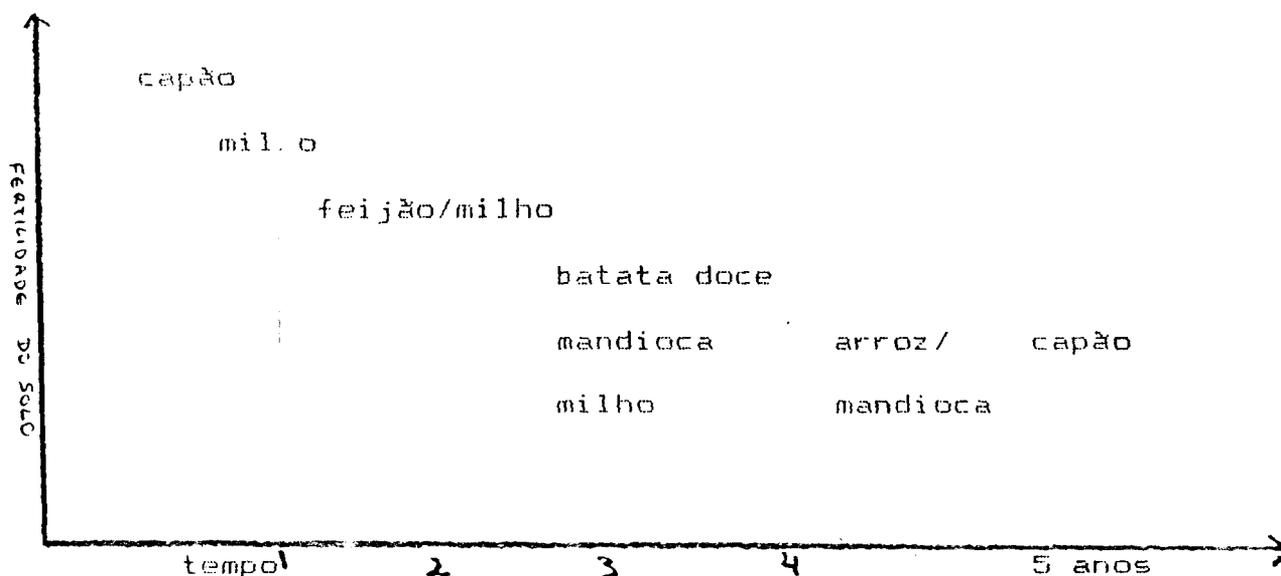
Não há dúvida, no entanto, que o mundo masculino é bem mais facilmente penetrado pelas mulheres do que o feminino pelos homens. Ainda que os casos de homens que trabalhem na horta, quando não possuem roça onde trabalhar, sirva para demonstrar que o contrário também ocorre.

- a roça e o quintal:

Um dos únicos espaços domesticados na mata - os outros seriam os pastos e os caminhos - é a roça ou "lavoura". Fundamental na sobrevivência das famílias da geração mais velha, a roça fornecia os alimentos básicos do grupo: mandioca, feijão, milho, arroz, batata-doce e inglesa (esta menos) além de amendoim e cana-de-açúcar, esta também usada na alimentação dos animais durante o inverno. Hoje são poucas as famílias que ainda vivem com o que obtêm através do seu trabalho na roça. Apesar de terem diminuído em número, as roças continuam a ser mantidas tanto pelos casais mais velhos quanto pelas famílias da geração intermediária que habitam regiões menos urbanizadas da LAGOA.

O sistema de cultivo da roça transformou-se com o tempo. Antigamente, quando havia terras disponíveis e as propriedades eram maiores em extensão, plantava-se do seguinte modo: queimava-se o "capão" (mata primária) ou a "mata" (quando a roça estava sendo plantada em um terreno que nunca antes tinha sido tocado). No primeiro ano, se plantava sementes de milho. No segundo ano, plantava-se junto o feijão e o milho; no terceiro, se plantava batata-doce, aipim e milho juntos e, por fim, arroz e aipim juntos, deixando-se em seguida que a terra descansasse

tornando-se novamente "capão". Ou seja, enquanto a terra estava "forte", plantava-se culturas que necessitavam de solo fértil e, à medida em que a terra "enfraquecia", introduziam-se culturas, ou melhor, "lavouras", que prescindiam de uma taxa de fertilidade alta. O sistema pode ser representado da seguinte maneira:



A roça hoje se localiza geralmente a uns 50 a 200m da casa, e antigamente se localizava até 1 km longe da casa e em lugares desabitados. A razão apontada pelos nativos para guardar distância da casa é a necessidade de manter os animais afastados da lavoura. D. Margarida, 40 anos, moradora do Porto da Lagoa comenta:

"Nós já fizemos roça perto da casa, já plantamos; deu um feijão bom. Mas dá muito trabalho, tem que fazer cerca por causa das galinhas."

Os animais domésticos - principalmente as galinhas, os perus, e o gado - parecem ser um dos piores problemas para quem cultiva a roça. Numa espécie de lei ancestral não-escrita os nativos acordam quem é o responsável pelos estragos na roça, se o dono do terreno ou o dono do animal. D. Loquinha, 77 anos, moradora da Costa da Lagoa, explica o código:

"A vaca foi e comeu a roça do irmão. Ela se aborreceu. Porque o gado solto não tem entendimento. Solto não pode se criar, porque quem planta quer colher. Tinha que pagar. Bota uma cordinha que daí não solta mais. <Se o gado tá amarrado, não pode pedir>."

Nas famílias mais pobres a roça era um lugar de trabalho de toda a família, inclusive dos meninos, a partir de uma certa idade. Alguns depoimentos demonstram isto:

"Eu me criei assim: quando eu era moleque o meu pai botava a trabalhar na enxada direto. Muita roça que a gente botou junto, assim plantando" Cica, cerca de 21 anos, morador do Canto de Baixo, empregado em uma pequena fábrica de pranchas de surf.

"Ia muito pra roça a mulher. Ainda hoje mais pro interior as mulheres trabalham na roça" Seu José (Mané Manco), 50 anos aproximadamente, morador do Canto de Cima.

"Meu pai morreu em 1930 Quem ficou sustentando a casa foi os irmãos. O Severino era o mais velho tava com 16/17 anos quando meu pai morreu. Minha mãe trabalhava também, minha mãe pra trabalhar era um homem,

trabalhava na lavoura". D. Leandra, 63 anos, moradora da Costa da Lagoa, aposentada rural.

Nas famílias um pouco mais ricas que pudessem contratar auxiliares ou que dispunham de suficiente força de trabalho dos homens, as mulheres eram poupadas na roça.

O produto da lavoura servia basicamente ao consumo doméstico, num sistema de economia de subsistência. O pequeno excedente da lavoura, nos casos em que havia, era comercializado no Centro ou na Lagoa mesmo, para as vendas ou para compradores de fora que vinham buscar o produto. E hoje continua assim, como diz orgulhosamente D. Joana "quem tem coisa boa não precisa andar atrás de comprador, a notícia se espalha e eles vem buscar."

Além da roça, nas encostas dos morros os nos vales, quase todas as famílias possuíam um outro espaço cultivável: a "areia", lugar onde se plantava exclusivamente a mandioca, o principal produto agrícola da região. Como salta aos olhos na leitura do nome, a areia se constitui em um terreno seco, com muitas pedras. A areia, no entanto, não deve ser confundida com a areia ("praia") das margens do "mar-de-dentro" ou do "mar-de-fora", onde evidentemente nada era plantado. Para os nativos, o valor-de-troca dos terrenos de "areia" era elevado, embora aos olhos de alguém de fora parecessem os piores possíveis. Como a roça, a "areia" ficava relativamente distante da casa, e o trabalho ali era tanto do homem quanto da mulher (nas famílias mais pobres) e

geralmente articulado com a pesca. Uma família que vivesse só com o que produzisse na roça passava por dificuldades.

"Eles (os irmãos) trabalhavam de dia na roça e à noite era pescaria. Tinham as canoinhas deles mesmo e iam de canoa, pescar no mar daqui camarão, siri. Eram obrigados a ir, só a lavoura não dava. Trabalhavam até as 10, 11 horas no barco e de manhã tava de pé".

Seu José oferece um depoimento que mostra permanecer ainda hoje esta dualidade de atividades, roça/areia e pesca:

"Eu trabalho muito, a senhora não imagina o que eu trabalho. No engenho, na areia, na pesca. Tá a tarrafa, esta noite sai às 9 e entrei em casa alta madrugada. Não peguei nada, peguei uns peixinhos pra bôia porque a carne tá uma carestia danada."

Antigamente, como hoje, as casas no interior dos segmentos residenciais eram unidades economicamente independentes. Isso significa, transposto para as roças, uma clara demarcação entre o que é plantado por uma família nuclear e por outra. Ainda que o trabalho pudesse ser executado ao mesmo tempo e em terrenos contíguos, cada família plantava e colhia no seu pedaço de terra. Observei diretamente essa divisão visitando as roças do seguimento residencial de D. Joana, nas quais pequenas valetas dividiam a "lavoura" plantada por Francisco, Ondina e Rosa

(casa da D. Joana), da roça de Angêlica (casa da filha de D. Joana).

"Ela (Angêlica) se separou do marido e tinha dois filhos. Sustentou os dois com a lavoura sem nunca vir pedir um pouco de farinha. Sozinha ela deu conta dela e dos filhos". D. Joana, 73 anos, moradora da Quebrada, aposentada rural.

Se, antigamente, para a maioria dos moradores da LAGOA, a pesca articulava-se com o trabalho na roça, hoje ela vai continuar sendo uma atividade secundária, articulando-se porém não mais com a roça e sim com o trabalho na cidade. Evidentemente que a sua importância para a sobrevivência do grupo familiar decresceu, constituindo-se cada vez mais numa atividade sazonal (época da tainha) ou de lazer (camarão, siri, mariscos). Mas ainda persiste, incentivada pela venda para os restaurantes.

Na LAGOA, portanto, a agricultura não deu lugar à pesca como atividade principal dos nativos e sim ao trabalho na "Cidade" ou na parte mais urbanizada da Lagoa (13). Mas não há dúvida de que a agricultura deixou de ser a atividade econômica mais importante como era no início do século (VARZEA, 1985:132) e até há questão de três décadas (14). Já o quintal era e é a área cultivada próxima à casa. É nele que se faz a horta, além de se criar as galinhas, patos, codornas, cães, passarinhos, etc. Também era e é no quintal que se planta o café sombreado. E, como de resto

ocorria com tudo o que dizia respeito ao quintal, eram as mulheres as responsáveis por sua colheita.

Em tempos funcionais, o quintal se estendia a fonte, um dos lugares mais importantes de trabalho da mulher, antigamente como hoje. Os banhos e a lavagem da louça eram atividades realizadas no córrego porém de forma individual, a lavagem da roupa, que ocupava grande parte do dia das mulheres, era feita coletivamente. A importância desta atividade obriga a abrir um parênteses. Lavava-se a roupa (e ainda se lava) em lugares definidos do córrego, as <fontes>: ponto onde o leito do riacho se alarga formando pequenos lagos de 2 a 3 metros de diâmetro, protegido do sol por várias árvores, geralmente frutíferas, e com uma vegetação menos densa, em cujas margens as mulheres se ajoelham sobre paninhos cuidadosamente dobrados e se inclinam para esfregar as roupas em pedras que terminam n'água.

As águas da Lagoa não servem para lavar a roupa porque são salinizadas.

A própria organização das famílias em segmentos residenciais contribui para que o trabalho fosse realizado em conjunto. Cada uma, no entanto, dispunha de um lugar determinado na circunferência da fonte - de uma pedra - onde lavava exclusivamente a roupa de sua família. As fontes, assim como as servidões, eram "emprestadas" ao uso comunitário. Ainda que as pessoas tivessem isso presente, o

dono do terreno não esperava nada em troca de sua cessão pois, como me explicou D. Loquinha, 77, moradora da Costa da Lagoa, "a cachoeira corre pra mare de qualquer jeito". A transição destas fontes para os <tanques> de cimento, vendidos na cidade, é lenta e com mediações. Pressupõe, condição necessária, a existência de água encanada - o que só aparece na Lagoa a partir de 1970. Isso não significou o abandono das fontes. Nas casas antigas em que se instala água encanada, continua-se a lavar a roupa nas fontes ou em espécie de tanques construídos artesanalmente com pedras de riacho cimentadas, quase à altura do chão e bem largos. Estes tanques (30 cm de altura e 1 m de largura) continuam a ser chamados de fontes. Eles se localizam nas proximidades da casa e, embora possam parecer a um olhar etnocêntrico como uma melhoria em relação ao processo de lavagem de roupa, as mulheres que os utilizam lembram com nostalgia as fontes dos córregos: entre gestos amplos dos braços elas falam

"eu gosto mesmo é de lavar na fonte, lá tem bastante água, se espalha o sabão..." (D. Loquinha);

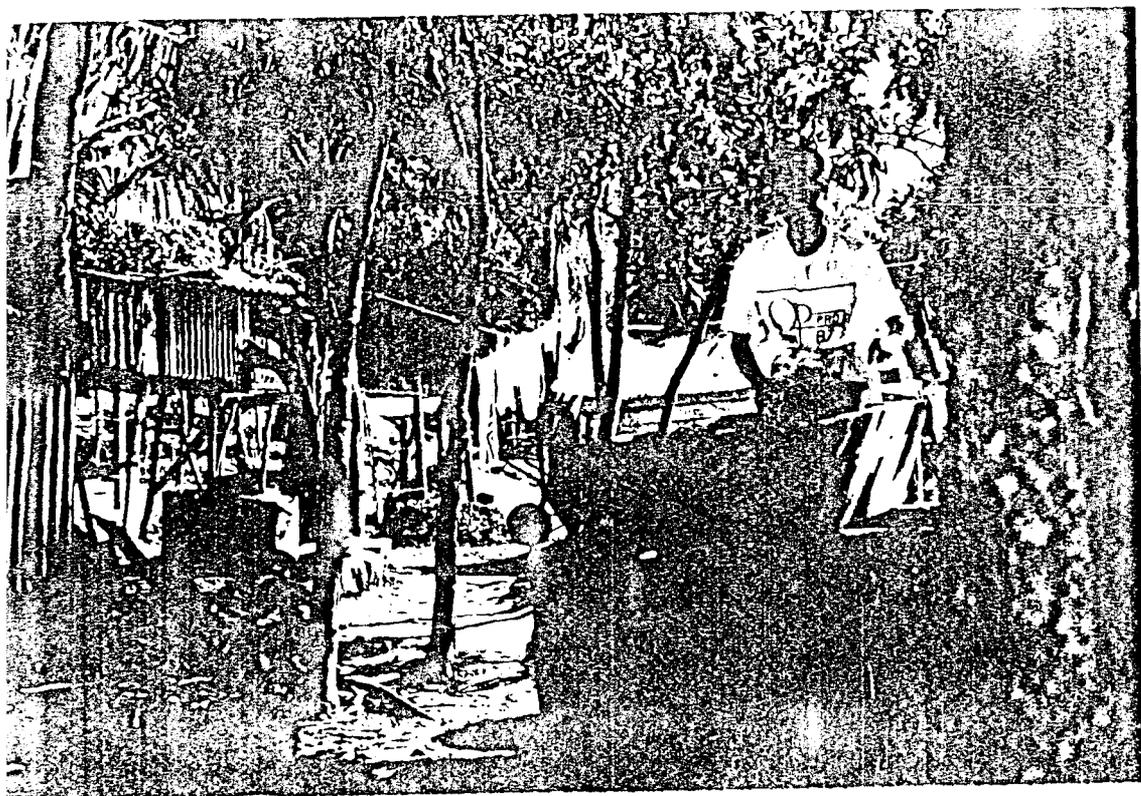
"esta fonte aqui, eh, bom era na fonte do córrego. Tinha fartura de água. A roupa ficava branquinha... Na fonte da Neide (nora) (que é um tanque na altura do quadris) eu não aguento de lavar, tem que lavar de pé, minhas costas ficam toda dolorida", reclama D. Nelinha, 58 anos, moradora do Canto da Lagoa.

O medo de assalto é o que as leva a lavar a roupa em grupo. A presença dos filhos serve para reforçar a sua idoneidade, já que o fato de estarem longe de casa coloca em risco a sua virtude e conseqüentemente a honra do seu marido (PITT-RIVERS, 1981). Os filhos, antes de se constituírem em uma proteção real contra um possível agressor parecem servir para passar um atestado : o de que a mulher é casada e de que o marido continua presente, embora longe, na figura das crianças.

Lavar a roupa na LAGOA, antigamente como hoje, é entre as atividades exclusivamente das mulheres, uma das mais cronófagas. As mulheres passam quase metade de suas manhãs em torno da roupa. E se, com o passar do tempo as famílias nucleares diminuíram em número de integrantes, também é verdade que o consumo de roupas cresceu (18). A higiene exacerbada que se revela no cuidado com que são mantidos os interiores das casas tem sua expressão também na limpeza das roupas da família: nunca uma roupa é usada duas vezes sem ser lavada, e cuidadosamente passada a ferro (antigamente os pesados ferros de brasa, hoje os elétricos).

Ao lado da cozinha, cuja impotência foi destacada por WOORTMANN (1982), é a atividade de lavar a roupa que define a dona-de-casa enquanto a responsável pela organização do grupo doméstico e controle sobre a produção dos valores de uso necessários à reprodução dos integrantes da família. Entre os nativos não existia a figura da

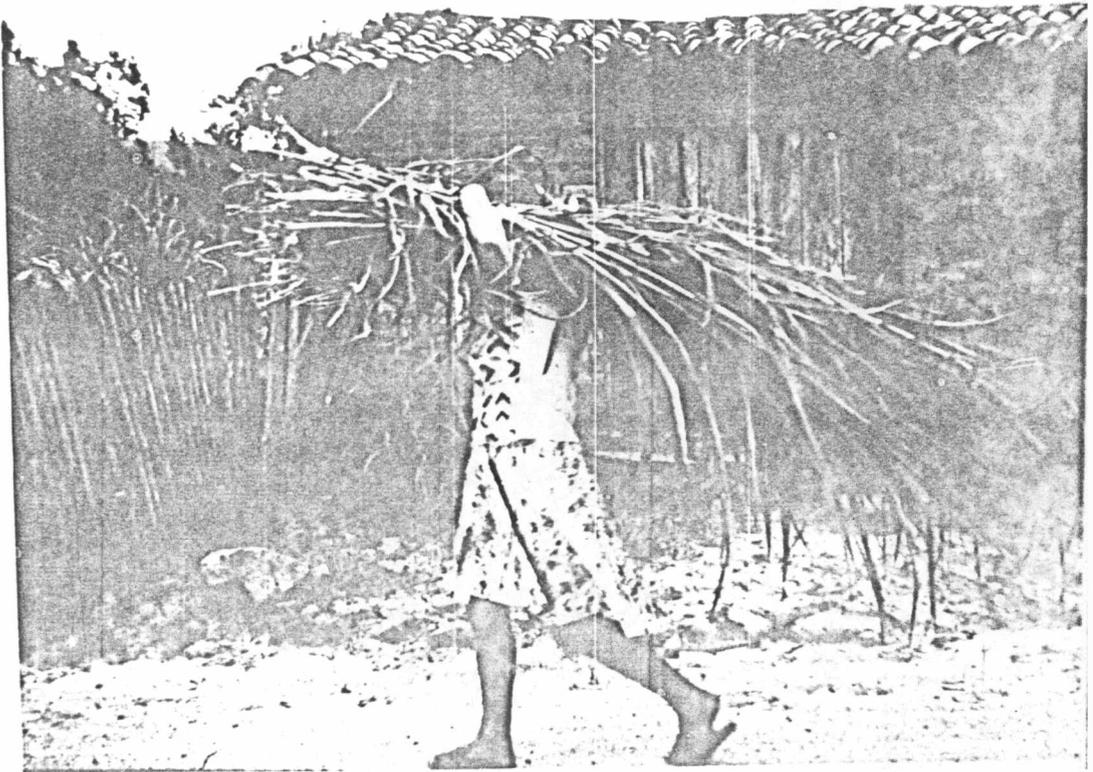
lavadeira uma vez ser esperado que toda a dona-de-casa se prestasse a este serviço. E só com a chegada do "pessoal-de-fora" que algumas mulheres se especializam como lavadeiras simultaneamente a sua especialização como faxineiras (16), trabalhando exclusivamente nas casas do "pessoal-de-fora".



Quintal, espaço da mulher: tanque, varal e galinheiro



Roça de capim: um trabalho diário



Alimentar o gado: na prática, trabalho também da mulher



Depois da queimada, "desentocar".



Roças mistas : milho, mandioca, arrendoi.

- o engenho:

O peixe e a farinha eram e são os dois alimentos básicos na Lagoa apesar de, hoje, já dividirem com outros alimentos o cardápio cotidiano das famílias. A fabricação de farinha costumava marcar o auge da produção agrícola, do mesmo modo como hoje, a pesca da tainha marca o auge da fartura de peixe e à sua temporada mais e mais se associam festas que envolvem a comunidade e os turistas eventuais. A sua importância era tal que o tempo de "antigamente" é muitas vezes dito "tempo da farinha".

A farinha se produzia (e em algumas famílias ainda se produz) em dois espaços: a roça e o engenho. De todos os espaços domésticos exteriores a casa, o "engenho" é o mais ambíguo. Não se pode dizer que seja um lugar do homem e não se pode dizer o contrário que seja um lugar da mulher. Não se pode dizer que seja um lugar de trabalho pois nele também se realizavam festas; tampouco que seja um lugar da família pois também o era dos vizinhos.

Geralmente situado perto da casa, ele podia ser transformado em moradia durante os meses da farinha (março a agosto) para facilitar o trabalho, regido pelo tempo da "prensa". Lá se dormia, se comia, se permanecia durante o

dia e a noite. Pequenas cozinhas eram improvisadas em um canto e camas colocadas em outro. Nos engenhos que ainda existem hoje, quartos de casais são montados respondendo às novas normas de privatização do espaço. Se, no processo de trabalho, o domínio das mais importantes etapas faz com que o homem pareça deter o domínio do lugar, o fato dele também ser <casa> torna a equilibrar a balança.

Atualmente, como a produção é pequena, o excedente é comercializado nas "vendas" próximas ou para os "turistas" que visitam os engenhos. No "tempo da farinha", a comercialização do produto era intensa e propiciava contato com outras comunidades:

"Meu pai levava as carradas de farinha e de carne de boi que ele vendia para a gente da Costa (da Lagoa) que tinha venda. Ia assim, de madrugada, até a Lagoa e então eles vinham de canoa e levavam para as vendas"

Nadir, 40 anos, Rio Vermelho

A farinha era vendida em alqueires e cada família comprava vários alqueires de uma vez. Até hoje, os moradores mais antigos da Lagoa compram farinha em sacos de 30 Kg e é com risadas que estes informantes percebem o modo como a farinha é comercializada hoje; a mudança na embalagem sendo vista como o fim da "fatura":

"Eh, eles compram a farinha em saquinhos, em saquinhos de 1 kg nas vendas..."

Além do engenho-de-farinha, era comum as famílias um pouco mais ricas possuírem lugares para o fabrico da

cachaça, do açúcar e do café, que também eram armazenados em engalhos e se localizavam próximos de casa por lá em prédios separados do corpo da casa. No entanto, quando um nativo da LAGOA fala "engenho", é praticamente certo que esteja se referindo ao lugar destinado à transformação da mandioca em farinha. "Engenho" sem outra qualificação é o nome de engenho-de-farinha; o que já é indício da importância maior da farinha em comparação com o café e a cachaça - os dois outros produtos fabricados em engalhos que eram produzidos num mesmo prédio: o engenho-de-cana-de-açúcar.

O trabalho ali era considerado mais perigoso do que no de farinha e as crianças só eram admitidas quando maiores, em torno de 12 anos. As atividades no engenho-de-cana-de-açúcar eram predominantemente masculinas, embora tenha encontrado mulheres que disseram ter fabricado cachaça. Já no engenho-de-café a participação das mulheres da casa era maior: desde a colheita (o que não acontecia com a cana e a mandioca - se entende, uma vez que o café era colhido no quintal enquanto a cana e a mandioca na roça) até a torração, tarefa de mulher.

O engenho de café era usado basicamente para descascar o café - lá decaço ao sol em frente às casas, como conta D. Leandra, 63 anos, moradora da Costa da Lagoa:

"O descascador de café tinha duas rodas, era tocado a gado e desmanchava o café; de madeira até ficar aquela "pivitarinha" que era para torrar o pó. As rodas ficavam

dentro de um trilho, e o café ficava lá e descascava tudo (E quem controlava?) Não, era só tocar o boi e deixar ali. Depois que via que tava pronto, aí tirava".

D. Leandra, 63 anos, Costa da Lagoa

Para maioria dos informantes da geração de D. Leandra, o "engenho" é uma das mais gratas recordações. E o que normalmente eles associam ao engenho são lembranças das cantorias e das danças que acompanhavam o desenrolar dos trabalhos: os cantos de "ratoeiras", cantigas de namoro, amizade ou provocação trocadas pelos trabalhadores durante a fabricação da farinha ou nas suas frequentes pausas (17).

Os depoimentos sobre os "engenhos" nas entrevistas sempre vieram acompanhados de uma forte emoção. Se em grupo, os mais velhos se mostravam excitados, cada um querendo contar uma estória pessoal ou apenas repetindo frases como "Ah, aquilo é que era tempo bom...". Ficou evidente para mim que, mais do que um lugar de trabalho, o engenho-de-farinha era um dos mais importantes espaços comunitários, repartindo com as casas de bailes e as festas da Igreja a primazia entre os lugares sagrados/lúdicos (18).

Na verdade, a festa, e não o trabalho (19), é a verdadeira face do engenho-de-farinha para os que se recordam dele.

"Tinha uma roda e uma ia para o meio cantar. Depois saia e vinha outra. E, quando era o, "carangueijo" ou quando era o 'bastão', aí era home com mulher e cantavam e trocavam de pare, cantavam 'espera da maré', aí a gente

ajoelhava e levantava, ajoelhava e levantava.
Era assim, aquela farra."

D. Francisca, 80 anos, Canto

A "ratoeira" (canto acompanhado por viola) acontecia durante a noite, como conta Nadir, 40 anos, dona de um engenho ainda em atividade no Rio Vermelho:

"A ratoeira era no tempo em que a gente cevava, que tinha engenho tocado a boi. A gente não trabalhava de dia, era geralmente de noite e de madrugada. A gente raspava mandioca, eu já peguei isto mais pequena. Então enchia o engenho ao redor de gente raspando mandioca, que vinha ajudar de noite. E a gente, de madrugada, cevava; tinha um cantor no banco do cevador e era tudo a mão"

As festas se relacionam com um engenho determinado: o engenho movido - ou "tocado" como preferem os informantes - pela força dos bois ou pela força dos homens. O advento da energia elétrica, ao mesmo tempo que simplificou o processo de produção da farinha dispensando parte da mão-de-obra antes empregada, contribuiu decididamente para terminar com a festa que a reunião de muitos vizinhos num espaço comum propiciava.

Hoje, os engenhos ainda em atividade na LAGOA são todos movidos à energia elétrica com uma única exceção: o de D. Joana, na Quebrada, onde a rede elétrica ainda não chegou. Muda o espaço, muda com ele todo o modo de vida. O fim da festa, o fim do "tempo da farinha", é claramente relacionado, nos depoimentos, com as transformações técnicas

que eles incluem na categoria de "progresso". Porém, se o "progresso" é normalmente desejado e visto enquanto portador de benefícios, no que diz respeito aos engenhos ele é acompanhado por uma nostalgia: a da perda de um "saber".

"A gente cantava cantigas pros namorados, pros noivos, cantava pra quem passava na rua. Agora ninguém sabe mais. Só ouvem estes programas de rádio. Nós que somos mais velhos sabemos estas cantigas mas estas crianças... Eles não aprendem isto e nem aprendem o que toca no rádio"

Zulmira, 70 anos, Rio Vermelho

"E, a gente sabia. Não havia televisão, não havia nada, agente fazia a sua festa mesmo."

Nadir, 40 anos, Rio Vermelho

ENGENHO

Engenhos tocados
a boi ainda existem
na Lagoa



Descascar mandioca:
trabalho de mulheres
e de crianças

(o homem sô demonstra)



Ralar: trabalho
tido como perigoso



Depois de prensada,
a mandioca é desman-
chada: trabalho de
mulher



Separando o
polvilho



Secando polvilho num
girau de bambu





Fornear: trabalho de homem

- o barco e o "rancho" dos barcos:

De todas as atividades econômicas, a mais exclusivamente masculina é a pesca. O barco era e é um lugar proibido para as mulheres das três gerações estudadas. Tornou-se ainda mais proibido com o passar do tempo pois, se para a geração mais velha, a precariedade dos meios de transporte (na Barra só chegou a estrada em 1969) era um justificativa para que utilizassem as barcas para cruzar a lagoa em dias de festa, as gerações seguintes não contarão com este motivo, sendo afastadas ainda mais dos barcos (20). Se quisermos acreditar nos viajantes dos séculos XVIII e XIX, o tabu contra as mulheres não era intrínseco ao lugar, mas surgiu depois de um período de ampla liberdade feminina. Causava admiração a perícia com que as mulheres enfrentavam as ondas do mar equilibrando-se em pequenas canoas:

"Não há ninguém que não possua uma canoa e ninguém que não saiba manejá-la. Veem-se mulheres enfrentando um mar encapelado, em barcos inseguros, sem demonstrarem o menor temor"

SAINT-HILARE (1978 - p.147)

"Mesmo os vizinhos que moram nas costas desta baía a uma distância de meio quilômetro usam canoas (...) para fazer visitas uns aos outros. Achar mais fácil se comunicarem desta maneira do que atravessar o mato, no qual nem sempre há sendas"

GOLOVNIN - IN ILHA ... (1984 - p.203)

Com a melhora dos caminhos entre as casas, os barcos e também os ranchos onde os barcos são guardados tornam-se lugares proibidos para as mulheres. E, com isso, elas se afastam definitivamente do mundo dos barcos, uma vez que a pesca no mar nunca foi atividade das mulheres.

As mulheres só não são totalmente excluídas do espaço da pesca porque podem tecer a rede e, antigamente, podiam pescar, com uma "coca", siri e camarões no baixio da Lagoa. Hoje quase não se vê mulheres pescando na Lagoa.

A mulher não participava da pesca no barco e nem costumava assistir à chegada destes na praia. Os depoimentos nestes sentidos são claros. Mas resta um ponto controvertido: a ajuda durante o recolhimento da rede quando, num "lance" de sorte, conseguia-se apanhar mais peixes do que a força dos homens seria capaz de puxar para fora do mar. Dona Elias, 50 anos, rendeira do Retiro, é quem melhor descreveu a participação das mulheres na pesca da tainha:

"Quando dá muito peixe, que a rede tá cercada, então a gente vai ajudar. Ai a gente ganhava peixe, era tão bom. No tempo da tainha, a gente se levantava cedo lá na Barra, era uma beleza. Corria de carreira cedo, ia lá na praia. 'Tão cercado, tão cercado'. Vamo lá, vamo ajudar. Eles chamavam pra gente ir ajudar e a gente ia, só na tainha. Os outros (peixes) é lá fora (no alto mar). (...) As crianças ajudavam também; quando o peixe estava em terra, as crianças iam lá, carregavam o peixe todo."

Segundo Dona Elias e outros informantes, na época da tainha - maio a junho - a praia deixava de ser um lugar de simples trânsito entre uma localidade e outra para as mulheres que podiam então participar da mais valorizada atividade econômica do grupo. Era uma participação que tinha o caráter de festa, de excepcionalidade. O ciclo da tainha coincide com uma temporada de festas e bailes e muitas vezes, à noite, a dança era interrompida pelos gritos do vigia qua avistava, dos seus pontos de observação, a chegada de um cardume na praia. A participação das mulheres estendia para o trabalho o clima de festa do salão, todos correndo à beira do mar. Ela existia, portanto, embora marcada pela raridade.

Talvez por esta raridade, CASCAES (1981) não admitia a sua existência, assinalando que as mulheres não puxavam a rede até o fim dos anos 70, apesar de o fazerem em Portugal desde os tempos remotos.

Se é verdade que as mulheres podiam, em certas ocasiões, "puxar" a rede e lhes era permitido a pesca no "mar-de-dentro", no "baixio" da Lagoa, o mesmo não se pode dizer em relação às atividades de pesca no "mar-de-fora" (21).

Nas entrevistas que fiz, um único caso de participação da mulher na pesca foi lembrado. O seu caráter de exceção foi bem ressaltado pelo informante:

"A mulher não participa da pesca. Mas tinha uma que, quando faltava gente, ela ia mais os irmãos. E a irmã do Casemiro da Costa, (hoje) ela ainda pesca com o marido."

José, 50 anos, Canto.

A presença dos irmãos e mais tarde do marido legitima a inclusão da mulher no barco mas, ainda assim, está só ocorre em momentos excepcionais, quando "falta gente". Num outro trecho da entrevista do seu José, nota-se que ele percebe muito corretamente a relação existente entre o <poder> na sociedade local ("influência") e a presença das mulheres na praia.

"Mulher não tinha influência, não tinha influencia para isto. Hoje, se vê um barco chegar, se vem cem, duzentos (peixes) a mulher vem olhar. Naquele tempo não, a mulher não ligava para isto."

Pude constatar esta mudança assistindo a chegada da primeira "rede" de tainhas no Campeche, em abril de 86. Embora não houvesse nenhuma mulher participando do recolhimento da rede, duas assistiam o trabalho sentadas a alguns metros do barco, junto com seus filhos pequenos. Eram casadas com dois dos pescadores envolvidos na atividade, o que lhes garantia uma respeitabilidade maior. Ao invés de um traje de banho, usavam a vestimenta habitual das mulheres nativas com mais de 30 anos quando vão a praia: shorts e camiseta. Elas acompanharam de longe toda a movimentação, trocando comentários entre si mas sem auxiliarem em momento algum os homens - como faziam, por exemplo, as crianças que

transportavam o peixe da rede até um monte um pouco mais longe do mar.

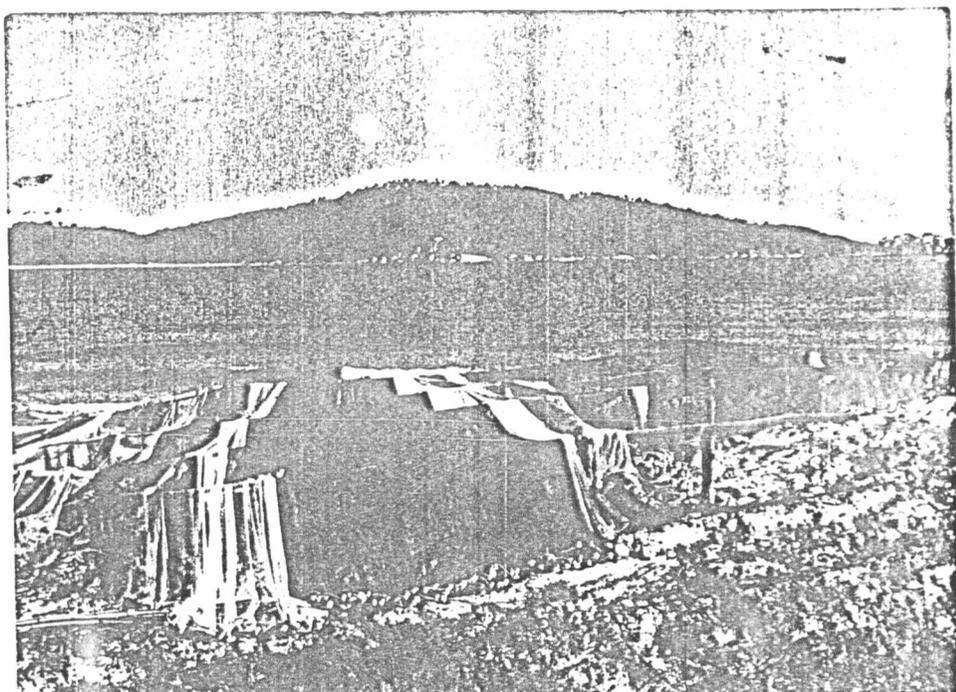
As mulheres, portanto, não participavam da pesca, do espaço do barco, e menos ainda da casa dos barcos ou "rancho", onde são expressamente proibidas de entrar pelas famílias, que consideram o local moralmente inseguro para mulheres. Esses "ranchos" eram e são casas de homens, espécies de "baitemannageo" das aldeias Bororo (LEVI-STRAUSS 1973:213). Onde a virilidade e a honra são forjadas através de um trabalho comum e, mais significativo, das narrativas de feitos, do consumo de bebidas (a cachaça de zimbro é a preferida), de mariscadas e peixadas. Lá os homens podiam (e ainda podem) viver por meses, durante a temporada da tainha e da anchova na Ilha, ou quando se transferiam para Rio Grande. Mais do que qualquer outro espaço coberto, a casa dos barcos é um lugar de homens.

A maior prova disto são as lendas populares a respeito das bruxas da Ilha: suas aparições mais frequentes se dão exatamente no rancho dos barcos (22), onde promovem orgias, e no interior das canoas e baleeiras, onde se escondem durante a noite para enfeitiçar os pescadores em alto-mar (23).

Nestas lendas, as bruxas aparecem numa situação liminar entre o gênero feminino e o masculino. Eram representadas com o corpo de uma mulher, mais possuíam poderes e manipulavam conhecimentos que não eram comuns às

outras mulheres e, ao mesmo tempo, se aproximavam do mundo dos homens por disporem livremente de sua sexualidade. Eram mulheres, porém, transgressoras. No imaginário dos nativos, essa transgressão era simbolizada pela ultrapassagem dos limites socialmente estabelecidos para o seu gênero, no caso, os limites espaciais da casa, quintal, roça, engenho e Igreja.

Redes secando em frente à Ilha do Campeche



Rancho dos Barcos
baleeira e redes

NOTAS:

(1) "Escarpas abruptas protegeram dos ataques do homem esta floresta virgem tão rica que, para encontrarmos igual a ela, teríamos de percorrer vários milhares de quilômetros para norte, junto da bacia amazônica". (Lévi-Strauss 1986/85)

(2) Territorialidade é uma noção emprestada por Edward Hall (1977) aos etólogos. Descreve a tomada de posse, uso e defesa de um território por parte dos organismos vivos.

(3) Dois exemplos ilustrativos: Valdir, 35 anos, garçom, "trocou" um terreno de 1 hectare por um lote dez vezes menor localizado perto do antigo terreno na estrada do Canto da Lagoa, usando o dinheiro para construir "uma casa melhor". De, 34 anos, funcionário da penitenciária, trocou terreno de dois hectares e meio por dois lotes na Freguesia da Lagoa. Considerando-se os valores imobiliários reais, os dois negócios representaram a perda de milhões de cruzados.

(4) "Naquele tempo, as casas ficavam no meio das árvores, entre as árvores. A frente não era cercada, era tudo aberto", observa CASCAES (1981:99)

(5) As cercas de bambu são feitas à partir de bambus cortados preferencialmente em agosto - ao meio no sentido do comprimento, passando a se chamar "taquaras". Essas taquaras, cortadas com 1,5 metros de altura aproximadamente, são colocadas lado a lado e mantidas juntas por uma corda trançada nelas; duas outras taquaras do comprimento da cerca são colocadas horizontalmente uma em cima da outra mais abaixo, ajudando a manter firme a estrutura.

(6) Trata-se aqui das casas do "pessoal de fora" construídas ao longo por exemplo, da estrada do Canto da Lagoa ou de outras estradas na Lagoa, que se misturam com as casas dos nativos. Não de inclui as residências do condomínio horizontal "Village"- que, aliás, possui como que um muro invisível guardado por guardas isolando-o de visitas estranhas.

(7) A forma encontrada pelos ecologistas de se insurgirem contra o que consideram como tendo sido uma apropriação ilegal de um bem natural - a Lagoa - foi a pichação dos muros com frases como: "Conceição, queremos te ver", "Muro não", "Aqui jaz uma cerca viva", etc. Os nativos jovens que apoiaram o protesto escreveram, por exemplo, "Com muro, como iremos a Lagoa" numa afirmação do direito às "servidões" e ,

numa rima que lembra um pouco a literatura de cordel, "Sem muro, teremos futuro".

(8) Praticamente todas as casas da Lagoa possuíam, e muitas ainda possuem, gaiolas de passarinhos, colocados nas paredes externas da casa, que são "brinquedos" dos homens em todas as idades. São levados a passear nos dias de folga e, em alguns bares da Ilha, existem pregos especialmente colocados para que os fregueses depositem ali suas gaiolas e realizam competições entre os pássaros. O que permanecer cantando por mais tempo, e o canto segundo eles serve para atrair a fêmea, é considerado o vencedor. É provável que o jogo sirva aqui para medir a virilidade dos homens através da virilidade dos pássaros.

(9) O aluguel de um pasto no Porto da Lagoa passou de 1 cruzado por cabeça para 50 cruzados no decorrer de 1987.

(10) Seu Osni, por exemplo, mantinha o seu gado num pasto da Barra da Lagoa, a 10 quilômetros de sua casa situada no Canto. Como achava caro o preço dali, transferiu-o para o Campeche, ainda mais longe.

(11) "Pai" é como é designado o chefe de família mais velho do segmento residencial, geralmente o proprietário do terreno e pai e avô de muitos dos moradores.

(12) Para o papel central do "sangue" no imaginário das camadas populares no Brasil ver DUARTE, L. (1986)

(13) Em outros distritos, como o de Canasvieiras ao norte da Ilha, a pesca passou de trabalho acessório à atividade principal por volta da década de 30. Ver BECK (1979).

(14) "Na minha infância, se olhando de cima do morro, a Lagoa parecia uma grande colcha de retalhos, cobertas de pequenas roças" Anamaria Beck, depoimento pessoal.

(15) Mais de uma vez me deparei com a situação de um membro da família, geralmente a filha adolescente, reverter todo o seu salário em "roupas da moda".

(16) Pelas razões que foram apontadas, elas também se farão acompanhar no serviço da faxina, sempre que possível, por um dos filhos, especialmente quando há homens na casa onde trabalham.

(17) Cantos da ratoeira como estes, recordados por D. Francisca, 80 anos, moradora de um engenho desativado no Canto da Lagoa:

"botei cravo na janela
Para o Maneca cheirar
Maneca foi tão ingrato
Deixou o cravo secar"

"Arretira garça branca
Que na praia há caçador
A espingarda de prata
Não engana o atirador"

Du esses, que a memória atual deixa incompletos:

"Meu jardim já foi teu vaso
Já por ti te dei a vida
Hoje não te dou nenhum passo"

(18) Sobre a dupla face sagrado, apolínea e dionísica, ver MAFFESOLI, M. (1985). Ele se inscreve em um tempo mítico no qual os acontecimentos lembrados tem o poder de sintetizar as alegrias da comunhão social.

(19) Nota-se, atentando agora para o resultado final de cada etapa, que são os homens quem realizam as grandes transformações na mandioca, cabendo às mulheres transformações <de um nível mais baixo> - onde não é necessário o auxílio de máquinas. Se tomarmos agora a idéia de Lévi-Strauss (1965), de que as transformações culinárias podem estar associadas em muitos sistemas culturais à transição da <natureza> para a <cultura>, cabendo às mulheres efetuarem esta transição ao cozinharem o alimento, temos que reconhecer, acompanhando ORTNER (1971:110), que o fazem exclusivamente nos níveis mais baixos cabendo, aos homens as transformações tidas como mais importantes. E o caso da pequena aculturação realizada na cozinha diária, pequena em relação à transformação tida como mais importante: a "alta culinária" dos chefs de cuisine.

(20) Uma exceção é a barca da Costa da Lagoa que provem o transporte de todos os moradores daquele lugar.

(21) Não estou considerando como <pesca> o recolhimento de moluscos junto as pedras na beira do mar. Essa <coleta> é feita pelos homens, mulheres e crianças principalmente em comunidades mais voltadas para a pesca. Ver BECK, 1979:75. Para maiores informações sobre a pesca, ver ANEXO.

(22) Como mostra MAUSS (1974:52) um dos sinais distintivos da magia é o lugar de sua realização, "...que comumente não se realiza no templo ou no altar doméstico, e sim, nos

bosques, longe das moradias, durante a noite ou a sombra, ou nos recantos da casa, quer dizer - às escondidas." O fato dos nativos costumarem representar a magia associando-a aos barcos e ao rancho dos barcos mostra bem a profunda carga simbólica que estes lugares portam.

(23) Ver CASCAES (1981:28,48 e 92) gravuras "Bruxa num BAnco" e "Baile de bruxa de uma tarrafa". Ver também MALUF, 1987- Projeto de dissertação de mestrado, Antropologia da UFSC.

PARTIE III: LIÇÃO DE ENFEITE - "TERRITORIO INDIVIDUAIS"

CAP. 7 ESPAÇO DOMESTICO INTERIOR

Até agora usei o conceito domestico simplesmente como o espaço associado a atividades cotidianas na casa ou em torno dela. Agora, vou introduzir uma nova dimensão que diz respeito ao "gosto", e a um conjunto de valores a partir do qual a identidade feminina passa a ser construída. Acredito que esse deslocamento do conceito acompanha uma modificação nos valores das tres gerações estudadas.

Nos trabalhos sociológicos recentes, o conceito de <doméstico> aparece associado (e oposto) ao de <trabalho>. A casa e a fábrica; a casa e a rua. Seriam essas as duas esferas pelas quais transitamos, modernamente, no cotidiano. Estariam separadas fisicamente. Estudar o doméstico seria, assim, estudar o locus onde se dá a reprodução da força de trabalho ou estudar a dimensão do lazer, da recuperação das forças para o trabalho. Essa visão, no entanto, deixa duas lacunas. A primeira diz respeito ao espaço doméstico de todos os grupos sociais ainda não plenamente integrados nessa modernidade, como os grupos camponeses, que não têm a fábrica para onde se deslocar e consideram o quintal e o engenho - como vimos - uma extensão de suas próprias casas. Essa visão do doméstico excluiria portanto boa parte da população brasileira e, em particular, o grupo estudado aqui.

A segunda lacuna do conceito diz respeito a uma parte considerável da população plenamente inserida na modernidade. Falo das mulheres que não trabalham fora, mas dentro de casa, e para quem o doméstico é um suado mas prazeroso círculo de atividades que, no entanto, não podem ser consideradas lazer.

E só com o advento da industrialização que se pode pensar na existência de duas esferas definidas no social: aquela onde predomina uma atitude individualista e racional, e outra, devotada à família e à religião (DUMONT, 1983).

Doméstico, como correlato e oposto a trabalho, é uma noção que se constrói a partir da industrialização. VEBLEN (1987) foi um dos primeiros sociólogos a se inquerir sobre o significado do doméstico no mundo burguês. No seu ponto de vista, a casa tem o papel de símbolo distintivo. Os artefatos domésticos seriam uma nova linguagem através da qual o homem burguês daria conta de sua posição social e do seu poder. O conforto material, pensa Veblen, é o que menos importa. A necessidade que está em jogo não é a de conforto, mas a de distinguir o seu proprietário dos outros homens. O que ele chama de <consumo conspícuo> é sobretudo a busca de um sinal de riqueza.

Nessa análise do doméstico, porém, o papel das mulheres é minimizado. Elas seriam vistas como um troféu a mais na coleção do homem burguês. E não a articuladora dessa

colecção, como tem apontado algumas antropólogas contemporâneas - Smith e Martin-Fugie na França ou Alice Oliveira e Silva, no Brasil (FONSECA, 1987). E nesses últimos trabalhos que o doméstico ganha sua aceção mais abrangente. Ele continua sendo visto em relação ao mercado: o doméstico complementa-o na medida em que é na casa que se dá o consumo dos bens industriais produzidos pela fábrica e a produção de outros. Por outro lado, ele fornece ao homem que trabalha no mercado um habitat menos selvagem no interior de uma sociedade competitiva (DA MATTA, 1985). Mas as pesquisas nessa nova área não confirmam as hipóteses veblenianas. Longe de ser uma boneca passiva, a mulher burguesa continua sendo alguém com autonomia na casa.

Embora tenha começado com a burguesia, a valorização feminina do doméstico, a "decoração", é um exemplo por excelência de um valor distintivo adotado pelas classes subordinadas. E não há dúvida de que hoje, em grupos populares, as mulheres se investem tanto no lar quanto o faziam as mulheres burguesas (SILVA, 1987). Nos atos decorativos das mulheres das classes populares talvez se expresse uma vanguarda: é através deles - e portanto dela - que se dá o contato da família com o mundo industrial.

Resumindo, o doméstico pode ser abordado em três dimensões: a primeira é uma dimensão psicológica. Ele seria o último reduto de ordem, hierarquia, segurança para o homem

da sociedade moderna. A segunda é uma dimensão que privilegia a dicotomia produção/consumo. E a terceira, privilegia-o enquanto espaço onde se constrói o papel de gênero da mulher.

E dentro das últimas duas perspectivas que penso o doméstico na LAGOA. Ele é o espaço da casa: o espaço da mulher, o espaço da família. Ele não se opõe ao trabalho, pois é lugar de um trabalho específico e altamente ritualizado - o trabalho feminino. Nem se restringe necessariamente aos grupos das sociedades industriais e pós-industriais embora essas sociedades tenham redefinido o seu sentido: a casa, o espaço doméstico passa então de um espaço eminentemente de trabalho para um espaço mais voltado para o consumo.

A Cozinha:

Quando ainda realizava o trabalho de campo desta pesquisa, a peça que mais me chamava atenção nas casas dos nativos da LAGOA era a destinada à preparação dos alimentos. Era na cozinha (1) que as entrevistas normalmente ocorriam. Foi a cozinha que me proporcionou o ponto de partida para a construção dos tres modelos de casas que descrevo aqui. Nenhuma outra peça permite que se visualize com a mesma clareza a ruptura que se observa no tipo de casa construída por cada uma das gerações. Mais do que qualquer outra peça, ela me transmitia uma clara noção de tempo: seja o tempo passado ou o presente.

Quando no interior da cozinha de uma das casas de antigamente, sempre tinha a forte sensação de retorno a um outro século. A cozinha parecia, de todas as peças, a que se conservava mais intacta e isto não apenas porque preservava muitos dos seus móveis e utensílios mas, principalmente, pelo fato dos moradores continuarem revivendo ali gestos e movimentos que a minha experiência relacionava com o passado. Achas de lenha queimando. Fogo sobre o barro do fogão. Panelas pendendo das paredes, vassouras de palha nos cantos, bancos alisados pelo constante uso. O cheiro, a terra batida no chão, as paredes escurecidas pela fumaça. Signos cristalinos de uma outra era, idade de barro, pedra

ou madeira; da mesma forma como vinham do passado os gestos das mulheres que colocavam tudo em movimento.

Tudo muito diferente da cozinha das casas das gerações mais novas, onde reinam as superfícies lisas e assépticas dos azulejos, os pisos vitrificados e os "conjuntos completos" de mesa, cadeiras e armários. A fôrmica, recobrando tudo prodigamente, me reinseria nos tempos higienizados da era do plástico.

A transição é lenta entre uma e outra, entre a cozinha de antigamente e a da geração nova. E coube a geração intermediária realizar essa transição. Ela o faz construindo duas cozinhas, que convivem na mesma casa sob o domínio de uma mesma dona-de-casa: a cozinha externa ou rancho, em tudo semelhante a cozinha de antigamente e a cozinha interna, que tem uma aparência próxima a das gerações mais novas. Ou seja, a área de preparação dos alimentos, que era parte integrante da casa na geração mais antiga, é dividida em duas e afastada fisicamente do corpo da casa pela geração intermediária. E, finalmente, retorna à casa na geração seguinte, como peça única.

Buscando entender este afastamento e o posterior retorno, consegui vislumbrar de modo mais nítido a relação entre a arquitetura das casas e o modo de vida mais geral dos nativos: a transformação propiciada por este afastamento correspondia (ou era determinada) à transformação de todo o seu modo de vida, espelhando a passagem de uma vida

nitidamente camponesa para uma vida "rururbana" (LEFEBVRE, 1972).

- a cozinha de antigamente:

Alguns significados emergem imediatamente quando se passa os olhos pelas cozinhas construídas pela geração mais velha: ela é espaço intermediário entre o exterior e o interior da casa e é vista como o espaço mais "pobre" entre os espaços interiores. Nem por isto deixa de ser a área de maior sociabilidade da casa - o que permanece nas gerações seguintes - embora não tenha esta destinação simbólica, pois a sala é o espaço reservado para o social. Além disso, a cozinha, nesta e nas outras gerações, é, de todos os espaços da casa, o que se poderia considerar como o de domínio mais da mulher.

espaço inferior:

O lugar inferior ocupado pela cozinha no imaginário dos nativos deve-se a esta interiorização do que originariamente pertence ao lado de fora. E não, como é comum nas classes dominantes, ao fato da cozinha ser um lugar de <serviço>. Descendentes de vicentinos, açorianos e

madeirenses que tiveram de abrir o seu caminho com as próprias mãos, os nativos da LAGOA não compartilham o desprezo pelo <trabalho> tantas vezes apontado como característico das classes dominantes no Brasil (2). Prova disto, são os <tanques de lavar-roupa>, instrumentos de trabalho das mulheres das gerações mais novas e que serão colocados à frente da casa, permitindo que as mulheres vejam e sejam vistas da rua enquanto trabalham. Os tanques são bens de consumo adquiridos em lojas, daí merecerem lugar no jardim (nobre) e não no quintal (pobre) das casas. O mesmo acontecendo com o varal.

A posição simbólica inferior da cozinha em relação às outras peças da casa é uma conclusão que se extrai também da análise da planta arquitetônica e do material escolhido por esta geração para construir suas cozinhas. E do fato dela ser o lugar no interior da casa onde a mata ingressa, sob a forma de lenha.

A cozinha das casas de antigamente ocupa sempre e invariavelmente toda a extensão da parte dos fundos da casa: é uma peça comprida mas não muito larga, medindo cerca de 5 x 2,5m.

A cozinha tem o teto inclinado. O seu teto é rebaixado no sentido dos fundos da casa, isto é, inicia na parede interior com um pé direito de até 2,5m nas casas mais altas, e desce até encontrar a parede dos fundos, com um pé direito de uns 1,80m; daí, já no exterior, continua na mesma

altura para criar, do lado de fora, uma área externa coberta que serve, por exemplo, para se guardar as ferramentas e outros objetos de trabalho dos homens.

O rebaixamento do teto da cozinha reforça o efeito de sua quase exclusão: ela está sob o mesmo teto do restante da casa porém, como este teto é mais baixo, ela parece fazer parte de uma outra casa, é como se fosse um apêndice (3).

Os nativos destinam para a cozinha o material de construção considerado mais "pobre": se a casa é de tijolos, a cozinha pode ser de madeira, pedra ou pau-a-pique; se a casa é de pau-a-pique com reboco, a cozinha é construída sem merecer o reboco, e assim por diante.

E é novamente a posição inferior da cozinha que se revela quando se analisa a iluminação da casa: enquanto antigamente a sala era iluminada com lâmpadas a querosene, a cozinha não merecia mais do que a luz de "pombocas". O querosene era portador de um valor-mais para os nativos porque não podia ser produzido no interior da casa. Comprado com dinheiro, ele necessariamente revelava a presença de uma folga econômica no sistema familiar de subsistência, servindo para atestar que o grupo familiar não apenas era capaz de suprir suas necessidades imediatas de sobrevivência como de gerar um excedente. Nesse sentido, em relação ao lampião, antecipa-se um comportamento que será aplicado a diversos outros objetos nas gerações seguintes quando, talvez, se possa até falar em um <consumo ostentatório>.

redefinindo um conceito que, para VEBLEN, (1987) surge com a burguesia. O destino dos objetos deste «pré-consumo ostentatório» será a sala. No pólo oposto, o das "pombocas", tínhamos uma produção caseira: a luz era obtida pela queima de um preparado à base de óleo de fígado de peixe, de mamona ou de nozes (CASCAES, 1981:34). Hoje, quase todas as casas desta geração já são iluminadas por luz elétrica, sendo que a distinção agora ocorre em relação ao tipo e à intensidade da luz usada: lâmpadas comuns na cozinha e lâmpadas fluorescentes no resto da casa, por exemplo.

espaço intermediário:

A porta da casa é a porta da cozinha, nesta e nas outras gerações apesar de estar mais distante da rua do que a porta da sala. Ela marca o primeiro limite entre a casa e a "rua". Se há alguém em casa durante o dia - e geralmente há - ela é mantida aberta facilitando o entra e sai dos moradores. É através desta porta que se dá o primeiro contato de quem está fora com o lado de dentro da casa. Deste modo, a cozinha construída pela geração mais velha tem o papel de intermediação entre o espaço doméstico exterior e interior, a exemplo do que observaram em diferentes contextos, autores como HAYE (1980), GUIMARAES (1984), HEREDIA (1979) entre outros (4). Este papel de intermediação

porém é mais marcado aqui do que será nas casas das gerações seguintes ou foi nas casas urbanas observadas por aqueles autores. Diferentes elementos arquitetônicos o atestam: o chão, o teto, o material de construção.

O piso destas cozinhas é sempre de terra-batida, semelhante portanto ao chão do quintal e do terreiro que circundam a casa. Não há, para quem ingressa nela, uma grande ruptura em relação ao chão externo. De fato, é quando se entra no restante da casa, passando-se da terra-batida para o assoalho de madeira, que a ruptura ocorre. A este respeito, lembro-me de minha reação um pouco surpresa diante da sugestão de D. Francisca, 80 anos, moradora de um engenho de farinha desativado no Canto da Lagoa, de que limpássemos os pés ao passarmos da cozinha para a sala. Caso contrário, me explicou, a gente leva "o barro para dentro". Ora, pensei, o que ela estava chamando de "barro" é na verdade parte de sua casa, é a terra-batida que, no caso, cobria 90% da área interior da casa. E o que ela está considerando como sendo "dentro" são na verdade apenas duas peças da casa, a sala e o quarto, não incluindo-se no seu modo de ver a cozinha neste "dentro".

O "barro" que constitui o piso da cozinha não é visto como algo "sujo". De fato, ele nem sequer é percebido. E somente quando é levado no sapato para o resto da casa que a sua presença passa a ser um incômodo. Na sala e nos quartos, ele <polui> porque, como mostra DOUGLAS; (1966) ele

é percebido como contrariando a ordem. Ou seja, enquanto ele está na cozinha, o barro é visto como estando no lugar; quando por acaso, surge nas outras peças da casa, ele é visto como estando fora do lugar. Isto porque, como é possível depreender do comportamento de D. Francisca, o lugar do "barro" é fora de casa, não dentro. E o piso que parece marcar a distinção entre o fora e o dentro, ficando por este critério a cozinha mais para o lado de fora do que para o lado de dentro. Os sapatos deixados à soleira da passagem para as outras peças da casa parecem ser portadores desta mensagem.

A cozinha é também e principalmente o lugar do fogão à lenha, que traz para <dentro> a <mata>, ainda que ela esteja meticulosamente cortada em achas de lenha de aproximadamente cinquenta centímetros de comprimento. Como já foi visto, há uma desvalorização simbólica dos nativos em relação à mata, percebida como um inimigo a ser vencido num embate que tem suas origens na época da colonização. Vista como desordem, a mata acaba contaminando o espaço que lhe é destinado no interior da casa.

Um outro aspecto que também evidencia a relação estreita da cozinha com o exterior/quintal é o fato dos pintos serem mantidos ali nos seus primeiros dias de vida, o mesmo acontecendo com as galinhas à noite nas casas que não têm galinheiro ou quando se visa protegê-las contra roubos

ou com as gaiolas dos passarinhos - o que se verifica também entre as gerações seguintes.

O "barro", os animais domésticos e a mata são elementos pertinentes ao lado de fora da casa. Do mesmo modo, a "sujeira" localizada nos alimentos e no corpo é na cozinha que deve ficar: ou nos alquidares onde as verduras são lavadas antes de serem cozinhadas ou nas gamelas onde se costumava banhar o corpo (HAYE 1980). Em uma palavra, como espaço de intermediação entre o exterior e o interior, a cozinha não é apenas a área de preparação dos alimentos mas é também o último reduto do combate à "sujeira".

espaço da mulher, espaço de sociabilidade:

Nas primeiras casas construídas na LAGOA pelos colonizadores paulistas, açorianos e madeirenses, o fogo ocupava o centro da única peça da casa. Sala, cozinha e quarto se confundiam, numa fusão que sobrepunha diferentes funções da habitação. A sociabilidade se dava ao redor do fogo, lugar onde se reuniam os moradores da casa nos seus momentos de descanso ou para as refeições, e os eventuais visitantes (5).

Entre as casas de antigamente, já não encontramos nenhuma que tenha esta unicidade primeira. Mas o espaço destinado à sociabilidade, pelo menos a sociabilidade mais

intima, parece ter acompanhado o fogo no seu deslocamento para um lugar específico, a cozinha.

A cozinha é o lugar onde a família permanecia e ainda permanece quando no interior da casa. Embora à noite, entre as novas gerações, a família prefira o lugar onde está a televisão, esta substituindo assim o fogo como foco em torno do qual as pessoas se concentram.

A cozinha é principalmente o lugar onde a mulher passa grande parte do dia, envolvida com o preparo das refeições familiares: café da manhã (que às vezes era ingerido sob a forma de um "pirão", mistura do café com farinha de mandioca), o almoço e a janta (cujos alimentos básicos eram e são a farinha de mandioca e o peixe, hoje complementados pelo feijão, batatas, ovos, algum legume ou verdura) (6). A mãe, trabalha em pé junto ao fogão a lenha ou a gás que normalmente se situa no extremo oposto a porta da entrada. E é na cozinha que são feitas as refeições exceto entre a geração intermediária que pode comer tanto no "rancho" quanto na cozinha.

A cozinha é também o lugar onde se recebe os filhos e suas famílias, nas visitas obrigatórias de domingo à casa dos pais que, para muitos, têm o significado adicional de um retorno à comunidade de origem, pois moram fora da LAGOA.

O momento das refeições é porém o único em que se tolera a presença dos homens no interior da cozinha.

Na maioria das vezes em que estava sô, conversei com as donas-de-casa no interior de suas cozinhas, o que sugere a revisão de um velho estereótipo nas análises do espaço doméstico que coloca de um lado o espaço íntimo da cozinha e do outro o espaço público da sala. Antes de ser um espaço (íntimo), a cozinha é um espaço da <mulher>. Assim, mesmo em situações vistas como públicas e onde o contato é ritualizado, a mulher prefere ocupar o espaço que é um domínio seu. E lá que ela recebe outra mulher e, só na presença mais constrangedora de um homem, o que ocorria quando estava presente o marido ou um filho adulto ou mesmo um amigo meu, é que a mulher me fazia passar para a sala.

Durante as festas de aniversário, a cozinha é mais ocupada do que a sala: enquanto os homens e os adolescentes preferem ficar no pátio externo, as crianças transitam entre a sala (mesa de doces) e o pátio, e as mulheres tomam a cozinha durante praticamente todo o tempo, com rápidas saídas para observarem os filhos. Nos velórios, a cozinha, do mesmo modo que o pátio externo, tem o papel de <espaço frio> (7), no qual os familiares e visitantes despem-se do ar constrangido e solene que assumem na sala, onde é colocado o caixão.

A posição inferior da cozinha em relação às outras peças da casa não significa o seu abandono no que tange à <limpeza>. De fato, o asseamento obsessivo de toda a casa, verificado principalmente nas gerações seguintes, parece ser

uma forma de compensar a precariedade dos objetos, ou uma tentativa de marcar a diferença entre esta classe social e a classe social imediatamente inferior, como quer BOURDIEU (1979:59). Este asseio encontra nas panelas o seu foco principal: elas servem para aferir se uma mulher é ou não uma boa dona-de-casa, segundo o pensamento dos nativos.

Se a sala é o lugar da representação da família como um todo, a cozinha é o lugar de representação da mulher. As panelas, mantidas expostas junto às paredes já que esta geração não possui muitos armários, refletem a luz num brilho conseguido a custo de muita "areação". Se o conteúdo das panelas pode ser escondido quando considerado de pouco valor - e mais de uma vez o foi, quando da minha chegada, por conter peixe -, as próprias panelas não encontram ainda nestas casas um lugar protegido dos olhares estranhos. E por isto que devem "brilhar". Elas têm um papel similar à cera do chão da sala: enfeitam e, além disto, servem para mostrar que a família conta com uma boa dona-de-casa que, através do seu trabalho, consegue tornar belo o "pobre", disfarçando assim a sua pobreza.

Nesta perspectiva, concordo com GIARD e MAYOL (1980:37) quando apontam que a cozinha é um espaço feminino não apenas porque dela os homens estão ausentes, mas porque dela os homens foram <excluídos>, obedecendo o que chamam a "dialética da repartição dos papéis familiares".

A única exceção a esta norma de exclusão dos homens do espaço da cozinha se verifica em situações onde as mulheres não podem estar presentes, como acontecia nas cozinhas das casas de barcos durante as temporadas de pesca em outras cidades. Pois mesmo os viúvos, sempre que contem com uma mulher disponível, filha ou nora, passarão a ela a tarefa de cozinhar, mantendo-se ausentes deste espaço. Nesta geração, a cozinha não é lugar de se exhibir. E, por mais que esteja cuidadosamente limpa, a cozinha não deixa de ser um recanto íntimo, onde outras mulheres podem ser recebidas pela dona-de-casa mas que continua sendo considerado lugar menos digno de ser exposto publicamente (8).

- a cozinha nas casas intermediárias:

A principal característica das plantas-baixas das casas da geração intermediária é a existência da cozinha separada do corpo da casa. O, que não se constitui numa peculiaridade local. O costume de se construir edículas que sirvam como cozinhas já existia na Europa há séculos e chega a ser apontado por LEMOS (1978) como a principal característica da arquitetura brasileira em todos os tempos.

A cozinha separada teria sido trazida do sul de Portugal? Teria se originado aqui como uma solução dos colonos ao clima tropical? Ou seria uma influência dos povos indígenas com quem os colonizadores mantiveram contato e que, como aponta SAINT-HILARE (1945:122), acendiam fogo no interior das habitações mas cozinham no exterior? Perguntas que não me proponho a responder pois demandariam uma pesquisa de outro tipo. Vale registrar que a cozinha externa foi encontrada também entre os colonos alemães e italianos que se estabeleceram no Rio Grande do Sul e em Sta. Catarina (BERTUSSI, 1983)

A explicação inicialmente encontrada para estas cozinhas separadas, o calor e a segurança contra incêndios, dá lugar, já no séc.XIX, a outra, fundada em motivos de prestígio social. A ponto de LEMOS (1978:97) escrever que "(...)a marca do status do chefe ou do rico era justamente

a distância da cozinha". De fato, numa sociedade escravocrata onde o trabalho manual era de modo geral desvalorizado, é justo que se mantivesse à distância os lugares especializados destinados à sua realização. O afastamento em relação à comida ou a qualquer outro imperativo de sobrevivência aparece, assim, como sinal de uma condição superior, como se o homem rico fosse aquele que pudesse viver longe dos espaços de serviço, enquanto os pobres eram obrigados a conviver com eles, mantendo-os no interior e muitas vezes no centro de suas casas.

Este modelo de cozinha, externa, que se implantou em várias regiões do Brasil desde os primórdios da colonização, só chegou à LAGOA por volta de 1940. Porém, aqui com outro significado: a distância que se buscava, pelo que se observa nos depoimentos, não era do "trabalho", mas da "sujeira" representada, creio, pela presença da mata no interior da cozinha.

Evidência disto é a forma gradual como se deu este afastamento nas casas da LAGOA. O fogo ocupava inicialmente o centro da única peça das casas dos primeiros colonizadores; deslocou-se para trás, passando a constituir a cozinha das casas de antigamente. Por volta de 1940, algumas casas passam a apresentar cozinha externa. Afasta-se finalmente, assim, o seu espaço mais ambíguo, intermediário entre a casa e a rua e o mais exterior dos espaços internos,

marcado, como foi visto na descrição das cozinhas de antigamente, pela forte presença da mata.

Inicialmente, esta transformação desloca a cozinha de antigamente - com fogão à lenha - para longe da casa. Mais tarde, com a possibilidade de aquisição de fogões à gás, uma outra cozinha vai sendo criada no interior da casa, mantendo-se contudo a cozinha externa, com fogão à lenha, que passa a ser chamada de "rancho".

o rancho:

Do ponto de vista dos nativos, a separação da cozinha foi e é tida como um reflexo do progresso económico da família. Ela é vista como um melhoramento na casa que seria do desejo de todos ainda que só estivesse ao alcance de alguns.

Os primeiros a adotarem o "rancho" foram os que "conseguiram ganhar um pouquinho a mais", como me explicou D.Elias, rendeira de 50 anos anos, moradora do Retiro.

Os "ranchos" existem até hoje nas casas da geração intermediária. Eram e são construções de madeira - mesmo quando a casa é de alvenaria - e situam-se de dois a cinco metros da casa. É um lugar de viver, não de mostrar: os visitantes são sistematicamente mantidos afastados dele. Quando pedia a um morador para ver a casa, as outras peças

me eram apresentadas, nunca o rancho, assemelhando-se nisto com a "casinha". O "rancho" é tido como um lugar "sujo", "esfumaçado", ao qual os entrevistados se referem como sendo "uma nojeira". No entanto, é o lugar onde as refeições familiares são normalmente preparadas e muitas vezes consumidas.

O "rancho" é uma simulação da <cozinha de antigamente>. Ele contém o fogão à lenha, que é a causa principal da sua separação do restante da casa. É geralmente menor do que as cozinhas de antigamente e menos iluminado. Recorro a um trecho dos apontamentos de campo para a descrição de um "rancho":

'Chego na casa de Marisol no momento em que sua mãe está terminando de servir a refeição para um dos outros filhos. O menino come na copa, mobiliada com a tradicional mesa de fórmica e balcão. A mesa não foi "posta", como ela me explicou espontaneamente, pois ainda não era hora da refeição: o filho almoça antes para ir ao colégio. Noto que a cozinha, que fica ao lado da copa, está impecavelmente limpa. Ela me explica que fez a comida no "rancho", "por causa da fritura", para não sujar a casa. Tento fazer com que me fale dele mas ela desconversa. Na saída, observo-o rapidamente. O "rancho" é uma peça construída com madeira, pequena, de dois metros por três, com o teto baixo, sem pintura, com chão de terra batido, mal iluminada, as paredes cobertas de fuligem. No seu interior há uma mesa de madeira, panelas penduradas como as <casas de antigamente> e o fogão à lenha. Do lado de fora, há uma pia descoberta, usada para lavar os alimentos antes de serem preparados e também os pratos. Fica afastado da casa e separado desta por uma outra peça, também, chamada "rancho", que é usada como depósito de bicicletas e ferramentas. A

cozinha do lado de dentro da casa, azulejada e com um piso especial - azulejos e piso resultados de uma "reforma" - não parece ser usada com frequência. É um lugar em tudo oposto ao "rancho".

Quando a cozinha separada é a única da casa, sua aparência é um pouco mais cuidada, como se observa neste outro trecho de minhas anotações:

D. Margarida me recebe e me faz entrar na cozinha, uma peça separada do resto da casa com a qual se comunica através de duas portas, uma na parte frontal da cozinha e a outra na parte de trás da casa. Para passar da "casa" - sala e quartos - à cozinha, é preciso descer um degrau, dar um passo numa lage de cimento sem cobertura e subir outro degrau. Esta cozinha é a peça da casa onde mais se permanece, o que é evidenciado por exemplo, pela proteção de madeira colocada nas portas para impedir que a Miriam, sua criança menor, saia. A cozinha é assoalhada em madeira, tem teto de telha vã enquanto o resto da casa já é forrado. Além desta porta de ligação ela possui outras duas, que dão para os lados da casa, uma das quais liga a cozinha com o forno de barro localizado no exterior, onde ela faz o pão.

Os móveis ocupam os cantos deixando o centro livre para a circulação. É uma peça ampla, a maior da casa, com uns 5 por 6m. Há um fogão à lenha que é bem usado a comprovar pela cor das paredes próximas, um fogão à gás, uma mesa recoberta por uma toalha de plástico florida que parece fazer parte da mesa pois foi meticulosamente presa a ela, algumas cadeiras de diferentes conjuntos e um armário. Um peixe pende do teto, pendurado por um cordão, para secar. A geladeira não está ali e sim numa sala pequena, junto com a TV.

O que parece caracterizar esta cozinha é a sobreposição de elementos das cozinhas das duas outras gerações: telha vã, piso de madeira, mesa de madeira por um lado,

armário e fôrmica, toalha de plástico, fogão à gás de outro.'

De modo geral, a tendência das famílias desta geração é a de ir em aos poucos contruindo duas cozinhas: uma no exterior, com fogão à lenha, mais usada e outra no interior, com fogão à gás, menos usada. E o "rancho" - porque não é para lá que os móveis novos e utensílios de cozinha se dirigem - acaba como um espaço menos suscetível às transformações. É interessante notar que, mesmo quando esta geração constrói uma casa nova, o "rancho" é mantido: junto com a nova casa já se faz o novo "rancho.

Foi o que fez a família de Dê, 35 anos. Junto a nova casa de alvenaria, contruida na Freguesia, ele ergueu o "ranch, uma peça de madeira, com quase as mesmas dimensões da casa: piso acimentado, fogão à lenha num canto, grande mesa de madeira ao centro, sem forro sem revestimento nas paredes, janelas de tampões de madeira.

A presença destas duas cozinhas coloca em evidência a profunda ambiguidade vivida por esta geração. Ela já tem acesso a bens de consumo próprios da modernidade (fogão à gás, azulejos, refrigerador, liquidificador, armários de fôrmica, etc), mas ainda não lida com intimidade com estes produtos. Quer tê-los para exhibi-los, mais do que para efetivamente usá-los. Eles são vistos como "bonitos" demais ou frágeis demais para serem objetos de um uso cotidiano. No dia-a-dia, continua-se a cozinhar com os

artefatos próprios de um mundo camponês: o fogão à lenha, a cozinha de madeira mal iluminada sob um teto sem forro, etc. Embora estes artefatos sejam agora e cada vez mais percebidos como algo "sujo", esta geração ainda não pode prescindir deles como o fará a geração seguinte.

- a cozinha nas casas novas:

Na geração mais nova, a cozinha é parte plenamente integrada no corpo da casa. Não está separada, como o "rancho" e nem é mais um "puxadinho", como nas casas de antigamente pois, ao contrário destas, possui teto e piso da mesma altura que as demais peças da casa.

Quem entra na casa vindo da rua não tem mais a sensação de estar num espaço intermediário, meio dentro, meio fora da casa. Uma impressão que é reforçada pelo fato de ser comum o abandono dos sapatos na soleira da porta da cozinha onde geralmente existe um tapete a recordar ser preciso retirar os sapatos ou pelos menos limpá-los. E, se na cozinha se entra deixando fora a "sujeira" da rua, é porque ela já é parte da casa.

Ainda que a cozinha nesta geração esteja plenamente integrada ao corpo da casa, uma fronteira continua delimitando o seu espaço de modo nítido. Já não se

trata mais do teto rebaixado ou do piso de terra batida e sim do revestimento das paredes e do chão. A cozinha termina onde começam os "tacos" das outras peças da casa ou, também se pode dizer, termina onde terminam os azulejos da parede. O que a distingue das outras peças da casa é, portanto, o revestimento que visa higienizar um espaço anteriormente tido como "sujo".

Parte da enorme importância dos azulejos decorre daí. Eles se fazem necessários na cozinha porque conseguem resolver o antigo problema da convivência de elementos do mundo exterior (a lenha, os alimentos) no espaço de dentro da casa. Os nativos, e evidentemente não apenas eles, parecem optar pelos revestimentos vitrificadas por ser mais fácil detectar os resíduos de alimentos numa superfície lisa, clara e de pedra.

Mas, além de tornarem a cozinha mais "limpa", os azulejos e ladrilhos também a fazem "mais bonita". A sua função estética é claramente perceptível observando-se os diferentes padrões de azulejos encontrados nas casas desta geração. A maioria opta pelos azulejos "decorados", ou seja, aqueles que apresentam desenhos de flores, arbustos, motivos abstratos, etc, em estilo rococò, feitos de tal modo que o desenho de um quadrilátero é completado pelo quadrilátero seguinte emendando-se nele e assim sucessivamente. Cada azulejo, portanto, apresenta não um desenho completo mas

duas metades idênticas que serão completadas pelos próximos azulejos.

O modelo ideal destas cozinhas prevê azulejos até o teto e revestimento de ladrilhos no piso, geladeira grande, fogão à gás, liquidificador, armários de fórmica e o indefectível conjunto de mesa e cadeiras de fórmica que povoam as cozinhas das classes populares de norte a sul do Brasil. Como este ideal implica em um gasto nem sempre à altura do orçamento dos recém-casados, a solução encontrada é a de colocar azulejos apenas até um metro e meio de altura e, às vezes, apenas em frente à pia; ao invés de ladrilhos, opta-se pela solução mais econômica representada pelas "lajotas comerciais" e deixa-se alguns dos eletrodomésticos para serem adquiridos mais tarde (isto quando, como acontece mais frequentemente, o casal se une através da "fuga" porque, nos casos em que há casamento, os eletrodomésticos são peças centrais na polpuda lista de presentes dos noivos). De todos estes itens, o primeiro lembrado na hora de economizar é o azulejo, ainda que ele seja visto nesta geração como imprescindível à cozinha, como demonstram os comentários feitos por informantes cujas cozinhas não contavam com azulejos até o teto: "For enquanto, não deu pra colocar os azulejos (até o teto)" ou "os azulejos ficaram para mais tarde".

Com ou sem azulejos até o teto, a cozinha nas casas da nova geração brilha. A luz reflete-se no

revestimento das paredes, no piso encerado, no fogão à gás, na geladeira na pia de inox e nos móveis de fórmica. Tudo é claro e muito colorido.

Esta cozinha, tornada mais limpa pela presença dos revestimentos vitrificados, já pode expor os objetos que antes só mereciam o espaço do, sala. Além de algum bibelo - de qual o pinguim é o mais fácil de ser lembrado - também expõem aqui e ali quadrinhos com motivos relacionados à cozinha, como diploma de algum curso culinário realizado pela dona-da-casa, porta caixa-de-fósforos com dizeres como "Em Blumenau lembrei de você", "folhinhas", e até samambaias que são penduradas de forma a ficarem pendendo do teto.



Rancho com fogão à lenha
e pia externa

TALÃO DE PAGAMENTO DE ÁGUA

Nº

Nome Saul

Endereço

Consumo de Água - Valor 150,00

Outros Janeiros pagos

..... Cz\$

Isento de Juros TOTAL

Data do vencimento 30 / 1 / 88

Juros após Venc. 15% / mês Cz\$

Com Juros TOTAL

As mangueiras de água liberam a localização
das casas mas tem seus custos

O Banheiro:

De todos os espaços da casa, o que mais dificuldade apresentou no levantamento de dados durante a pesquisa de campo foi o destinado à higiene e à excreção. Difícil sua exploração pois os entrevistados não se sentiam muito à vontade em tratar de um assunto que, por um lado, é tido como de menor importância e, por outro, atinge uma área moralmente repleta de interdições.

A resistência dos entrevistados quanto às perguntas sobre os lugares de excreção repetiu-se quando tratamos da higiene corporal. Isto pode ser observado neste trecho de entrevista:

- F: Como a senhora faz para tomar banho?
 R: Tomo banho num quarto de banho (banheiro).
 F: Mas como, se aqui não tem banheiro?
 R: Ah, quando eu quero tomar banho vou na casa da minha filha, ali tem banheiro. (A filha mora a uns três quilômetros).
 F: E antes, como era?
 R: Antes tomava por aí.

O espaço destinado à higiene corporal e à excreção sofreu, no decorrer de 3 gerações, profundas transformações materiais e simbólicas.

Nessa pesquisa constatei existirem na TABOÁ diversas soluções para resolver as necessidades biológicas de excreção e higienização corporal. Cada uma destas

soluções corresponde a uma determinada época, sendo compartilhadas, a grosso modo, portanto pelas famílias de uma mesma geração. De modo geral, elas podem ser agrupadas assim:

	antig.	interm.	novas
excreção	mato casinha quarto	casinha quarto ou banheiro/puxa- dinho	banheiro
higiene	fonte cozinha	cozinha ou banheiro/puxa- dinho	banheiro

o mato:

Mato é o termo com que se designa, de modo indiferenciado, um espaço que serve de excreção. Fica perto o suficiente da casa e da roça para não roubar tempo ao trabalho mas longe o bastante para permitir que a excreção não polua a casa nem comprometa moralmente as pessoas. Pelo menos, é o que sugerem os gestos amplos com que os informantes respondem à indagação sobre o lugar exato de se fazer as "necessidades". e o que se deduz do diálogo com Rosa, uma camponesa de 18 anos, moradora na Quebrada:

P: Vocês vão onde para fazerem as necessidades?

R: Nós fazemos no mato.

P: No mato onde?

R: A gente faz no lugar em que dá a precisão, desde que não tenha homem.

F: Mas pode ser perto da casa?

R: Não, é melhor mais longe por causa do cheiro. E só ir atrás de uma árvore ou de uma moita e fazer. E quando se tá na roça é a mesma coisa, vai um poquinho pra longe, num mato, e faz.

F: E se dá vontade de noite?

R: Ah, de noite é difícil de dar (precisão).

Apesar das evasivas, é possível afirmar, por exemplo, que não existe um lugar determinado no mato para as excreções, como se pode observar neste trecho de entrevista:

F: A sua casa não tem banheiro. Como é que faz?

R: Se faz no mato.

F: Mas onde no mato?

R: Eh, e tem lugar pra isto?

(Alvina Teixeira, 62 anos, Costa da Lagoa)

Outros informantes responderam à mesma pergunta com expressões vagas como "por aí", "em qualquer canto".

Ocorre o contrário do que se observa em outros estudos, como por exemplo, o de WOORTMANN, E. (1981) sobre o espaço de vida de grupos camponeses do Sergipe, onde o lugar no mato utilizado para excreção não é qualquer um mas um espaço bem determinado: a capoeira, lugar de onde retira-se o capim para alimentar o gado e o lugar onde se atira os excrementos dos porcos. Neste caso, tanto os excrementos dos homens quanto os dos animais têm uma utilidade, servindo para fertilizar o solo. Não constatei nada de próximo a esta situação durante a pesquisa de campo.

A passagem do mato para a casinha não se deu de forma uniforme em toda a LAGOA. A partir de 1930/40, segundo depoimento de informantes, elas começam a aparecer nas regiões de maior concentração de moradia - Freguesia e Barra da Lagoa, de início incentivadas pelo poder público que construía as chamadas fossas "negras" para os moradores (9).

A casinha evitava que vizinhos e estranhos assistissem a um ato fisiológico tido como tabu. Desde o início ela vai situar-se nos fundos, a uns 10 ou 20 metros das casas - longe da rua portanto. Algumas delas, como mostra LAGO (1985) tem seu uso redefinido servindo como depósito de bananas com os moradores continuando a se servirem do mato para excreção. Como não dar uso mais nobre a sua casinha de madeira?

A casinha é de uso coletivo dentro do segmento residencial familiar: constroe-se uma para atender as necessidades dos moradores de todas as casas.

Só aos moradores mais velhos da casa e aos que por algum problema não podem se locomover é dado o privilégio de resolver a "precisão" no interior da casa, no seu quarto:

"A vò tem pinico, com cadeirinha e tudo (cadeira com um furo no centro onde se encaixa o pinico). É igual a patente." Rosa, 18 anos, Quebrada.

a fonte

O lugar da higiene pessoal também localizava-se preferencialmente no exterior das casas de antigamente. Os banhos eram tomados na fonte que existia junto a quase todas as casas, como conta D.Leandra, 63 anos, moradora de uma casa construída no início do séc. na trilha da Costa da Lagoa, que até hoje não possui banheiro nem casinha.

Sem contar com uma peça no interior da casa especialmente destinada à higiene (10), é a cozinha que irá cumprir este papel.

Ela me foi apontada como local destinado aos banhos em diversas ocasiões.

P: Vocês tomam banho onde?

R: Tomo banho de banheira (bacia) na cozinha.

P: Onde?

R: Na cozinha.

P: Mas na cozinha?

R: E, eu fecho ela todinha e tomo banho. Já tem até um canto só para isto.

(Rosa, 18 anos, Quebrada).

Também os homens usam a cozinha para "se lavar" na "banheira". "Ele vai precisar de umas 3 bacias de água hoje" disse Rosa, comentando que seu irmão adotivo estava muito sujo depois de um dia inteiro trabalhando no engenho de farinha. Na eleição dos espaços internos da casa de antigamente destinados a higiene corporal, nota-se que a cozinha, o lugar de trás da casa, o lugar mais longe da rua e mais próximo da mata, o lugar por onde se ingressa na casa, o

lugar que por mais tempo permanece com piso de chão batido, e por tudo isto, considerado um dos lugares mais "sujos" entre os espaços internos da casa, é exatamente o que é escolhido para a higiene corporal.

o banheiro

O surgimento da água encanada através de mangueiras revoluciona os espaços de higiene e excreção, eliminando uns e fazendo aparecer outros. Esta transformação, como as outras que já foram vistas, não ocorreu simultaneamente em toda a LAGOA. Surge na Freguesia, a parte mais urbanizada e a primeira a adotá-la.

De modo geral, pode-se dizer que a solução sanitária preferencial na LAGOA era casinha/quarto - fonte/cozinha até a década de 60 passando a ser banheiro na década de 70.

O banheiro é introduzido através de uma "reforma" das casas intermediárias já sendo previsto na planta arquitetônica das casas novas (11).

A geração intermediária vive uma situação de transição: inicialmente constrói casa e uma "cassinha" atrás para, anos mais tarde, "reformatar" introduzindo o banheiro em anexo ao corpo da casa.

Este banheiro, que é a primeira peça no interior da casa especializada para higiene e excreção da família, não está ainda totalmente no interior da casa. Está como que colado a uma das paredes de trás da casa. Como foi construído depois e com um material diferente do empregado na construção do restante da casa, ele passa a impressão de estar mais fora do que dentro. Nem ao menos se encontra sob o mesmo teto. É, na verdade, um "puxadinho": um caixote de cimento de 2x2m encostado à parede dos fundos de casas, coberto com telha de cimento amianto. Como estas casas em geral foram construídas em madeira, acentua-se a impressão de que casa e banheiro são duas unidades espaciais distintas.

No seu interior, há pia, vaso sanitário, chuveiro e, às vezes, "bidê". Alguns já possuem ladrilhos no piso e azulejos nas paredes, mas o mais comum é receberem apenas um revestimento de cimento (massa-corrída) sobre o tijolo.

O modo como os nativos percebem o banheiro está relacionado diretamente com esta materialidade. Ele não é visto como tendo sido plenamente incorporado ao cotidiano - cotidiano entendido aqui com o sentido que lhe atribui MAFESOLI (1985) e CERTEAU (1980) entre outros, ou seja, o que pertence à ordem do banal e do invisível. Ele é uma peça sobre a qual a conversa é espontaneamente dirigida quando se trata de comentar a casa e que merece explicações dos seus proprietários sobre quando e como foi construído.

Especialmente quando já é azulejado, o banheiro é mantido com a porta aberta, para que possa ser visto pelos eventuais visitantes como observou também HAYE (1910). Quando de transações imobiliárias, ele é lembrado como fator capaz de fazer subir o preço da casa:

"É uma casa boa, com banheiro e tudo..."
(Dê, 35 anos, Porto da Lagoa)

Um exemplo eloquente da não banalização do banheiro nesta geração foi a iniciativa de um dos candidatos à prefeitura do município de Florianópolis, em 1985, que, para conquistar os votos da comunidade da Costa da Lagoa, mandou construir diversos banheiros entre as casas que ainda não o possuíam.

A falta de familiaridade da geração intermediária com os banheiros faz com que em muitas casas não sejam instalados chuveiros elétricos. A justificativa dos proprietários é de ordem econômica.

F: O senhor não tem chuveiro elétrico?

R: Não. Gasta muita luz. Depois acostuma e é banho todo o dia. E pensa que eles (filhos) vão pagar a conta? Nada!

F: E no inverno, não é frio?

R: Não. Tô tudo acostumado. E se quê, é só quentar uma água e toma de bacia.

(Seu Abílio, 50 anos Porto da Lagoa)

A explicação é razoável mas não chega a convencer

de todo. Numa das casas da geração intermediária onde não havia chuveiro elétrico, o proprietário contava, além de sua aposentadoria, com a ajuda de dois filhos que já ganhavam "salário", um dos quais possuía até uma moto. Mais do que a questão financeira, a ausência do chuveiro elétrico parece demonstrar a dificuldade dos moradores nativos da LAGOA das gerações mais velhas em manipular objetos elétricos (o que será tratado a seguir). Ao mesmo tempo, devem pensar, o simples fato de existir um banheiro com chuveiro já é um conforto sendo prescindível o conforto adicional do chuveiro elétrico

Por não ter sido totalmente integrado ao cotidiano da família, o banheiro ganha a atenção e é alvo, muitas vezes, de sentimentos contraditórios: ele representa um maior conforto e é motivo de orgulho nas conversas com os vizinhos, mas pode representar um gasto a mais para a precária economia familiar e torna-se então objeto de desprezo. O banheiro surgiu como culpado, por exemplo, durante um período de estiagem no lugar quando ouvi acusa-lo da falta de água na casa:

"Só podia faltar água mesmo, com todo mundo dando descarga a toda hora..."
(D.Nelinha, 48 anos, moradora do Porto da Lagoa)

Para evitar os males que o banheiro poderia acarretar, muitas famílias mantêm no quintal a "casinha",

mesmo depois da construção do banheiro. É uma medida de segurança: como novo integrante da casa, o banheiro ainda é um pouco hóspede e o seu comportamento imprevisível. Daí a opção por manter viva e ativa uma velha conhecida, invisível e banal: a "casinha".

Nas residências construídas a partir da década de 70, o banheiro passa a fazer parte definitivamente da casa, ocupando uma das laterais ou a parte de trás da casa, como pode-se observar nas plantas arquitetônicas.

Ele continua tendo o mesmo tamanho e apenas uma janela basculante, assim como os mesmos aparelhos no seu interior. A grande diferença em relação ao banheiro das casas intermediárias é, além da sua plena integração ao corpo da casa, o seu novo revestimento de piso e parede que invariavelmente será de azulejos e ladrilhos.

São duas peças da casa, o banheiro e a cozinha, merecem azulejos entre os integrantes da nova geração - pois, como será analisado a seguir, a geração anterior é prodiga em enfeitar a sala com azulejos que fazem as vezes de quadrinhos - e são justamente as peças tidas como as mais "suja": as que historicamente se localizam nos fundos da casa, do lado de fora ou em anexo. Os azulejos e os ladrilhos, como foi visto anteriormente, têm o papel de "limpar" estes espaços: integrá-los numa nova ordem simbólica, operando a passagem do mundo de fora, "sujo" para o mundo de dentro, "limpo" como quer DOUGLAS (1966).

Os azulejos "enfeitam", tornam o banheiro "bonito" e, como tem sido salientado em estudos sobre casas populares no Brasil HAYE (1980), são os responsáveis pela reabilitação social definitiva do banheiro: ele sai do domínio da "sujeira", o lado de fora ou dos fundos da casa, para ocupar uma parte central da mesma.

O banheiro tem sempre a preferência sobre a cozinha na hora de se escolher qual das peças receberá azulejos e ladrilhos em primeiro lugar. Possivelmente porque ainda é visto como mais "sujo" do que a cozinha pois, como vimos, os diferentes espaços destinados à excreção sempre estiveram mais afastados da casa do que os espaços destinados a preparação dos alimentos (12). Quando há necessidade de se economizar, é a cozinha, e não o banheiro, que deixa de receber os "azulejos até o teto" para receber azulejos até 1,5 m de altura.

O banheiro, nas casas novas, é quase uma sala: além de enfeitado pelo piso e revestimento das paredes, ele recebe e expõe os shampus e cremes de beleza, produtos altamente valorizados entre as mulheres nativas da Lagoa.

o movimento:

No movimento do "banheiro", na sua progressiva incorporação à casa, percebe-se uma analogia com o movimento

das famílias que os constrói. O banheiro de antigamente era o "mato", espaço exterior indefinido, servindo a uma família proprietária de um amplo território e que passava boa parte de seu dia trabalhando no exterior.

A "casinha" delimita um espaço dentro do "mato", especializando-o, no momento em que o território familiar começa a ser mais definido, pela diminuição de sua área e pelo maior número de vizinhos. Mas a "casinha" ainda é localizada no exterior, como aliás a vida de boa parte das famílias desta geração que permanecem camponesas/pescadoras. Ela vai sendo puxada para perto da casa até finalmente acoplar-se nela, tornando-se banheiro, na medida em que a própria vida familiar deixa de centrar-se no exterior, com os seus integrantes passando a transitar cada vez mais entre um espaço interno - a casa - e outros espaços internos - a escola, o trabalho na cidade, etc.

O primeiro banheiro, o banheiro de geração intermediária, no entanto, ainda é um ente estranho, esta na casa mas não completamente: não compartilha o mesmo teto nem é construído com o mesmo material. De fato, ele é uma boa imagem da ambiguidade vivida pelas famílias desta geração, que tem um pé dentro e outro fora de casa, um pé na roça e no mar e outro no serviço público e no comércio, um pé no mundo camponês e outro no mundo urbano.

O banheiro é finalmente incorporado à casa quando nesta ambivalência os segundos termos passam a prevalecer

sobre os primeiros: quando a família assume realmente o trabalho na cidade deixando a roça, o engenho e o mar num plano secundário, mais como diversão e complemento do que como tarefa cotidiana.

A aproximação da área de excreção poderia ser representada assim:

zona de excreção



casinha banheiro/puxadinho banheiro

A SALA

- as salas de antigamente:

espaço de produção

A sala de antigamente, como se pode observar visitando as casas antigas na LAGOA, era uma peça ampla, localizada em frente da casa, ocupando geralmente toda extensão da sua fachada. O seu mobiliário era escasso e com uma aparência rústica (CASCAES, 1981). Como acontecia nas outras peças da casa, os móveis da sala eram fabricados pelos próprios moradores, sendo por isso em geral bastante simples. Havia um armário ou cristaleira onde guardavam alguns utensílios e objetos de maior valor para a família. E havia uma ou mais banquetas que serviam como assentos e também como pequenos baús para guardar as roupas da casa, pois não existiam então os atuais guarda-roupas.

Nas casas mais ricas, o mobiliário era praticamente o mesmo, variando não em qualidade mas em número: ao invés de duas ou três banquetas, tinha-se quatro ou cinco; e, às vezes, uma mesa grande para os jantares mais cerimoniais.

As paredes, de pedra in natura ou de estuque, não eram propícias a acolherem pregos e, mesmo nas casas um pouco mais ricas, que recebiam um revestimento de óleo de baleia misturado com "traço" (barro), as paredes permaneciam nuas, sem a profusão de retratos e gravuras que se pode observar nas salas das gerações posteriores.

Em muitas casas, era na sala que se guardava o "paiol", uma caixa de madeira bem fechada, usada para armazenamento de alimentos e sementes produzidas em casa ou compradas nas vendas, como a farinha, o milho, o café, etc. Além de servir como lugar onde se armazenava o alimento, a sala relacionava-se à esfera da produção de modo mais direto: era lugar de trabalho, principalmente para as mulheres da casa. No chão da sala, sentadas sobre as pernas, as mulheres se reuniam para tecer a renda ou as redes de pescar, em um trabalho coletivo que implicava em convívio intenso de vizinhas e parentes.

espaço público

Usada no dia-a-dia como lugar de trabalho das mulheres, a sala era também o espaço onde se recebiam as visitas mais importantes. Era - e permanece sendo - de todos

os lugares da casa o mais público, o espaço por onde se dava a transição formal entre a "rua" e a "casa", o mundo dos outros e a família - já que a transição informal, entre a "mata" e a "casa" se dá pela cozinha. Os estranhos ou poucos conhecidos eram recebidos ali, entrando pela porta que, na maioria das casas da Lagoa, se localizava na parede lateral voltada para o leste, há alguns metros da porta da cozinha.

Foi na sala, por exemplo, que o avô de D. Loquinha recebeu o governador Hercílio Luz, conforme ela me disse quando lhe perguntei que tipo de pessoa costumava ser recebida na sala. Porém, como eram raras as visitas que merecessem um tratamento tão cerimonioso, a memória dos velhos quanto ao uso da sala focaliza um outro aspecto da vida pública no interior da casa: o das festas, principalmente as festas religiosas. A sala era também o lugar onde a família e os vizinhos se reuniam para rezar, o que não deixava de ter um caráter festivo, como conta Nadir,:

"Se botava reza pra Santa Catarina, rezava missa com capelão. Tinha bastante fogos, era uma festa".

Uma vez por mês, a sala acolhida a "capelinha" (13) e junto a estas "capelinhas" se rezava o terço semanal que substitua a missa. Estas antigamente eram raras, dada a dificuldade de se conseguir que um padre viesse até a Lagoa além da sua visita normal uma vez por mês para rezar a missa

na Igreja de Nossa Senhora da Conceição (14). Estas novenas, que existem ainda hoje, consistiam numa ladainha comandada por um "puxador de reza", alguém que sabia de cor o texto da oração, e reuniam nas salas os vizinhos que eram convidados pelos donos da casa.

As novenas e missas, os bailes e aniversários marcam os usos comunitários mais constantes da sala mas não são estes os únicos. Como antigamente não se contava com praticamente nenhum espaço social especializado, era na sala que boa parte das transações públicas se realizavam: na ausência de escola, era a sala do professor que servia para as aulas; era na sala que se realizavam os casamentos (raros antigamente como nos dias de hoje); na ausência de capelas fúnebres, na sala que os defuntos eram velados, e possivelmente também era na sala que se realizavam trocas comerciais, com a família vendendo o seu pequeno excedente agrícola.

A sala, nesta geração, é portanto um espaço mais ligado à produção que ao consumo. E também um lugar protegido no interior da casa, reservado para algumas atividades coletivas, para festas, trocas sociais e económicas.

Difícilmente se poderia falar em «decoração»: este tipo de atividade era inexistente nesta geração cujas mulheres estão tão envolvidas quanto os homens na busca da sobrevivência do grupo familiar.

os objetos "fora-de-lugar"

Hoje, as salas destas casas de antigamente são espaços decadentes, onde os móveis parecem refletir o próprio estágio de vida dos seus proprietários: eles também desabam um pouco a cada dia, inexoravelmente. Os velhos não promovem reformas nas casas (15). Os móveis antigos, que se estragaram com o tempo, não foram substituídos por outros e nem refeitos, o que é compreensível: eram em sua maioria fabricados artesanalmente, e onde encontrar forças para consertá-los quando se tem mais de 70 anos?

Há objetos mais modernos - poltronas, sofás-camas, mesa de centro, etc - mas tampouco aparentam serem novos: são gastos e, na maior parte dos casos, incompletos: o sofá-cama pertence a um conjunto diferente do resto dos estofados e assim por diante.

O que explica este mobiliário capenga, onde tudo tem aparência de muito usado e onde se mesclam móveis de diferentes proveniências?

A maior parte do móveis encontrados hoje nas salas dos velhos chegou até ali sob forma de um presente. A iniciativa de sua aquisição nunca foi dos donos da casa. É assim que o seu mobiliário se renova, um renovar relativo pois os presentes já ingressam na casa já bem usados. D.

Francisca, 80 anos, fez uma relação dos móveis que atualmente estão na sua casa :

"Esta mesinha, a minha irmã quem deu(...) ela tem daquelas boas, né, então me deu esta mesinha. A pia foi o filho de baixo que deu. O armário ganhei do moço que mora ali embaixo. O fogão à gás do meu neto que veio morar comigo".

Quer dizer, os móveis ingressam nas casas dos velhos doados por alguém. Geralmente, porque já não servem mais aos seus proprietários de origem que, como vamos ver, regem o seu sistema de objetos por uma lógica de renovação constante ("ela tem daquelas boas, então me deu esta mesinha"). Porém, como estes móveis provêm de um sistema diferente do que organiza os objetos nas casas de antigamente, eles não são integrados completamente, parecendo "fora-de-lugar" aos olhos de um observador externo, ou de alguém - como os filhos e netos destes velhos - que domine inconscientemente as regras do sistema de objetos do qual eles se originam.

Sem dominar a "gramática" do sistema antigo, os velhos exibem a sua capacidade de recriação simbólica para integrar esses objetos no seu velho sistema. O exemplo mais comum nesta geração é o fogão à gás. Muitos velhos possuem um fogão à gás, mas o mantêm desativados e algumas vezes até na sala. D. Loquinha, 60 anos, moradora da Costa da Lagoa, é

apenas uma das muitas informantes que preferiu colocar o novo fogão na sala ao invés da cozinha:

"O fogão vivia lá dentro (na sala). Quando a vó (D. Loquinha) adoeceu, a minha filha veio cuidar de mim. Mas não quis saber de fogão à lenha. Ela disse: 'Olha mãe, eu venho cuidar da senhora, mas o fogão vai para dentro (cozinha)'. E aí ficou. Mas subiu o preço (do gás) e a lenha não custa."

Efetivamente, a maioria dos integrantes desta geração vive com aposentadoria rural, que equivale a metade do valor da aposentadoria de um operário, e, contando apenas com esta renda, o preço de um botijão de gás torna-se elevado. Ainda mais se comparado ao da lenha, que não lhes custa nada. Além disto, muitas das casas de antigamente localizam-se distantes das estradas e dos pontos de vendas, de gás o que faz com que o transporte dos botijões implique num grande esforço. As vezes, como no caso de D. Loquinha, é necessário a utilização de um barco.

Por estranho que possa parecer aos nossos olhos, a utilização do fogão à lenha não acarreta para esta geração uma maior esforço físico: recolher a lenha diariamente é visto como um serviço simples quando comparado ao de buscar gás.

"eu passo ali (casa da neta) para apanhar uns gravetos para cozinhar o meu fogo, porque custa muito o gás, é difícil de pegar o gás, às vez, tem que ir lá na venda do Bento com o botijão nas costas para pegar gás. Ai eu cozinho, quando faço um feijãozinho, eu pego

lã umas tabuinhas para o fogo." D. Francisca, 80 anos, Canto.

Mas o preço do gás, razão apontada, pode ser aceita só parcialmente como sendo o motivo real para manter o fogão novo desativado.

Da mesma forma que o fogão a gás, também a televisão, o chuveiro elétrico, ou a enceradeira não são utilizados pelos velhos. É raro encontrá-los nas suas casas. Quando eles o possuem, estes objetos são vistos como sagrados; espécies de <churingas> (LEVY-STRAUSS, 1976) que se mantêm no espaço da casa propício a acolher objetos sagrados - a sala. Tudo funciona como se fosse necessária uma habilidade especial para a sua manipulação, que os velhos não têm e se recusam a aprender por considerarem estes objetos como entes estranhos. Cachinho, um rapaz de 20 anos morador do Canto da Lagoa, conta o que acontece na sua casa.

"Tenho um tio que não acende nem fogão, fogão a gás. Ele fala assim: 'eu não sei acender isso aí. Tá maluco.' E se a gente pedir pra ele ligar a televisão ele não liga, eles têm medo."

O medo talvez seja um caso extremo deste estranhamento experienciado pelos velhos diante dos objetos modernos (16), especialmente os elétricos. Eles são vistos como vindos de um outro mundo e, na verdade, não sem razão pois foram realmente fabricados por uma outra cultura sobre

a qual os velhos não tem domínio e nem um conhecimento maior. Os procedimentos técnicos básicos para fazer funcionar estes aparelhos lhes são desconhecidos. E a falta de intimidade de certo modo é compreensível pois esta geração viveu boa parte de suas vidas sem ter sequer luz elétrica em casa.

Por serem expressões de um outro <ethos>, visto como superior, estes objetos modernos são capazes de imputar medo e admiração. Possuem algo mais do que um valor-de-uso (MARX, 1978), possuem uma <aura> (BENJAMIN, 1978; LEAL, 1985) aos olhos destes velhos. Por si sô, sem que seja necessário que sejam utilizados eles já <falam> algo. E o que dizem é muito mais um depoimento eloquente da modernidade do que uma diminuição de tempo gasto para cozinhar ou uma diminuição do esforço físico dispendido para encerrar o chão da casa.

Bem mais importante do que o seu possível valor-de-uso, estes objetos possuem para os velhos um <valor-de-culto>, para usar um termo também caro a Benjamin. Por isto, o espaço eleito para eles é o da sala, o mesmo espaço onde eles depositam as capelinhas, as imagens dos santos e os retratos familiares que são objetos cultuados nessa e entre as outras gerações.

Além de falarem de uma modernidade, os novos objetos ingressam na casa sob a forma de um presente, como vimos, e por isto <falam> também dos seus doadores. Como

mostra MAUSS (1974), a transformação de um objeto qualquer em presente torna este objeto portador de alguma coisa a mais, um <dom>, que mantém o objeto ligado a quem doou. E como se, de algum modo, os presentes continuassem a pertencer aos seus doadores, como se pode observar neste trecho de entrevistas :

"Tudo o que eu tenho aqui não é meu, tudo é da filha, é ela quem dá. A danada quer luxo, então chega e diz : "Ó mãe, eu não quero isto, ninguém quer. A mãe quer?" Eu digo: "Quando eu morrer a herdeira é a minha filha mas o que é que tu vai levar se tu já deu tudo?" Nada é meu, tudo é ganhado".

D. Loquinha

É algo novo para esta geração o circuito de trocas envolvendo móveis e objetos, que se instala principalmente no sentido casas dos filhos-casas dos pais. Antigamente, os móveis eram fabricados primordialmente para responderem a uma necessidade, valiam pelo seu valor-de-uso, e por isso permaneciam em uso por longos tempos. Hoje, como na feliz escolha de termo de D. Loquinha, eles devem expressar também um "luxo", devem ter algo além de sua utilidade pois, para as novas gerações, como veremos, os objetos se inserem num <sistema de moda> (BAUDRILLARD, 1972), hieraquizando os seus possuidores numa espécie de sistema totêmico (ROCHA, 1985).

Para os velhos, o "luxo" (valor-signo) era secundário: os objetos valiam por sua utilidade ou, no caso

dos presentes, por lembrarem a pessoa que os deu, como uma fotografia lembra. Eles falam do doador e portanto são únicos aos olhos dos seu novos proprietários. Não se trata de qualquer fogão ou armário, mas de um fogão e um armário que remetem à imagem de quem doou, estabelecendo-se assim uma relação psicológica entre ,objetos/dono. Ou, nos termos de Baudrillard, uma relação fundada num «valor-símbolo», do qual estes objetos seriam portadores aos olhos dos seus novos proprietários.

No fluxo dos objetos que partem da casa dos filhos e netos e terminam na casa dos avôs, se atualizam dois comportamentos distintos. O primeiro é o da geração mais velha, sob a égide do "nada se perde, tudo se aproveita porque um dia pode servir", que reflete bem todo o esforço e o sacrificio antigamente dispendido por esta geração na produção dos seus móveis e utensílios. O outro é o das gerações mais novas, guiadas por uma lógica de consumo. Para estas, o objeto não é visto como perene; torna-se cada vez mais algo que se consome (17).

Resumindo : as salas de antigamente, hoje, já não falam do trabalho da família - produção na roça armazenada no paiól ou o artesanato - mas continuam a falar da rede de relações dos seus moradores. Só que não o fazem como antigamente, quando reuniam no seu interior grupos de mulheres rendeiras ou de amigos e vizinhos para as orações e

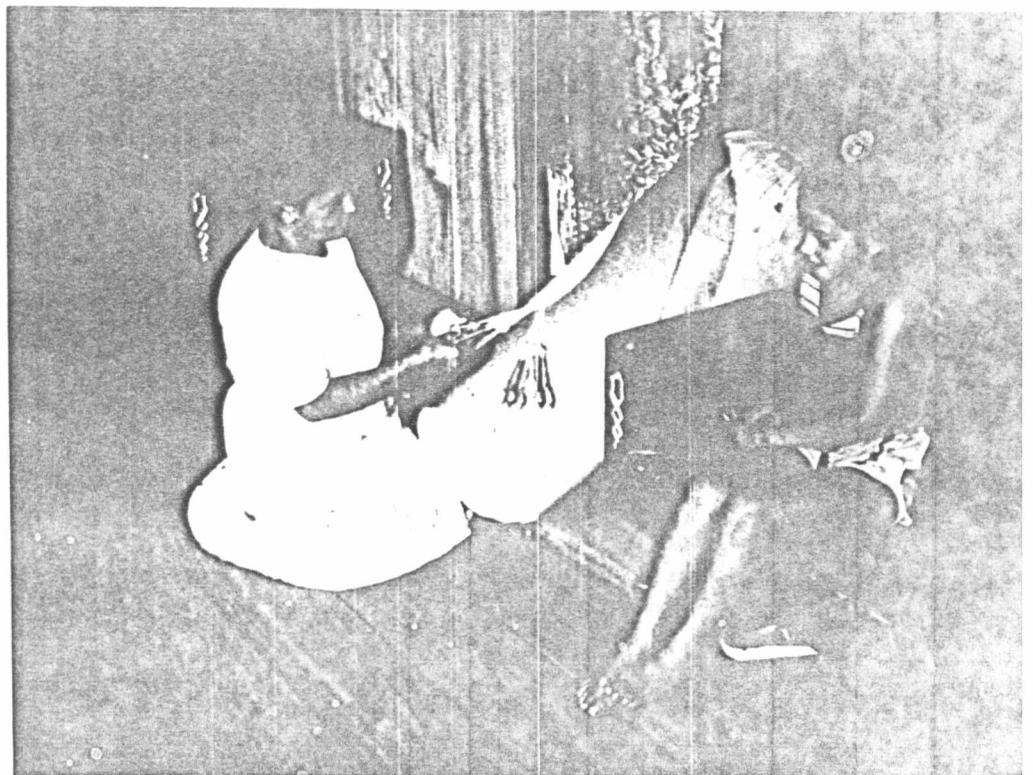
festas. Falam da rede de relações através dos objetos que ali são colocados, estando ou não "fora-de-lugar."

E é evidente que, na lógica dos donos-da-casa, os objetos não estão fora-de-lugar. Afinal, 1) os objetos não são vistos como possuindo um <valor-de-uso>; 2) são expressões de um outro <ethos>, visto enquanto superior, o que os dota de uma <aura> e, por fim, 3) foram adquiridos sob a forma de presentes, o que lhes confere um <valor-simbólico> (BAUDRILLARD, 1972a) adicional. De fato, é esta conjunção de valores que nos dá a chave para compreender o deslocamento de alguns objetos, do lugar na casa a eles destinado originalmente, para a sala.



A direita: D. Loquinha

Ao fundo: "fonte" construída quase a nível do chão



Sentada sobre as pernas: posição preferida
para lavar roupa ou tecer na almofada de bilros

- sala de geração intermediária

espaço de consumo:

A sala, nas casas da geração intermediária, continua sendo uma peça situada na parte da "frente" da casa, próxima à "rua", mas agora já divide com o quarto do casal a fachada da casa.

Entra-se na sala por uma ou duas portas que ligam a sala ao exterior ou pela passagem que a liga à cozinha. Ao contrário desta, a sala é uma peça assoalhada e os tapetes ali existentes, bem como o assoalho cuidadosamente encerado, não combinam com o barro que cerca a casa nos dias de chuva ou a poeira dos dias de sol. Os moradores da casa costumam tirar o sapato ao ingressarem na sala, deixando-o geralmente no interior da cozinha. Aos visitantes, no entanto, não se solicita o mesmo comportamento: andar descalço é um sinal de intimidade com o espaço e, a não ser que sejam pessoas bem próximas da família, se espera dos visitantes uma atitude mais formal. Observei isso durante a visita da Bandeira do Divino às casas do Canto da Lagoa: o pequeno grupo que acompanhava o "santo" entrou de sapatos em todas as salas visitadas, não se incomodando com a crosta de barro que muitas vezes ficava nos tapetes, assoalho e, nas duas casas mais "ricas", no carpet.

O contato que tive com dezenas de salas deste grupo revelou uma homogeneidade espantosa do seu sistema de objetos. Em todas as salas, encontrei um sofá e duas poltronas com uma mesa baixa de centro, uma estante onde pequenos objetos são expostos, uma televisão e, em muitas delas, uma sala de jantar composta por uma mesa, cadeiras e um balcão (18). De fato, as variações que uma melhor ou pior posição econômica da família introduzem neste sistema ocorrem muito mais a nível da qualidade dos móveis - estofados de plástico imitando couro ou de pano, salas de jantares de fórmica ou de madeira - do que na sua presença ou quantidade.

É a mulher, mais precisamente a dona-de-casa, quem escolhe e compra os móveis e objetos da sala, ainda que o faça, geralmente, com o dinheiro do marido, que é quem normalmente na geração intermediária está engajado em um emprego. Ao contrário do que acontece na etapa de construção da casa, da qual a mulher é mantida afastada, a escolha dos móveis e a decoração interna (19) são tidos como assunto seu:

"Ela é quem escolhe, porque é ela quem vai usá. Quem fica o dia todo na casa é ela mesmo".

Foi assim que seu Zê Manco, 50 anos, morador do Canto da Lagoa, justificou sua não interferência nesta área e os seus breves comentários sobre os móveis.

Se os homens são extremamente lacônicos quando a conversa gira em torno dos móveis e objetos da casa, o mesmo

não se pode dizer das mulheres. De fato, mais do que uma tarefa, a decoração da casa é vista como um prazer. Todo o dinheiro que as mulheres desta geração conseguem obter por seus próprios esforços, vendendo "renda" que elas tecem ou, menos comum, trabalhando como faxineiras nas casas do "pessoal de fora", e todo o dinheiro do marido que sobra das despesas básicas da casa é empregado na compra de enfeites, móveis e eletrodomésticos. Ter uma casa "bonita" é vivido como o principal objetivo da vida e a maior fonte de realização pessoal por estas mulheres.

a sala de D. Isaltina :

Um bom exemplo da importância que tem a decoração da casa para as mulheres desta geração obtive junto a D. Isaltina, uma mãe de família de 40 anos, moradora do Canto da Lagoa. Ela passou a infância e a adolescência numa "casa de antigamente", ("de pedra" como ela faz questão de assinalar) e, nos primeiros anos depois de casada, foi obrigada a morar na casa da sogra, viúva. Posteriormente mudou-se para sua primeira casa de "madeira", tida por ela como uma casa "pobre", já que o marido ainda não estava "empregado" (ou seja, trabalhava na roça e na pesca) e não ganhava o suficiente para que ela pudesse ter uma casa "boa". Só depois que o marido obteve o emprego como funcionário público é que D. Isaltina pôde realizar o seu

sonho: ter uma casa de "material" e repleta de enfeites. E ela quem conta:

"Eu rezava a Deus pedindo que fizesse o milagre de dá uma casa boa, pra mim ter umas coisinhas".

As "coisinhas" de D. Isaltina estão, evidentemente, na sala, uma peça que visitei em três ocasiões e que merece uma descrição um pouco mais longa, por conter todos os elementos que compõem as diferentes salas das casas desta geração.

A sala em questão contempla dois espaços sem que haja uma divisão entre eles: o da "sala de estar" e o da "sala de jantar".

Na "sala de jantar" há uma mesa e seis cadeiras de fôrmica, repetindo um conjunto semelhante encontrado na cozinha. Porém, ao contrário deste, a mesa da "sala de jantar" é redonda e os espaldares de suas cadeiras são mais altos e arredondados nas extremidades superiores. Distinguem-se pelo estilo, ainda que tenham sido fabricados com o mesmo material.

A mesa da sala de jantar nunca é utilizada para refeições: "está aqui mas não uso, é só pra tá aqui", explica D. Isaltina, que repete assim o mesmo comportamento de tantas outras famílias desta geração, algumas das quais possuem "salas de janta" de madeira, com amplas mesas que ocupam quase toda sala. Como nestas outras casas, a mesa da sala de jantar de D. Isaltina é enfeitada com um guardanapo

ou uma toalha (que pode ser de renda mas, invariavelmente, será de uma renda fabricada industrialmente e que imita a renda que as próprias donas-de-casa desta geração sabem fazer), sobre a qual é colocado um vaso com flores de plástico coloridas ou alguma estatueta.

E na sala de estar, que fica mais na frente da casa, que as visitas são recebidas, sempre que entre elas exista pelo menos um homem ou quando quem as recebe é o chefe da família. Pouco utilizada nas outras situações do dia, a sala de estar desta geração já se aproxima, por esta ausência de uso, das salas de estar das classes dominantes, que GUIMARAES (1984) tão bem caracterizou com a denominação de salas "esperando Godot". Aqui também, o espaço da sala é voltado para fora: parece ter sua razão de existir na possível presença de alguém que não faz parte da família. Mas, ao contrário do que acontece com as salas da classe média e altas cariocas que o ensaio de Guimarães aborda, as salas de estar desta geração podem ter uma função para-a-família à noite: sempre que o número de quartos é julgado insuficiente, o sofá-cama da sala é utilizado como cama por um dos filhos homens, de preferência o mais jovem, e a sala se transforma em dormitório. Ocorre aí o mesmo que HAYE (1980) observou nas casas da favela Santa Marta, no Rio, onde as salas de estar tornavam-se dormitórios à noite. Lá, como aqui, existe todo cuidado por parte da dona-de-casa de ocultar durante o dia todos os possíveis indícios da utilização noturna da sala como quarto de dormir.

A circulação das pessoas na sala de D. Isaltina é difícil: os móveis estão muito próximos uns dos outros, e qualquer gesto mais amplo pode derrubar algum dos vários objetos expostos. A sala é um lugar muito mais para ser olhado do que para ser utilizado.

E é visível a impressão mais forte ao se entrar nesta sala : centenas de imagens e pequenos objetos se concentram numa área relativamente pequena (uns 4x2,5m), inquietando os sentidos de um observador externo ao grupo acostumado a uma outra organização do espaço na sala (20), no interior de um sistema fundado na "discrção". Na sala de D. Isaltina, não há praticamente vazios: qualquer que seja o canto onde se fixa o olhar, lá estarão cinco ou seis diferentes objetos, dez ou doze diferentes cores.

Os estímulos visuais começam pelas paredes, pintadas de um rosa-choque com detalhes em amarelo-ouro. E prosseguem no teto, verde, no assoalho, onde estão quatro ou cinco tapetes em diferentes cores, e na profusão de quadros, vasos, retratos e bibelôs; flores e pequenas estatuetas espalhados pelas paredes e cuidadosamente arrumados sobre uma estante colocada num lugar de destaque na sala.

A imagem mais importante dessa estante parece ser uma estatueta de Nossa Senhora de Iguape, que se encontra bem no centro e ainda está recoberta com o papel celofane transparente, apesar de ter sido adquirida há vários anos. (A filha de D. Isaltina deslocou-a para um lugar mais à frente quando eu me preparava para tirar algumas fotos).

Esta santa é semelhante a dezenas de outras encontradas nas salas das outras duas gerações estudadas, todas elas tendo sido adquiridas durante as peregrinações religiosas a "Guape" (isto é, Iguape) e Aparecida do Norte, em São Paulo, ou ao Santuário do Padre Reus, no Rio Grande do Sul.

Sobre a estante, além da santa de "Guape", há vários bibelôs representando gatinhos, coelhinhos, elefantes, pássaros, crianças e jovens, pinguins, e também vasos com flores artificiais. Tudo é enfeito. Os únicos objetos que possuem um valor-de-uso outro além do estético e do religioso estão depositados significativamente mas abaixo da estante: são dois cinzeiros que, como os outros objetos da sala, estão ali para serem olhados ou usados apenas pelas visitas.

Nas paredes, há alguns azulejos "decorados", pendurados como se fossem quadrinhos (um objeto fora-de-lugar na ótica de um observador de classe média com padrões "modernos" de organização do espaço da sala). E há outros azulejos que foram pintados à mão representando o Mickey em diferentes ações (comprados, segundo me disse, de um artesão que vendia de porta em porta). Perguntei à dona-da-casa se ela sabia quem era o ratinho dos quadrinhos; ela se mostrou indecisa e disse apenas que "tinha a ver com a tv". Ato seguinte, repetiu a pergunta para a filha, de 20 anos, que realmente conhecia o personagem de Disney.

Além dos azulejos e dos quadrinhos, estão pendurados nas paredes três fotografias que me chamaram a

atenção de modo especial. Em uma delas, a filha mais moça, de 20 anos, que ainda mora com os pais por não ser casada, aparece "vestida de "santa", para cumprir promessa. Como a menina "era muito fraca", a mãe fez a promessa de que, caso ela "se criasse", seria vestida de santa e fotografada quando completasse 15 anos. Ao lado desta, estão outras duas fotografias: uma em que aparecem o irmão e o cunhado do marido de D. Isaltina e a outra onde aparecem os donos da casa, quando jovens, retratados como é de costume da cintura para cima.

Estas três fotos foram batidas a cinco, quinze e vinte anos atrás respectivamente, mas parecem ser muito mais antigas do que são. As pessoas retratadas parecem de um outro tempo. Encontrei retratos assim em quase todas as salas desta geração. Mesmo quando foram batidas recentemente, há um ano ou dois, por um dos fotógrafos ambulantes que percorrem as estradas da Lagoa de tempos em tempos, guardam esta aparência de coisas antigas.

Que milagre técnico é este, capaz de fazer parecer antigo o que na verdade é novo? E por que uma geração que preza tanto o "moderno" prefere se ver retratada assim?

belo atemporal:

O efeito do antigo é obtido, em parte, pela utilização de uma técnica própria, cujos procedimentos parecem ser de domínio desta classe de fotógrafos

ambulantes: são fotos <retocadas>, onde os contornos reais do rosto e do corpo são refeitos pelo pincel do fotógrafo. A pele perde sua textura, desaparecem as rugas que por acaso existam, os traços mais salientes de um nariz ou de um queixo são amenizados.

Nenhum fio de cabelo está fora do lugar e a tez morena - que poderia lembrar o trabalho no campo ou no mar - é substituída pela palidez.

Além de retocadas, estas fotos têm sempre um fundo neutro: as pessoas são destacadas do seu meio-ambiente e congeladas numa imagem que tem como fundo uma cor palida: azul, bege, etc. São fotos, portanto, <sem campo> como diria BARTHES (1980). E é porque elas não se encontram situadas nem circunstanciadas que se obtém este efeito de atemporalidade. Como o seu único cenário é o de um fundo neutro, e as roupas, que poderiam indicar uma época, também perdem esta capacidade semântica porque são retocadas, o resultado é que o tempo desaparece das fotos. Tenham sido batidas há um ou vinte anos, elas emanam a mesma eternidade.

Mas, tão importante quanto este retocamento do original posterior ao momento em que a foto é batida, é o modo como elas são concebidas. Ao contrário da fotografia para as classes dominantes de hoje, estas fotos não se pretendem <analógicas> (BERGER, 1980): evita-se sempre os instantâneos, retratos de cenas do cotidiano, optando-se pelas fotos pousadas. Ou seja, a fotografia para este grupo é algo que vem acompanhado de todo um projeto anterior, de

toda uma encenação pensada que antecede ao <clic> do fotógrafo.

Neste sentido, é exemplar o que aconteceu com uma amiga minha que, possuindo uma máquina fotográfica, foi convidada para bater fotos na festa de aniversário de uma criança no Canto dos Araçás. A festa estava marcada para começar às 15 horas; como a "fotógrafa" não estava neste horário, a dona-de-casa foi pessoalmente até a casa dela para saber se havia algum motivo para o atraso. Ela não entendeu a pressa: pensava que poderia ir um pouco mais tarde que não faria a menor diferença, mas mesmo assim resolveu acompanhar a mãe do aniversariante de volta para o local da festa. Quando chegou lá, compreendeu o motivo da aflição: todas as crianças convidadas estavam imóveis ao redor da mesa onde os doces permaneciam "arrumados" e intocados, esperando que fosse batida a fotografia para que a festa pudesse ter início. A minha amiga ainda tentou sugerir algumas fotos "espontâneas" das crianças, mas a dona-da-casa não pareceu entusiasmada com a idéia. A cada movimento de algum dos convidados, se seguia a advertência: "não se mexam", "fiquem quietos".

Não que a <pose> seja um apanágio desse grupo. Todos pousam diante de uma fotografia (21). Só que aqui a pose não tem o significado individual de encontro consigo mesmo que lhe atribui BARTHES (1981). O momento da pose é uma exigência do grupo social.

Nas fotos, busca-se a imobilidade total das pessoas fotografadas: uma rigidez na postura e uma severidade na expressão consoantes com a importância do momento. E também a ostentação de símbolos socialmente valorizados (o vestido de noiva, o uniforme dos soldados, o terno e a gravata, o broche no vestido, a roupa de santa, o bolo de aniversário).

Estas fotos não têm absolutamente o objetivo de fixar um momento do cotidiano ou captar o particular e o subjetivo dos que são fotografados. Como nos retratos femininos estudados por COSTA (1985), o papel destas fotos é social e não individual: trata-se de congelar uma imagem que a sociedade atribui a um seu representante, que deve, evidentemente, representá-la: isto é, ser, mas à imagem do outro. Esta imagem não é interior e subjetiva mas coletiva e pública:

Não é a imagem interna que o indivíduo tem de si que ele quer ver transportada para o retrato, mas a imagem que o distingue como personagem da vida social.

COSTA (1985:15)

As fotos para esta geração têm a função de fixar um momento importante da vida da família para a eternidade: um casamento, os 15 anos das moças, o serviço militar e, quando possível, também um aniversário. Porém o resultado final tem um efeito contrário: é como se as pessoas viessem da eternidade. Elas são transmutadas em bonecos pálidos e estáticos no momento em que a foto é batida e em personagens

de quadros pintados depois de retocada pelo pincel do fotógrafo, ele também transmutado em pintor.

A moldura destas fotos é geralmente oval ou elíptica, semelhantes às dos quadros dos santos católicos que repartem a parede das salas com os retratos. E a semelhança não fica aí. Há algo de sagrado nos retratos, um efeito que parece confirmar mais uma vez BENJAMIN (22), para quem a "aura", desaparecida para sempre das gravuras e posters modernos reproduzidos aos milhares, só remanesceria nos retratos, nas fotos de rosto. Apesar de submetidas aos mesmos processos de reprodução aos milhares, elas manteriam na opinião de BENJAMIN uma magia (a de captarem um momento único na vida de um ser humano).

Como espaço reservado ao social, a sala não comporta imagens cotidianas dos indivíduos.

Esta quase sacralização da fotografia, evidentemente inconsciente, pode ser melhor compreendida se analisarmos uma outra sacralização: a dos objetos modernos.

o belo moderno

Um outro conjunto de objetos que se destacam na sala de D. Isaltina e em várias outras salas visitadas são os objetos tidos pelos nativos como "modernos": eles incluem desde a TV e a enceradeira até lâmpadas ordinárias, quebradas, que na sala de D. Isaltina fazem as vezes de pequenos vasos, como se observa na foto.

O que explica que uma lâmpada quebrada possa ascender à categoria de vaso ou uma enceradeira ou geladeira mereça um lugar na sala? A lógica que determina esta disposição para os objetos é semelhante a que induzia a geração anterior a colocar na sala os fogões à gás e admirar, como coisa vinda de outro planeta, os aparelhos elétricos de modo geral. Pois, ainda que a geração que chamo de "intermediária" já mantenha com o fogão à gás e com alguns aparelhos elétricos, sobretudo com a televisão, uma razoável intimidade (sendo capaz de manipulá-los e descobrindo neles um valor-de-uso concomitante com o seu valor-de-signo), alguns objetos permanecem como convidados na casa. É o caso de eletrodomésticos como a enceradeira, a geladeira e algumas vezes o liquidificador. De fato, eles (são) utilizados, o que não acontecia na geração dos seus pais, mas valem muito mais por outros significados que lhe são atribuídos do que pelo seu poder de facilitar o trabalho doméstico.

Eles merecem um lugar na sala porque a sala é o lugar onde a casa é enfeitada, onde a família se mostra aos outros; é o lugar intermediário entre a "rua" e a "casa", não apenas para os visitantes importantes, mas também para os objetos importantes.

E o que torna um objeto importante? Na classificação simbólica desta geração, não há dúvida de que o "moderno" é um valor capaz de elevar o objeto mercedor deste adjetivo até o topo da hierarquia dos objetos. Por

"moderno" leia-se industrializado, fabricado em sèrie, adquirido em grandes magazines. Não que esta geração tenha perdido a capacidade de fabricar seus próprios artefatos; ela apenas passou a desvalorizá-los. Numa comparação entre objetos feitos artesanalmente (cadeiras, mesas, toalhas de renda, colchas e até barcos) e os fabricados em sèrie, a preferência sempre recai sobre os últimos.

O caso das toalhas de renda merece ser destacado, por ser exemplar do movimento de troca de bens produzidos por esta geração. As mulheres nativas que ainda se dedicam à renda vendem as toalhas que fazem aos turistas e, com o dinheiro obtido, compram toalhas fabricadas em sèrie pela indústria têxtil, toalhas que imitam perfeitamente as toalhas de renda tecidas por elas nas almofadas de bilros (ver fotos).

Ou seja, tudo funciona como se esta geração valorizasse uma anti-aura nos objetos: o maior valor é atribuído aos objetos que não são únicos, que não falam de um trabalho individual mas que, ao contrário, incorporam a mensagem de serem produtos de uma sociedade industrial, na qual estes indivíduos recém estão ingressando.

A renda de bilro já não enfeita e, quando usada como enfeite, é vista como um substituto menor dos objetos industrializados; tidos como mais "bonitos". Ela se tornou mera intermediária para se adquirir um produto que "parece" renda

belo frágil:

A maior parte das mulheres da nova geração e boa parte das da geração intermediária, como já foi visto, não estão mais engajadas, lado a lado com os homens, na busca da sobrevivência. Excluindo-se dos espaços exteriores de produção, a roça, principalmente, mas também o quintal com a horta, elas acabam por fortalecer a conquista de um território que já lhes pertencia parcialmente - a casa.

E, no interior das casas, passam a desfilarem uma nova <feminilidade>, uma fragilidade, apreendida na ausência sistemática dos espaços de trabalho mais duros. Esta fragilidade, que vai se refletir no seu próprio corpo, agora e cada vez mais magro, terá, no que diz respeito aos espaços da casa, sua exteriorização em uma atividade precipua: a <decoração>.

Decorar parece ser sinônimo, para a parte desta geração e para a geração mais nova, de feminilizar a casa, de fazê-la à imagem de quem decora. E a sala é o lugar principal desta atividade. Há todo um movimento de cobrir e recobrir, de pintar e enfeitar e, no extremo, de vestir os móveis e objetos da sala. Para este fim, lança-se mão de toalhas sobre as mesas, guardanapos sobre os balcões, cortinas entre uma passagem e outra (as portas ainda são raras), panos sobre os sofás e as poltronas, e até "saias" que vestem botijões a gás, liquidificadores e enceradeiras. Como interpretar este movimento?

Creio que ele pode ser visto como tendo um duplo sentido: de uma parte é tentativa de feminilizar a casa, de outra, é uma tentativa de devolver aos objetos um rebuscado a mais, uma gratuidade rococò que eles deixaram de ter desde a hegemonia da função sobre a forma na estética dominante.

Guardadas as distâncias sociais, históricas e geográficas, poderia se comparar este movimento de decorar que aparece na LAGOA com as mulheres da geração intermediária com o que observou SMITH (1986) entre as mulheres burguesas francesas do fim do século passado. Libertas da esfera da produção, elas criaram uma esfera doméstica para onde dirigiram sua energia. Aqui, a distância do trabalho ainda não é total - tratam-se de mulheres da classe trabalhadora, que não dispõem de empregados como as mulheres burguesas. Mas também aqui se verifica uma ruptura, na medida que pela primeira vez, todo o trabalho da mulher terá a casa como objetivo e não mais a sobrevivência da família.

"Cachez les pieds des fauteuils comme les jambes des dames", apontava MARTIN-FUGIER (1983:166) espantando-se diante das primeiras manifestações dos atos de decorar. Como ela conta no seu belo livro, a casa surgia então e pela primeira vez como metáfora do corpo feminino: devia ser enfeitado para seduzir, ao mesmo tempo que coberto para expressar a pureza maternal.

Transferia-se para os objetos de então, uma <alma feminina>, num movimento semelhante ao que se observa aqui.

E, ao mesmo tempo, escolhiam-se como objetos capazes de cumprir a função de enfeitar entre os que supostamente são portadores desta alma: os que tem uma aparência mais frágil ou remetem de modo mais imediato a um mundo infantil. Os bibelôs que preenchem com insistência as prateleiras das salas são o melhor exemplo disto: são representações de pequenos animais, de criancinhas de faces rosadas, gordinhas e sorridentes e de miniaturas diversas. Sempre imagens frágeis, ingênuas, "bonitas".

Impossível deixar de pensar na pesquisa analisada por BOURDIEU (1979), na qual franceses de diferentes classes sociais foram inqueridos a respeito de suas preferências estéticas. A tendência predominante entre as classes populares, de <baixo capital cultural> recaiu sempre nas imagens que remetiam diretamente à coisa "bela": o pôr-do-sol, a criança sadia brincando, a mulher "bonita". Numa palavra, escolhiam "l'image belle de la belle chose" (BOURDIEU, 1979:43). Obedecem assim, segundo Bourdieu, as premissas de uma estética anti-kantiana: o que importa não é a distância do observador em relação a natureza e a função do objeto representado mas, ao contrário, o julgamento se firma sobre uma correspondência direta, a mecânica entre o objeto e o sentimento despertado por ele: sentimento de "horror" diante do horrível, desejo diante do desejável, reverência piedosa diante do sagrado (BOURDIEU, 1979:56).

A enceradeira retilínea, a geladeira monolítica, o liquidificador, e por outro lado, o balcão e a mesa são

vestidos com babados e "rendas", são coloridos, ganham acessórios que os enfeitam: um pinguim à guisa de brinco na geladeira, um vaso de flor como se fosse um broche sobre a prancha da mesa. Há como um movimento anti-Bauhaus, que restitui aos objetos a forma gratuita (quer dizer, desprovida de função senão a estética) que a maioria deles perdeu desde que se tornaram hegemônicos os pressupostos deste movimento estético/arquitetônico dos anos 50.

belo letrado

Nesta geração já se observa uma sacralização da cultura letrada que se acentuará na geração seguinte. Em uma das salas que entrei acompanhando a Bandeira do Divino, me deparei com um exemplar de um jornal, originalmente produzido para distribuição nas mesas de bares, sendo usado como guardanapo para enfeitar um balcão na sala. Nota-se a nova apropriação, como enfeite, de um objeto que para a cultura dominante tem outra razão de ser. Se enfeita, não é porque o seu conteúdo é visto enquanto algo interessante de ser lido e guardado, mas porque remete de modo imediato a um mundo distante e admirável: o mundo dos livros, do qual as classes populares estão alijadas (23). Em outra sala, eram os diplomas de cursos técnicos obtidos pelos filhos que ocupavam toda uma parede, como que a enaltecer um feito dos mais dignos: o de terem tocado no inacessível.

Os livros ainda são raros nesta geração mas aqui e ali, numa casa ou noutra, já se encontra uma Bíblia ou enciclopédia das que são vendidas em fascículos.

as transformações: a influência dos filhos na decoração

Nas casas da geração intermediária em que há filhos adolescentes, nota-se uma influência destes na decoração, pela introdução de adesivos com motivos de surf e, mais raro, algum poster de cantor famoso. Os mesmos adesivos são encontrados nas paredes das vendas e restaurantes do lugar e, às vezes, até na fachada das casas desta geração. Misturam-se então, numa mesma parede, retratos, santinhos, adesivos de surf, quadrinhos, etc., convivendo lado a lado retratos do papa com logotipos da Hang-Loose, numa carnavalização de signos de diferentes épocas. O novo, que é introduzido via as gerações dos filhos, não substitui o que já existia antes até que os filhos construam suas próprias casas.

Os integrantes da geração intermediária que conseguem elevar o seu padrão de vida a ponto de conseguirem construir uma nova casa (falo principalmente dos que possuíam uma casa de madeira e que portanto sonhavam em trocá-la por uma de "material") introduzem modificações acentuadas que expressam a sua melhor condição económica. A sala, por exemplo, poderá ter janelas com arcos ou mesmo se

poderá introduzir arcos no interior da casa, numa imitação do estilo "colonial brasileiro" e das casas de classe média da Lagoa, onde este tipo de estilo predomina. Os móveis da sala também procuram imitar os de uma classe superior: os estofados imitam o couro, a mesa da sala e o balcão assemelham-se a madeiras mais caras do que as que foram efetivamente utilizadas na sua fabricação, além de se aproximarem do estilo colonial. E o reino do <parece ser>. Todas essas surpreendentes transformações não são fáceis de serem explicadas.

Na decoração dessas casas da geração intermediária que foram transformadas, assemelham-se às salas das gerações mais novas: há uma drástica redução dos estímulos visuais. Diminuem o número de objetos expostos ao mesmo tempo em que as cores berrantes são substituídas pelos tons mais discretos do bege e do cinza claro. Nas paredes, um ou outro quadro de paisagem (de terras distantes) e, sobre a mesa ou o balcão, uma ou outra imagem de santo. O assoalho pode ser recoberto por carpets. E se nota a substituição das plantas variadas por um único tipo de planta: a samambaia.

Quanto à planta baixa, observa-se em algumas casas uma duplicação nas salas da geração intermediária: a sala de jantar passa ser uma regra - ainda que continue não sendo usada nas refeições familiares - e, ao lado da sala de estar que já existia, aparece um terceiro ambiente, este sim usado pela família, para onde é deslocada a TV, e que pode servir de dormitório para um dos filhos menores.

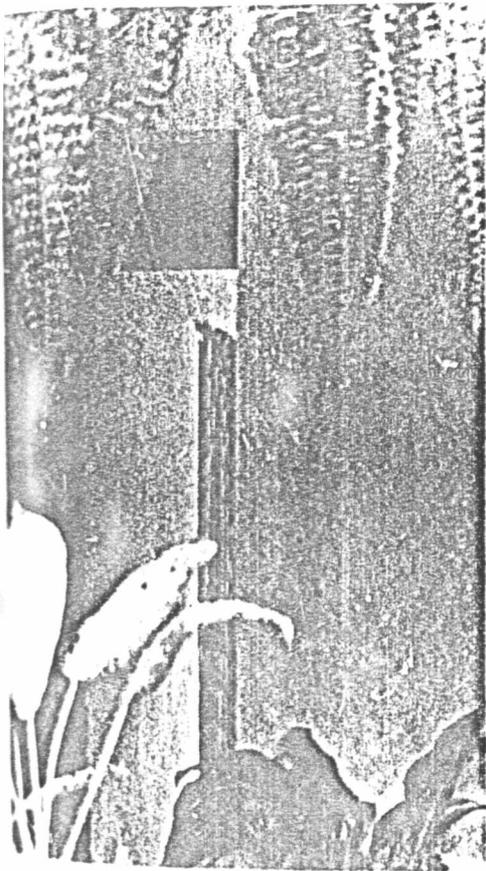
- a sala da geração mais nova:

Na casa das gerações mais novas, a sala se mantém como uma das peças situadas mais à frente da casa - a outra é o quarto do casal.

A mobília sofre ligeiras modificações. Permanece o conjunto de sofá e poltronas, mas o seu revestimento não será mais em vinil e sim em tecido, acompanhando a moda veiculada pelos meios de comunicação de massa. A fôrmaca é eliminada da sala. A maior novidade é o aparecimento dos aparelhos de som que, em algumas casas, tomam o lugar da TV, deslocada agora para outra peça, geralmente um quarto contruído para um futuro filho. O aparelho de som, quando existe, ocupa o lugar mais importante na sala, no centro da prateleira que permanece como vitrine de exposição de objetos. É usado principalmente como FM já que normalmente existem poucos discos na casa. Evidentemente, é proibido às crianças manipulá-lo. O toca-disco tem o significado para esta geração que teve a TV para os seus pais, o rádio para os seus avôs e possivelmente o lampião à querosene para os seus bisavôs.

Nas prateleiras, os bibelôs praticamente desaparecem, dando lugar a garrafas de bebidas e livros, enciclopédias juvenis, Bíblias, fascículos que ensinam a bordar, além de outras publicações, todas pouco lidas.

A decoração da sala continua sendo uma tarefa da dona-de-casa, mas agora muitas delas já contam com um salário todo o mês para aplicar no consumo decorativo. O trabalho-fora da mulher, realizado principalmente em casas de classe média, acaba influenciando na estruturação do espaço doméstico e fazendo com que ele se aproxime dos modelos das classes dominantes. Num jogo de espelho, tenta-se copiar a casa da patroa, quando, por exemplo, se desloca a TV da sala para um outro quarto.



O QUARTO:

- casas de antigamente:

"Em casa fechada, todo lugar era quarto". Este ditado, com pequenas variações foi repetido por vários informantes quando indagados sobre onde se dormia nas casas de antigamente. A idéia era de enfatizar que, nas casas de antigamente, se podia dormir em "qualquer lugar" e até "todos juntos".

Todavia, como pude verificar mais tarde, a frase refletia com exatidão apenas o que ocorria em situações extraordinárias, como a visita de grupos de parentes em ocasiões especiais - enterro, festas, etc. - momentos em que a família se via às voltas com o problema de ter de abrigar um grande número de pessoas. Foi a LAGOA situava-se, como já foi visto, a "uma légua e meia da cidade de Desterro", sendo necessário quase um dia inteiro de caminhada ou mais ou menos 3 horas de cavalgada para cobrir esta distância. As distâncias e o difícil acesso entre um "arraial" e outro faziam com que as visitas se prolongassem por alguns dias (VARZEA 1985, CASCAES, 1981:100).

Segundo relato de CASCAES (1981), a sala era lugar, no início do século, preferencialmente destinado ao repouso dos visitantes: peça ampla e quase sem móveis, era o

lugar ideal para se estenderem as esteiras que nos sítios serviam de leito às visitas, conforme depoimento dos informantes. Mas, em situações normais, é apenas meia verdade que se dormia "em qualquer lugar" e a mesma relativização deve ser feita para o "todos juntos". A cozinha era sistematicamente evitada, embora tomando grande parte da área da planta da casa, sobrando, assim, a sala e o(s) quarto(s).

No dia-a-dia, a família dormia nos quartos. Como se observa nas plantas arquitetônicas das casas, eles raramente ultrapassavam o número de dois. Não era incomum, entre as casas mais pobres, que famílias com até 12 membros dormissem em um único quarto.

A análise das plantas baixas das casas de antigamente mostra que o quarto repartia com a sala a fachada das casas mais simples estando, nas outras, localizado entre a sala e a cozinha. Em qualquer dos casos, estava no centro simbólico da casa (BOURDIEU, 1980).

Quando existia mais de um quarto na casa, era o destinado aos pais que ocupava a parte da frente ficando o dos filhos mais para trás; só o quarto dos pais tinha janelas (tampões de madeira) que davam para a rua. Esta disposição permanece nas gerações posteriores, fazendo com que se pense no porquê desta constante arquitetônica. É como se o chefe da família, mesmo em sono, continuasse a ser o primeiro contato da casa com a rua, protegendo a casa e a família.

Geralmente sem portas, cortinas ou qualquer outro artifício que obstaculizasse a passagem ou a visão, os quartos se comunicavam de forma direta e imediata com a sala e entre si. A guiza de passagem, apenas uma abertura na parede com os contornos de madeira.

O mobiliário deste quarto coletivo consistia de esteiras ou uma cama grande, chamada de "tarimba", e algum baú que guardava todas as roupas da casa. As roupas que não encontravam lugar no baú permaneciam em trouças, por sobre alguma cadeira ou mesinha, numa exposição que lhes era benêfica, dada a umidade do clima local.

Muitas vezes, um ou mais dos "paibis" da casa era colocado no quarto. Armazenava-se ali as sementes e os grãos com que a família se alimentava e renovava anualmente a roça e a horta.

Homem e mulher uniam-se na consecução do quarto. Os móveis eram feitos pelo marido e a roupa de cama era trazida pela mulher como parte do enxoval ou produzido por ela mais tarde. Muito cedo, por volta dos 13 aos 14 anos, as mulheres começavam a produzir o seu enxoval de casamento, trabalhando na almofada de bilros para enfeitar as bordas de algum lençol ou toalha. Todo o presente que a mulher recebia a partir de então era destinado ao enxoval. Ele era a sua contribuição ao lar no momento da união conjugal, como demonstra esse trecho do relato de uma "fuga":

"Ela me passou a sacola com as roupas da casa, eu peguei e fui esconder nomato. Depois me deu a sacola das roupas dela."

A colcha de renda ou retalhos era a peça de maior valor simbólico no quarto desta geração, e a sua presença no enxoval da noiva era destacada. D. Joana, 60 anos, me relatou assim o "dote" dos filhos:

"Todos os que casaram (fugiram) levaram colcha. Eu dei uma colcha para cada um, inclusive os filhos."

A mesma D. Joana, porém, só pôde casar o primeiro dos seus filhos, matando um boi, porcos e galinhas para a festa. Os outros filhos e filhas tiveram que "fugir" por medida de economia.

O quarto não era uma peça tida como íntima por essa geração, como demonstram as aberturas para a sala, a ausência de portas e as interligações entre um quarto e outro (ver planta da casa de D. Loquinha). Os próprios informantes são conscientes da radical transformação no uso dessa peça, pois muitos destacaram espontaneamente o uso do quarto.

A família, conta a literatura (CASCAES, 1981) e confirmam os informantes, se distribuía entre os quartos de um modo bem distinto do de hoje: dormia-se não só no mesmo quarto como muitas vezes na mesma cama - pais e filhos, adultos e crianças, homens e mulheres. Porém, suponho que devesse existir algum tipo de distribuição das pessoas no interior do quarto comum, pois, quando perguntava aos mais

velhos onde dormiam, eles apontavam para um canto determinado e indicavam outro como sendo o dos filhos.

Nessa, como nas gerações seguintes, os filhos menores gozam do privilégio de dormirem mais próximo aos pais, possivelmente para facilitar a assistência noturna da mãe ao bebê. Quando existiam dois quartos, um era designado para os pais e compartilhado com os filhos menores, e o outro ficava para os filhos maiores, independente do sexo e da idade. Como eram comuns as famílias muito numerosas, os filhos já adultos compartilhavam a cama com irmãos pequenos ou, no mínimo, o mesmo quarto, embora com camas diferentes.

Como os quartos, além de espaços de se dormir, eram espaços de se reproduzir, é bem possível que o sexo fosse tratado diferentemente de hoje. Dele não eram excluídas as crianças - que o presenciavam nos primeiros anos de vida nas casas onde já haviam dois quartos - ou mesmo toda a família, quando o quarto era único. Trate-se de uma suposição, pois o sexo foi um assunto de difícil tratamento nas entrevistas (22).

- casas intermediárias:

Nas casas da geração seguinte, nota-se algumas modificações: em primeiro lugar, e a mais importante, é o aumento do número de quartos. A planta-baixa das casas intermediárias mais recorrentes prevê três quartos: um para

os pais - repartindo com a sala a condição de peça mais à frente da casa - outro, ao lado do dos pais, para as filhas ou filhos menores; e o terceiro para os filhos homens ou filhos maiores. É interessante notar que o aumento de número de quartos ocorre de modo simultâneo à diminuição do número de membros da família.

O aparente paradoxo encontra sua explicação na mudança de comportamento da família em relação à criança: se antes ela era vista como mais um dos indivíduos da casa, sujeita aos mesmos deveres, agora, e cada vez mais, ela passará a ser encarada como alguém diferente e que merece cuidados especiais. Um dos cuidados será o de evitar que presencie as atividades sexuais dos pais, deslocando-a para um outro espaço, assim que ficavam "safadinhos", nas palavras de um informante, ou seja, atingiam a idade de 4 a 6 anos. O filho menor continua a ter o privilégio de dormir no quarto dos pais, até que outro nasça e o substitua. E o nascimento de um outro filho praticamente decreta o fim da "infância" da outra criança. Ele pode provocar modificações no espaço físico da casa. Em uma das famílias da nova geração, foi providenciada uma porta para separar o quarto da filha do quarto dos pais - antes separado apenas por uma cortina - e a filha deixou de dormir na cama de casal junto com os pais quando nasceu o irmão. Os pais brincavam dizendo que iam "prender" a filha menor no seu quarto, "fechar ela lá dentro", observações que demonstravam um certo desconforto com a nova situação.

É evidente que este novo modo de tratamento das crianças não se verifica imediata e disseminadamente em todas as famílias. É um processo lento, que só assume contornos nítidos na geração seguinte pois, de certa forma, as crianças continuam sendo tratadas como pequenos adultos. Há famílias com um grande número de filhos em que as crianças dividem com os pais as tarefas de trabalho na casa e no campo e outras cujos filhos já não são obrigados ao trabalho cotidiano. Ao contrário do que se verifica nas cidades, não se vêem meninos de oito a doze anos brincando na Lagoa: eles passam a semana envolvidos em auxiliar a mãe (meninas) ou os pais (meninos) em tarefas como buscar capim, trazer o gado, vender o leite, cuidar dos irmãos, cozinhar, ir à escola, etc. Só nos fins-de-semana a brincadeira é permitida: eles se reúnem em animados jogos de futebol nos pastos, em brigas de galo nos terreiros em frente às casas, jogos de taco (bambu) e "frescobol" no meio das ruas.

Os pais, pela posição dos quartos, continuam como guardiões da família, como o primeiro contato com a rua. Mas, além disso, passam a exercer uma vigilância diferenciada sobre os filhos. As filhas e os filhos pequenos associam-se numa mesma minoridade no imaginário desta geração, que vai designar-lhes o lugar mais protegido da casa: bem ao centro, entre o quarto dos pais e o dos filhos homens. Para estes, é destinado o quarto mais atrás na casa, geralmente com abertura para a cozinha, o quarto de mais fácil acesso à saída da casa, o menos protegido e vigiado.

A separação do espaço de dormir de pais e filhos preserva a intimidade do casal, mas ainda de uma forma branda: o quarto dos pais, em muitos casos, possui uma abertura que dá para o quarto das filhas e, em algumas casas, esta é a única abertura no quarto dos pais, obrigando o casal a transitar pelo quarto das filhas. A proximidade garante a vigilância das filhas, o que responde, aparentemente, ao desejo de preservar a honra da família. Isso, na prática, nunca serviu como impeditivo para possíveis contatos entre as filhas e seus pretendentes: as fugas continuam sendo o modo mais comum de união conjugal também nesta geração.

Cortinas transparentes dividem o quarto das outras peças da casa e entre si, servindo mais para enfeitar do que para ocultar. Como no caso das cercas de antigamente, que não eram colocadas para definir territórios, as cortinas desta geração não estão ali para assinalar espaços privados. Aliás, nem mesmo as paredes garantem o mútuo isolamento: além de serem de madeira, permeáveis ao som, elas não são construídas até o teto, deixando um vão de um metro no alto. As casas nunca ultrapassam o número de três quartos, e nas famílias mais numerosas isso pode significar uma super-lotação e, em alguns casos, problemas (23).

O mobiliário destes quartos é completamente diferente do da geração anterior. Ele distingue, pelo mobiliário e decoração, crianças e adultos, homens e mulheres.

O quarto dos pais tem a preferência sobre o quarto dos filhos, é geralmente maior. No momento da compra de móveis, o quarto dos pais é o primeiro a ser lembrado e por isto, muitas vezes, é o único a contar com um mobiliário "moderno" - o que será diferente na geração seguinte, quando as crianças assumirem definitivamente o lugar principal na casa. Tendo acesso aos bens de consumo duráveis pela compra, as donas-de-casa desta geração vão escolher como mobília para o seu dormitório os chamados jogos-completos: conjuntos de móveis comprados em grandes magazines e que incluem a cama do casal e o guarda-roupa necessariamente e, quando possível, também a penteadeira e o criado-mudo. As camas já terão lençóis no dia-a-dia, comprados diretamente dos vendedores ambulantes que percorrem as estradas e, algumas, colchão de molas substituindo o de palha.

O pólo decorativo mais importante do quarto dos pais desloca-se da colcha (agora uma peça industrializada, geralmente de "xenile", em cores vivas) para a penteadeira. Sobre ela repousam os sabonetes, talcos, perfumes, cremes e produtos para a maquiagem, bens que sofrem com a ligeira ambiguidade de terem, ao mesmo tempo, valor-de-uso e valor-signo (BAUDRILLARD, 1982): são usados efetivamente pelas mulheres, mas com extrema parcimônia. A penteadeira faz às vezes da prateleira da sala enquanto lugar de exposição de objetos com valor-signo. Estes "produtos de beleza" do mesmo modo como o espelho da penteadeira que é outra novidade na casa da geração intermediária denotam uma

relação diferente com o corpo por parte destas mulheres. Afastada do espaço da produção exterior, as mulheres começam a construir um corpo distinto do corpo de suas antepassadas: menos roliço, um pouco mais magro, mais leve. Um corpo que, gradativamente, tende a aproximar-se do das mulheres das classes dominantes, expostos nos dias de sol nas praias ao leste da LAGOA. E os cremes serão altamente valorizados, como sinal e propulsor de uma mudança no modo de vida. Durante as festas de São João, os perfumes, cremes e sabões são distribuídos como prendas nas barraquinhas de fim de grupo. Os grupos de mulheres se concentram em torno de cada barracão, olhando detidamente a embalagem, comentando para que serve o creme, etc.

Os filhos são os últimos a receberem móveis novos no quarto. Só quando o orçamento permite, eles ganham móveis adquiridos em lojas: a preferência recai sobre o berleço, uma novidade introduzida na casa por algumas famílias desta nova geração, facilitando a instalação de cada filho em uma cama sua, em quartos exíguos, geralmente do tamanho de duas camas, e super-lotados.

Decalcos de surf de todos os tipos, tamanhos e cores, posters de carros de Fórmula 1 e de times de futebol, decoram as paredes dos quartos dos filhos homens. Nas meninas, posters de cantores, de atores de novela e alguma boneca, se forem menores. As diferentes individualidades vão se marcando de modo um pouco mais pronunciado, o que se acentua na geração seguinte.

- casas novas

O modelo de divisão de quartos através de uma discriminação sexual e etária se define com mais clareza nesta geração.

As casas novas terão como habitantes famílias numericamente menores, compostas por um casal sem filhos ou com um filho apenas, mas o número de quartos, três, permanece o mesmo da geração anterior.

Se nas casas das gerações anteriores o quarto do casal podia se assemelhar bastante ao dos filhos, nesta geração, a decoração introduzida vai marcar profundas diferenças entre o quarto dos pais e entre cada um dos filhos. Tudo funciona como se surgisse uma <individualização> dos membros da família que o espaço de dormir reflete com toda a clareza.

Estes quartos já serão totalmente isolados um dos outros com paredes até o teto, portas de madeira e janelas próprias para a rua. Separados fisicamente, eles vão encerrar mundos bem distintos. O quarto dos pais não sofre grandes alterações: continua sendo o único a ter uma cama de casal e continua sendo mobiliado pelos "jogos completos". Como enfeite, uma ou outra imagem sacra, geralmente o crucifixo sobre a cabeceira do leito. O quarto destinado à criança é que se transforma radicalmente. Os móveis - cama e guarda-roupa - são mais baixos, adaptando-se ao tamanho do corpo dos seus usuários e marcando uma diferença etária; no

quarto das meninas a cor rosa predomina, simbolizando uma diferença sexual. Um grande número de brinquedos, principalmente de bonecas fabricadas industrialmente, preenchem o ambiente e, nas paredes, fotos dos seus usuários - as fotos nesta geração pela primeira vez deixam o espaço da sala para ganhar o do quarto. Mesmo as imagens sacras são distintas das do quarto dos pais: anjo da guarda zelando por crianças a beira de um precipício, Maria com o menino Deus, etc. Tudo contribui para a idéia de um mundo em miniatura: um reino infantil onde os próprios deuses são as crianças.

Num compasso oposto ao da sala que nesta geração se vê em parte esvaziada da multidão de objetos - é o quarto que agora é preenchido, resultado de um novo surto consumista que tem na criança o seu locus principal.

Um pouco de tudo o que a propaganda de TV veicula às crianças pode ser encontrado ali: sandalhinhas da XUXÁ, bonequinhas Moranguinho, Barbie, carrinhos de bebê, etc.

E através da criança que se dá o contato maior desta geração com o sistema de moda (24) produzido e administrado pelas classes dominantes. Estes pequenos vorazes consomem tanto bens duráveis (brinquedos, móveis) quanto bens não-duráveis (Yougurts, bolachas da marca X ou Y, lanchezinhos, chocolates, etc). Seus avós ainda possuem vacas e fazem em fornos de barro o pão da família mas, para atender seus desejos, as mães reservam a maior parte da renda que obtêm trabalhando como faxineiras e lavadeiras.

Numa das viagens ao centro no ônibus do Centro da Lagoa pude perceber o quanto do orçamento familiar é despendido com as crianças. Obrigados a parar por problemas mecânicos no ônibus, as mães, que eram a maioria ali, encaminharam-se à venda mais próxima onde promoveram feita a distribuição de yogurtes, danoninhos, balas e chocolates. As crianças, que indicavam o que queriam, dizendo o nome dos produtos. Sabendo-se que a renda familiar varia entre dois e quatro salários mínimos, pode-se bem imaginar a porcentagem gasta com as crianças todo o mês.

Tudo funciona como se a criança, nesta geração, passasse a ser o veículo maior de um <consumo ostentatório>, vestindo-se com mais cuidado do que os pais e sendo a receptora de praticamente todo o salário extra (leia-se, da mulher). Ela ganha um lugar na casa só seu, o quarto, mas o seu reinado estende-se bem além das paredes deste quarto.

Resumindo: os quartos ganham, com o passar do tempo, caráter de peça íntima e individualizada. Eles expressam as relações entre os membros da família, mostrando que as filhas merecem um cuidado especial e maior vigilância do que os filhos. Através da leitura de sua decoração é possível perceber a crescente importância da criança no interior da família e do aprofundamento simbólico de uma diferenciação sexual: objetos, imagens estão ali para dizer o quanto seu ocupante é diferente do ocupante do quarto ao lado.

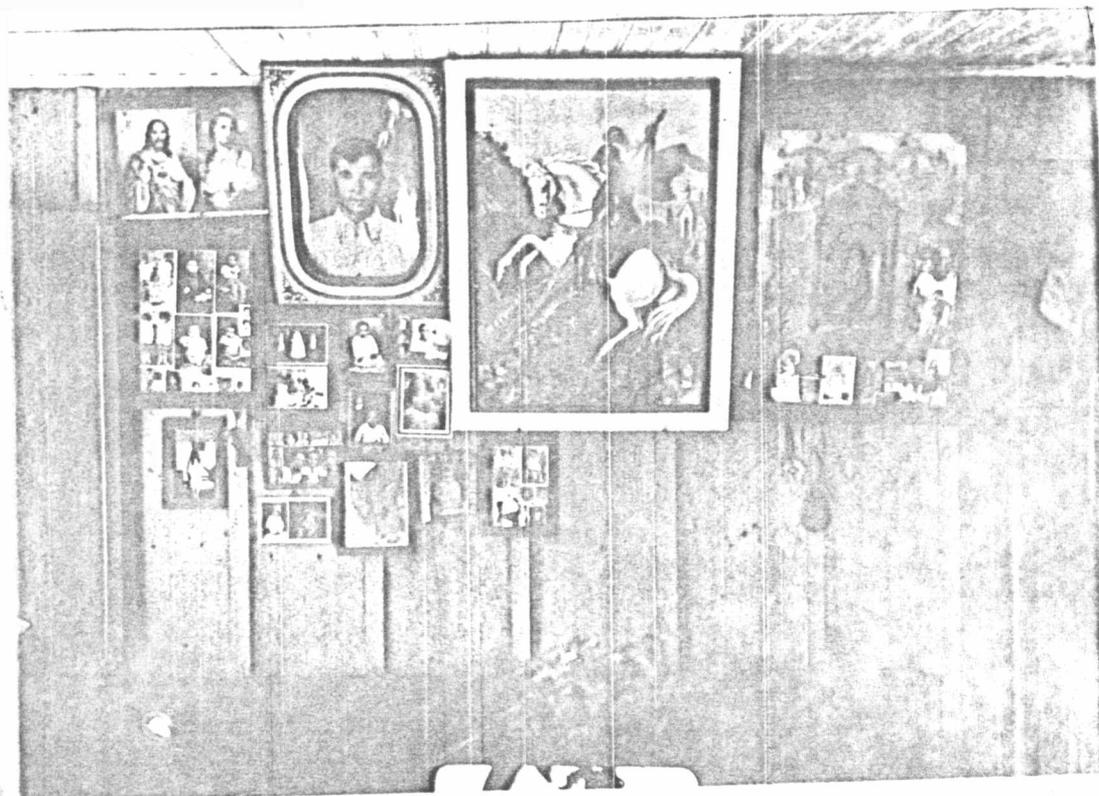
S A L A da
Geração Intermediária:

Os objetos valem como signos:
lâmpada quebrada é vaso, a
cortina é transparente



A enceradeira é enfeite e
recebe capa plástica. Na
parede São Jorge e uma criança
sorrindo.



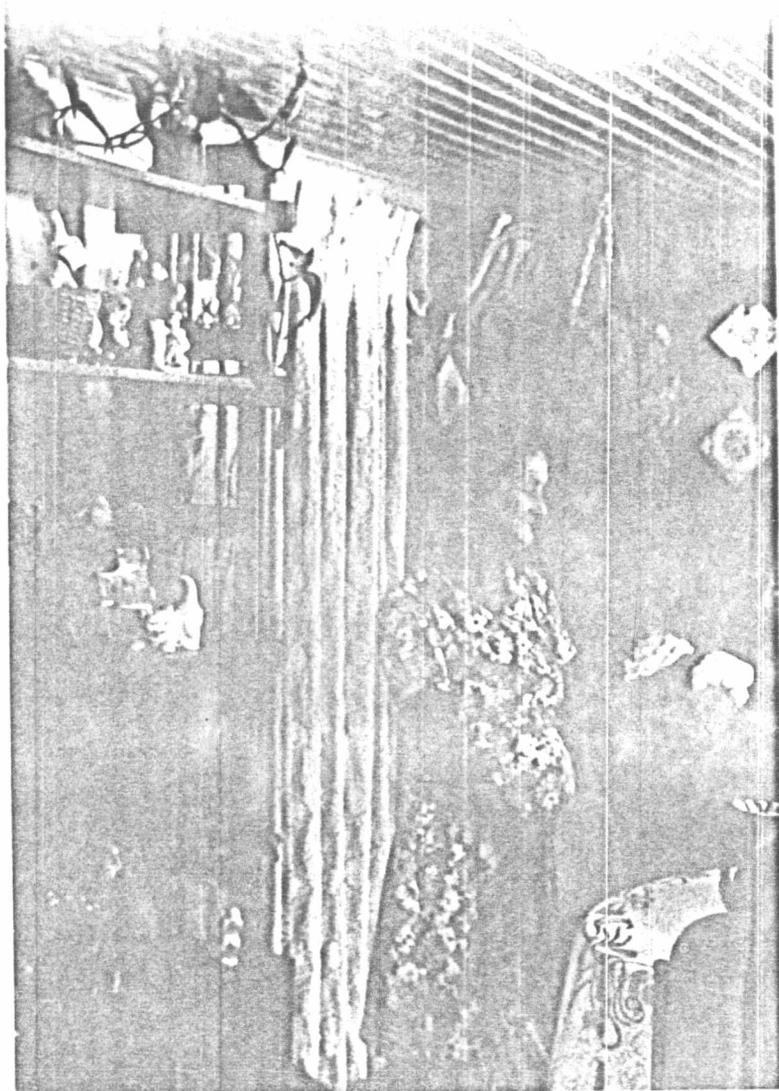


S A L A
Geração Intermediária

A família e os Santos se
confundem numa mesma eternidade

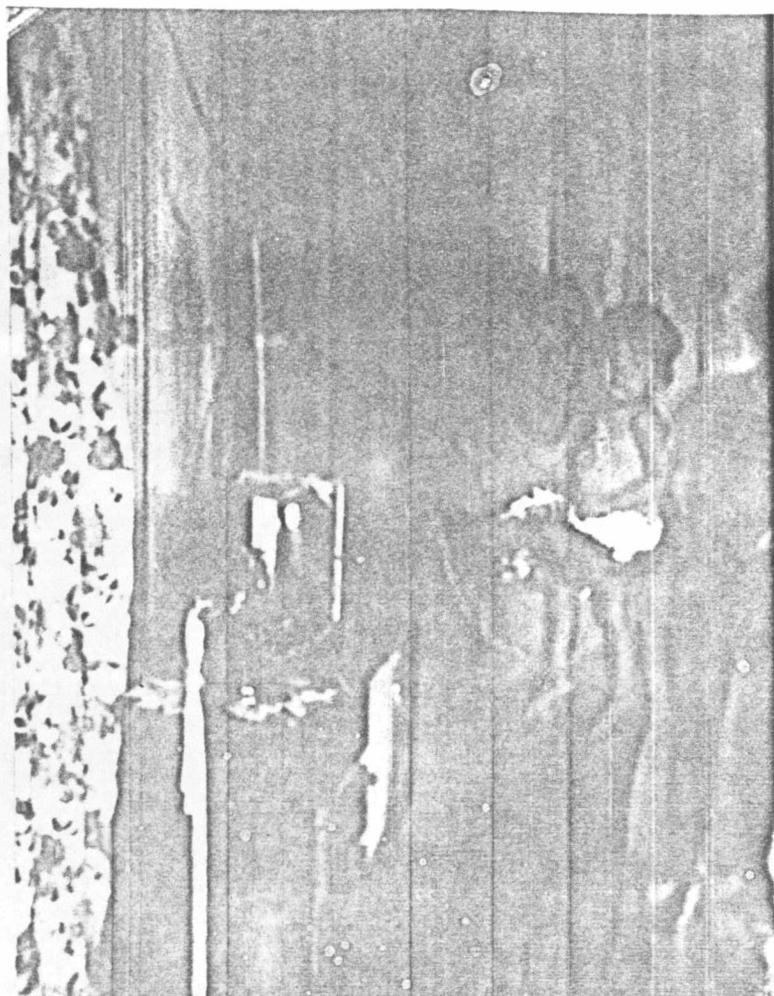
Ao lado: foto retocada
a-temporal





S A L A
Geração Intermediar

Sala de D. Isaltina
o reino do belo frã



Na sala, se anda de
calço.
TV é objeto inu

S A L A
Geração Inte



Adesivos de s
compõem com i
do Papa e N.
Anarecida.



Os filhos i
ciam a decora



Diplomas te
expostos co
feitos. Ho
do ônibus r
lugar na se

SALAS DE MATERIAL

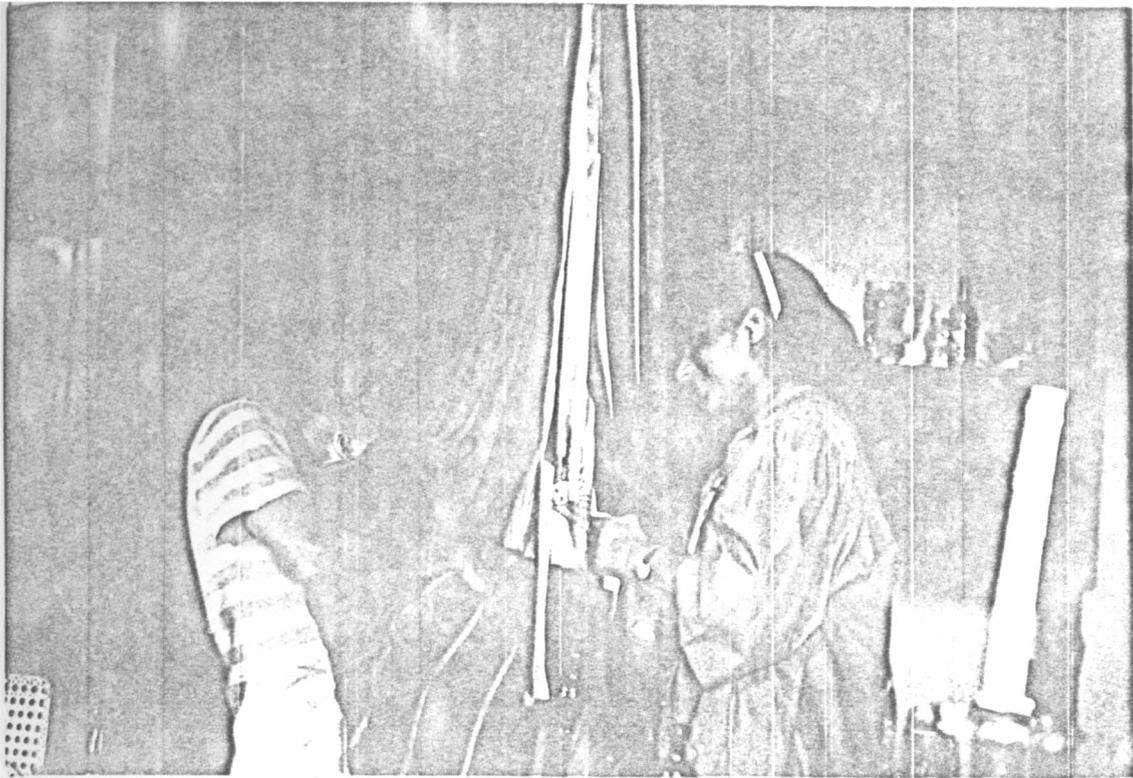
o reino do parecer:

a toalha é renda mas fabricada . Móveis que parecem de madeiras caras. A samambaia comprada enfeita.



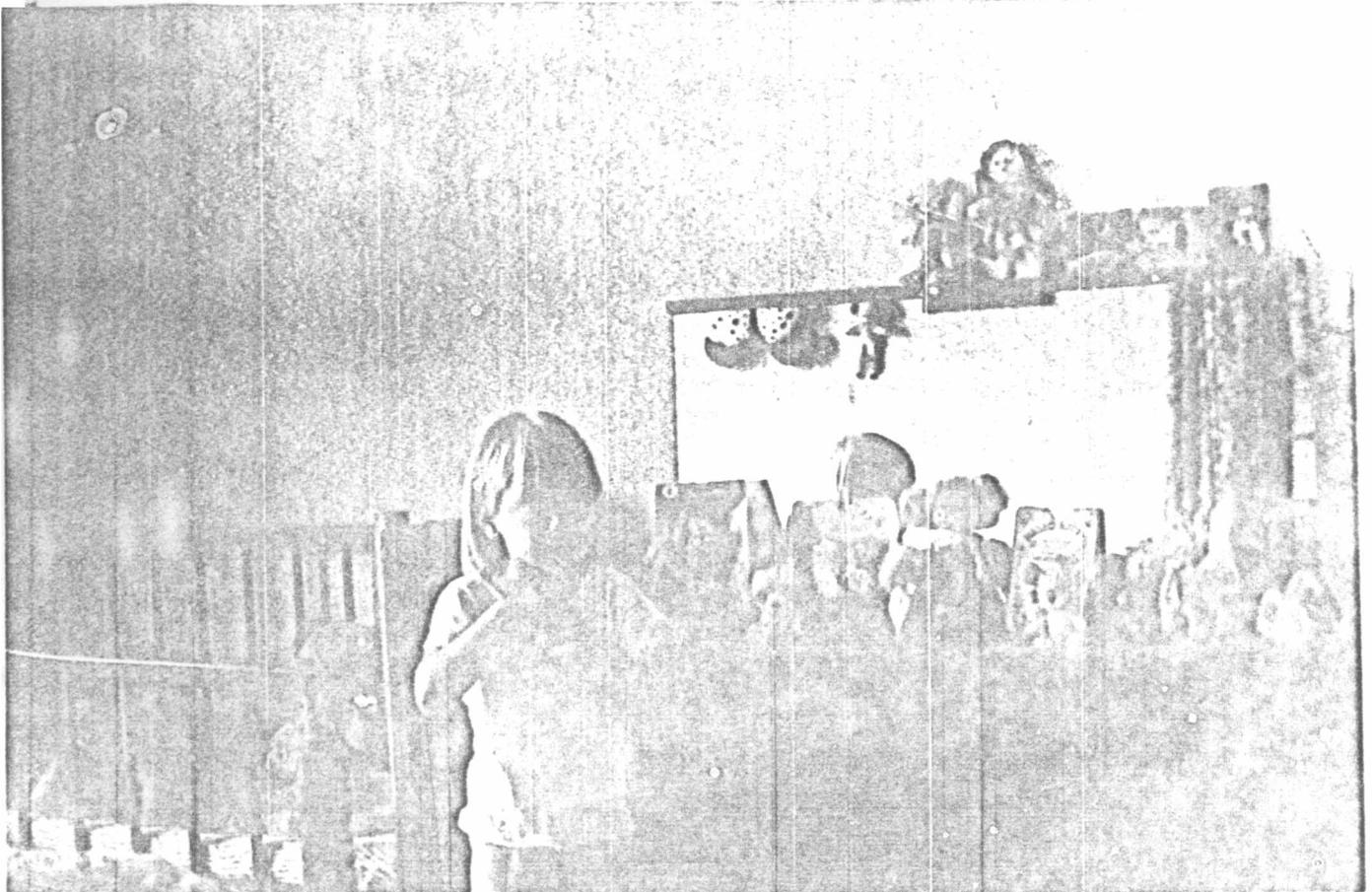
O arco construído adapta a sala à um novo gosto. Móveis que parecem antigos.





NOVA GERAÇÃO:

Um velho ritual e
novo espaço: bati
com a bandeira de



Quarto da criança: profusão de brinquedos revelam a recente con
da criança.

NOTAS:

(1) Ainda que algumas vezes use o termo cozinha de modo indiscriminado, ele refere-se sempre a área de preparação dos alimentos, incluindo o que os nativos designam por "cozinha" e o que designam por "rancho".

(2) A este respeito ver, por exemplo DA MATTA, 1985; CHAUÍ 1986.

(3) A "quebrada" do telhado, como dizem os arquitetos, é uma característica arquitetônica portuguesa. De modo geral, esse rebaixamento é interpretado como uma forma de manter a cozinha mais aquecida durante o inverno. Transportado para os trópicos, ele perde esta função mas permanece.

(4) É interessante notar que, nestas casas, as portas da cozinha e da sala normalmente situam-se a leste sendo hábil o primeiro contato do sol com a casa. Ver BOURDIEU (1990).

(5) Ver ILHA DE SANTA CATARINA (1984).

(6) A carne de gado, porco e eventualmente de galinha marcam a excepcionalidade de uma refeição; eram e são os alimentos mais valorizados pelos nativos. Como são comprados - ao contrário do peixe que se obtém com mais facilidade ou custa menos - eles raramente faziam parte do cardápio das famílias mais pobres. Veja-se a narrativa de D. Cidulina, 50 anos, moradora do Porto da Lagoa, que perdeu o pai quando criança e, não tendo nenhum irmão em idade de substituí-lo no trabalho, sobreviveu "com que os outros davam"

"Na nossa casa, só se comia carne (de gado) uma vez por ano, no ano novo (noite do 31 de dezembro). A gente contava os meses para chegar o ano novo e poder comer um pedacinho de carne. A mãe dizia: 'toma este dinheiro e vai comprar meio quilo de carne', e era a carne que agente comia. As vezes, lá uma que outra, quando tinha farra de boi, na Páscoa. As vezes algum parente dava."

Até hoje, as carnes de gado, porco e galinha - nesta ordem - ocupam os primeiros lugares na hierarquia alimentar dos nativos, de tal modo que somente estas recebem a denominação de <carne>, o peixe não sendo objeto da mesma designação.

(7) Para a noção interessante de <espaços frios> e <quentes>, "Carnaval: sagrado e profano". In: ORTIZ, R. (1980).

(8) A propósito disso, cabe citar o que aconteceu quando alguns alunos do curso de Jornalismo da UFSC visitaram, a casa de D. Joana, na Quebrada, para realizar um trabalho fotográfico. Meses mais tarde, comentando comigo a visita, ela se mostrava ressentida especialmente pelas fotos que foram batidas na cozinha: "Eles vieram aqui e tiraram umas fotografias das panelas furadas da mãe (ela usa a terceira pessoa para falar de si mesma)." A cozinha revela a pobreza e, nesse sentido, não é fotografável.

(9) A categoria banheiro só aparece entre os nativos recentemente, quando a área destinada à excreção e à higienização corporal é incorporada ao prédio principal da casa.

(10) Como se verifica, por exemplo, nas casas de origem açoriana construídas a partir de meados deste século na periferia de Porto Alegre onde, apesar da ausência de água encanada, a planta arquitetônica prevê uma peça de piso de cimento que faz as vezes de um banheiro: nela é instalado um latão perfurado suspenso por um sistema de roldas que, cheio de água, serve como chuveiro. Ainda hoje, estes banheiros só para banhos continuam a ser construídos, contando agora com água encanada e mantendo-se as casinhas no exterior.

(11) Raras são as casas de antigamente que possuem banheiro e por isto não vou me deter nelas. O que é dito a respeito da "reforma" das casas intermediárias vale também para as casas de antigamente.

(12) O mato, a casinha e até o banheiro/puxadinho sempre estiveram mais próximos da mata - Natureza - do que da casa - Cultura - enquanto a cozinha, ainda que se localizasse "nos fundos", esteve sempre junto à casa.

(13) As capelinhas existem até hoje na LAGOA: uma na Lagoa, uma no Retiro, quatro no Canto, uma na Costa, etc. Elas reúnem em torno de si redes de vizinhança da qual participam 30 famílias. Todos os dias, ao entardecer, um adulto da família onde a capelinha passou a noite transporta-a até a casa seguinte segundo uma ordem estabelecida. Ela é recebida e colocada na sala. A família reza para a imagem de N. S. da Conceição que está no interior de uma pequena caixa de madeira e, no dia seguinte, encaminha-a para outra casa.

(14) Só nos primeiros anos após a edificação da Igreja de Nossa Senhora da Conceição (1750) é que havia padre residindo permanentemente na Freguesia da Lagoa.

(15) ngem de modo semelhante ao relatada por D. Loquilha:

"Dias desses, depois de uma chuvinha, começou a cair coisa. Ai nós tiramos as coisinhas. Mas parou. Mas tã qualquer hora e não avisa não".

(16) Nesta recusa em manipular objetos cujo funcionamento interior desconhecem, poderíamos identificar uma nequação de alienação imposta pela sociedade de moderna aos indivíduos que, cotidianamente, ligam chaves e fazem funcionar máquinas ignorando completamente os seus mecanismos internos. Sobre este aspecto aterrorizante de relação moderna do homem com os objetos, ver PIRSIG, (1984).

(17) A etimologia da palavra consumir revela precisamente o significado do ato de doação. Consumo vem do latim "consumar": gastar, corroer até a destruição, devorar, destruir, apagar, etc.

(18) Mobiliário semelhante a este foi registrado por BLAY(1985) e MACEDO (1986) em São Paulo, bem como ECKERT(1985) e LEAL (1984) no Rio Grande do Sul, em pesquisas com diferentes segmentos das classes trabalhadoras.

(19) Ver a este respeito o excelente trabalho de Alice Inês de Oliveira, "Rendas, Babãdos, Bilros e Croches - a Construção Social das Mulheres de Frendas Domésticas" Campinas, dissertação de mestrado, UNICAMP.

(20) Para maiores detalhes dos valores que dirigem a escolha dos objetos nas classes dominantes, ver BAUDRILLARD, (1978).

(21) "Ora, a partir do momento em que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: preparo-me para a pose, fabrico instantaneamente um outro corpo, metamorfoseo-me antecipadamente em imagem. Esta transformação é ativa e sinto que a Fotografia cria o meu corpo ou o modifica a seu bel-prazer", BARTHES, (1980:23).

(22) Esta ausência de privacidade nas transações sexuais era comum na Europa de antes do séc XVI, conforme se pode observar nos relatos detalhados de ARIES(1981a). Ele descreve trechos exemplares de um comportamento sexual ostensivo no interior das famílias da aristocracia francesa, estendendo-o às outras camadas sociais. No Brasil, a promiscuidade dos corpos no interior da família também é tema amplamente abordado pelos antropólogos e historiadores do séc. XVIII e XIX tendo persistido até terem se tornado hegemônicas as idêias dos higienistas. Ver REIS FILHO (1983); FREYRE, G (1985); COSTA (1979).

(23) Por exemplo, numa família de 12 filhos que visitei, os dois menores dormiam com os pais no quarto do casal, os

quatro filhos homens dormiam no quarto dos fundos repartindo duas camas, e as seis filhas, no quarto do meio, repartindo três camas. A filha mais velha estava construindo uma casa nos fundos e, enquanto ela não ficava pronta, dormia com o noivo no quarto das irmãs mas era obrigada, segundo me disse, a evitar as relações sexuais.

(24) Para a definição do Sistema de Moda ver DAUBREUILARD, e SOUZA (1987).

CONCLUSÃO:

O tempo passou rápido para as três últimas gerações nascidas na LAGOA transformando radicalmente a sua percepção do espaço. Esta transformação foi o que tentei captar neste trabalho.

Alguns espaços de sociabilidade desapareceram - o terreiro em frente às casas, o engenho, a casa dos barcos - mas outros foram criados - a estrada, o campo de futebol, a discoteque. Ainda pipoqueiam festas de São João por todo o bairro e ainda se inaguram Santas Cruzes em encruzilhadas mas hoje já é o rock que ocupa lugar de destaque no fundo musical destas festas.

Alguns filhos se vão para outros lugares pois já não encontram "chão" onde plantarem suas casas mas os que ficam chegam ainda mais perto da casa dos pais, puxados por uma diminuição espantosa da área dos terrenos.

No que diz respeito ao espaço exterior à casa, pode-se dizer que permanece forte um sentimento de pertencimento a um só e mesmo lugar: a região banhada pelo "mar de dentro" chamada de "sitio" pelos mais velhos.

Forém, os 3 mil habitantes que compunham a população deste lugar na metade do século hoje se multiplicaram, eram 7 mil em 80 e serão mais de 15 mil em 90. Impossível conhecer todos como no tempo de "antigamente" - tempo turvo e indefinido, consensualmente configurado.

Impossível manter vivos os mesmos laços sociais que uniam a jovem e rica Leandra da Costa da Lagoa ao seu Amado, Mécio, promotor de bailes na Barra e a Chica, aquela do engenho no Canto. Difícil os contatos. Os laços se afrouxam e "mudam" as distâncias. Apesar do ônibus, dos carros, apesar das estradas e das motocicletas, o espaço interno à LAGOA é hoje percebido como muito mais largo. Cada parte do bairro parece que foi empurrada para mais longe. Qual é o morador do Canto que ainda pesca na Barra? E que morador da Costa ainda canta ratoeira num engenho situado no Porto? A LAGOA cresceu, com que a sua extensão física tivesse sido alterada.

A LAGOA cresceu, escapando em parte do domínio dos "nativos". Em compensação, a "cidade" chegou mais perto, veio vindo, sendo visitada, sendo trazida para dentro das casas em forma de artefatos industriais. Virou até lugar de trabalho, quem diria? E foi se deixando possuir, consumir. As mulheres coube este ato de consumi-la, usando para isto uma energia que já não precisava ser posta na esfera diretamente produtiva, abandonada aos homens. Longe da roça, do quintal, da horta e do engenho, elas recriam o espaço doméstico interior onde agora reinam só. Exteriorizam-se através de uma nova atividade: a <decoreação>. E com esta atividade passam a ter um poder pleno sobre o lado de dentro da casa, que antes dividiam com os homens, responsáveis que eram pelo arranjo dos móveis e objetos, produzidos por suas próprias mãos.

Ao decorarem, elas recriam os objetos adquiridos na "cidade", dotando-lhes de novas funções. O fogão a gás e o liquidificador que as gerações mais velhas colocam na sala, assim como a enceradeira das gerações intermediárias, estão ali porque são "bonitos". E são "bonitos" porque são "modernos", industrializados, porque portam uma racionalidade que é expressão de uma outra cultura. Valem enquanto símbolos, e não tanto por sua utilidade.

Repetem a recente e conhecida história dos árabes do deserto: subitamente enriquecidos pelo petróleo em 1970 e capazes de adquirir bens de todos os tipos, eles encheram suas tendas de eletrodomésticos pouco se importando com a ausência da luz elétrica. Ou, para ficar em Santa Catarina, repetem, os Kaigangues de Ibirama que aplicaram também em eletrodomésticos o dinheiro ganho com o comércio da madeira da reserva onde, claro, luz não há. Tanto num caso como no outro, os eletrodomésticos estão ali pelo seu valor-simbólico e não pelo seu valor-de-uso. Existem enquanto <Objetos>, e, como mostra BAUDRILLARD, J (1972), não é nunca a função que define um <Objeto>:

Falar de um frigorífico ou de um automóvel em termos de "objetos" não é precisamente falar neles no seu sentido "objetivo", quer dizer, na sua relação objetiva com o frio e o deslocamento, é falar deles descontextualizados da sua função

Eles são esvaziados do seu valor-de-uso original, da sua função social original, para serem investidos de uma

outra utilidade: a de portarem o "belo", de portarem algo, nas palavras do autor, inútil mas sublime.

Do mesmo modo que o chefe Nambikwara fingia saber escrever rabiscando linhas horizontais nos blocos de anotações de Lévi-Strauss - sem que nenhum dos dois compreendesse aquela "escrita" - conseguindo assim aumentar o seu prestígio e autoridade, também os moradores mais antigos se apropriam do significado destes objetos sem necessariamente dominarem o seu uso. "O seu símbolo fora utilizado, ao passo que a sua realidade continuava estranha" LEVI-STRAUSS (1986:294).

Estes objetos valem enquanto enfeites porque são vistos como bonitos e são vistos assim porque <vêm de longe>.

"O belo vêm de longe", diz ZONABEND, (1984), numa fórmula sintética que os moradores da LAGOA confirmam a todo momento. Ele não está na Natureza, na mata ou no mar, onde se busca o alimento mas jamais o belo. Nas praias se recolhe mariscos, peixes e camarões, mas nunca as conchinhas ou estrelas do mar que comumente aparecem como enfeites nas casas das classes dominantes. Na mata se busca lenha, nunca orquídeas ou plantas pois a única que é bem-vinda, a samambaia vem de longe, do centro da "Cidade".

Esses enfeites, trazidos de longe, ajudam a contar a história da transição de um modo de vida camponês a um modo de vida cada vez mais urbano, a passagem de um <ethos bolista> a um <ethos individualista>. Dessa passagem, se

interessou tanto as mudanças ocorridas na "comunidade", quanto as da "família (segmentos residenciais) e do "indivíduo" - seria difícil entender esse último sem passar pelos dois primeiros.

A passagem do <holismo> para o <individualismo> é um processo amplo e para além do indivíduo. A LAGOA, que abrange a relação desse com a ecologia do lugar, o abandono sempre desejado da mata pela <rua> (Estado, recursos), a transformação do trabalho e dos papéis sexuais no processo de trabalho, as mudanças na planta-baixa das casas, na relação produção/consumo.

A fragmentação da comunidade, que liga os habitantes menos a LAGOA e cada vez mais a "Cidade" - ao benefícios do Estado, ao posto de saúde, à rede Globo -, acaba por conquistar o "indivíduo" no seio de sua própria família ligando-o, pelo consumo de artigos da moda, de enfeites, pela afirmação do individual (segundo os padrões modernos de afirmação individual) à sociedade "moderna".

O próprio conceito de <gosto>, que ajuda a compreender o que ocorre no espaço doméstico recentemente, só se aplica ao último nível. Gosto implica a idéia de "individual" (gosto diferenciado, gosto da mulher, gosto da criança, etc) ainda que individual deva ser compreendido como a atualização de algo coletivo. Como falar em gosto ou em adornos em relação as gerações mais velhas? O conceito não se aplica. O que não significa que não existissem disposições estéticas embutidas nas escolhas funcionais. Mas

a própria idéia de "enfeite" da casa só aparece nas famílias das gerações mais novas.

De algum modo, todas estas transformações estão inscritas no espaço da casa ou da comunidade - daí a necessidade de uma arqueologia do espaço - e não somente na última etapa, que é o quarto da criança e os enfeites de couro na sala.

BIBLIOGRAFIA:

- ABREU, Filho, Ovideo de
 1984 - "Parentesco e Identidade Social" - comunicação oral no II Painel de Cultura e Ideologia, GEAS - UFRGS.
- ALBERS, Suzane et alli
 1985 - <Inventário Histórico e Arquitetônico do Caminho da Costa da Lagoa>. Florianópolis, IPUF.
- ARIES, Philippe
 1981a - <A História Social da Criança e da Família>. Rio de Janeiro, Zahar.
 1981b - "A família e a Cidade" in VELHO, G. e FIGUEIRAS <Família, Psicologia e Sociedade>. Rio de Janeiro, Ed. Campus.
- AUGE, MARC et alli
 1978 - <A Construção do Mundo>. Lisboa, Edições 70.
- AZEVEDO, Serdis e ANDRADE, Luiz Aureliano
 1981 - <Habitação e Poder>. Rio de Janeiro, Zahar.
- BACHELARD, Gaston
 s/d <A poética do espaço>. Rio de Janeiro, Livraria Eldorado Tijuca.
- BALANDIER, George
 1957 - <Afrique Ambigue>. Paris, Plon.
- BARTHES, Roland
 1979 - <O Sistema de Moda>. São Paulo, Ed. Nacional/EDUSP.
 1981 - <A Câmara Clara>. Lisboa, edições 70.
 1982 - <Mitologias>. São Paulo, Diefel.
- BATESON, Gregory
 1971 - <La cérémonie du Naven>. Paris, Minuit.
 1977 - <Vers une Ecologie de l'esprit>. Paris, Seuil.
- BAUDRILLARD, Jean
 1972a- <Por uma crítica da Economia Política do Signo>. São Paulo, Martins Fontes.
 1972b- <Semiologia dos Objetos>. Petrópolis, Vozes.
 1978 - <O Sistema dos Objetos>. São Paulo, Perspectiva.

BECK, Anamaria

1979 - <Lavradores e Pescadores: Um Estudo Sobre o Trabalho Familiar e Trabalho Acessório>. xerox, Florianópolis, UFSC.

BENJAMIN, Walter

1978 - <A Obra de Arte na Época de Sua Reprodutibilidade Técnica>. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

BERGER, John et alii

1980 - <Modos de Ver>. Coleção Arte e Comunicação, volume 3, São Paulo, Martins Fontes.

BERTIUSI, Paulo

1983 - <A Arquitetura no Rio Grande do Sul>. Porto Alegre, Mercado Aberto.

BETTANINI, Torino

1982 - <Espaço e Ciências Humanas>. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

BILAC, Elizabete Dória

1978 - <Famílias Trabalhadoras: Estratégias de Sobrevivência>. São Paulo, Símbolo.

BLANQUART, Paul

1983 - "Avant-propos" in PAUL-LEVY et SEGAUD <Anthropologie de l'espace> Paris, Centre Georges Pompidou.

BLAY, Eva

1978 - <A luta pelo Espaço>. Petrópolis, Vozes.

1985 - <Eu Não Tenho Onde Morar>. São Paulo, Nobel.

BONDUKI, Nabil e ROLNIK, Raquel

1979 - <Periferias - Ocupação do Espaço e Reprodução da Força de Trabalho>. São Paulo, FAU-USP.

BOSI, Eclêa

1979 - <A Cultura do Povo>. São Paulo, Cortez e Moraes.

1979 - <Memória e Sociedade: lembranças de velhos>. S.P., T.A. Queirós.

BOURDIEU, Pierre

1979 - <La Distinction - Critique Sociale du Jugement>. Paris Les Editions de Minuit.

1980 - "La Maison ou Le Monde Reversé" in <Le Sens Pratique> Paris, Minuit.

1983 - "Vous avez dit 'populaire'?" in <Actes de la Recherche en Sciences Sociales n.46>. Paris, Minuit.

1982 - <Pierre Bourdieu - col. Grandes Cientistas Sociais> org. ORTIZ, Renato, São Paulo, Atica.

BRANDAO, Carlos R.

1982 - "A festa do Espírito Santo na Casa de São Jorge" in <Religião e Sociedade n.8 >. São Paulo, Cortez Editora.

BRIGGS, Ada

1972 - "O conceito de lugar" in <A humanização do meio-ambiente>. São Paulo, Cultura.

BROOK, Eve e FINN, Dan

1980 - "Estudos Comunitários e as Imagens da Classe Operária sobre a Sociedade" in <Da Ideologia>. Rio de Janeiro, Zahar.

CABRAL, Oswaldo

1937 - <Santa Catarina>. São Paulo, Nacional.

1950 - "Os Açorianos" in <Anais do Primeiro Congresso de História Catarinense - vol.II>, s.e.

CALDEIRA, Tereza Raquel

1984 - <A Política dos Outros>. São Paulo, Brasiliense.

CANARGO, Afásia et alli.

1983 - "Histórias de Vida na América Latina" in <Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais n. 16>. Rio de Janeiro, BIB.

CANDIDO, Antônio

1971 - <Os Parceiros do Rio Bonito>. São Paulo, Editora Duas Cidades.

CANEVACCI, Máximo

1986 - <Antropologia no Cinema>. São Paulo, Brasiliense.

CARVALHO, Maria Silvia

1988 - "Fatores determinantes da Representação do Espaço" - comunicação oral na XVI Reunião da Associação Brasileira de Antropologia. Campinas.

CASCAES, Franklin

1981 - <Franklin Cascaes: Vida e Arte e a Evolução Açoriana>. org. BECK, Anamaria e CARUSO, Raimundo, Florianópolis, Editora UFSC.

CASTELLS, Alicia Norma

1987 - <Os hábitos não esquecidos: a recriação da casa COHAB nas mãos do povo>. Dissertação de Mestrado, Florianópolis, UFSC.

CASTELS, Manuel

1983 - <A Questão Urbana>. Paz e Terra, Rio de Janeiro.

CHAUI, Marilena

1986 - <Conformismo e Resistência - aspectos da cultura popular no Brasil>. São Paulo, Brasiliense.

CHEVALIER, Jacques

1974 - "Espace de Vie ou Espace Vêcu? L'ambiguïté et les fondements du concept d'espace vêcu" in <L'Espace géographique n. 1>. Paris, s/e.

CERTEAU, Michel de

1980 - "Annales du quotidien". In: Lucie Guard et Pierre Mayol <L'invention du Quotidien - Habiter, Cuisiner>. Paris, Union Générale d'Éditions.

COELHO, Manoel Joaquim D'Almeida

1987 - <Memória Histórica da Província de Santa Catarina> Florianópolis, Typ. de J.J Lopes.

CONDOMINAS, Georges

1980 - <L'Espace Social: a propos de l'Asie du sud-est>. Paris, Flammarion.

CORDOVA, Raquel

1986 - <Ficar em terra - O processo de migração de profissionais da pesca>. Dissertação de Mestrado, Florianópolis, UFSC.

COSTA, Jurandir F.

1979 - <Ordem Médica e Norma Familiar>. Rio de Janeiro, Graal.

COSTA, Maria Cristina

1985 - <O Retrato Feminino na Pintura Brasileira 1800-1950>. Dissertação de Mestrado. São Paulo, USP.

DA MATTA, Roberto

1985 - <A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil>. São Paulo, Brasiliense.

DAVIS, Flora.

1979 - <A Comunicação Não-Verbal>. São Paulo, Summus

DOUGLAS, Mary

s/d - "Symbolic Order in the use of Domestic Space" in <Man, Settlement and Urbanism>. Peter J. Ucko Ruth Tryham and G.W.Dimbley (org), Cambridge (Mass.) Schermerhorn Publishing Co.

1966 - <Pureza e Perigo>. São Paulo, Perspectiva.

DONZELOT, Jacques

1980 - <A Polícia das Famílias>. Rio de Janeiro, Graal.

DUARTE, Luiz Fernando

1986 - <Da Vida Moderna>. Rio de Janeiro, Zahar/CNPq.

1986b - Comunicação oral na XV Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, Curitiba, UFPR.

DUMONT, Louis

1966 - <Homo Hierarchicus - le systeme des castes et ses implications>. Paris, Gallimard.

1985 - <O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna>. Rio de Janeiro, Editora Rocco.

DURHAN, Eunice

1978 - <A Caminho da Cidade>. São Paulo, Editora Perspectiva.

1980 - "A Família Operária: Consciência e Ideologia". In: DADOS. Revista de Ciências Sociais v. 23 n. 2, Rio de Janeiro, Campus.

1986 - "A Sociedade vista da periferia". In <Revista Brasileira de Ciências Sociais n.1, vol. 1>. São Paulo, ANPOCS.

DURKHEIM, Emile.

1900-1902 - "L'habitation byzantine" in <Années Sociologique - tome VI>. Paris, s/e.

1968 - <Las Formas Elementales de la Vida Religiosa>. Buenos Aires, Editorial Schapire.

DURKHEIM, Emile e MAUSS, Marcel

1900-1902 - "De quelques formes primitives de classification" in <Années Sociologique tome VI>. Paris, s/e.

EVANS-PRITCHARD, E.

1978 - <Os Nuers>. São Paulo, Perspectiva.

EKAMBI-SCHMIDT, Jê Zabele

1972 - <La perception de L'habitat>. Paris, P.U.F.

ELIADE, Mircea

s/d - <O Sagrado e o Profano>. Lisboa, Livros do Brasil.

ECKERT, Cornélia

1985 - <Os homens das Minas>. Dissertação de Mestrado, Porto Alegre, UFRGS.

FONSECA, Claudia

1980 - "Trabalhadoras sem Terra: um estudo de caso do trabalho feminino no campo" in Encontros com a Civilização Brasileira n. 26> Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

1987 - <Rumos sobre a Pesquisa sobre a Família na região sul do Brasil>. São Paulo, ANFOCS, xerox.

1987 - <Cultura Popular: memória e identidade>. Projeto de pesquisa - Capes, Porto Alegre, xerox.

FIGUEIREDO, Walter Gonçalves de

1983 - <Espaço Público Espaço Privado: notas para o estudo das condições de apropriação do espaço urbano>. Dissertação de Mestrado, São Paulo, FAU/USP.

FIRTH, Raymond

1974 - <Elementos de Organização Social> Rio de Janeiro, Zahar Editores.

FOUCAULT, Michel

1977 - <A História da Sexualidade - a vontade de saber>. Rio de Janeiro, Graal.

1984 - <Vigiar e Punir>. Petrópolis, Vozes.

FREIRE, Gilberto

1985 - <Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano>. Rio de Janeiro, José Olympio.

1987 - <Casa Grande e Senzala>. Rio de Janeiro, José Olympio.

FERNANDES, Rubem

1982 - <Os Cavalheiros de Bom Jesus>. São Paulo, Brasiliense.

GARCIA JR., Afrânio

1983 - <Terra de Trabalho. Trabalho familiar de pequenos produtores>. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

GEERTZ, Clifford

1971 - "Deep Play: Notes on the Balinese Cockfight" in <Myth, Symbol and Culture>. N.Y., Norton.

1978 - <A Interpretação da Culturas>. Rio de Janeiro, Editora Zahar.

GIARD, Luce et MAYOL, Pierre

1980 - <L'invention du Quotidien - Habiter, Cuisiner>. Paris, Union Générale d'Éditions.

GIEDION, Siegfried

1980 - "La mécanisation a la maison" in <La Mécanisation au Pouvoir - tome III>. Paris, Denoel/Gonthier.

GLUCKMAN, Max

1980 - "O material etnográfico na Antropologia Social Inglesa" in <Desvendando Máscaras Sociais> GUIMARÃES, Alba (org). Rio de Janeiro, Francisco Alves.

GOODY, Jack

1984 - <Cuisines, Cuisine et Classes>. Paris, Centre Georges Pompidou.

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Raquel

1986 - <Micropolitica: cartografias do desejo> Petrópolis, Vozes.

GROSSI, Miriam

1987 - <Tornar-se Freira: Autonomia ou Submissão> Relatório à Fundação Carlos Chagas, São Paulo.

GUIMARAENS, Dinorah e CAVALCANTI, Lauro

1984 - <Morar - a casa brasileira>. Rio de Janeiro, Avenir Editora.

1982 - <Arquitetura Kitsch>. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

HALL, Edward

1977 - <A dimensão oculta>. Rio de Janeiro, Francisco Alves.

HAYE, Ana Maria

1980 - "A questão da moradia numa favela do Rio de Janeiro ou como ter anthropological Blues sem sair de casa" in <O Desafio da Cidade>. Rio de Janeiro, Campus.

HEREDIA, Alàdia de

1979 - <A Morada da Vida: trabalho familiar de pequenos produtores no Nordeste do Brasil>. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

S/A

1984 - <ILHA DE SANTA CATARINA - Relatos de Viajantes Estrangeiros do séc. XVII e XVIII>. Florianópolis, UFSC.

ISNARD, H.

1975 - "L'espace du géographe" in <Annales de géographie LXXXIV n. 462>

JARREAU, Philippe

1985 - <Du bricolage: Archéologie de la Maison>. Paris, Centre Georges - Pompidou, CCI.

LAGO, Paulo

1968 - <Comunidades Pesqueiras de Santa Catarina - Condições Sociais e Económicas do Pescador Artesanal e Aspectos de Evolução de Atividade Pesqueira em SC>. Rio de Janeiro, Edições S/A.

LEACH, Edmund

1978 - <Cultura e Comunicação>. Rio de Janeiro, Zahar.

LEAL, Ondina

1986 - <A Novela das 8>. Petrópolis, Vozes.

LEDRIU, Raymond

1973 - "Parole et silence de la ville" in <Espaces et Sociétés n. 9>. Paris, Anthropos.

1973b - <Les images de la ville>. Paris, Anthropos.

LEFEBVRE, Henri

1974 - <La production de l'espace>. Paris, Ed. Minit.

1972 - <Le Droit à la ville>. Paris, Seuil.

LEITE, Miriam

1983 - "Fotografias de Família (potencialidades e limitações da documentação fotográfica)" in: <Cadernos do C.E.R.U. n. 18>. São Paulo.

LEMOS, Carlos

1978 - <Cozinhas, etc>. São Paulo, Perspectiva.

LEROI-GOURHAN, André

1983 - <O Gesto e a Palavra>. Lisboa, Edições 70.

LEVY-STRAUSS, Claude

1976 - <O Pensamento Selvagem>. São Paulo, Companhia Ed. Nacional.

1965 - "Le triangle culinaire" in <L'arc n. 26>, Paris.

1973 - <Antropologia Estrutural I>. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

1974 - "Introdução à Obra de Marcel Mauss" in <Sociologia e Antropologia vol. 1>. São Paulo, EPU/USP.

1986 - <Tristes Trópicos>. Lisboa, ed. 70.

1987 - "La notion de maison" in <Terrain n. 9>, Paris.

LUPI, João

1987 - <São João do Rio Vermelho>. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana.

LISBOA, Regina

1987 - <A Sagrada Família: a questão do gênero em famílias católicas>. Dissertação de mestrado, Florianópolis, UFSC.

KOWARICK, Lucio

1980 - "Autoconstrução de Moradias e Espoliação Urbana" in: <A Espoliação Urbana>. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

MARC, Oliver

1972 - <Psychanalyse de la maison>. Paris, Seuil.

MACEDO, Carmen Cinira

1979 - <A Reprodução da desigualdade>. São Paulo, Hucitec.

1986 - <Tempo de Gênesis - o povo das comunidades Eclesiais de Base>. São Paulo, Brasiliense.

MAFESOLI, Michel

1985 - <A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia de orgia>. Rio de Janeiro, Graal.

MAGNANI, José

1984 - <Festas no pedaço: cultura popular e lazer na cidade>. São Paulo, Brasiliense.

MALUF, Sônia

1987 - <Bruxas e Benzedeadoras na Ilha de Santa Catarina>. Projeto de Dissertação de Mestrado, Florianópolis, UFSC.

MARICATO, Erminia

1979 - "Auto-construção e Arquitetura Possíveis" in: <A produção capitalista da Casa (e da Cidade) no Brasil>. São Paulo, Alfa-Omega.

MARTIN-FUGIER, Anne

1983 - <La Bourgeoise>. Paris, Editions Grasset et Fasquelle.

MARTINS, Francisco

1985 - <Dos Açores e Atlântico. Introdução Foto-Gráfia>. Vila da Maia, Governo regional dos Açores e Imprensa Nacional Casa da Moeda.

MARX, Karl

1975 - <O Capital. Critica da Economia Política>. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

MASCARELLO, S

1982 - <Arquitetura Brasileira>. São Leopoldo, Unisinos.

MAUSS, Marcel

1974 - "Esboço de uma Teoria Geral da Magia" in
 <Sociologia e Antropologia vol. 1> - São Paulo,
 E.P.U./EDUSP.

1974 - "Ensaio Sobre a Dãdiva - Forma e Razão de Troca nas
 nas Sociedades Arcaicas" in <Sociologia e Antropologia vol.
 2>. São Paulo, E.P.U./EDUSP.

MENEZES, Claudia

1976 - <A Mudança - Anãlise de Ideologia de um Grupo de
 Migrantes>. Rio de Janeiro, Imago.

MEIZ, Christian et alli

1973 - <A Anãlise de Imagens>. Petropolis, Vozes.

MOURA, Margarida

1978 - <Os Herdeiros da Terra>. São Paulo, Hucitec.

1986 - <Camponeses> São Paulo, Atica.

NEYRAND, Gérard

1981 - "La mise en scène de l'intimité. De
 l'influence des mass media sur la représentation de la vie
 privée" in <Espaces et Sociétés n. 38-39>. Paris, Anthropos.

1986 - "Imaginaire du couple et modernité" in <Cahiers
 Internationaux de Sociologie vol. LXXX>. Paris.

NOVAES, Sylvia Caiuby (org.)

1983 - <Habitações Indígenas>. São Paulo, Nobel/EDUSP.

OLIVEIRA e SILVA, Alice

1986 - <O Universo Doméstico e o Imaginário Social
 Feminino, das Camadas Médias, na Década de Cinquenta -
 Projeto de Pesquisa - Fundação Carlos Chagas.

OLIVEN, Ruben

1980 - <Urbanização e Mudança Social no Brasil>.
 Petrópolis, Vozes.

OLIVER, Marc

1972 - <Psychanalyse de la Maison>. Paris, Seuil.

PAUL LEVY, Françoise. e SEGAUD, Marion

1983 - <Anthropologie de l'espace>. Paris, Centre Georges
 Pompidou.

ORTNER, Sherry

1972 - "Estã a Mulher para o Homem Assim como a Natureza
 para a Cultura?" in: Michelle Rosaldo e Louise Lamphere
 (org) <A Mulher, a cultura e a sociedade>. Rio de Janeiro,
 Paz e Terra.

PEREIRA, Paulo

1984 - <Espaço, Técnica e Construção>. Dissertação de Mestrado, São Paulo, USP.

PERLONGHER, Nêstor

1987 - <O Negócio do Michê>. São Paulo, Brasiliense.

PIRSIG, Robert

1984 - <Zen e a Arte de Manutenção das Motocicletas - uma investigação sobre valores>. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

PITT-RIVERS, Julian

1981 - <Anthropologie de l'honneur - La mésaventure de Sichem>. Paris, Le Sycomore.

QUEIROZ, Maria Isaura

1968 - "Le paysan brésilien traditionnel et la perception des étendues" in Georges Balandier (org). Paris, P.U.F.

1973 - <Bairros Rurais Paulistas>. São Paulo, Livraria Duas Cidades.

1986 - <Cadernos de Estudos dos Centros Rurais e Urbanos n. 1/1. série>. Filosofia e Letras, USP.

REIS FILHO, Nestor

1983 - <Quadro da Arquitetura no Brasil - Col. Debates n.18>. São Paulo, Perspectiva.

RIAL, Carmen

1985 - <Le dimensions symbolique d'un espace construit selon l'ethos écologique>. Projet de Recherche - D.E.A., Paris V, Paris.

ROUBIN, L.

1970 - "Espace masculin, espace féminin en communauté provençale" in <Annales E.S.C n.2>. Paris.

SAHLINS, Marshall

1979 - <Cultura e Razão Prática>. Rio de Janeiro, Zahar.

SAINT-HILARE, Auguste

1945 - <Viagem às Nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás> São Paulo, Companhia Editora Nacional.

1978 - <Viagem à Curitiba e Santa Catarina>. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia.

SANTOS, Carlos

1981 - <Quando a Rua vira Casa - A apropriação de espaços de uso coletivo em um canto de bairro>. Rio de Janeiro, Finep - IBAM.

SANTOS, Milton

1970 - <Espaço e Sociedade>. Petrópolis, Vozes.

1982 - <Pensando o espaço do Homem>. São Paulo, HUCITEC.

SANTOS, Silvio Coelho

1973 - <Índios e Brancos no sul do Brasil>.

Florianópolis, Edeme.

SEGAUD, Marion

1973 - "Antropologie de l'Espace: catalogue ou projet" in: <Espaces et Sociétés n. 9>. Paris, Ed. Anthropos.

SHIRLEY, Robert

1971 - <O Fim de uma Tradição>. São Paulo, Perspectiva.

SILVA, Armando

1978 - <O Espaço Fora do Lugar>. São Paulo, Hucitec.

SOARES, Luiz Eduardo

1981 - <Campesinato: Ideologia e Política>. Rio de Janeiro, Zahar Editores.

SOIBELMANN, C.

1978 - <A Casa Imprópria: - estudo do B.N.H. e do Sistema Financeiro da Habitação>. Dissertação de Mestrado, São Paulo, USP.

SOUZA, Gilda

1987 - <O Espírito das Roupas - a moda no século dezenove>. São Paulo, Companhia das Letras.

SOUZA, Sara Regina

1980 - <A presença portuguesa na Arquitetura de Santa Catarina no século XVIII e XIX>. Dissertação de Mestrado, Florianópolis, UFSC.

SMITH, Bonnie

1982 - <Ladies of the Leisure Class - The bourgeoisies of Northern France in the Nineteenth Century>. Princeton, Princeton University Press.

STOLLER, Paul

1984 - "Eye, Mind and Word in Anthropology" in <L'Homme XXIV>. Paris.

SWARTZ, Oliver

1985 - "Réflexions sur le monde propre dans la classe Ouvrière" in <Les Temps Modernes n. 472>. Paris, Gallimard.

THIOLLENT, Michel

1980 - <Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária>. São Paulo, Polis.

TUAN, Yi-Fu

1983 - <Espaço e Lugar - a perspectiva da experiência>. São Paulo, Difel.

VARZEA, Virgílio

1985 - <Santa Catarina Parte Primeira. A Ilha>. Florianópolis, Lunardelli.

VALLADARES, Lúcia

1978 - <Passar-se uma casa. Análise do Programa de Remoção de Favelas do Rio de Janeiro>. Rio de Janeiro, Zahar.

VERLEN, Thorstein

1987 - <A Teoria da Classe Ociosa>. São Paulo, Nova Cultura.

VELHO, Gilberto

1982 - <A Utopia Urbana>. Rio de Janeiro, Zahar.

VELHO, G. e NACHADO, L. Antônio

1976 - "A Organização Social no Meio Urbano" in <Anuário Antropológico>. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1977.

VELHO, Otávio (org)

1972 - <O Fenômeno Urbano>. Rio de Janeiro, Zahar.

VERDIER, Yvonne

1979 - <Façons de dire, façons de faire - la laveuse, la couturière, la cuisinière>. Paris, Gallimard.

WATZLAWICK, P. et alli

1977 - <Uma Logique de la Communication>. Paris, Seuil

WOORTMANN, Ellen

1981 - "O Sítio Camponês" in <Anuário Antropológico 81>. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.

WOORTMANN, Klara

1982 - "Casa e Família Operária" In: <Anuário Antropológico 80>. Fortaleza/Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro/UFCE.

1984 - "A Família Trabalhadora" in <Ciências Sociais Hoje>. São Paulo, ANPOCS/Cortez Ed.

1986 - "A Comida, a família e a Construção do Gênero Feminino" in: <Dados - revista de Ciências Sociais vol. 29 n. 1>.Rio de Janeiro.

ZALUAR, Alba

1985 - <A Máquina e a revolta - as organizações populares e o significado da pobreza>. São Paulo, Brasiliense.

ZONABEND, Françoise

1980 - <La Mémoire Longue - temps et histoire au village>. Paris, P.U.F.

1984 - "Une perspective infinie - la mer, le rivage et la terra à La Hague (presqu'île du Cotentin)" in Etudes Rurales n.93-94>. Paris.

ANEXO 1: O ESPAÇO NA ILHA

A história do espaço na Ilha de Santa Catarina poderia bem ser dividida em quatro períodos. No primeiro, a maior parte da paisagem era coberta por uma vasta floresta e seus habitantes majoritários eram os animais, seguidos pelos índios carijós e, depois de 1679, por algumas dezenas de homens brancos. O segundo, que inicia em 1739, é o espaço militar, marcado pelo objetivo de defesa do território frente aos espanhóis e pela consequente edificação de quatro grandes fortalezas na Ilha. O terceiro, o espaço camponês, se constituiria de modo mais definido com a chegada dos açorianos em 1748 e, por último, teríamos como um quarto o espaço contemporâneo.

- a floresta: primeiro espaço na Ilha

A primeira tentativa de colonização da Ilha data de 1679, quando aqui desembarcou o vicentino Francisco Dias Velho, considerado o seu fundador, com sua família e agregados, se estabelecendo e iniciando uma vida camponesa (1). A Dias Velho se deve o nome da Ilha, uma homenagem a Catarina, sua filha. E é ele também quem construiu a primeira capela na Ilha, no lugar, onde mais tarde, seria erguida a vila de Desterro, atual Florianópolis.

Mas esta tentativa não durou muito, frustrada por um conflito com um navio pirata espanhol que resultou na morte de Dias Velho e no abandono de suas terras pelos seus descendentes. Com a retirada da família de Dias Velho, a Ilha voltou ao seu abandono primitivo.

Alguns outros vicentinos devem ter se aventurado por essas terras pois em 1712, quando por aqui passou o navegante francês Frézier deixando o primeiro relato mais consistente da vida na Ilha, já existiam "142 homens brancos, alguns índios e negros libertos" (ILHA DE SANTA CATARINA, 1984:23). Esses homens encontravam-se sob as ordens de um "capitão", subordinado ao governo da Lagoa (atual Laguna, município de Santa Catarina a 120 quilômetros de Florianópolis) que, por sua vez, estava subordinada à Capitania de São Paulo e Minas Gerais.

Uma densa floresta cobria toda a Ilha. Ela era quase impenetrável para os vicentinos que, assim, habitavam sítios a beira-do-mar, pescando e plantando milho, batatas, alguns frutos, e caçando, principalmente macacos. Frézier é quem escreve:

"A terra lhes fornece os elementos necessários à vida, as madeiras e as ervas, o algodão, peles de animais para se cobrirem e se abrigarem; não almejam essa magnificência de habitação mobiliada e bem equipada, que só fazem excitar a ambição e lisonjear durante algum tempo a vaidade, sem tornar o homem mais feliz; o que é ainda mais notável é que eles se apercebem de sua felicidade quando nos vêem ir à cata de dinheiro com tanta fadiga". (ILHA DE SANTA CATARINA, 1984:24)

Ver os estrangeiros correrem atrás da prata espanhola parece ter sido o destino desses primeiros

habitantes brancos. Localizada num ponto estratégico, a Ilha se constituia no último bom porto para o reabastecimento de água potável e viveres dos navios que desejavam penetrar no Rio da Prata, cruzando o Cabo Horn, no sul da Argentina, por onde escoava grande parte da riqueza da América Espanhola. O primeiro movimento no sentido de uma organização da vida social desses habitantes só ocorreu em 1720, quando um ouvidor, de passagem pelo sul do país, designou um Juiz Ordinário, um tabelião e um escrivão de orfãos, e tomou uma série de outras medidas:

"...reunido o povo da Ilha, na presença dos Vereadores da Câmara de Laguna, que ele criara dias antes, e que tinha jurisdição sobre aquele povo, deu alguns provimentos, entre os quais o de que se elegesse um capitão de ordenanças, um alferes e dois sargentos, ficando o povo obrigado a correr às armas ao sinal de rebate, e que se fizesse um tronco, grilhões e ferros para os criminosos." (CABRAL, O 1950:511-512)

Foi só duas décadas mais tarde, que grandes empreendimentos militares tiveram lugar na Ilha, mudando completamente sua fisionomia.

- espaço militar:

Em 1739 desembarcou na Ilha o brigadeiro José da Silva Paes, general descrito pelos historiadores como "um dos homens mais ilustres da sua época, a um tempo militar e homem de estado, que nele (sul do país) deixaria marcas indelêveis da sua invulgar personalidade" (CABRAL, O 1950:509). Era a segunda vez que Silva Paes vinha ao sul, pois já estivera no Rio Grande lutando contra os espanhóis para a reconquista da Colônia de Sacramento, na Ilha, suas marcas indelêveis "não demoraram muito a aparecer".

Neste período, o avanço dos espanhóis era a preocupação principal dos portugueses em relação ao sul do país e a transferência para cá de Silva Paes parece ligada à estratégia de defesa do território nacional. Quatro anos depois de se estabelecer aqui, ele inaugurou três grandes fortalezas no norte da Ilha e iniciou a construção de uma quarta, ao sul.

A construção dessas fortalezas e a manutenção de uma guarnição bem equipada e treinada parecem ter sido o centro da vida da Ilha a esse tempo. O seu número e a sua relativa grandiosidade, porém, não eram suficientes para alcançar os objetivos a que se propunha à Coroa pois era com extrema pobreza que a guarnição se mantinha. A iniciar pela vestimenta dos soldados, que andavam maltrapilhos e que,

para horror dos visitantes estrangeiros, não tinham sequer sapatos. Qualquer empreendimento militar, mesmo de defesa, era impossível. Não havia sequer munição mínima para se cumprir o ritual pacífico de cordialidade na chegada dos navios estrangeiros: o comandante local tinha que enviar quase sempre um emissário ao navio para dar as boas-vindas e, o que era verdadeira razão do seu envio, solicitar ao capitão do navio visitante que se abstesse de dar as salvas de canhão dado que a guarnição não tinha munição suficiente para responder à saudação de praxe. (ILHA DE SANTA CATARINA, 1983).

Seja pela falta de recursos materiais ou outra razão, a verdade é que o modo de vida dos primeiros moradores brancos da Ilha não induziu a outros grandes empreendimentos. Apesar da necessidade de defesa definir o espaço militar como hegemônico, aos poucos foram se delineando esparsos espaços camponeses. Ou seja, enquanto na vila do Desterro a guarnição procurava sobreviver com o pouco que tinha, no resto da Ilha os portugueses vicentinos foram se estabelecendo em sítios isolados uns dos outros, inscritos numa economia de subsistência que lhes provinha o mínimo vital fornecendo mão-de-obra e viveres para essa guarnição. Foi assim também na LAGOA.

Os historiadores afirmam que a primeira leva de colonizadores brancos a se estabelecerem na Lagoa provinha da Capitania de São Vicente, em São Paulo, de onde saíam também as expedições de caça aos índios que ficaram

conhecidas como "Bandeiras". Liderados por um certo padre Matheus de Leão, estes colonos, resolveram, no início do séc. XVIII, deixar São Vicente em busca de terras ainda sem donos, uma vez que as da Capitania de origem ou não eram suficientemente férteis ou já tinham proprietários. Chegaram na Ilha de Santa Catarina e dirigiram-se para a Lagoa da Conceição, seguindo pelo caminho hoje conhecido como "trilha da Costa" em direção à região atualmente chamada de Ratoles. Desta primeira passagem pela LAGOA pouco foi registrado e não é certo que alguém tenha se estabelecido ali.

É possível também que Silva Paes tenha iniciado a construção de um quinto forte na Ilha, exatamente nas margens do canal que liga a Lagoa da Conceição ao mar e que hoje é conhecido como canal da Barra. Porém, desse forte nunca se conheceu vestígios (SOUZA, 1980).

A história da LAGOA realmente começa com a chegada dos colonos açorianos, em 1748. São eles os primeiros a tomarem posse do lugar embora quando chegaram, parte das terras ao redor da LAGOA já tivessem dono: os descendentes de Francisco Dias Velho.

- o espaço camponês:

Na estruturação do espaço camponês, novamente Silva Paes tem um papel importante. Ele foi o grande responsável pela transferência dos casais de colonizadores

para a Ilha. A história registra o primeiro pedido seu de envio de colonizadores à Metrópole em 1742, mas já em 1740 o navegador inglês ANSON faz referência a esse desejo de Silva Paes. Indignado com a determinação do governador para que os habitantes da Ilha vendessem caro os viveres ao navio inglês onde estava Anson, ele escreveu que desconfiava da alegação de que se estaria armazenando alimentos "para mais de cem famílias que deveriam chegar em pouco para reforçar sua Colônia." (ILHA DE SANTA CATARINA, 1984:66). E acrescentou uma interessante denúncia: segundo ANSON, o governador mantinha um constante comércio ilegal trocando ouro por prata com os espanhóis que assim desobrigavam-se mutuamente de pagar o dizimo aos seus respectivos Reis.

O pedido de Silva Paes (2) não teve ecos imediatos na Metrópole. Foi só três anos mais tarde, em 1746, quando um grupo de açorianos decidiu solicitar ao Rei que os enviasse ao Brasil, que o Conselho Ultramarinho aprovou uma resolução nesse sentido. E a 31 de agosto de 1746, D. João V assinou o édito que regulava a transferência desses casais, onde não faltaram promessas sedutoras. (3)

A chegada dos açorianos provocou grandes transformações no espaço da Ilha, pois logo no primeiro dos cinco desembarques de açorianos, a população já foi dobrada. Chegaram 461 pessoas, um número maior ou próximo dos habitantes que da Ilha na época. Isso levou alguns pesquisadores a dizer que só se pode falar em um <espaço doméstico> na Ilha depois de 1748 (SOUZA, 1980). Só a partir

dai se poderia pensar em uma arquitetura civil e doméstica e se falar em casas na acepção comum do termo.

Há um certo exagero nisso. Embora a vinda dos 6.372 açorianos (CABRAL, 1950:523) tenha multiplicado a população, o comércio e a produção agrícola da Ilha, não é verdade que antes deles o espaço fosse exclusivamente militar. Como mostra justiça BECK (1979:40-60), os açorianos, ao chegarem, já encontraram outros camponeses sobrevivendo numa economia baseada na agricultura, no interior de pequenas propriedades. Os açorianos ampliam essa forma de subsistência, multiplicando o número das pequenas propriedades rurais mas não alteraram suas dimensões, o tipo de lavoura ou a mão-de-obra empregada.

Esses vicentinos que aqui estavam, eram em sua maioria, homens de poucas posses. Eles recebiam do governo lotes de terra e como não traziam consigo mais do que a própria família, lançavam-se no trabalho agrícola. Desse modo, como mostra bem BECK (1979) foi se estruturando na Ilha uma economia bem diversa da economia do nordeste e centro do país. Aqui, a sua base não eram os grandes latifúndios fundados no trabalho escravo e que objetivam a produção para exportação mas as pequenas empresas familiares, estabelecidas em minifúndios, produzindo para a sua própria subsistência e tendo toda a sorte de dificuldades para comercializar o excedente.

Com a chegada dos colonos açorianos, registra-se a primeiras diferenças sociais no interior desse campesinato.

Não se sabe ao certo qual foi a origem das terras que foram
deixadas aos pobres em busca de uma situação melhor, embora
(CARRAL, 1950: 55). E, aqui chegou o momento em que os nobres
filhos aristocráticos, passando a receber toda a parte de
(favores) - tendo usado por CARRAL, 1950: 55 - das
autoridades locais incumbidas da distribuição da terra, dos
instrumentos de trabalho e dos viveiros. Ao lado de projetos
projetados para o bem comum, os grandes latifundiários
obtiveram sob a alegação de seus proprietários de que
necessitavam de grandes extensões de terra para o cultivo
de lã.

As determinações do Édito Real de D. João V sobre a
distribuição das terras aos açorianos era clara: cada família
deveria receber "um quarto de légua em quadrado", mas isso
não se verificou.

"Se, de uma parte, houvera parcialidade na
distribuição em que nobres e ricos foram
melhor aquinhoados e os pobres, sem encontrar
amparo necessário menos favorecidos, de
outra, não é de duvidar que, com a
decadência do pequeno domínio rural, ante a
insuficiente produção das glebas
insignificantes, fossem estas sendo
absorvidas pelos vizinhos poderosos e
latifundiários que surgiam para comprar o
pequeno chão, a fim de incorporá-lo ao já
possuído." CARRAL, 1950: 555 .

Não foi, portanto, uma distribuição equitativa de
terras que se verificou na Ilha. Na LAGOA, não se tem
registro do modo como se deu essa distribuição (3). Mas é de
se supor, pelas construções ainda existentes e os restos de
algumas moradias profundas defacadas e sem portas, que as
casas destruídas por escorregões foram provavelmente de grande

Muitos nobres empobrecidos ingressavam nos navios que deixavam Açores em busca de uma situação melhor no Brasil (CABRAL,1950:535). E, aqui chegando, fizeram valer os seus títulos aristocráticos, passando a receber toda a sorte de <favores> - termo usado por CABRAL,1950:238 - das autoridades locais incumbidas da distribuição da terra, dos instrumentos de trabalho e dos viveres. Ao lado de pequenas propriedades rurais foram surgindo grandes latifúndios obtidos sob a alegação de seus proprietários de que necessitavam de grandes extensões de terras para criarem gado.

As determinações do édito real de D.João V sobre a distribuição das terras aos açorianos era clara: cada casal deveria receber "um quarto de légua em quadrado". Mas isso não se verificou.

"Se, de uma parte, houvera parcialidade na distribuição em que nobres e ricos foram melhor aquinhoados e os pobres, sem encontrar amparo necessário menos favorecidos, de outra, não é de duvidar que, com a decadência do pequeno domínio rural, ante a insuficiente produção das glebas insignificantes, fôsem estas sendo absorvidas pelos vizinhos poderosos e latifundiários que surgiam para comprar o pequeno chão, a fim de incorporá-lo ao já possuído." CABRAL,1950:555 .

Não foi, portanto, uma distribuição equitativa de terras que se verificou na Ilha. Na LAGOA, não se tem registro do modo como se deu essa distribuição (3). Mas é de se supor, pelas construções ainda existentes e as ruínas de algumas moradias profundas defasagens sociais. Casasões cobnstruídos por escravos são encontrados ainda hoje no

Canto dos Araças, ao longo da trilha da Costa da Lagoa e aos redor da Igreja Nossa Senhora da Conceição, lado a lado com moradias de pau-a-pique da mesma época.

Se as determinações reais no que diz respeito a distribuição de terras, viveres e animais não foram cumpridas, o mesmo não se pode dizer das regulamentações urbanísticas.

- o controle do estado sobre o espaço na Colônia:

A aparência portuguesa que os povoados brasileiros apresentam no século XIII e XIX resultou de uma imposição da Corôa. Na Ilha não foi diferente.

Os éditos reais previam que os grupos de 60 casaes deveriam fixar residência num mesmo lugar, onde seria traçado "hum quadro para a praça, de 500 palmos de face e em em dos lados se porã a Igreja, a rua ou ruas se demarcarão ao cordel em largura ao menos de quarenta palmos; por ellas, e nos lados da Praça se porão as moradas em boa ordem, deixando entre humas e outras, e para traz, lugar sufficiente e repartido para Quintaes". (4)

A tentativa de Portugal de decidir sobre o urbanismo das vilas e freguesias que se constituiriam a partir do então, na colônia, prosseguiu durante todo o século XVIII e XIX, com a emissão de decretos que regulavam o aspecto das povoações brasileiras. Cartas régias fixavam as dimensões das residências e o número de aberturas, a

altura dos pavimentos e o modo como as casas deveriam se alinhar.

Na vila do Desterro, na Freguesia da Lagoa e no resto do país, os decretos resultaram em uma grande uniformidade urbana: casas com fachadas exíguas, em terrenos de no máximo 5 braças perfilavam em ruas estreitas que desembocavam nas praças onde se localizava a Igreja. Eram casas que "brigavam com a rua", segundo palavras de Gilberto FREYRE (1975), lançando sobre o passeio público tudo o que era julgado sujo de tal modo que, no transcorrer do século XIX, será esta a maior preocupação das Posturas Municipais. As leis relativas ao espaço urbano objetivaram então coibir as beiras das casas que cobriam as calçadas e impedir que delas fossem lançadas água e objetos na rua.

Tantos os sobrados como as "moradinhas" - nome com o qual se designa em Santa Catarina o tipo de residência pobre que G. Freyre chama de mucambo; casas pequenas, de porta e janela, com três ou quatro peças dos quais uma ou duas eram alcovas - estavam sujeitas as mesmas coibições legais. Porém, a semelhança entre uma e outra moradia restringia-se as proibições legais. O tamanho e o material utilizado nas suas construções diferenciavam profundamente os sobrados das moradinhas.

A heterogeneidade, visualizada num primeiro olhar, entre as casas dos ricos e dos pobres convivia com a grande homogeneidade de estilo arquitetural e do padrão urbano existente um povoado e outro na Colônia e deste em relação a

Metròpole. Portugal se propôs a reproduzir no Brasil o modo de estruturamento do espaço urbano existente na Metròple, aportuguesando o território brasileiro pelo aspecto de suas vilas. ,E não há dúvida, a Freguesia da Lagoa, fundada em 1750, reflete o êxito desta legislação: a Igreja, construída num dos vèrtices da praça na qual desembocam duas ladeiras, corresponde perfeitamente ao que è prescrito no èdito real de D. João VI, e è còpia fiel de outras Freguesias da Ilha.

Porém, se o estado português conseguiu domesticar a estruturação do espaço urbano, o mesmo sucesso não obteve nos <sitios>, e nas áreas situadas ao redor das vilas e Freguesias para onde se dirigiram os colonos em busca de mais terras para cultivar. Nos sitios, fora do alcance das rígidas Posturas Municipais, desenvolveu-se uma arquitetura marcada pela pobreza e adaptação das moradias aos materiais encontrados no local. As casas vão se assemelhar às primeiras residências de Desterro (antes da chegada dos açorianos e antes de vigorar as legislações urbanas): rez-de-chão construídas com pedras (adobe), pau-a-pique ou estuque, com a maioria das peças sem assoalho e ausência de forração, telhado em duas águas com cobertura de capim pê direito baixo e na fachada 2 a 3 janelas de madeira tendo o contórno também em madeira.

No "centro" das Freguesias, ao redor da Igreja, ainda se tem um espaço semelhante ao projetado pelo Estado Colonial: casas em fita, alinhadas, com platibandas nos telhados, etc. Mas, a medida em que se afasta-se da Igreja,

as construções se isolam uma das outras e a sua localização deixa de ser geométrica.

- espaço atual:

Santa Catarina vive a peculiaridade de não possuir uma mas cinco cidades que repartem entre si o domínio econômico e demográfico. Ao contrário das outras capitais brasileiras, Florianópolis não chega a destacar-se muito das maiores cidades do estado. Isso se torna compreensível à luz da dinâmica de colonização do sul do Brasil.

A Ilha, ou melhor, a região sul do Brasil como um todo, passou longo tempo excluída da história política e econômica do país. Quando passa a ter um papel, no século XVII, retira sua importância de servir como economia subsidiária da economia colonial. Como mostra CARDOSO (1960),

"é somente considerado a economia sulina como dependente da economia colonial e por isto mesmo interrelacionando-a com ela que podemos entender o desenvolvimento desta região".

A posterior expansão luso-brasileira em direção ao sul, estudada por Fernando Henrique Cardoso, é impulsionada, por um lado, pela política expansionista portuguesa e, por outro, pelo desenvolvimento da mineração no centro do país. Foi o excedente gerado pelo ciclo da mineração que fomentou o aproveitamento do gado nos pampas explorado pelos paulistas.

Mas a rota do gado, que promoveu o surgimento de cidades como Lages no interior de Santa Catarina e o rápido desenvolvimento da região oeste, quase não atingiu o litoral que continuou, desta forma, servido apenas à estratégia de defesa do território. Isso só se alterou na segunda metade do séc. XVIII, com a chegada dos colonos açorianos.

Como a rota do gado passava pelo interior e não pelo litoral, Florianópolis teve um desenvolvimento peculiar. Apesar de ser a capital do Estado, desenvolveu-se em um ritmo mais lento. Foi só no século XIX, com a abertura dos Portos aos Navios Estrangeiros, que o seu comércio teve um incentivo e a cidade prosperou um pouco.

No séc. XX, a economia da Ilha permaneceu ligada a agricultura e a pesca - a pesca de baleias despontando como a mais lucrativa desde a época colonial. Ao passo que outras cidades, como Blumenau, tiveram uma rápida industrialização, a Ilha permaneceu distante das indústrias, por uma curiosa determinação legal: por ser uma ilha oceânica, ela é propriedade da Marinha do Brasil que proíbe a instalação de indústrias no seu solo.

Foi só nas últimas duas décadas, à partir da conclusão da BR 101, da instalação em Florianópolis de uma grande empresa estatal ligada ao fornecimento de energia elétrica e de uma universidade federal, que este quadro começou a se alterar. Contribuiu para isso, de forma decisiva, a explosão do turismo nos meses de verão, que traz

para a Ilha, anualmente um contingente populacional duas vezes maior do que o dos seus habitantes fixos.

Assim, os antigos moradores da Ilha passaram a vender suas terras e a deixarem suas redes de pescar em um plano secundário para ingressarem no mercado de trabalho, preferencialmente como funcionários públicos da máquina estatal mas também como garçons, jardineiros, empregados nas casas do "pessoal-de-fora" que aqui passaram a se instalar.

Transitou-se, assim, para um outro tipo de espaço social, no qual os camponeses já não detêm a hegemonia.

NOTAS:

(1) Carta de Silva Paes ao Governo da Metròpole, de 23 de março de 1742, demonstra "a conviniência de serem mandados casais das ilhas e alguns recrutas, o que seria utilissimo, porque assim se aumentaria a cultura daquelas terras que eram próprias não sò para todos os frutos da Amèrica, senão também da Europa, e que dos filhos dos mesmos casais se recrutariam o terço e as tropas que ali assistissem e que seriam mais permanenyas que os de fora." (Borges Fortes <Casais> p. 91 apud CABRAL, O 1950.

(2) Prometia-se, aos colonos que migrassem para o Brasil, o transporte não sò pelo mar mas também por terra e "logo que chegarem a desembarcar no Brasil a cada mulher que para ele for das Ilhas de mais de 12 anos e menos de 25, casada ou solteira se darão 2\$400 rês de ajuda de custo, e aos casais que levarem filhos se lhes darão por de os vestir mil rês por cada filho, e logo que chegarem aos sitios que hão de habitar se darã a cada casal uma espingarda, 2 enxadas, uma enxô, 1 martelo, 1 facão, 2 facas, 2 tesouras, 2 verrumas e 1 serra com a sua lima, e travadeira, 2 alqueires de sementes, 2 vacas e 1 ègua, e no primeiro ano se lhes darã a farinha que entender bastar para o sustento, que são três quartas de alqueire por mês para cada pessoa, assim dos homens como das mulheres, mas não as crianças que não tiverem sete anos, e aos que tiverem até 14 anos se lhes darã quarta e meia para cada mês." Além disso, prometia-se - o que não foi cumprido - a dispensa militar aos homens e isenção nos impostos. (CABRAL, O 1950:515).

(3) O cartório da LAGOA possui pilhas de um metro de altura de documentos dos sèculos passados a espera de um pesquisador...

(4) CABRAL, Oswaldo (1950)

ANEXO 2: INFORMAÇÕES SOBRE A PESCA NA LAGOA

Fazem pesca artesanal atualmente tanto os poucos <camponeses> que ainda restam e que complementam assim o necessário à subsistência, quanto os trabalhadores da "Cidade" nos dias de folga nos meses de férias. E o fazem também pescadores normalmente "embarcados" nos barcos das companhias Pesqueiras de São Paulo ou do Rio Grande do Sul em épocas em que estão visitando as famílias ou durante o verão, quando são poucos os que trabalham nas empresas porque está à época do "defeso" da sardinha, sendo proibida a sua pesca. Optam pela pesca "embarcados" os que querem "ganhar mais dinheiro", trabalhando de forma intensiva por períodos de tempo, distantes de suas casas. Nem todos que desejam pescar "embarcados" conseguem. São os que obtêm "lugar no barco": são escolhidos pelos emissários das companhias pesqueiras de Santos, do Rio Grande do Sul ou de Imbituba que vem para a LAGOA em busca de pescadores, já saindo da LAGOA contratados. Há o caso de alguns pescadores da LAGOA que possuem "pareias" em Rio Grande e contrataram os companheiros aqui. Quando retornam, voltam a pesca artesanal e assim sucessivamente. São os mais jovens que optam por pescar "embarcados" e, mesmo assim, fora das temporadas de peixe de costa.

"Embarcados" eles pescam em alto-mar, na pesca "artesanal", pescam próximo a praia, com redes de arrastão.

Há dois modos de pescar com arrastão: como na Barra, com dois barcos andando em paralelo e depois fechando a rede através de um entre-cruzamento dos barcos que levam as duas pontas da rede até a praia onde ela é puxada, ou como no Campeche, onde se pesca com um só barco só, ou melhor, "baleeira", que entra no mar deixando uma das pontas da rede em terra, cerca o cardume conduzindo a outra ponta e retorna até a praia iniciando-se aí o recolhimento da rede e do peixe. Cada barco pode, além disto, atirar a rede e recolhe-la no próprio mar. A capacidade de um barco é de cerca de uma tonelada de peixe embora muito raramente se atinja esta quantidade.

Os pescadores artesanais e os "emabrcados" se organizam em grupos: as "pareias" onde há um patrão e varios pescadores. Cada "pareia" pertence a um dono do barco que normalmente é também o dono da rede. Ele pode ou não pescar no barco, junto com os outros homens que compõem a equipe que vai ao mar.

Esses pescadores são hierarquicamente organizados. O chefe geral é o dono da rede mas, uma vez no mar, as ordens são dadas pelo patrão, um pescador que se distingue dos outros por uma habilidade maior e que é por isto escolhido pelo dono da rede para o cargo. A divisão do peixe expressa materialmente essa hierarquia: o dono da rede fica com a metade do que é pescado, a outra metade é dividida entre todos cabendo ao patrão o dobro do que os outros pescadores. Quando o resultado da pesca é pouco, o dono da

rede abre mão de sua metade para que cada pescador fique com um peixe ao menos. O dono do barco fornece a "baleeira", a rede e a casa do barco ou "rancho". O pescador entra com sua força de trabalho: muitos pescadores da LAGOA não se contentam em pescar nas "preias" e tem uma pesca autônoma, com "tarrafas" - pequenas redes que são jogadas na água formando círculos de 3 metros de diâmetro e puxadas de volta logo em seguida que chegam ao fundo - ou com "cocas" espécie de apanhador de borboletas que abre e fecha e é controlado pelos pescadores que varrem com elas o fundo da Lagoa, caminhando na água do baixio, para pescar camarão e siri.

Antigamente, a pesca era essencial a sobrevivência dos camponeses. Articulava-se com o trabalho na roça de modo que um homem trabalhava durante o dia na roça ou cuidando dos animais e a noite pescava. O depoimento de Dona Leandra, 63 anos, moradora da Costa ilustra esta situação:

(Os seus irmãos pescavam?)

L: Eles pescaam também. Trabalhavam de dia na roça e de noite era a pescaria.

(Eles iam no barco de alguém?)

L: Não, eles tinham as conchinhas deles mesmo, eles iam de canoa. Pescavam neste mar daqui (a Lagoa), camarão, siri.

(Mas não se cansavam?)

L: Era assim mesmo, eram obrigados a ir, só a lavoura não dava. Trabalhavam até as 10, 11 horas no barco e ó da manhã tavam de pé.

(E não pescavam no mar de fora?)

L: Meus irmãos pescavam em todos os dois. Mas só na época da tainha e da anchova; aí ficaam lá na Barra, voltavam de noite (pra casa).

z

Os barcos eram feitos artesanalmente com uma técnica introduzida na época da colonização pelos pescadores

de Açores. Até hoje tem a mesma aparência sendo muito semelhantes aos daquele arquipélago. Suas cores, vivas, repetem-se de uma embarcação a outra numa comunidade pesqueira, com pequenas variações. Podem identificar o lugar de sua proviniencia: na Lagoa, por exemplo, os barcos são brancos com detalhes na proa e o com o fundo em amarelo ou azul claro. Ostentam nomes de mulheres, de santas ou fazem referencias ao local de origem.

As redes de antigamente eram todas de algodão, tecidas pelo homem ou pela mulher indiferentemente; a mulher as tece no interior da casa como quando faz a renda, os homens preferem tece-la ao ar-livre, em dias ensolarados, sob a sombra de alguma árvore. Hoje as redes são feitas com fio de nylon, mais caro e mais resistentes.

Muita coisa mudou na pesca nos últimos anos. O governo do prefeito Espiridão Amim (FDS), atendendo uma antiga reivindicação dos pescadores da LAGOA, construiu os moles e abriu o canal da Barra. Mais peixes puderam ser apanhados desde então, compensando em parte a diminuição dos cardumes causadas pela pesca mais eficiente das Companhias Pesqueiras de Imbituba, Rio Grande, do Japão, etc que competem em desigualdade com as "pareias" da Barra e do Campeche. Todo um aparato burocrático instalou-se regulamentando a atividade, criou-se as Colonias Pesqueiras e o IPEP, este último com fins de fiscalizar principalmente a espessura das redes dos pescadores para tentar impedir que, usando uma malha muito fina os pescadores apanhem

peixes pequenos, ou que pesquem peixes em época de "defeso" ou em locais proibidos. Seus dois fiscais, no entanto, são insuficientes para o controle. A Capitania dos Portos também começou a exercer controle sobre a atividade antes livre. Os barcos para obterem o registro que permite sua entrada no mar precisam ser construídos por um carpinteiro naval embora muitos pescadores possuam conhecimentos suficientes para isto. (1)

A principal mudança é o outro trabalho que quase todos os pescadores tem. Antigamente, muitos dos pescadores artesanais trabalhavam também na roça. Hoje, poucos fazem isto. A grande maioria articula a pesca artesanal com um trabalho por conta própria ou como empregado. Como o pai do menino Reginaldo, morador da Barra, que trabalha como funcionário da Escola Politécnica: pesca nos fins-de-semana e faz coincidir suas férias anuais com a temporada de tainha e achova para poder participar da pesca.

Os meninos são iniciados cedo na pescaria da Costa. Reginaldo por exemplo, com 11 anos, já pescou até em baleeira ainda que o mais usual seja pescar com pequenas tarrafas na Lagoa ou no canal da Barra, de água límpidas e uma profundidade não superior a 3 metros, onde os cardumes de peixinhos de tamanhos que variam de um alfinete uma caneta afloram a superfície enquanto peixes maiores saltam para fora d'água de tempos em tempos.

Os moradores da LAGOA pescam na Barra ou no Campeche preferencialmente. São filiados a colonia de

pescadores Z-11 (2), através das Capatazias, instâncias deste "sindicato" existentes em cada comunidade pesqueira. Na Barra eles são 600 aproximadamente, divididos entre a pesca artesanal e "embarcados" e movimentando-se constantemente entre estes dois modos de vínculo com a atividade da pesca.

NOTAS:

(1) "Um dado interessante e cômico: a capitania dos Porto exige extintor de incêndio e coletes-salvas-vidas em todos os barcos" Dison, Márcio, 1982.

(2) A colônia de Pescadores Z-11, uma espécie de sindicato dos pescadores, é a maior do Brasil: em 82 tinha 5 mil filiados em atividade, um total que inclui toda a ilha de Santa Catarina e a parte continental que fica em frente a ilha, i.e., metade do município de Governador Celso Ramos, parte de Falhoça, Biguaçu e São José. Os pescadores da Lagoa filiados a Z-11 estão cadastrados todos juntos e são atualmente (outubro /87) 960, a grande maioria residindo na Barra da Lagoa.

ANEXO 3: A COZINHA SEPARADA

As origens da cozinha brasileira separada do edifício principal da moradia retrocedem à Portugal, onde ela já era conhecida desde os tempos remotos, sendo a opção preferida dos povos primitivos que habitam o lugar, dos romanos e dos mouros (LEMOS, 1978). Porém ela não existiu em todo o território português. No norte, nas regiões mais frias como Beira, Minho e Trás-os-Montes, preferiu-se sempre acender o fogo no interior da casa, na sala ou no centro da dependência única da casa compoense. Até o séc. XVI, este fogo era feito diretamente sobre uma pedra achatada no chão e sua fumaça saía pelo vão das telhas, aquecendo a casa e sendo chamado de "lar" ou "lume".

As chaminês começaram a aparecer nesta época, por influência renascentista, criando um tipo de fogão parecido com o que hoje chamamos de lareira. Mas a transformação foi pouco duradoura e com o tempo as chaminês diminuíram de volume, "amesquinhando-se em tubos improvisados de tiragem de fumo" (LEMOS 1978:29) semelhantes as que encontramos hoje nas casas de antigamente e nos "ranchos" da LAGOA. Conforme foi constatado por pesquisadores ligados à área da arquitetura, este foi o tipo de fogão que conheceram os habitantes das Ilhas do Arquipélago dos Açores, especialmente as de Terceira e São Miguel, de onde vieram a maioria dos colonizadores da Ilha de Santa Catarina (SOUZA, 1980). O trabalho realizado por Regina de Souza, por

exemplo, dá conta de uma grande profusão de chaminés nas moradias destas ilhas, destacando as chaminés como a maior diferença entre estas casas de Açores e as construídas pelos açorianos quando de sua chegada na Ilha de Sta.Catarina, pois aqui elas foram feitas sem qualquer tubos de tiragem de fumo.

Foi no Sul de Portugal, em regiões de clima mais ameno como as do Alentejo, que a extorsão da cozinha tornou-se norma, juntamente com a construção de fornos ao ar-livre, o que estava em acôrdo com o que prescreviam os costumes árabes (LEMOS, 1980).

No Brasil, as razões para esta cozinha afastada das casas dos primeiros colonizadores são sempre relacionadas com o calor ou o perigo do fogo. Elas proporcionariam, segundo os autores que as estudaram (BERTUSSI,1983) maior segurança, impedindo que as casas de madeira queimassem em caso de algum acidente na cozinha. Estando afastada, a cozinha também não seria uma fonte extra de calor na vida daquelas pessoas já tão abatidas pela dureza do calor tropical.

Com a melhoria do padrão de habitação e a maior segurança que as casas passaram a oferecer, poderia se supor que estas cozinhas retornassem ao interior da residência. Mas não foi o que se verificou. As casas, no Brasil, continuaram mantendo a cozinha fora do seu corpo principal.

Era ali que os escravos trabalhavam no preparo das refeições, separados fisicamente do convívio da família e dos seus hóspedes.

A cozinha, no interior aparece, sintomaticamente, apenas nas senzalas, à semelhança do "lume" português. É exatamente esta diferença entre as cozinhas dos negros e a dos senhores que conduzirá a um outro tipo de conjetura a propósito das razões para a separação da cozinha. Já não se trata da segurança ou de se manter afastado o calor do fogo mas de se afastar do interior da casa a peça mais estreitamente relacionada ao trabalho. Num país de origem cristã e escravocrata, onde o trabalho não representava um valor positivo, o afastamento da cozinha tem o significado de afastar-se o trabalho do espaço reservado a moradia.

A aproximação da cozinha do corpo da casa, que se verifica nos anos posteriores ao fim da escravidão, parece relacionada a novas formas de trabalhos domésticos. Os empregados já não são escravos e, com a diminuição do seu número, se torna necessário um papel mais ativo da mulher na consecução das tarefas domésticas.

Se este movimento parece ter seus contornos bem definidos entre as classes dominantes, entre as classes populares não se verifica, com tanta clareza, a localização da cozinha. Em várias regiões do interior do Brasil, a cozinha permanece como uma peça fora da casa, especialmente nas casas onde ainda se utiliza o fogão a lenha.